

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
SIRLEI DE SOUZA

NARRATIVAS IMIGRANTES: TRAMAS COMUNICACIONAIS E TENSÕES DA
IMIGRAÇÃO HAITIANA EM JOINVILLE/SC (2010-2016)

RIO DE JANEIRO

2019

SIRLEI DE SOUZA

NARRATIVAS IMIGRANTES: TRAMAS COMUNICACIONAIS E TENSÕES DA
IMIGRAÇÃO HAITIANA EM JOINVILLE/SC (2010-2016)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Professora Doutora Marialva Carlos Barbosa

Rio de Janeiro

2019



ATA 476º SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO DE TESE
APRESENTADA POR SIRLEI DE SOUZA NA ESCOLA DE
COMUNICAÇÃO DA UFRJ

Ao oito dias do mês de maio de dois mil e dezenove, às treze horas na sala 141 da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi apresentada a Tese de Doutorado de Sirlei de Souza, intitulada: "Narrativas Imigrantes Tramas Comunicacionais e Tensões da Imigração Haitiana em Joinville/SC(2010-2016)", perante a banca examinadora composta por: Marialva Carlos Barbosa orientador(a) e presidente], Mohammed Elhajji, Micael Maiolino Herschmann, Joelle Rachel Rouchou, Ilanil Coelho Tendo o (a) candidato(a) respondido e contento todas as perguntas, foi sua Tese:

aprovada reprovada aprovada mediante alterações

A banca recomendou que a tese seja avaliada para o prêmio COMPOS e CAPES e recomende a sua publicação.

E, para constar, eu, Laura Machado, lavrei a presente ata, que segue por mim datada e assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) candidato(a) ao título de Doutor em Comunicação e Cultura.

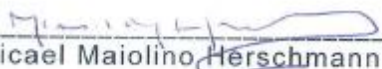
Rio de Janeiro, 08 de maio de 2019



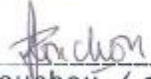
Marialva Carlos Barbosa [Orientador (a) e Presidente]




Mohammed Elhajji (examinador)



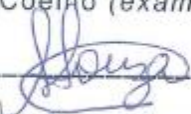
Micael Maiolino Herschmann (examinador)



Joelle Rachel Rouchou (examinador)



Ilanil Coelho (examinador)



Sirlei de Souza (candidata)

Aos meus afilhados(as) “adotados como filhos(as)”, Amanda, Ramon, Arthur, Lucas, Lara, e para Sophia, minha filha do coração. Com vocês tenho fortalecido minha convicção de que o amor e a educação valem muito a pena.

AGRADECIMENTOS

“Gracias a la vida, que me ha dado tanto”
(Mercedes Sosa).

Caros leitores, tomo a liberdade de construir meus agradecimentos em primeira pessoa, porque durante toda a escrita da tese utilizei terceira pessoa por entender que este trabalho é resultado de muitos diálogos, de vivências de pesquisa e de muitas andanças. É fruto das tramas teóricas, das dúvidas, dos embates e dos debates pelos quais perpassaram o entendimento das fontes, a compreensão das teorias, a complexidade da problematização e, por fim, a produção da escrita, que se configura como obra de muitas mentes e literalmente de várias mãos.

Quero iniciar dizendo muito obrigada ao grupo de imigrantes haitianos que compartilharam comigo suas histórias de vida. Tive a oportunidade de entrar em suas casas, frequentar seus espaços de lazer, recebê-los na universidade e com cada um me emocionar e fortalecer meus propósitos de pesquisadora cidadã. Muito obrigada, Whistler Ermofils, Manouse François, Roland Lanfront, Luther Jean Luiz, Jean Michelet, Shiller Pierre, Jeana Raymond, Rose Sandy, Jean Sefood e Pierre Woody, que me concederam entrevistas orais, e ainda Alcide Lifort, Emmanuel Pierre, Serge Fortilus e Maxi Olmy, por terem participado do grupo focal. Também quero agradecer quatro jovens haitianos estudantes da Universidade da Região de Joinville (Univille), Naika Ermofils, Hans Patrick, Marie Jéssica A. Tity e Sherly J. S. Rosier Jean, que nos mostram com seu exemplo de dedicação aos estudos que para a educação não há fronteiras.

Ao finalizar essa etapa de minha vida acadêmica, tenho absoluta certeza de que o caminho da pesquisa, da descoberta científica, da produção de saberes se dá no encontro com o outro e, como bem disse Paulo Freire (2004, p. 142), “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender [e pesquisar e escrever] não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Por isso, sou muito grata pelos momentos privilegiados com o Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença (aqui quero agradecer especialmente aos professores doutores Diego Finder Machado e Fernando Cesar Sossai, por compartilharem comigo seus conhecimentos de pesquisa) e com os diferentes grupos de estudo e de extensão da Univille: Cultura e Diferença, Clínica de Direitos Humanos, Comitê de Educação em Direitos Humanos, Projeto Institucional de Pesquisa em Direito, Núcleo de Estudos Afrodescendentes e Projeto Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão Caminho Curto. De forma muito carinhosa, meus agradecimentos aos participantes (professores, alunos, voluntários e imigrantes haitianos) dos

três projetos de extensão “O Haiti é Aqui!”, que me possibilitaram efetivamente vivenciar experiências de interculturalidade com os imigrantes haitianos na cidade. Nos primeiros dois anos, o projeto ocorreu com imigrantes adultos e no último com crianças e adolescentes haitianos. Esse último projeto só foi possível com a parceria da professora Sandra Roldão e das alunas do magistério da Escola de Educação Básica Dr. Jorge Lacerda, a quem sou muito grata pelo aprendizado. Aproveito aqui para agradecer à fotógrafa (egressa da Univille) Amanda Alves Cerqueira Araújo, que produziu belíssimas fotos do nosso percurso e que compartilhou por meio de uma entrevista oral sua experiência artística com a história dos imigrantes. Também quero agradecer ao professor de História Cláudio Fernando Ribeiro, ex-soldado do Batalhão de Infantaria de Joinville, que gentilmente aceitou nosso convite e nos concedeu uma entrevista para narrar sua experiência no Haiti. Registro meu agradecimento especial para a professora Ana Lúcia Martins, companheira militante que construiu pontes entre nós e os haitianos no início de nossa pesquisa.

De todos os encontros que temos ao longo da vida, alguns são presentes para o nosso crescimento pessoal e profissional. Sou uma pessoa de muita sorte, tenho sido agraciada com presenças imprescindíveis para o meu desenvolvimento profissional, intelectual e afetivo. Aqui quero expressar minha gratidão e sentimento de reconhecimento para duas pessoas importantíssimas na minha trajetória acadêmica do passado e do presente: a professora doutora Ilanil Coelho, com quem há mais de 25 anos partilho estudos, ideias, projetos, militâncias, embates e tensões no mundo da universidade e no mundo da vida. Nós compartilhamos solidariedades em tempos fartos e não tão fartos, emocionamo-nos e celebramos muitas conquistas nossas e dos nossos, choramos muito por indignação e tristeza e por muitas vezes nos alegamos e brindamos. Muito obrigada, esta tese é sua também. Para a professora doutora Marialva Carlos Barbosa, gostaria de dizer como sou privilegiada por tê-la tido como minha orientadora no doutorado. Sua generosidade intelectual, tranquilidade na relação de orientação, seu pronto retorno para minhas inquietações de pesquisa, suas leituras cuidadosas e ativas e sua vibração e reconhecimento a cada texto enviado tornaram meu percurso como aluna/pesquisadora suave, seguro e animador. Fui feliz nesse processo e sou-lhe muito, muito grata.

Minha vida nos espaços profissionais sempre foi muito intensa. Assim foi quando trabalhei como prestadora de serviço em uma instituição financeira, quando trabalhei como assessora parlamentar e assim tem sido nesses 22 anos como professora da Univille, da qual sou egressa do curso de Licenciatura em História. Vivo dias tensos e intensos nessa universidade e, por isso, quero agradecer aos professores que compuseram as duas gestões da

qual eu fiz e faço parte (2013–2016 e 2017–2019). Sou grata por toda a parceria e pelo aprendizado nesses anos de trabalho, pelo incentivo diário e pela torcida nessa reta final. Professoras doutoras Sandra Aparecida Furlan, Therezinha Maria Novais de Oliveira e Yoná da Silva Dalonso e professor doutor Alexandre Cidral, professores mestres José Kempner e Gean Cardoso de Medeiros, com vocês aprendi muito e compartilho o propósito de continuar construindo uma universidade comunitária forte.

Quero agradecer especialmente a professora doutora Denise Abatti Kasper Silva, à época pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, responsável pela realização do Doutorado Interinstitucional de Comunicação e Cultura (Dinter), desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Univille, e ao professor doutor Victor Rafael Laurenciano Aguiar, que com tranquilidade nos coordenou nesse processo. Aproveito para registrar o agradecimento aos professores da UFRJ que aderiram ao projeto do Dinter e, mobilizados pela energia contagiante da professora doutora Marialva Barbosa e do professor doutor Micael Herschmann, compartilharam conosco seus conhecimentos em intensas semanas de estudo. Aqui registro minha gratidão aos meus colegas de jornada – sete guerreiros alunos do Dinter –, professores da Univille que decidiram apostar na carreira acadêmica/científica e mergulharam cada qual à sua maneira e cada um no seu tempo nas profundezas do oceano da pesquisa. Valeu, professores! Silvio Simão de Matos (idealizador e articulador do projeto – amigo de turma!), Eduardo Silva, Daniel Westrupp, Gilberto Mazzetti Júnior, Eliziane Boing, Wilson de Oliveira Neto e Jucilei Hubner, obrigada pelos acalorados debates teóricos e pelos momentos de terapia coletiva. Ainda, nesse processo de trocas, partilhas e solidariedade intelectual a que o doutorado nos leva, sobretudo na hora da escrita, encontrei uma superprofissional, a revisora Marília Garcia Boldorini, que tornou o meu texto mais fluido e adequado às exigências do mundo acadêmico. Muito obrigada.

Somos o que somos porque temos equipes, grupos, times, como queiramos chamar. Eu gosto de dizer que temos parceiros. Eu tive e tenho a oportunidade de trabalhar cotidianamente com um grupo especial, profissionais de alta *performance*, competentes e solidários que seguraram as pontas nessa minha trajetória. Eu sei e vocês sabem que sozinha eu não teria dado conta de fazer ensino, pesquisa, extensão, gestão de uma Pró-Reitoria de Ensino e ainda uma tese. Muitíssimo obrigada, Liliane Bayhja Aruk da Silva, Ana Beatriz Arins do Nascimento, Thais de Campos Rodrigues, José Raul de Quadros, Ivone Manske Piffer, Joana Garcia Dias, professores Luiz Paulo de Lemos Wiese e Brigida Maria Erhardt. Vocês foram primordiais nos últimos anos para minha trajetória profissional e, por muitas vezes, me acolheram nas angústias da vida cotidiana. Quero deixar registrada minha gratidão também para Wanilda Bello Bilinski,

Silvia Mattos e Genésio Krumheu, profissionais por quem tenho grande admiração e que compartilharam comigo seus conhecimentos técnicos, suas habilidades políticas e seus afetos.

Agradecer aos amigos queridos de perto e de longe, aos amigos de longa data e aos amigos com que a vida me presenteou recentemente, aos amigos de todos os dias e àqueles que nos nutrem em encontros esporádicos é uma tarefa muito difícil. Tenho medo de nominá-los, pois temo que minha memória me traia e eu não consiga justificar posteriormente. Mesmo assim, quero fazer algumas referências de gratidão: a Marcão e a Pedro, que compartilharam o espaço de sua casa, suas refeições e muitos cafés em acaloradas discussões durante o processo de construção da tese. Valeu muito! Ao grupo de amigas professoras da Univille Katja, Luana, Fernanda e Denise e, especialmente Beatriz, que nos proporcionou momentos de refúgio em sua casa com sabores especiais e afetos acolhedores. Foi mais fácil com vocês por perto. A Rodrigo (Luana e Francisco), que também ao redor de uma mesa me brindou com momentos de tranquilidade quando tudo parecia bem difícil. Aos amigos e amigas de longo tempo e de todas as horas Raquel e Samuel, Miriam e Junior e Giane. Muito obrigada pelos abraços afetuosos (virtuais ou presenciais), pelas comidinhas saborosas e pela amizade gratuita. Ao grupo de *jovens velhos*, impossível de nomear aqui, obrigada pelos jantares, pelas risadas e pelas lembranças de um tempo em que sonhávamos muito. E ainda, para Kássia, Patrícia, Fabio, Lauci, Roselene, Fabiane e Eduardo Dalbosco, Juliana (Pop), Juliana (Siri) e Linete (amigos de outros tempos), que mantiveram suas torcidas nessa fase de estudos. Tenho grande carinho por vocês. Muito obrigada!

Qual é a melhor forma de agradecer à família? Vou optar pelas palavras de Francisco Azevedo (2015), quando diz: “Família é prato difícil de preparar” (AZEVEDO, 2015, p. 11), porque são muitos os ingredientes, e que “é um prato que emociona. E que a gente chora mesmo” (AZEVEDO, 2015, p. 12). Também concordo com o autor quando diz que “família é prato que deve ser servido sempre quente, quentíssimo” e sempre “à Moda da Casa” (AZEVEDO, 2015, p. 12), porque cada um tem a sua e é especial. Por isso, meus queridos mãe, pai, “ermãs e ermãos”, cunhadas e cunhados, sobrinhas e sobrinhos e minha madrinha, muito obrigada por viverem intensamente comigo esse momento. Vamos nos cuidar e nos curtir com muita tranquilidade e sossego, pois “família é prato que, quando se acaba, nunca mais se repete” (AZEVEDO, 2015, p. 13). Amo vocês!

De forma especial, quero agradecer meus amores infantis, Lara e Sophia, que ao longo desse tempo de imersão teimaram em me trazer para a superfície insistindo para eu acabar logo “para ir brincar”, “ir para a praia” e ficar “só um pouquinho” sem estudar. Isso tudo é para vocês duas!

Eduardo! O companheirismo que nos une foi imprescindível para eu vivenciar esses intensos anos de estudo. Nossos diálogos mantiveram minha sanidade e fortaleceram-me no propósito. Agradeço cada leitura crítica, cada pesquisa compartilhada, os livros comprados, as comemorações na finalização de cada etapa, mas agradeço sobretudo a compreensão das ausências e por insistir que “há vida lá fora”. Agora vamos viajar. Obrigada, namorado!

*“Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros”
(Che Guevara).*

RESUMO

SOUZA, Sirlei de. **Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)**. Rio de Janeiro, 2019. 264f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A presente pesquisa tem por objetivos analisar as narrativas de e sobre os imigrantes haitianos, os processos migratórios internacionais e seus impactos locais, especialmente os deslocamentos e a presença de haitianos em Joinville (SC) entre os anos de 2010 e 2016, e contribuir para a problematização (de cunho interdisciplinar) das tensões e disputas que se desenrolam na e pela imigração emergentes das narrativas jornalísticas produzidas pela imprensa local, das narrativas advindas das entrevistas orais realizadas com os imigrantes haitianos e das atuais condições e vivências na cidade. Do ponto de vista metodológico, procurou-se entender as construções narrativas da imprensa local no tocante aos imigrantes haitianos, bem como seu papel na construção/reprodução de imaginários acerca dos imigrantes. Em relação às narrativas produzidas pelas entrevistas orais, privilegiou-se o olhar interpretativo sobre as falas dos imigrantes, narrativas memoráveis construídas na interseção entre vida e memória. Refletir sobre a imigração como ato narrativo (como um ato comunicacional e histórico) é pensá-la na complexidade do que a atravessa, na trama que a constitui, nas tensões presentes e nas possibilidades que envolvem a trajetória do sujeito migrante. Nesse sentido, as narrativas construídas pelo ou sobre o migrante configuram-se como atos comunicacionais permeados por tempos e espaços, ora conexos, ora desconexos, que contribuem para entender os trajetos percorridos até a chegada em seu local de destino, os significados que atribuem à sua condição migrante, suas vivências no espaço urbano e as estratégias articuladas para enfrentar as recusas e para criar vínculos de pertencimento com o novo território. No decorrer da pesquisa, evidenciou-se que os imigrantes haitianos em Joinville se configuram como um grupo heterogêneo, singular em sua forma de expressão e de vivência da experiência migrante, produtores de sentidos e articuladores da interculturalidade, ajudando a pensar a condição humana contemporânea.

Palavras-chave: Narrativas imigrantes. Atos comunicacionais. Imigrantes haitianos. Joinville.

ABSTRACT

SOUZA, Sirlei de. **Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)**. Rio de Janeiro, 2019. 264f. Thesis (Doctoring in Communication and Culture) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This investigation analyses the narratives about the Haitian immigrants and of them, international emigrational processes and their local impact, especially the displacement and the presence of Haitian people in Joinville, SC, Brazil, between 2010 and 2016. The purpose here is to contribute with the problematization, by an interdisciplinary approach, of tensions and disputes that happen in the immigration and because of it that emerge from the journalistic narratives produced by the local press, from the narratives that come from the oral interviews performed with the Haitian immigrants and from the current conditions and living in the city. From the methodological point of view, this thesis try to understand the narrative constructions of local press about the Haitian immigrants, as well as its role in the development/reproduction of imaginaries on the immigrants. In regard to narratives produced by oral interviews, the interpretative view concerning on the immigrants' speech was privileged, memorable narratives constructed in the intersection between life and memory. Reflecting on the immigration as a narrative act (as a communicational and historical act) is to think about it taking into account the complexity of what goes through it, the plot that compounds it, the present tensions and the possibilities that involve the immigrant subject's trajectory. In this way, the narratives constructed by the immigrant or about him/her are communicational acts permeated by times and spaces, sometimes connected, sometimes disconnected, that help to understand the covered routes until its destination, the meanings given because of its migrant condition, its experiences in the urban areas and the articulated strategies to cope with the refusals and to create belonging links with this new territory. Along the investigation, it was noticed that the Haitian immigrants in Joinville are a heterogeneous group, singular in how they express themselves and feel the migrant experience, producers of senses and articulators of interculturality, helping to reflect on the contemporary human condition.

Keywords: Immigrant narratives. Communicational acts. Haitian immigrants. Joinville.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxos de haitianos por (A) Tabatinga (AM), (B) Brasileia e Epitaciolândia (AC) e (C) São Paulo (SP), de 2010 a 2014	68
Figura 2 – Mapa de Santa Catarina mostrando o número de imigrantes haitianos e as suas respectivas percentagens no estado e na cidade de Joinville.....	96
Figura 3 – Ocupação territorial de imigrantes haitianos nos bairros de Joinville (SC)	100
Figura 4 – Pichação feita em parede na Avenida Getúlio Vargas, em Joinville, abril de 2016.....	132
Figura 5 – Pichação feita em parede na Avenida Getúlio Vargas, em Joinville, abril 2016, com ação do movimento antifacista intitulado Antifa 163	135
Figura 6 – Fotografia combate a xenofobia contra haitianos em mostra espalhada pelo centro de Joinville, 21 jun. 2017	137
Figura 7 – Ato de vandalismo e de destruição das imagens fotográficas (lambe-lambe) produzidas e expostas pela fotógrafa Amanda Araújo.....	138
Figura 8 – <i>Print</i> da repercussão da exposição de Amanda Araújo em perfil falso nas redes sociais.....	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Haitianos registrados na Polícia Federal, de 2012 a 2016	58
Gráfico 2 – Estados da federação e registros de haitianos	69
Gráfico 3 – Quantidade de imigrantes (por mil) vindos da República do Haiti	70
Gráfico 4 – Emissões de carteira de trabalho por ano e sexo em Joinville (SC), de 2013 a 2016.....	98
Gráfico 5 – Perfil dos imigrantes haitianos cadastrados pela Secretaria de Assistência Social de Joinville (SC) entre os anos de 2010 até setembro de 2017	101
Gráfico 6 – Características dos imigrantes haitianos	102
Gráfico 7 – Nascimentos de filhos de imigrantes haitianas em Joinville (SC), de 2013 a 2017.....	103
Gráfico 8 – Faixa etária, estado civil e demais gestações das mães haitianas em Joinville (SC) no período de 2013 a 2017	104
Gráfico 9 – Escolaridade e ocupação das mães haitianas em Joinville (SC) no período de 2013 a 2017	105
Gráfico 10 – Número de matrículas dos haitianos na rede estadual de ensino de Joinville (SC)	106
Gráfico 11 – Números de matrículas dos haitianos na rede municipal de ensino de Joinville (SC)	107
Gráfico 12 – Matrículas no ensino superior dos imigrantes haitianos por ano e por sexo em Joinville (SC).....	109
Gráfico 13 – Matrículas dos imigrantes haitianos em Joinville (SC) no ensino superior por curso	110

LISTA DE SIGLAS

ABRH-SC	Associação Brasileira de Recursos Humanos em Santa Catarina
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
Aleac	Assembleia Legislativa do Acre
BI	Batalhão de Infantaria
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDH	Centro de Direitos Humanos
Ceja	Centro de Educação de Jovens e Adultos
Cerest	Centro de Referência de Atendimento ao Trabalhador
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Compir	Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial
Compós	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
Conare	Comitê Nacional para os Refugiados
Dinter	Doutorado Interinstitucional
ECO-UFRJ	Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Eicos	Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social
EJA	Educação de Jovens e Adultos
e-SIC	Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão
FGV	Fundação Getúlio Vargas
HTP	História do tempo presente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDDH	Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social

Intercom	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
LHO	Laboratório de História Oral
Metodista	Universidade Metodista de São Paulo
Missão Minustah	Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti
MPF-AC	Ministério Público Federal do Acre
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NSC	Nossa Santa Catarina
Ocha	Coordenação de Assuntos Humanitários
OIR	Organização Internacional de Refugiados
ONU	Organização das Nações Unidas
PF	Polícia Federal
PLANMOB	Plano de Mobilidade Sustentável de Joinville
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
POS-ECO	Programas de Pós-Graduação em Comunicação
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC-Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Rais	Relação Anual de Informações Sociais
RBS	Rede Brasil Sul
SED-SC	Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina
Sinasc	Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos
Sisgesc	Sistema de Gestão Educacional de Santa Catarina
Suframa	Superintendência da Zona Franca de Manaus
Suas	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde

Udesc	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UnB	Universidade de Brasília
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Uniedu	Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina
Unip	Universidade Paulista
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Univille	Universidade da Região de Joinville
UNRRA	Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas
USP	Universidade de São Paulo
UTP	Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
ENFOQUE DA PESQUISA.....	24
ESTADO DA ARTE.....	26
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E HIPÓTESES.....	29
METODOLOGIA.....	33
DESENVOLVIMENTO DA TESE.....	40
1 IMIGRAÇÃO, ESPAÇOS E MULTITERRITORIALIDADES.....	48
1.1 IMIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E DIÁSPORAS DO BREVE SÉCULO XX .	49
1.2 ESPAÇO, LUGAR E MULTITERRITORIALIDADE: DESLOCAMENTOS TEXTUAIS E CONCEITUAIS.....	63
1.3 NARRATIVAS E PRÁTICAS DE TERRITORIALIZAÇÃO: ESPAÇOS MULTIDISCURSIVOS.....	67
2 IMIGRAÇÃO E TRAMAS COTIDIANAS: PERCURSOS E NARRATIVAS	82
2.1 PERCURSOS DE IMIGRANTES HAITIANOS.....	82
2.2 JOINVILLE: “UMA CIDADE MIGRANTE”.....	94
2.3 NARRATIVAS DE PERCURSO E APROPRIAÇÕES TERRITORIAIS.....	111
3 ESPAÇOS VIVIDOS: TENSÕES E NARRATIVAS COTIDIANAS.....	124
3.1 AMARRAS DO PASSADO E DO PRESENTE.....	125
3.2 MANIFESTAÇÕES COMUNICACIONAIS DE RECUSA: A DIÁSPORA E SUA FACE VIOLENTA.....	129
3.3 NARRATIVAS IMIGRANTES: ECOS DE RECUSAS E PERTENCIMENTOS.....	140
4 TEMPO DE NARRAR: O IMIGRANTE E O IMAGINÁRIO DA IMPRENSA	149
4.1 IMIGRAÇÃO: TEMPO E NARRATIVA.....	149

4.2 JORNAL, CIDADE E PROCESSOS MIGRATÓRIOS	152
4.2.1 A problemática do jornal como fonte histórica.....	152
4.2.2 O jornal <i>A Notícia</i> e o passado migratório de Joinville.....	156
4.2.3 O jornal <i>A Notícia</i> e o passado-presente nas relações Joinville e Haiti	159
4.3 IMAGINÁRIO(S) SOBRE O IMIGRANTE HAITIANO	170
4.3.1 Imaginário: reflexões	170
4.3.2 “Um pouco do Haiti aqui”: os imaginários acerca da imigração haitiana em Joinville	175
4.3.3 “Estão dispostos a dar o máximo”: o Haiti pode ser aqui!	179
5 MULTIPLICIDADE DE VOZES: CONSTRUINDO O SI MESMO.....	187
5.1 HISTÓRIAS DE VIDA: AS MEMÓRIAS DOS IMIGRANTES HAITIANOS	188
5.2 CONSTRUINDO O SI MESMO: SER IMIGRANTE EM JOINVILLE.....	197
5.3 REDES DE SOCIABILIDADE: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA	202
5.4 O TESTEMUNHO DA DOR: ENTRE O PASSADO E O FUTURO.....	213
5.5 A NARRATIVA DA ESPERANÇA: AS PERSPECTIVAS DE FUTURO.....	223
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227
REFERÊNCIAS.....	232
APÊNDICES	261
APÊNDICE 1 – ROTEIRO GERAL: ENTREVISTAS ORAIS COM OS IMIGRANTES HAITIANOS.....	262
APÊNDICE 2 – FICHA DE ANÁLISE DAS FONTES DA IMPRENSA	265

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi gestada ao longo da participação no Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença¹ e de inúmeras atividades de extensão realizadas pela Universidade da Região de Joinville (Univille)² com imigrantes haitianos. As reflexões aqui construídas são fruto de vivências e diálogos, encontros que têm possibilitado pensar a diferença cultural, histórica e linguística que envolve os processos imigratórios nos dias atuais, bem como os problemas que emergem nas sociedades receptoras e que muitas vezes se expressam em manifestações xenofóbicas, intolerâncias e preconceitos em relação ao “imigrante”.

Do ponto de vista do cenário internacional, os tensionamentos envolvendo os processos migratórios intensificaram-se com a chegada ao poder de governantes que implementam políticas segregacionistas e xenofobas e que encaram o fenômeno como ameaça à soberania e à estabilidade dos Estados nacionais³. O mundo tem presenciado posicionamentos de lideranças internacionais que anunciam e afirmam convictamente suas posições contrárias à presença e à entrada de novos imigrantes em seus países (GONÇALVES, 2014, conforme matéria de *Gazeta do Povo*). Há pouco, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, escandalizou o mundo com suas posições polêmicas sobre a retomada da construção do muro na fronteira entre Estados Unidos e México, as restrições à entrada de novos imigrantes no país e a ameaça de expulsão

¹ Grupo de pesquisa que integra estudantes e professores de várias áreas que investigam as interfaces entre os processos culturais e as transformações das cidades contemporâneas. Atualmente esse grupo congrega pesquisas e estudos sobre cidades nos seguintes temas: intervenções e requalificações do espaço em áreas centrais; memórias urbanas e processos de identificações culturais; patrimônio cultural e gastronomia; políticas públicas de cultura e de turismo; história, memória e educação para o patrimônio. Em 2017 houve o desenvolvimento de quatro projetos de pesquisa envolvendo a questão da imigração haitiana. São eles: *Usos e apropriações do patrimônio cultural nas cidades contemporâneas*; *Mídia e mediações socioculturais: imigração e vivências de haitianos em Joinville*; *Migrantes haitianos e o patrimônio cultural de Joinville*; e *Influência de elementos culturais haitianos nas respostas de coping na condição migrante*. Mais informações em: <<http://cidadecultura.wix.com/gp>>.

² A Univille, por ser uma universidade comunitária, desenvolve permanentemente inúmeras atividades de extensão com a comunidade regional. No que diz respeito aos imigrantes haitianos, desde 2015 há participação ativa da universidade nas questões que envolvem essa temática. No ano de 2016 aconteceu o projeto voluntário de extensão intitulado Direitos Humanos, Cultura e Inserção no Mercado de Trabalho, com o objetivo de promover a integração de imigrantes haitianos na sociedade joinvilense, proporcionando formação para a inserção no mercado de trabalho, conhecimentos sobre os direitos fundamentais e os direitos trabalhistas no Brasil, bem como conhecimentos e vivências relacionados à história e cultura do Brasil e do Haiti. Esse projeto envolveu cerca de 20 haitianos, três professores da Univille, alunos da graduação e da pós-graduação *stricto sensu* e egressos da Univille. Para o ano de 2017, foi aprovado em edital de demanda interna mais um projeto de extensão: “O Haiti é aqui”: Integração de Imigrantes Haitianos na Sociedade Joinvilense, com o propósito de promover, de maneira participativa, colaborativa e compartilhada, um conjunto de ações de extensão universitária voltadas tanto à qualificação e integração de imigrantes haitianos/as no mercado de trabalho joinvilense quanto à produção de conhecimentos sobre a história de vida desses imigrantes no Haiti e em Joinville. Também nesse projeto há o envolvimento de professores, alunos e egressos da Univille. Já no ano de 2018, foi desenvolvido mais um projeto voluntário de extensão denominado de “O Haiti é aqui”: Aprendendo Juntos, dessa vez em parceria com a Escola de Educação Básica Dr. Jorge Lacerda, uma instituição da rede estadual. O projeto tem como objetivo contribuir para a inserção de crianças e adolescentes haitianas no espaço escolar.

³ Sobre a formação dos Estados nacionais no século XIX, ver Hobsbawm (2014).

aos estrangeiros já residentes lá (NOGUEIRA, 2017, conforme matéria de *Diário do Centro do Mundo*; PEROSA, 2017, conforme matéria de *Época*; NINIO, 2017, conforme matéria de *Folha de S.Paulo*; FANTÁSTICO, 2017, conforme matéria de *GI*; BBC, 2016; AHRENS, 2017, conforme matéria de *El País*).

No Brasil, a legislação sobre a imigração considerava até muito recentemente o estrangeiro uma ameaça⁴, no entanto a nova Lei de Migração (n.º 13.445, de 24 de maio de 2017)⁵, que contempla a universalidade, a indivisibilidade e a interdependência dos direitos

⁴ Desde o início do período republicano no Brasil, com o Decreto n.º 528, de 28 de junho de 1890, que dizia “Art. 1.º É inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas” (BRASIL, 1890). Logo em seguida, após a promulgação da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (1891), em 1892, foi promulgada a Lei n.º 97, de 5 de outubro de 1892, que permite o ingresso de estrangeiros, para o trabalho, de nacionalidades chinesa e japonesas no Brasil. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-97-5-outubro-1892-541345-publicacaooriginal-44841-pl.html>>. A primeira legislação do século XX sobre imigração foi a Lei n.º 2.16, de 28 de junho de 1911, que dispôs sobre a extradição de estrangeiros condenados a crimes no país de origem, inclusive a possibilidade de extradição de brasileiros natos. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-2416-28-junho-1911-579206-publicacaooriginal-102088-pl.html>>. Em seguida, outra legislação de destaque foi o Decreto-Lei n.º 383, de 1938, que impôs restrição à atividade política de estrangeiros: “Art. 1.º Os estrangeiros fixados no território nacional e os que nele se acham em caráter temporário não podem exercer qualquer atividade de natureza política nem imiscuir-se, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do país”. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Também em 1938, promulgou-se o Decreto-Lei n.º 406, de 4 de maio de 1938, que dispôs sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Foi a primeira legislação, mesmo que incipiente, a criar uma espécie de estatuto do estrangeiro, ditando regras gerais, criando cotas de entrada, fiscalização, identificação civil de estrangeiros e a criação do conselho de imigração e colonização, a quem incumbe determinar as cotas de admissão, deliberar sobre pedidos de outros estados e de empresas para a admissão de estrangeiros etc. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Destaca-se ainda o Decreto-Lei n.º 3.175, que teve vigência de 7 de abril de 1941 a 1945 e que, entre outros assuntos sobre o controle migratório, restringiu o ingresso de estrangeiros provenientes da Europa, salvo nacionais portugueses, admitindo a entrada com vistos temporários e/ou permanentes, quando o estrangeiro demonstrasse capacidade de subsistência e demonstrasse que possuía autorização de retorno ao país de origem. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3175-7-abril-1941-413194-publicacaooriginal-1-pe.html>>. A primeira tentativa de agrupar a legislação em uma espécie de estatuto se deu com o Decreto-Lei n.º 7.967, de 1945, que dispôs sobre a imigração, formas de ingresso, tipos de visto etc. Logo no seu cabeçalho, encontra-se o seguinte texto: “O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da constituição e considerando cessada a guerra mundial, imprimir a política imigratória do Brasil uma orientação racional e definitiva, que atenda a dupla finalidade de proteger os interesses do trabalhador nacional e de desenvolver a imigração que for fator de progresso para o país”. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7967-18-setembro-1945-416614-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Ainda na segunda metade do século XX, encontramos a Lei n.º 941, de 13 de outubro de 1969, que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil – disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-941-13-outubro-1969-375371-publicacaooriginal-1-pe.htm>>, – e a Lei n.º 5.709, de 1971, que regula a aquisição de imóveis rurais por estrangeiros – disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5709.htm> –, entre outras. Finalizou-se esse ciclo legislativo com o Estatuto do Estrangeiro, até recentemente em vigor, criado em 1980, durante o período da ditadura militar, que tinha como base o discurso da segurança nacional, no sentido de o imigrante representar ainda uma ameaça à nação. O imigrante seria tolerado apenas considerando seu valor econômico como mão de obra barata: “Art. 2.º Na aplicação desta Lei atender-se-á precipuamente à segurança nacional, à organização institucional, aos interesses políticos, sócio-econômicos e culturais do Brasil, bem assim à defesa do trabalhador nacional” (BRASIL, 1980).

⁵ A Lei n.º 13.445, em seu Artigo 3.º, diz: “A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios e diretrizes: I - universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos; II - repúdio e prevenção à

humanos, bem como repudia e procura prevenir a xenofobia e o racismo, pode ser vista como um avanço à medida que trata o estrangeiro como sujeito possuidor de garantias e direitos⁶. Todavia, a eleição de 2018 para a presidência da república de um representante das forças conservadoras⁷ também fez retroceder os avanços conquistados em relação à vinda e permanência de imigrantes no Brasil⁸.

Por outro lado, historicamente se verifica que os movimentos imigratórios estão na base da constituição dos Estados nações, o que remete à noção de que os atuais posicionamentos e movimentos xenófobos estariam na contramão da própria história. Logo, os processos imigratórios contemporâneos e suas imbricações com o contexto local tornam-se um importante tema para a problematização da história do tempo presente⁹, visto que possibilita analisar os impactos provocados por esses fluxos globais quanto às questões locais, sobretudo àquelas relacionadas às vivências imigrantes no espaço urbano envolvendo a cultura, o mercado de trabalho e as interfaces da imigração com a economia, a geopolítica e os processos comunicacionais.

O Brasil a partir de 2008 voltou a ser um país procurado por imigrantes e refugiados, em decorrência da crise econômica que atingiu os Estados Unidos e a Europa em 2007 e das oportunidades abertas com a realização de dois grandes eventos: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Conforme dados apresentados por Cogo (2014a), extraídos de um estudo do Observatório das Migrações Internacionais, em 2010 havia no Brasil cerca de 960 mil imigrantes internacionais e em 2013 1,7 milhão. Os dados de 2015 apontavam para 1.847.274 imigrantes regulares no Brasil (ARANTES, 2015, conforme matéria de *Exame*).

Os haitianos estão entre os maiores contingentes de imigrantes que o Brasil vem recebendo nesses últimos anos. O povo haitiano migra sucessivamente há algumas décadas, por conta das condições político-econômicas de seu país, porém o terremoto de janeiro de 2010,

xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação; III - não criminalização da migração” (BRASIL, 2017). Sobre a nova lei de migração brasileira, ver: BAPTISTA; VILAR, 2017; BRASIL, 2017.

⁶ Mesmo antes de a lei ser sancionada, diziam os especialistas: o destaque é para os textos da nova lei (se sancionada), que afirmam: “A política migratória será regida pelos direitos humanos, pelo repúdio à discriminação e pelo acesso e tratamento igualitário” e “Garante os direitos a: Justiça, educação, saúde, programas e serviços sociais, previdência, proteção ao trabalhador”. Mais informações em: BARBON; MARTINS, 2017, conforme matéria de *Folha de S.Paulo*.

⁷ Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal – PSL) foi eleito com 55,13% dos votos válidos em segundo turno, em outubro de 2018. Mais informações disponíveis em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/apuracao/2turno/brasil/>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

⁸ Ver: PODER 360, 2018; SÃO PAULO, 2018; ESTADÃO CONTEÚDO, 2019.

⁹ A história do tempo presente (HTP) é um domínio do campo historiográfico aberto a diálogos interdisciplinares que tem como objetivo investigar a manifestação contemporânea daquilo que não é contemporâneo, ou seja, o presente do passado, bem como a profundidade temporal da contemporaneidade, os passados-presentes. A categoria, entre outros autores, é discutida por Hartog (2013) e Dosse (2012). Na perspectiva dos estudos em comunicação, faz-se referência à historiadora Barbosa (2008; 2013).

que afetou três milhões de pessoas e deixou mais de 200 mil mortes (BASTANTE, 2010), é apontado como a causa principal da imigração haitiana recente. Os dados sugerem que aproximadamente 80 mil haitianos tenham obtido registro na Polícia Federal entre 2012 e 2016 (INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS, 2016).

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) (HAITIANOS NO BRASIL, 2015), Santa Catarina apresentou entre os anos de 2011 e 2013 o maior índice de contratação de trabalhadores estrangeiros, registrando aumento de 282%. Nesse período, os haitianos eram 29,3% dos estrangeiros com vínculo formal de trabalho no estado. A cidade de Joinville recebeu entre 2012 e 2016 cerca de 2.280 imigrantes haitianos¹⁰, figurando entre os principais destinos de haitianos no Sul do país.

Joinville está entre as maiores cidades da Região Sul brasileira e ocupa o terceiro lugar como polo industrial (PREFEITURA DE JOINVILLE, 2016). Conta hoje com aproximadamente 570 mil habitantes (IBGE, 2017). A cidade constituiu-se historicamente como uma cidade migrante¹¹. Seu adensamento populacional deu-se em meados do século XIX, momento em que recebeu um grande contingente de imigrantes germânicos¹². A partir de 1970, sobretudo por seu desenvolvimento industrial, que necessitava de grande número de mão de obra, a cidade tornou-se novamente um local de recepção de migrantes, tanto vindos de cidades próximas como de vários outros lugares do país¹³.

Foi nesse contexto migratório dos anos 1970 que se intensificou tanto na imprensa quanto na historiografia a construção de narrativas que atribuíram ao processo de imigração germânica o progresso local¹⁴. Tratava-se do fortalecimento de um imaginário cultural e político que, ainda com força na cidade, imputava o protagonismo dos imigrantes germânicos no desenvolvimento econômico e no respeito a valores morais de trabalho, ordem, disciplina e harmonia¹⁵. Para Machado (2009, p. 36), esse imaginário suscitava “um desejo pedagógico [voltado] aos ‘forasteiros’ que passaram a fazer parte da cidade”, referindo-se ao grande contingente de migrantes nacionais que chegaram à cidade a partir da década de 1970. Já para Gruner (2003), que se dedicou a estudar a imprensa de Joinville do período 1970/80, os

¹⁰ Informações obtidas por mensagem eletrônica do Serviço de Informação ao Cidadão, da Polícia Federal, em 2017.

¹¹ A esse respeito, ver: COELHO, 2010.

¹² Ver: SEYFERTH, 1990; FICKER, 2008.

¹³ Sobre processos recentes de migração em Joinville, ver: COELHO, 2010; NIEHUES, 2000.

¹⁴ O jornalista e historiador Apolinário Ternes, durante seus estudos sobre a história de Joinville, figura como produtor desses discursos. Ver: TERNES, 1981. Em contraposição, essa questão foi abordada criticamente em trabalhos como o de Gruner (2003). Ver também: MACHADO, 2009; COELHO, 2010.

¹⁵ Várias pesquisas no campo da história já problematizaram essa questão. Ver: SOUZA, 1998; TERNES, 1986; COSTA, 1996; MEURER, 1993; COELHO, 2010.

migrantes eram representados conforme a lógica de “mal necessário” para o progresso, e as elites locais deveriam promover ações para integrá-los e discipliná-los à cultura hegemônica local. Também a historiografia produzida à época procurava inserir esse novo migrante ao presente da cidade e elaborava discursos “eliminando, ao mesmo tempo, o que neles era identificado como ‘elemento desestabilizador’” (COELHO, 2010, p. 239).

Os processos migratórios que ocorreram para Joinville nas décadas finais do século XX e a sua problematização no que concerne às transformações econômicas, políticas, sociais e culturais provocadas por tal fenômeno foram estudados recentemente de forma a permitir a compreensão de Joinville e de suas nuances como cidade plural. A contribuição da presente pesquisa é no sentido de entender os impactos dos fluxos migratórios transnacionais do século XXI, entre eles a chegada de imigrantes haitianos em Joinville a partir de 2010. Por se tratar de um contingente considerável, vindo de um país periférico – são imigrantes negros que colorem o espaço urbano – e que por vezes cria estranhamentos na cidade que se intitula oficialmente “germânica”, dessa perspectiva serão problematizadas as tramas comunicacionais e as tensões que envolvem essa presença no espaço urbano.

ENFOQUE DA PESQUISA

Nesse sentido, identificou-se a necessidade de investigar os deslocamentos e a presença de haitianos, com o intuito de contribuir para a problematização (de cunho interdisciplinar) das tensões e disputas que se desenrolam na e pela imigração, emergentes das narrativas jornalísticas produzidas pela imprensa local, das narrativas advindas das entrevistas orais realizadas com os imigrantes haitianos e dos atuais processos de territorialização imigrante na cidade. Para tanto, o percurso desta pesquisa foi permeado pelas imbricações teóricas entre a comunicação e a história. Nessa direção, destacam-se os trabalhos de Barbosa (1998; 2008; 2009; 2013; 2017a; 2017b). Em artigo publicado em 2008, a autora reforça que os meios de comunicação – e não apenas a historiografia – exprimem “a maneira como uma determinada época vivencia a sua própria temporalidade, através da narrativa” (BARBOSA, 2008, p. 84).

Para compreender o que é comum entre história e comunicação, Barbosa (2009) define os pressupostos que “norteiam tanto o ato comunicacional como o ato histórico: narrativa e tempo” (BARBOSA, 2009, p. 13). No entendimento da autora, ainda que a história tenha definido o tempo passado como objeto e campo de atuação e a comunicação o tempo presente, “ambas dizem respeito às relações humanas” (BARBOSA, 2009, p. 13). Desse modo, tanto o

ato histórico como o ato comunicacional se exprimem como narrativas imbricadas com a experiência de tempo(s):

O que em história se faz é seguir pistas, traços, rastros, vestígios que indicam que os homens do passado passaram por aqui. Essas pistas estão sempre expressas em *atos comunicacionais* que fixam marcas duráveis. O que se faz em comunicação é colocar em evidência os processos comunicacionais numa época comum, o presente vivido, para tentar não apenas explicar essas narrativas, mas compreender as ações desses homens do presente. Ações que só se constituem pelo ato narrativo (BARBOSA, 2009, p. 13, grifo do original).

Pensar a imigração como ato narrativo (como um ato histórico e também comunicacional) é pensa-la na complexidade do que a atravessa, na trama histórica que a constitui, nas tensões presentes e nas possibilidades que envolvem a trajetória do sujeito migrante. Nesse sentido, as narrativas construídas pelo ou sobre o migrante configuram-se como atos comunicacionais permeados por tempos e espaços, ora conexos, ora desconexos. Isto é, elas carregam consigo o mundo que já não é mais o mesmo, como, por exemplo, a representação do seu local de origem, as enunciações que elaboram e atribuem sentidos ao ato de migrar e os enredos que desenham o presente e o futuro da imigração e dos migrantes. Para Barbosa (2009, p. 19):

O que dá inteligibilidade às histórias que contamos é o fato de estarem organizadas numa trama que torna possível ao outro seguir a história. E isso ocorre invariavelmente nos processos comunicacionais, sejam aqueles que se referem ao nosso aqui e agora (o objeto da comunicação), sejam aqueles que se referem a um tempo que designamos como passado (a trama da história).

Optou-se por estudar as imigrações contemporâneas nas interações entre comunicação e história, pois “são atos comunicacionais do passado que a história procura interpretar, sempre a partir do presente, envolta em outros atos comunicacionais que do presente reconstróem o passado” (BARBOSA, 2009, p. 13-14). A problemática engloba, entre outras questões, de que maneira nos fluxos comunicacionais materializados nas narrativas da imprensa, da historiografia e nos relatos dos próprios migrantes ocorrem recusas/pertencimentos a territórios e culturas, se (re)constróem imaginários em relação à imigração e ao migrante e se desenvolvem vínculos e mediações entre locais de origem e de destino e redes de sociabilidade.

Para aprofundar a problemática, apropriou-se dos estudos de Hall (2003), que afirma que a comunicação não pode ser entendida fora das estruturas tampouco das práticas sociais. Ao contrário, é parte constitutiva delas. Diz o autor: “O mundo real não está fora do discurso; não está fora da significação. É prática e discurso, como qualquer outra coisa” (HALL, 2003,

p. 364). Esclarece ainda que ao estudar a comunicação “o trabalho crítico sobre a codificação e a decodificação é sempre uma prática desconstrutiva” (HALL, 2003, p. 364). No texto jornalístico, mais do que conceber sua produção como efeito de uma vontade de poder, é imprescindível identificar os “elementos alojados no próprio texto” que remetem a essa vontade de poder enquanto prática de significação (HALL, 2003, p. 367). Além disso, o trabalho crítico está implicado na compreensão de que um texto está sempre aberto “a uma variedade de significados ou apropriações que não foram estabelecidas na atividade de sua codificação” (HALL, 2003, p. 369).

Já Barbero (2013) discute a comunicação como um processo de mediações que não pode ser reduzido ou confundido com os meios pelos quais se desenvolve. Isso porque a comunicação está associada à cultura e às lutas por hegemonia de sentidos. O autor concebe a cultura como dimensão humana que se remete a intersubjetividades que estruturam as relações simbólicas e de poder que se estabelecem durante as práticas sociais cotidianas. Por isso, os estudos de comunicação devem privilegiar as relações sociais e culturais partindo “das *mediações*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural” (BARBERO, 2013, p. 292, grifo do original).

Sodré (2006) vê a mídia na contemporaneidade como um novo *bios*, ou seja, uma nova forma constituinte da própria vida, de promoção e de sustentação da cultura. Como espaço de interação, integração e promoção de novas subjetividades, é de fundamental importância para esta pesquisa a compreensão de que a mídia age “como um *fio condutor de sentido*”, que promove “a *vinculação entre o eu e o outro*” (SODRÉ, 2012b, p. 223, grifos do autor). Assim, apreende o “ser-em-comum (individual ou coletivo), seja sob a forma da luta social por hegemonia política e econômica, seja sob a forma do empenho ético de reequilíbrio das tensões comunitárias” (SODRÉ, 2012b, p. 223).

ESTADO DA ARTE

As pesquisas depositadas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) envolvendo de forma geral a imigração haitiana para o Brasil se intensificaram nos últimos anos¹⁶. Alguns estudos focam na questão

¹⁶ Conforme levantamento, destacam-se os seguintes trabalhos: ALCÂNTARA, 2014; FARIA, 2012; RIBEIRO, 2015; CIVIDINI, 2018; ARAUJO, 2018; SILVA, 2016; SCHLINDWEIN, 2017; PEREIRA, 2018; CERQUEIRA, 2018.

específica do terremoto e da imigração decorrente desse acontecimento¹⁷. Há vários estudos que privilegiam a pesquisa no Norte, região por onde os haitianos adentram no país¹⁸, e outros sobre a Região Sudeste, especialmente São Paulo, e a Região Sul¹⁹, lugares já identificados como destinos posteriores dos imigrantes à chegada no Amazonas. Quanto à pesquisa feita especialmente sobre os imigrantes haitianos em Santa Catarina, identificaram-se alguns estudos publicados de várias áreas do conhecimento²⁰. Os temas com maior número de pesquisas são em relação à imigração e ao mundo do trabalho, à legislação e às políticas públicas²¹. A abordagem da grande maioria das pesquisas e dos trabalhos identificados é o próprio imigrante, e a base metodológica consiste na aplicação de questionário e em entrevistas dirigidas ou semiestruturadas. No caso da presente pesquisa, optou-se por analisar as narrativas produzidas pela metodologia de história oral acerca das histórias de vida dos imigrantes.

Há que se fazer um destaque: o lócus de pesquisa tem sido, principalmente, os espaços de acolhimento ou de vivência haitiana, como associações, grupos pastorais, grupos de assistência social ligados ao governo ou não. Existem também pesquisas acerca da presença dos imigrantes na imprensa nacional. A problemática gira em torno de como os imigrantes são representados pela imprensa, sobretudo em reportagens dos jornais escritos²². A presente pesquisa também utilizou as narrativas produzidas pela imprensa no que se refere ao imigrante haitiano, no entanto o objetivo foi analisar a produção multi e interdiscursiva sobre a imigração e os imigrantes haitianos construída de diferentes lugares de fala: a imprensa, a historiografia e as narrativas dos próprios imigrantes.

Considerando as publicações em livros, em 2015 foi lançado *Migração, trabalho e cidadania*²³ (CUTTI *et al.*, 2015), com o propósito de discutir as imbricações entre esses temas e as convergências e divergências entre políticas, governos e movimentos sociais e suas ações no tocante à imigração de forma geral para o Brasil. As análises realizadas chamam a atenção para as violações de direitos humanos e para os graves problemas sociais com fortes impactos

¹⁷ Ver: BARROS, 2016; MARINO, 2015.

¹⁸ Ver: CAMARGO, 2013; COTINGUIBA, 2014; SANTOS, 2014.

¹⁹ Ver: BAPTISTE, 2015; BOCCI, 2015; HAUPENTHAL, 2014; GAFFURI, 2016; ÁVILA, 2016; BARBOSA, 2015; DIEHL, 2017; ASSUNÇÃO, 2018.

²⁰ Destacam-se os seguintes: BORDIGNON, 2016; MAGALHÃES, L. F. A., 2017; GARCIA, 2018; CARVALHO, 2018.

²¹ Ver: SOUZA, S. M., 2016; BASTOS, 2015; LEAL, 2015; TIRAPELLI, 2016; VIEIRA, 2016.

²² Ver: SAMORA, 2015; SILVA, 2016.

²³ O livro foi resultado do Seminário Internacional sobre Migração, Trabalho e Cidadania da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em maio de 2013. Ele está dividido em três partes: “Movimentos migratórios na América Latina: novos fluxos, velhos problemas”, em que há um capítulo específico sobre a movimentação dos imigrantes haitianos de Manaus para o Sul do Brasil; “Migração, trabalho e educação”, aprofundando questões históricas relacionadas aos processos de migração e às limitações que lhe são impostas no local de destino; e “Políticas migratórias, diversidade e cidadania”.

ambientais, políticos e econômicos gerados pelo fenômeno migratório no século XXI. Parte dos estudos é direcionada aos imigrantes haitianos no país.

Como resultado de estudos sobre o processo de imigração para o Brasil no século XXI, foi lançado também o livro *Imigração haitiana no Brasil*²⁴ (BAENINGER *et al.*, 2016). Nele, os autores priorizam aspectos teórico-metodológicos importantes para compreender a imigração haitiana no Brasil. Trata-se de estudos interdisciplinares que procuram traçar um panorama da imigração e da presença haitiana desde 2010 em todo o país.

Outra produção importante para apreender a dinâmica da imigração haitiana no Brasil é o livro *Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais*²⁵ (SILVA; ASSIS, 2016), que consiste em uma coletânea de textos relacionados ao fenômeno migratório nos dias atuais. Aborda por uma perspectiva interdisciplinar tanto a emigração de brasileiros quanto a imigração internacional.

Outros dois livros mais recentes também contribuem para o entendimento da imigração haitiana em solo brasileiro. *Imigrantes ou refugiados? Tecnologias de controle e as fronteiras*²⁶ (JARDIM, 2017) ajuda a compreender como as atuais tecnologias de controle de imigrantes nas fronteiras de circulação internacional interferem e impactam nas mobilidades migrantes e ainda colaboram para a compreensão dos distintos conceitos de refugiados e imigrantes. Por sua vez, o livro intitulado *Migrações no mundo da fluidez e dos muros: movimentos, práticas e resistências na América Latina*²⁷ (MARTINS; MONDARDO, 2018) discute os novos cenários globais da imigração, suas políticas restritivas e foca na análise desses movimentos no Brasil e na América Latina, tendo como aporte teórico-metodológico a análise geográfica e espacial.

²⁴ A obra tem a participação de 37 autores e contempla 29 capítulos, em que são discutidas questões ligadas à diáspora africana e à história da imigração haitiana, à chegada desses imigrantes na fronteira brasileira, a seus deslocamentos internos, à sua posição no mercado de trabalho, bem como à integração e ao acolhimento nos locais de destino. Também são debatidas as questões jurídicas acerca do direito de migrar, do refúgio ambiental e das normas brasileiras em relação ao imigrante, além das questões econômicas que envolvem as remessas enviadas ao Haiti pelos imigrantes que aqui estão. Entre os 29 capítulos, há vários estudos de caso de imigrantes haitianos em inúmeros estados brasileiros, e dois capítulos especificamente tratam de Santa Catarina.

²⁵ Dos 11 capítulos do livro, cinco são dedicados a aspectos diversos da imigração haitiana para o Brasil. São eles: o capítulo 7, “Haitianos em Manaus – mercado de trabalho e exercício da cidadania”, de Sidney Antônio da Silva; o capítulo 8, “Migrantes indesejados? A ‘diáspora’ haitiana no Brasil e os desafios à política migratória brasileira”, de Gláucia de Oliveira Assis e Luís Felipe Aires Magalhães; o capítulo 9, “Dos ideais às práticas: os haitianos e o desafio da inclusão dos imigrantes internacionais nas políticas do sistema de saúde brasileiro”, de Fabiane Vinentte; o capítulo 10, “A migração haitiana na Amazônia à luz dos estudos de gêneros”, de Márcia Maria de Oliveira e Elias Oliveira da Silva; e o capítulo 11, “Mobilidade haitiana para o Brasil: religiosidade e identidade cultural”, de Marília Lima Pimentel e Geraldo Castro Cotinguiba.

²⁶ Especialmente no capítulo 5, intitulado “Zonas de abandono: as invisibilidades cotidianas”, a autora apresenta a experiência de um grupo de imigrantes haitianas e o acesso ao sistema de saúde público em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

²⁷ Observar a parte 2 do livro, especialmente o capítulo “O espaço e o tempo da migração: contextos e processos da imigração haitiana para o Brasil”, de Isis do Mar Marques Martins.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E HIPÓTESES

Para fundamentar os estudos presentes aqui acerca dos processos imigratórios contemporâneos, apropriou-se de produções teóricas que tratam da história dos deslocamentos humanos e de como eles se tornaram objeto de conhecimento das ciências humanas e sociais.

Ainda que sejam concebidos como fenômenos que estão na base da história e das condições sociais da humanidade, hoje os fluxos migratórios apresentam uma dimensão mais problemática, na medida em que tomam proporções globais e estão combinados e imbricados com outros movimentos contemporâneos, tais como os de capital, de mercadorias e, sobretudo, aqueles ligados aos processos comunicacionais, que, com o advento das tecnologias de rede, proporcionam interações imediatas e em tempo real de imagens, informações e experiências (APPADURAI, 1999).

Para Sayad (1998), a complexidade dos processos migratórios está no fato de não se tratar apenas de deslocamentos humanos, mas dos paradoxos da condição e da definição de “imigrante”. Tais paradoxos consistem nas representações sobre o modo de sua existência, o qual “é admitido ora como provisório (de direito), com a condição com que esse ‘provisório’ possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse ‘definitivo’ jamais seja enunciado como tal” (SAYAD, 1998, p. 46). Dessa forma, “por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato” (SAYAD, 1998, p. 45), aos imigrantes e às sociedades de origem e receptoras é imposta uma “ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente” (SAYAD, 1998, p. 46). A questão-base dessas representações advém, contudo, da condição relegada ao imigrante no capitalismo: ser força de trabalho e, enquanto tal, estar submetido à relação custo × benefício.

Os processos migratórios na compreensão de Hall (2003) também se apresentam nos dias atuais como processos complexos e umbilicalmente ligados a tensões e desafios que decorrem da construção de identidades e da experiência de se viver as diferenças culturais. Questões como interculturalidade e hibridismo, associadas a como “diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’” (HALL, 2003, p. 52), ganham destaque para a problematização das vivências imigrantes. Trata-se de vivências permeadas por conflitos entre heterogeneidade e homogeneidade cultural, processos que envolvem o jogo cultural das diferenças, compreendidas como “uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam [...] significados que são posicionais e relacionais, [estão] sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim” (HALL, 2003, p. 33).

Para Canclini (2015b), faz-se necessária uma análise crítica em relação ao chamado processo de fluidez (e deslize) a que estariam submetidos os imigrantes. Fluidez entre o global e o local que causa, por outro lado, a “ilusão de conectividade”. Criticamente, o autor afirma que, pela importância atribuída às conexões, o processo exploratório capitalista, sob a aura da globalização, é fortalecido a “partir da imobilidade dos pequenos e graças à *duração* com que os nômades acumulam mobilidade e multilocalização” (CANCLINI, 2015b, p. 95, grifo do original). Assim, ocorreu um deslocamento dos mecanismos de acumulação de capital, antes fixada em “posses territoriais” e para posse de “recursos intangíveis da mobilidade e das conexões” (CANCLINI, 2015b, p. 96). Tal crítica está imbricada com os processos migratórios, pois, segundo Canclini (2015b, p. 99), “ler o mundo na chave das conexões não elimina as distâncias geradas pelas diferenças nem as fraturas e feridas da desigualdade”. A imigração é, pois, tema que nos remete a diferenças e desigualdades.

As reflexões produzidas pelo autor provocam a pensar simultaneamente os “diferentes-integrados, desiguais-participantes e conectados-desconectados” (CANCLINI, 2015b, p. 99). Dessa maneira, seria possível pensar a globalização como uma configuração em que “cada forma de privação associa-se a formas de pertencimento, posse ou participação”, evitando que se caia em “maniqueísmos” simplórios e permitindo compreender as “formas de oposição em relação aos modos afirmativos de existência que as acompanham” (CANCLINI, 2015b, p. 100).

No aprofundamento da problemática que envolve os conceitos de território, desterritorialização e multiterritorialidade, o percurso traçado nas últimas décadas pelo geógrafo Haesbaert²⁸ (2005) é fundamental como ponto de partida para a reflexão das tensões decorrentes desses processos, especificamente no que diz respeito à demarcação de fronteiras físicas e simbólicas dos espaços da cidade. O autor define que o processo de desterritorialização pode ser mais bem compreendido quando se aciona a categoria de multiterritorialidade. Se desterritorializar-se é territorializar-se de novo, trata-se de um complexo jogo de ações que se configura como multiterritorialidade.

No que concerne ao estudo dos processos migratórios, outra questão se coloca como essencial para a compreensão da vida migrante: a questão da língua e as negociações culturais. Por um lado, a língua materna é vista por Canetti (2010, p. 91) “como um idioma de [...]”

²⁸ Haesbaert é geógrafo e em seus estudos procura entender as imbricações entre territorialização e desterritorialização, territorialidade e identidade, avançando na concepção da categoria de análise chamada multiterritorialidade. O autor baseia-se em uma visão mais ampla de território e concebe simbolicamente o poder, uma vez que é estudioso de Antônio Gramsci, Pierre Bourdieu e Michel Foucault, discutindo nessa perspectiva a existência dos microterritórios. Aprofunda também a precarização territorial dos grupos subalternos. Por isso, também se torna referência importante no estudo dos fluxos migratórios internacionais como o de haitianos e sua relação com os novos territórios.

ternura”²⁹, em que laços afetivos com sua origem são fortalecidos e sua aprendizagem deve ser mantida por gerações. Para Kristeva (2017, p. 119), a língua de origem é a “língua das paixões”³⁰. Por outro lado, para a autora, o estrangeiro é identificado como estrangeiro por falar outra língua. A língua materna carrega consigo, de acordo com ambos os teóricos, a identidade própria, o sentimento de pertencimento a um lugar e o mantém estrangeiro e o religa à sua nacionalidade. Quando falada entre os imigrantes, a língua reforça sua identidade, fortalece sua tradição e os conecta à sua origem.

Para Rouchou (2008, p. 139), a língua materna, quando expressada publicamente, “tem a força de uma estrutura de resistência”, pois, para além de conectar o estrangeiro com as lembranças afetivas do passado, ajuda a suportar o presente e pode também ser compreendida como um exercício de cidadania, uma vez que a prática do idioma de origem garante autonomia na elaboração de suas opiniões, discussões e decisões no local de destino.

No entanto, questões importantes relacionadas ao domínio da língua local aparecem no percurso dos imigrantes e sinalizam deslocamentos estratégicos de sentidos para a sobrevivência cotidiana. Nesse entrecruzamento linguístico entre a língua materna e a língua falada em seu local de destino, para os imigrantes “há sofrimento na mistura dessas duas línguas, ele está ligado ao matricídio *simbólico* que o abandono da língua nativa implica” (KRISTEVA, 2017, p. 119, grifo do original). Kristeva (2017) suscita a ideia de que a língua adquirida do local para onde se migrou é “língua da razão”, em contraposição à “língua da paixão”, a língua materna, acarretando nessa aquisição necessariamente sofrimento. Nesse sentido, faz-se preciso observar com atenção o impacto das questões linguísticas na vida migrante.

É com essas principais referências teóricas que se desenha o percurso desta pesquisa acerca dos imigrantes haitianos, cuja questão central se refere aos atos comunicacionais e suas articulações produzidos pelos e sobre os imigrantes que incidem nas configurações e reconfigurações narrativas que aludem a esses sujeitos históricos.

Tendo como eixo central de investigação a vinda e a permanência de imigrantes haitianos na última década para Joinville e as mediações socioculturais em torno desse fenômeno, construíram-se as hipóteses de pesquisa em torno da articulação conceitual entre

²⁹ Elias Canetti, búlgaro de nascimento, narra em seu livro *A língua absolvida* sua trajetória como uma criança e adolescente migrante que viveu em muitos lugares, estudou em línguas diferentes e, “entre zombarias e torturas” (CANETTI, 2010, p. 91), aprendeu com sua mãe a língua materna de sua família: o alemão, que ele chamou de “língua de nosso amor” (CANETTI, 2010, p. 92).

³⁰ Júlia Kristeva, também búlgara, migrou para a França e viveu nos Estados Unidos. Assim, refletiu ao longo de seus escritos sobre os processos de migração no continente europeu e a complexidade do que chamou de multilinguismo, “base da diversidade cultural” (KRISTEVA, 2017, p. 115).

territorialidades, imaginários e memória, procurando relacionar esses eixos centrais de análise com a questão comunicacional.

À luz das questões apontadas, foram delineadas algumas hipóteses relacionadas ao objeto de pesquisa. A primeira delas, nessa visão, é a de que, no âmbito comunicacional, os deslocamentos humanos advindos dos fluxos migratórios contemporâneos produzem constantes tensões no local de destino dos imigrantes. No caso específico do grupo analisado aqui, procurou-se perceber como e por que os jogos de recusa e pertencimento ocorrem e são reverberados/visibilizados em diferentes atos narrativos. Esses atos, como expressões de comunicação, deixam à mostra articulações memoráveis produzidas pela mídia, por meio de uma memória declaratória, e pelos imigrantes, em seus trabalhos memoráveis que articulam dimensões e camadas de lembranças e esquecimentos.

Como segunda hipótese, entende-se que a imprensa escrita tem papel ativo na construção de sentidos e significados sobre a presença de imigrantes em Joinville. Atribuindo protagonismo aos imigrantes europeus do século XIX quanto ao desenvolvimento da cidade, ainda hoje ela produz e dissemina imaginários sobre os imigrantes recém-chegados, entre eles os haitianos, ora posicionando-os como vítimas da história, ora associando-os aos graves problemas que perturbam o cotidiano urbano. A mídia, concebida como esfera pública e potência criadora de subjetividades e sociabilidades, atua como espaço de mediações socioculturais nos fluxos migratórios de haitianos para Joinville, difundindo imagens e imaginários que incidem na construção de redes de sociabilidade pertinentes à vinda e integração deles na cidade.

Na terceira hipótese, como último ato narrativo, foram deixadas à mostra as vozes dos imigrantes, pela análise de suas falas, por intermédio das quais, no entendimento da presente investigação, articulam as memórias de experiências difíceis do passado relativas ao ato de migrar – produzindo, assim, silêncios, não ditos, encobrimentos, entre outras estratégias memoráveis. Nessa dimensão memorável não apenas o passado aparece reatualizado, mas há a construção de expectativas diante de um futuro muitas vezes improvável. Passado, presente e futuro, como dimensão das histórias de vida, articulam-se em processos comunicacionais nos quais a memória funda o ato declaratório, de construção do “si mesmo” ao mesmo tempo em que deixa fatias de passado à mostra. Assim, o futuro, como expectativa, rodeado de significações, aparece também nas memórias dos imigrantes.

METODOLOGIA

Mobilizada por essas questões, esta pesquisa vale-se de um grupo variado de fontes, com ênfase nas narrativas produzidas pela imprensa escrita e nas narrativas advindas das entrevistas orais feitas com imigrantes haitianos, com base na metodologia da história oral, conforme explicaremos mais profundamente ainda neste item. Privilegiou-se neste trabalho, do ponto de vista metodológico, o olhar interpretativo sobre essas falas memoráveis construídas na interseção entre vida e memória.

No que diz respeito à imprensa escrita, seu fortalecimento como fonte de pesquisa, especialmente para os historiadores, se deu a partir de 1970. Para Luca (2005, p. 128), “as renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder”. No entendimento da autora, ao trabalhar com o texto da imprensa, é preciso problematizar “a narração do acontecimento e o próprio acontecimento” (LUCA, 2005, p. 139); e as ferramentas para tal podem ser aquelas provenientes da análise das narrativas produzidas pela escrita jornalística, no entanto a análise deve contemplar, além do conteúdo, também as questões de “forma” que envolvem desde o contexto da produção, as relações mercadológicas do jornal com os atores privados e públicos até a compreensão da historicidade daquela produção. Nesse sentido, a autora reafirma: “A análise circunstanciada do seu lugar de inserção delineia uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente” (LUCA, 2011, p. 141).

A utilização da imprensa escrita como fonte de pesquisa, tanto para a área da comunicação quanto para a área da história, e a complexidade envolvendo essa fonte são objeto de estudo também de Barbosa (1998) e Capelato (1988). As autoras problematizam o uso da produção jornalística como fonte de pesquisa chamando a atenção para a necessidade de contextualizar tais fontes, considerando o que Barbosa (1998) denomina de diferentes temporalidades entre o momento em que a produção jornalística é construída e o momento em que o historiador analisa tal narrativa, já que a compreensão dessas temporalidades pode descortinar a ideia de verdade produzida no passado e como isso será interpretado pelo historiador no tempo presente. Para Capelato (1988), faz-se necessário aprofundar a história de determinada fonte, analisar que relações políticas tal jornal (se for o caso) estabelece com grupos econômicos hegemônicos, que linha ideológica o editorial assume e que cultura e histórias essa fonte reproduz.

Na análise de fontes da imprensa, deu-se aqui prioridade ao jornal *A Notícia*³¹, pelo fato de ser o periódico de maior circulação em Joinville e região³² e por apresentar edições contínuas que cobrem todo o período histórico demarcado para a investigação (2010 a 2016). A pesquisa foi realizada no acervo do Arquivo Histórico de Joinville, que mantém todas as edições impressas do referido material³³.

A análise permeou o conjunto de notícias/reportagens produzidas pelo jornal que tratam da questão da imigração haitiana para o Brasil, para Santa Catarina e, especialmente, para Joinville e que abordam questões ligadas ao imigrante haitiano na cidade. Procurou-se entender as construções narrativas no tocante aos imigrantes haitianos, bem como o papel da imprensa local nos processos políticos e culturais que envolvem o passado e o presente das experiências migratórias da cidade e a construção/reprodução de imaginários acerca dos imigrantes.

A pesquisa também se valeu de fontes orais produzidas com base na metodologia da história oral³⁴, conforme destacamos já na abertura deste item. Ferreira (2000), ao discutir os avanços ocorridos no campo da pesquisa histórica nas últimas décadas, enfatiza “a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares” (FERREIRA, 2000, p. 7). Nessa perspectiva, a autora concebe a história oral como importante e rico instrumento para a problematização de temas como memória e história. Com base nessa compreensão, a história oral foi tomada como eixo primordial para o entendimento dos deslocamentos migratórios de haitianos e suas vivências em Joinville. A produção de narrativas pelos próprios haitianos, com base em suas histórias de vida, permitiu a análise das questões que envolvem o processo de imigração, bem como os sentidos atribuídos à sua chegada e permanência na cidade, às redes de sociabilidade e aos meios comunicacionais utilizados para sua integração no espaço urbano. Como afirma Alberti (2005, p. 165), “uma das

³¹ O jornal já foi fruto de estudo desenvolvido por Ternes (1983) e problematizado por Gruner (2003).

³² O jornal foi fundado em 1923, adquirido pelo Grupo RBS em 2006 e atualmente pertence ao Grupo Nossa Santa Catarina (NSC). Com tiragem média de circulação diária de 22 mil unidades e 30 mil aos domingos, circula no norte e nordeste do estado de Santa Catarina. Sua versão *online*, lançada em 2012, com foco em Joinville e região, chegou a ter mais de 961 mil usuários (outubro de 2016), e o periódico tem mais de 502 mil seguidores em suas redes sociais (outubro 2016), com abrangência de 75 municípios catarinenses. Informações disponíveis em: <<http://portfoliodemidia.meioemensagem.com.br/portfolio/midia/A+NOT%25C3%258DCIA/14419/home>>; <<https://assinanterbs.com.br/portal/portal-do-assinante/sobre/institucional>>; <<http://comercial.gruporbs.com.br/veiculos/a-noticia/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

³³ Ao iniciar o processo de pesquisa, realizou-se um estudo detalhado acerca da política de organização editorial do jornal *A Notícia*, pensando em compreender como se dão a divisão do jornal, entre as seções de abrangência estadual e local, e a divisão interna de espaços para o enquadramento de temas considerados policiais, culturais, econômicos, políticos etc. Todos os itens examinados foram sistematizados em planilhas, de forma a facilitar o acesso posterior para análise.

³⁴ Em relação à problemática envolvendo os usos da história oral, ver: AMADO; FERREIRA, 1996; FERREIRA; FERNANDES; ALBERTI, 2000; POLLAK, 1989.

principais riquezas da história oral está em permitir o estudo das formas como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”.

Longe de um reflexo cristalino dos eventos, o que se busca na história oral são as subjetividades que atravessam o discurso e dão sentido à experiência. A história oral, dessa forma, humaniza a história, evidenciando a sua característica mais basilar: ser construída por pessoas (PORTELLI, 1996). A compreensão e a interpretação do que explicitam as pessoas em suas entrevistas devem estar umbilicalmente ligadas ao compromisso ético que o pesquisador deve assumir ao utilizar a metodologia da história oral, pois está lidando com a construção de subjetividades permeadas por sentidos e significados. Para Portelli (1997b, p. 29), “nossas interpretações e explicações coexistem com as interpretações contidas nas palavras que reproduzimos de nossas fontes e, ainda, com as interpretações que os leitores fazem delas”.

Para Thomson (2002), a história oral como metodologia traz uma importante contribuição para a compreensão dos processos migratórios. O testemunho oral e a história de vida carregam consigo a “‘complexidade do real processo da migração’ e mostram como [...] repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades” (THOMSON, 2002, p. 345). Assim, não se trata apenas de completar informações não trazidas pela documentação escrita, mas sobretudo de apreender os efeitos dos processos migratórios a partir dos sujeitos que o vivenciaram.

Ainda no que se refere à utilização da metodologia da história oral para o estudo dos processos de migração, Coelho (2010) lançou em seu percurso metodológico algumas questões fundamentais para a interpretação das narrativas produzidas pela história oral: “De quais lugares fala o sujeito? Qual relação pode se estabelecer entre esses com aquilo que narra? Qual o presente que ele olha para fabricar o passado como narrativa, incluindo suas memórias sobre a migração?” (COELHO, 2010, p. 197). Reafirma a importância da oralidade quando “pelas interrupções, digressões, repetições e correções explicita o caráter processual, construtivista e social da narrativa e da memória”. Além disso, as narrativas de migrantes contribuem “para se compreender os enredos sobre a cidade que dizem respeito tanto às subjetividades dos narradores quanto àquelas que eles referenciam” (COELHO, 2010, p. 194).

Para Pollak (1989, p. 4), a história oral, “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, [...] ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional”. O autor avança e politiza a discussão, situando a memória no campo dos conflitos e dos tensionamentos sociais, já que lutas pela memória passam necessariamente

pela disputa e por enfrentamentos de poder. Para Rouchou (2003, p. 4), as narrativas de memória advindas da história oral permitem mais participação dos sujeitos, “uma vez que é através dos relatos que as vozes até então sem espaço, podem ser ouvidas e lidas”. A relação entre o entrevistador e o entrevistado é de partilha. O entrevistado, segundo a autora, não é um informante, mas um parceiro. O que ocorre é uma conversa em que os principais objetivos são “ouvir e conhecer as vivências, suas lutas e significados” (ROUCHOU, 2003, p. 4)³⁵.

Ao utilizar a metodologia da história oral, é preciso ter presentes as tensões entre memória, esquecimento e silêncio, já que se está diante de narrativas que podem suscitar e articular medos, ressentimentos, estranhamentos, expectativas e desejos de futuro no tocante às experiências de (re)territorialização na cidade. Existem nas lembranças zonas de sombra, de silêncios, de “não ditos” (POLLAK, 1989). As fronteiras desses silêncios e “não ditos” não são estanques e estão em perpétuo deslocamento. Nesse sentido, a memória dos imigrantes precisa ser inserida no contexto dos conflitos e das tensões que envolvem o processo da migração, seus deslocamentos e os jogos de recusa e de pertencimento no local de destino.

Faz-se necessário salientar que a memória é sempre instigada pelo presente. Com base nele, revisita-se e reatualiza-se o passado. Segundo Pollak (1989, p. 8), é preciso “reconhecer a que ponto o presente colore o passado”. O imigrante é impulsionado a lembrar estando no presente. Logo, pensa não como haitiano apenas, mas como imigrante haitiano. Carrega consigo a carga simbólica e histórica de ser imigrante, e suas lembranças advêm do lugar do “desterrado”. Na narrativa há um enquadramento de sua memória baseado naquilo que experiencia no presente. Esse enquadramento tem sua fonte nos dados da história, e, “pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” (POLLAK, 1989, p. 9).

Para construir o percurso de preparação com vistas a realizar as entrevistas orais, pautou-se na experiência do Laboratório de História Oral (LHO) da Univille (COELHO; SOSSAI, 2016) e em Ribeiro (2015), que explicita o método da história oral como ferramenta de pesquisa. No que se refere à história de vida, a autora afirma que a entrevista pode abarcar toda a trajetória do entrevistado, desde sua infância até o momento presente, além de levar em conta as “conjunturas políticas, socioeconômicas e culturais nas quais está inserida” (RIBEIRO, 2015, p. 78). Nessa visão, essa metodologia “propõe o cruzamento de três níveis de

³⁵ Rouchou (2003) refere-se à sua experiência como pesquisadora quando da realização das entrevistas orais com os exilados/imigrantes judeus do Egito que vieram para o Brasil, mais especificamente para o Rio de Janeiro, depois da Segunda Guerra Mundial. Ver: ROUCHOU, 2008.

contextualização: individual, institucional e macrosocial” (RIBEIRO, 2015, p. 78). A autora ainda indica como etapas da pesquisa vários momentos que envolvem desde a definição do entrevistado, a pesquisa exploratória em preparação à entrevista, a elaboração do roteiro, a realização das entrevistas em si até o tratamento dado aos depoimentos pós-entrevista.

Para as entrevistas orais, definiu-se o universo inicialmente entre os imigrantes participantes ou indicados pela Associação Imigrantes Haitianos de Joinville³⁶ e, entre eles, aqueles que falam e compreendem o português. O objetivo foi a constituição de um banco de narrativas de histórias de vida desses imigrantes³⁷. Partiu-se do princípio de que não existe um imigrante haitiano, mas haitianos imigrantes no plural, com singularidades e histórias próprias.

O roteiro de entrevistas foi organizado em quatro blocos temáticos: trajetória de vida até o estabelecimento em Joinville; o processo de imigração para o Brasil e para Joinville; percepções sobre a imigração e a condição dos imigrantes na cidade e suas redes de sociabilidade, apoio, lazer etc.; e interações com parentes e amigos deixados no Haiti. É importante ressaltar que história oral consiste em uma metodologia de pesquisa qualitativa, e não quantitativa, e sua utilização pode ajudar a entender o que está além dos dados demográficos, das estatísticas oficiais e das narrativas jornalísticas. Procurou-se contemplar perfis específicos de imigrantes haitianos: trabalhadores de uma grande indústria metalúrgica de Joinville que emprega atualmente muitos imigrantes haitianos, imigrantes que estão cursando a universidade, membros da direção da Associação Imigrantes Haitianos de Joinville e trabalhadores imigrantes em empresas de prestação de serviço. Foram feitas dez entrevistas com imigrantes haitianos contemplando diferenças de gênero, ocupação e inserção social. Entre os entrevistados, estavam homens e mulheres, mais especificamente sete homens e três

³⁶ Criada em 14 de novembro de 2015, em reunião no Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Joinville, por articulação de alguns movimentos sociais locais envolvidos com as questões étnico-raciais, também com a mobilização feita por Padre Lucas e participação de imigrantes haitianos de várias outras igrejas. Segundo Ana Lúcia Martins, participante do Coletivo Ashanti de Mulheres Negras (em depoimento dado à pesquisadora Sirlei de Souza em 29 de abril de 2016), a assembleia de fundação da associação contou com mais de 150 haitianos. Quando perguntada sobre o objetivo da associação, disse: “*O objetivo da associação é de se ajudarem, solidariedade. Querem um espaço para organização, lazer e talvez religiosidade*”.

³⁷ Todas as entrevistas realizadas pela pesquisadora serão doadas, após a defesa da presente tese, para o acervo de entrevistas orais do LHO da Univille. “O LHO se define como um espaço de experimentação voltado à promoção e difusão da metodologia da História Oral em Joinville e outras regiões de atuação da Univille. Suas linhas de pesquisa são articuladas às do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille (Patrimônio e Memória Social; Patrimônio Cultural e Sustentabilidade), bem como as linhas que integram o Projeto Político-Pedagógico do Curso de História da Univille (Patrimônio Cultural; História Regional; História e Educação). O seu acervo é composto da doação de entrevistas orais resultantes de projetos de ensino, pesquisa e/ou extensão desenvolvidos por professores e alunos da Univille ou de outras instituições”. Informações disponíveis em: <<http://lhouniville.wixsite.com/novo/institucional>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

mulheres³⁸. O número maior de entrevistas orais com homens pode ser explicado pelo fato de as mulheres imigrantes estarem mais restritas ao ambiente privado e, portanto, terem menos domínio da língua local.

Do encontro entre a pesquisa e os imigrantes haitianos³⁹, nasceram narrativas que acompanharam toda a escrita da tese, no entanto faz-se aqui a apresentação inicial dos protagonistas da investigação, esperando que estas palavras sejam sábias o suficiente para expressar (ao menos) fragmentos da história de vida que cada um narrou. Afinal, “narrar é uma forma de estar no mundo e, dessa forma, entendê-lo” (BARBOSA, 2007b, p. 19).

Em entrevista, Whistler Ermofils (2017) apresentou um Haiti ensolarado, com brisa do mar e do qual sente muita saudade. Casado, pai de quatro filhos (dois meninos, uma menina haitiana e uma filha nascida no Brasil), é presidente da Associação Imigrantes Haitianos de Joinville e tornou-se nosso principal elo com outros imigrantes haitianos. No Brasil desde janeiro de 2012, viveu em cidades do Rio Grande do Sul e do Paraná antes de chegar a Joinville, onde trabalha em uma grande metalúrgica.

Na entrevista com Manouse Françaais (2017), o afeto transbordou. Com ela, vivenciaram-se as dores e os conflitos de uma jovem mãe imigrante. Seus filhos permaneceram no Haiti, e ela seguiu os passos de seu marido. Hoje, chora por não conseguir trazer os filhos e questiona-se se valeu a pena migrar. Manouse trabalha em uma empresa terceirizada de limpeza.

Com Roland Lanfront (2016), conheceram-se os sonhos de um jovem imigrante, solteiro e que deseja estudar muito para mudar seu destino e o de sua família. Trabalhador também de uma indústria metalúrgica, é estudante universitário e foi possível acompanhar sua trajetória até a conclusão do ensino superior. Roland mora com a irmã em Joinville, já viveu em outro país antes do Brasil e seus posicionamentos políticos ajudaram a refletir o ser imigrante contemporâneo.

Nos diálogos com Luther Jean Luiz (2017), veio à tona a perspectiva de uma família haitiana com tradição de imigração: seu pai mora na Venezuela, ele e seu irmão migraram para o Brasil e se organizam para trazer os demais membros da família para o país. Luther é um

³⁸ Importante ressaltar que, para além das 10 entrevistas orais que se apresentam a seguir, também se realizou um diálogo coletivo com imigrantes haitianos pela metodologia de grupo focal com a participação de outros imigrantes haitianos. A questão será explicada detalhadamente na sequência do texto.

³⁹ Optou-se aqui por apresentar os imigrantes haitianos que concederam entrevistas orais por ordem alfabética de sobrenome. Os dados contidos na apresentação referem-se àqueles que se tinha no momento da realização da entrevista. Ao longo da escrita da tese foram acrescentados outros elementos de sua trajetória na cidade de Joinville. São eles: ERMOFILS (2017); FRANÇOAIS (2017); LANFRONT (2016); LUIZ (2017); MICHELET (2017); PIERRE (2016; 2017); RAYMOND (2018); SANDY (2017); SEFOOD (2017); WOODY (2018).

jovem que o trabalho migrante mutilou (na mesma metalúrgica em que trabalham Whistler e Roland). Reflexivo, quer fazer Teologia e sonha em ser pastor porque acredita que esse é seu destino.

Com Jean Michelet (2017), houve a oportunidade de analisar as idas e vindas da condição migrante. Primeiro haitiano a trabalhar na grande metalúrgica já citada, ele deixou o Brasil para encontrar a mãe e a esposa no Chile. Lá teve uma filha, que recentemente conseguiu trazer para cá. Reservado e de poucas palavras, sonha em reunir toda a família e não quer mais deixar Joinville.

Shiller Pierre (2016; 2017), no Brasil desde 2013, é da diretoria da Associação Imigrantes Haitianos de Joinville e antes de chegar a Joinville viveu no oeste catarinense. Sua vida de solteiro migrante levou-o por caminhos amorosos um pouco diferentes dos demais haitianos participantes da investigação. Teve uma filha com uma professora brasileira (no oeste), migrou para Joinville em busca de melhores condições de vida e foi trabalhar na construção civil. Na entrevista de Shiller, foram ouvidos relatos densos tanto da tragédia provocada pelo terremoto no Haiti quanto das condições que envolvem o deslocamento de lá para o Brasil.

Já na entrevista com Jeana Raymond (2018), juntamente com o marido, Pierre Woody (2018), teve-se a clareza de que para os imigrantes poder falar de sua condição é um momento importante de elaboração de sua vida e de suas dores. De novo, assim como na entrevista de Manouse, puderam-se perceber as nuances de gênero. Sua condição de imigrante, mulher e negra torna a experiência da migração ainda mais intensa. Jeana compartilhou as dores da perda de um filho (um aborto espontâneo) até o preconceito vivido em seu local de trabalho.

Com a entrevista de Rose Sandy (2017), compreendeu-se mais do que nunca o significado do silêncio na produção da memória, porque seu silêncio em vários momentos da entrevista nos fez refletir sobre a intensidade das dores vividas pela tragédia no Haiti em 2010. Rose perdeu um irmão no terremoto. Encontrou um namorado haitiano em Joinville e hoje vivem juntos. Migrou sozinha e sente muitas saudades da mãe.

Jean Sefood (2017) proporcionou uma experiência que foi além da expectativa inicial. Em sua casa serviu uma sopa típica do Haiti, compartilhou histórias e uma refeição. Sua entrevista foi acompanhada de sua esposa, que pouquíssimo se manifestou por falar muito pouco o português, mas atenta fez parte de cada momento. Jean deixou um filho no Haiti e sonha em trazê-lo para o Brasil. Lá havia sido professor, hoje no seu novo país é funcionário metalúrgico.

A entrevista com Pierre Woody (2018) evidenciou a complexidade da migração. Pierre veio para o Brasil em 2014 e, depois de se estabelecer, sua esposa, Jeana, o seguiu. Em sua narrativa destaca as situações de preconceito, sua condição de transitoriedade e apresenta sua perspectiva de sucesso, uma vez que narra com orgulho suas conquistas materiais adquiridas com o trabalho migrante.

No decorrer da pesquisa, sentiu-se a necessidade de realizar mais duas entrevistas orais que foram de grande valia para a problematização de questões pontuais discutidas ao longo da tese. A primeira delas foi com a então estudante de Fotografia da Univille Amanda Alves Cerqueira Araújo (2017). Amanda desenvolveu seu trabalho de conclusão de curso sobre a presença dos imigrantes haitianos em Joinville, fotografou um grupo de imigrantes e o resultado foi exposto pelas ruas da cidade. Em torno desse ato comunicacional, que gerou várias manifestações de preconceito e xenofobia, fez-se uma análise no capítulo 3. Outro entrevistado foi o professor e ex-soldado do 62.º Batalhão de Infantaria de Joinville Cláudio Fernando Ribeiro (2018), que serviu na missão humanitária no Haiti em 2012. Sua experiência ajudou a entender os impactos da tragédia advindos do terremoto de janeiro de 2010, e sua narrativa é analisada no capítulo 5.

DESENVOLVIMENTO DA TESE

A escrita deste trabalho organizou-se em cinco capítulos, de forma a problematizar a questão da imigração haitiana, a construção do imaginário desse imigrante pela imprensa local e as estratégias desenvolvidas pelos imigrantes para a integração na sociedade local.

No capítulo 1, intitulado “Imigração, espaços e multiterritorialidades”, o objetivo inicial foi analisar os deslocamentos e a presença de haitianos em Joinville, à luz de questões interdisciplinares da história e da comunicação que problematizam a relação entre a construção de territórios simbólicos e a multiterritorialidade. O percurso de pesquisa começou com a investigação dos deslocamentos dos imigrantes haitianos para o Brasil pós-terremoto de 2010, inseridos na problemática da globalização e dos fluxos migratórios do século XXI. A análise contemplou também as questões dos estatutos jurídicos e políticos que envolvem as questões migratórias. Dados dos órgãos oficiais sobre a imigração haitiana para o Brasil, para Santa Catarina e especialmente para Joinville ajudaram a compor o cenário do processo de contextualização e ocupação territorial pelos recentes imigrantes. Apresentou-se ainda nesse capítulo a produção científica da área da comunicação que trata das questões da imigração

contemporânea, sobretudo aquelas que discutem a imigração haitiana. Também foram aprofundadas as discussões teóricas acerca dos fluxos migratórios nas últimas décadas.

Ainda nesse primeiro capítulo, examinou-se um conjunto representativo de fontes da imprensa escrita, narrativas jornalísticas que abordam a chegada, a presença e os lugares simbólicos destinados aos imigrantes na cidade. Nesse momento do texto se procurou cotejar as narrativas da imprensa com as narrativas de imigrantes, objetivando compreender os significados atribuídos por um e por outro no que tange aos imigrantes.

A análise das narrativas dos haitianos foi fundamental para entender os trajetos percorridos até a chegada em seu local de destino, os significados que atribuem à sua condição migrante e as mediações socioculturais com base em suas vivências no espaço urbano joinvilense. Averiguou-se inicialmente a narrativa produzida de maneira especial por uma das entrevistas orais realizadas, destacando o ser imigrante. Utilizaram-se em seguida as narrativas advindas da escuta dos imigrantes em um momento privilegiado de diálogo, de onde se partiu para construir todo o percurso desta pesquisa. Essa técnica de escuta denomina-se de grupo focal⁴⁰. Esse grupo foi constituído de participantes do projeto de extensão universitária, que na sua maioria eram integrantes também da Associação Imigrantes Haitianos de Joinville. Essa roda de conversa permitiu uma aproximação com os imigrantes que comporiam, no decorrer da pesquisa, o grupo de entrevistados na perspectiva da metodologia da história oral. Para além dessa aproximação inicial, teve-se a oportunidade de perceber um pouco mais o universo da imigração haitiana que se estava prestes a problematizar.

Optou-se ~~por~~ nesse primeiro capítulo contextualizar a questão da imigração e também fornecer uma espécie de contexto empírico-metodológico do caminho que foi percorrido no decorrer de toda a tese. Assim, a análise dos principais materiais empíricos – as notícias sobre imigração haitiana e as memórias dos imigrantes – aparecem nesse capítulo como a contextualização da análise aprofundada nos capítulos seguintes.

No capítulo 2, “Imigração e tramas cotidianas: percursos e narrativas”, o objetivo foi discutir o conceito de espaço imbricado com questões de território físico e simbólico, de desterritorialização e de multiterritorialidade. Optou-se por problematizar a cidade receptora do imigrante não no sentido de mapa com linhas definitivas “que só cobre[m] o visível” (ROLNIK,

⁴⁰ Técnica utilizada com frequência na área da saúde. O grupo deve ser convidado previamente e ter clareza dos objetivos da atividade. O pesquisador configura-se como mediador do grupo e deve iniciar o diálogo retomando o objetivo do encontro. Os participantes são motivados a participar do diálogo a partir de questões feitas pelo mediador. Geralmente tais grupos se realizam em forma de círculo, para facilitar a participação de todos. No caso do grupo focal deste trabalho, foi necessário apenas um encontro, por se tratar de um grupo que já se conhecia e que participou ativamente das respostas às questões propostas. Ver mais em: DEBUS, 2004; TRAD, 2009.

2016, p. 60), mas cartografá-la como um trajeto, um percurso, uma paisagem: “Nesse percurso nada é fixo; *nada mais é origem, nada mais é centro, nada mais é periferia*” (ROLNIK, 2016, p. 61, grifo do original). Dessa forma, o trajeto migrante, a ocupação dos espaços na cidade converte-se em fonte para o pesquisador, aquilo que Rolnik (2016, p. 65) chama de “estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana [...] desde os movimentos sociais, formalizados ou não, mutações de sensibilidade coletiva”, ou ainda os “fantasmas inconscientes” individuais ou de grupos. Para a historiografia, transmuta-se em “horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006) a fim de compreender o campo social.

Portanto, procurou-se analisar a imigração para além das questões geopolíticas, “seu olho molar”, mas sobretudo por sua “tensão fecunda”, de modo a ser entendida em “seu olho molecular”, buscando contemplar na problematização a “*coexistência vigilante entre macro e micropolítica, díspares, mas complementares e indissociáveis* na produção de realidade psicossocial” (ROLNIK, 2016, p. 67, grifo do original).

No tocante ao processo de imigração haitiana e levando em conta a dimensão social da desterritorialização – quem perde o controle sobre seus territórios são os mais precariamente territorializados (HAESBAERT, 2005) –, o objetivo foi entender a apropriação que fazem os imigrantes haitianos do novo território em que se instalaram. Esse território é visto como “espaço-tempo vivido”, sempre múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário da ideia de território, como algo “unifuncional” (HAESBAERT, 2005, p. 6.775).

Barbosa (2017b, p. 7) pondera o “espaço não como território físico, mas como significações da vida humana”, como “lugar de relações vividas no tempo” (BARBOSA, 2017, p. 1) – não se tratando da dimensão geopolítica, porém de um lugar carregado de significações de onde se lança o olhar para o passado e se fazem escolhas definindo os enquadramentos, os focos e os ângulos que nortearão a interpretação e a análise do vivido. Para a autora, espaço e tempo são categorias indissociáveis.

No que diz respeito ao conceito de espaço como ocupação simbólica da cidade, o diálogo deu-se também com os estudos protagonizados pelo francês Michel de Certeau⁴¹ (1998), principalmente quando sugere que o pesquisador deve estudar a cidade considerando suas práticas cotidianas e percorrer os espaços vividos para compreender de fato que o espaço urbano se constitui em práticas de lugares da cidade. Nesta pesquisa, o intuito foi apreender à

⁴¹ Sacerdote jesuíta e filósofo, estudou também história, teologia e letras clássicas. Ao longo de sua vida, interessou-se por antropologia e psicanálise. Os conceitos e as análises relacionados à vida cotidiana desenvolvidos por Certeau, bem como suas reflexões em torno dos lugares praticados na cidade, serviram como suporte para compreender algumas imbricações entre o imigrante haitiano e suas vivências no espaço urbano.

luz do teórico como as narrativas dos imigrantes se referem às formas e aos meios que mobilizam para se apropriarem da cidade e a redesenharem em sua condição de imigrante. Para Certeau (1998, p. 200), “todo relato é um relato de viagem – uma prática de espaço [...] tem a ver com as táticas cotidianas”. As narrativas, segundo ele, “permitirão precisar algumas formas elementares das práticas organizadoras de espaço: a bipolaridade ‘mapa’ e ‘percurso’, os processos de delimitação ou de ‘limitação’ e as ‘focalizações enunciativas’ (ou seja, o índice do corpo no discurso)” (CERTEAU, 1998, p. 201).

Entende-se que pela metodologia da história oral isso foi possível na medida em que se puderam constatar nas narrativas migrantes histórias (co)movedoras que trouxeram à tona os percursos da trajetória migrante e a complexidade da vida no local de destino (THOMSON, 2002), conhecendo os percursos migratórios com base nas experiências narradas pelos próprios imigrantes.

No capítulo 3, que se intitulou “Espaços vividos: tensões e narrativas cotidianas”, foram discutidas as tensões e as disputas que se desenrolam no espaço urbano contemporâneo e movimentam as vivências dos imigrantes nesse mesmo espaço, tensionamentos nem sempre visíveis. Problematizaram-se diferentes atos comunicacionais—que são veiculados ora na imprensa escrita, ora nas redes sociais, e por vezes nas ruas da cidade. Nesse ponto foi possível discutir o que se chamou de face violenta dos processos migratórios contemporâneos.

Problematizando as representações acerca da cultura, Hall (2016, p. 18) explicita que cultura tem a ver com “significados compartilhados” e que “a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado”. Tal reflexão torna-se fundamental para compreender como determinado sentido/significado é compartilhado em sociedade, referindo-se aqui aos sentidos atribuídos aos imigrantes e difundidos em atos comunicacionais. Para o autor:

nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as *representamos* – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos, enfim os valores que nelas embutimos (HALL, 2016, p. 21, grifo do original).

Desse ponto de vista, cabe questionar que sentidos foram atribuídos e difundidos em relação aos recém-chegados imigrantes haitianos na cidade. Os estranhamentos provocados pela chegada deles teriam relações com o fato de serem imigrantes negros em uma cidade que se autodenomina “germânica”? Questões que suscitam discussões em torno de temas sensíveis da história de Joinville, tanto de seu passado quanto do seu presente. Esses questionamentos

dizem respeito à invisibilidade, até pouco tempo, das populações negras na historiografia local⁴², bem como ao reconhecimento da diversidade étnica hoje na cidade⁴³ – Joinville possui a segunda maior população negra do estado de Santa Catarina⁴⁴.

Nesse cenário de recusas, buscou-se compreender como os imigrantes haitianos desenvolvem suas estratégias de pertencimento diante de situações de recusa, como lidam com as manifestações de preconceito e racismo e como ressignificam suas vidas migrantes diante dos desafios encontrados no local de destino.

No capítulo 4, “Tempo de narrar: o imigrante e o imaginário da imprensa”, analisaram-se em primeiro lugar as produções da imprensa e suas potencialidades e limitações como fonte de e para a escrita da história. Em seguida, o foco de pesquisa firmou-se na problematização da mídia no que concerne às construções de imaginários sobre a imigração e a presença haitiana em Joinville. Dois conjuntos de questões englobaram a proposta de pesquisa. O primeiro envolveu as produções narrativas quanto à presença haitiana publicadas nos jornais da cidade entre 2010 e 2016, pois, ao longo da segunda metade do século XX, os jornais, especialmente o *A Notícia*, serviram como espaço de disputa de sentidos acerca da história de Joinville e das mudanças nela impulsionadas pelos processos migratórios. Investigou-se como e em que termos os jornalistas e os demais colaboradores enunciaram e produziram significados sobre a imigração haitiana e sua relação com a cidade. Quais imaginários sobre os haitianos foram construídos? Quais jogos tais imaginários suscitam, fortalecem ou impulsionam? Em que medida esses imaginários foram e são apropriados para (re)estabelecer vínculos de pertencimento ou de recusa identitária? Para responder a tais questões, faz-se necessário compreender as categorias, tempo, imaginário e narrativa.

Para Ricoeur (2010, p. 315), os vestígios e os imaginários podem servir como “conectores que marcam a instauração do tempo histórico”. Tais conectores permitem pensar e agir sobre o tempo histórico. Conforme o autor, “a história [...] *reinscreve* o tempo da narrativa no tempo do universo” (RICOEUR, 2010, p. 312, grifo do original). Nesse sentido, para fundamentar as reflexões em torno dos processos migratórios e a questão da temporalidade, utilizou-se especialmente Barbosa (2007b, p. 4), quando, apropriando-se das reflexões de Hartog sobre o tempo, expõe:

⁴² Ver Guedes (2007) e Cunha (2008).

⁴³ Ver: Coelho (2011).

⁴⁴ Aprofundou-se essa questão no capítulo 3. Joinville tem a maior população de pardos do estado (57 mil). Em relação aos declarantes negros, é a segunda de Santa Catarina, com 13 mil. Florianópolis tem 20 mil negros (KREIDLOW, 2015).

“De um lado há o tempo dos fluxos, da aceleração e da mobilidade” (HARTOG, 2014, p. 14), e de outro há o tempo dos que continuam excluídos pela lógica perversa do capitalismo, em que se vivencia a permanência do transitório, nas relações de precarização do trabalho, o presente sem passado dos deslocados, dos que vivem as múltiplas diásporas sociais e onde não há um futuro, já que o tempo dos projetos nunca esteve aberto para eles.

O desafio foi entender como a imprensa escrita dá visibilidade para as diferentes temporalidades vividas pelo imigrante em seu processo de deslocamento e chegada ao local de destino. A questão envolveu como do presente tais narrativas acionam o passado e prospectam o futuro de Joinville nas (e pelas) imigrações transnacionais, especialmente a de haitianos. Considerando que a imprensa se constitui em atos comunicacionais que exprimem por intermédio de narrativas a forma como uma época vivencia sua temporalidade, Barbosa (2007b, p. 11) afirma:

É, portanto, a partir desses jogos com o tempo que podemos considerar os rastros e vestígios que do passado chegam até o presente, permitindo recontar histórias que envolvem prioritariamente as ações comunicacionais do passado que continuam durando com espessura no presente.

Já o aprofundamento pertinente à noção de imaginário e sua produção/reprodução pelas narrativas de imprensa foi feito tendo em vista as reflexões de Ricoeur (2010), Castoriadis (1982), Durand (1989) e Pesavento (1995). Em primeiro lugar, entendeu-se que o imaginário “necessariamente trabalha sobre a linguagem, é sempre representação e não existe sem interpretação” (PESAVENTO, 1995, p. 15). Para Ricoeur (2010, p. 312), problematizando a ficcionalização da história, “o imaginário se incorpora à perspectiva de ter-sido, sem enfraquecer sua perspectiva ‘realista’”. Dessa forma, interessou aqui problematizar se os imaginários produzidos em Joinville no tocante aos imigrantes haitianos, pela narrativa jornalística, se aproximam ou se afastam daqueles produzidos no passado relacionados a outras levadas de migrantes que compuseram a história da cidade. Nessa ótica, a análise procurou identificar se se trata (ou não) de narrativas que procuram fixar/reproduzir imaginários duráveis, estáveis e homogêneos.

A compreensão da narrativa jornalística, como reflete Motta (2013), revela a forma como o mundo se expressa e se manifesta simbolicamente. A narrativa é apresentada como um dispositivo de poder e persuasão, sobretudo quando analisada como atos/processos comunicacionais. Argumenta o autor que o enunciado narrativo pode ser entendido como “uma estratégia enunciativa que visa atrair, envolver e convencer o interlocutor, trazê-lo para o jogo

da construção compartilhada de sentidos (ainda que muitas vezes essa cooperação possa ser conflituosa)” (MOTTA, 2013, p. 11, grifo do original).

Seguindo a reflexão em torno das narrativas jornalísticas, Resende (2009, p. 33) afirma: “O ato de narrar, através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo”. Para o teórico, entender a narrativa jornalística como um lugar privilegiado de produção de conhecimento é enfatizá-la como articuladora de “estratégias de poder e como parte de um processo no qual representações e mediações são indissociáveis” (RESENDE, 2009, p. 36).

Por fim, no capítulo 5, “Multiplicidade de vozes: construindo o si mesmo”, o objetivo foi perceber as construções memoráveis presentes nos jogos declarativos dos próprios imigrantes que com base em diversos trabalhos de memória reconstróem suas trajetórias, ressignificando o passado a partir do presente e produzindo ao mesmo tempo a ideia de um futuro como expectativa. Ricoeur (2007, p. 444), ponderando sobre as lembranças e as persistências dos rastros da memória, diz: “Na verdade, ela não progride, ela regride, recua, remonta”; “é no próprio movimento da recordação” que acontece a “lembrança pura”, e nesse processo em busca de uma “lembrança-imagem” ocorrem movimentações complexas, em que de forma contínua se dá o processo de “reaprender o passado no presente, a ausência na presença”, experiências com o tempo e do tempo.

Destaca-se o caráter fragmentado dessas histórias migrantes, afinal o desafio consiste em construir um enredo mais amplo com base nessas narrativas, uma vez que se está lidando com narrativas individuais e que tratam de experiências únicas. Referem-se muito mais ao desejo de ouvir as narrativas particulares, que, por sua vez, narram memórias do passado, seus sentimentos do presente e suas expectativas de futuro. Tais narrativas até podem configurar-se como representações de narrativas coletivas dos imigrantes haitianos, como cita Pollak (1989, p. 10) – “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” –, mas não necessariamente se almeja dar conta da heterogeneidade do conjunto de imigrantes haitianos na cidade.

Com base nas reflexões filosóficas produzidas por Butler (2015) sobre o significado de “narrar-se a si mesmo” por meio da interpelação do outro, buscou-se entender as narrativas elaboradas pelos imigrantes como atos comunicacionais construtores de si mesmos e ao mesmo tempo efeito de relações de poder. Ou seja, reconheceu-se o protagonismo imigrante pela problematização da narrativa da história de vida de cada um. Nesse processo, procurou-se compreender as decisões quanto ao ato de migrar e escolher seus locais de destino, bem como

de apreendê-lo em suas diversas dimensões (política, profissional, familiar e de gênero) e de identificar suas dores migrantes e as estratégias que desenvolvem para amenizá-las.

Entre as estratégias construídas pelos imigrantes visibilizadas em suas narrativas e que foram objeto de análise nesse capítulo, encontram-se as práticas comunicacionais de sociabilidades que permeiam seu cotidiano. Tais práticas envolvem os que ficaram no Haiti. Nesse sentido, as recentes tecnologias de comunicação compõem possibilidades de viver multiterritorialidades criando presencialidades que fortalecem laços identitários e afetos. Outro importante aspecto de sociabilidade entre os imigrantes haitianos ocorre por meio da prática da religiosidade como espaço de vivência e do fortalecimento da cultura e da identidade haitiana, sobretudo da prática da língua materna (o crioulo).

À medida que se realizavam as entrevistas orais, outras questões fundamentais emergiram nas narrativas dos imigrantes: o testemunho da tragédia ocorrida no Haiti, o terremoto de janeiro de 2010, a experiência do deslocamento e o sofrimento que isso causou. Assim, optou-se por também trabalhar com os testemunhos do sofrimento, procurando alcançar as ressignificações possíveis da dor e da desolação provocadas pelas perdas materiais, simbólicas e humanas advindas tanto da tragédia quanto do processo de deslocamento migrante.

Para finalizar, foram analisadas ainda as narrativas migrantes no que dizem respeito às suas expectativas de futuro. Como um sopro de esperança, nossos imigrantes planejam o dia de amanhã e idealizam o futuro desejável. Nesse ponto, suas narrativas elaboram de maneira contundente o balanço de sua trajetória migrante trazendo à tona questões provocativas e complexas a que estão submetidos os imigrantes, dimensões do ser, do pertencer, de viver e de onde morrer, complexidades de pertencimento que envolvem dois mundos imaginados, o lá e o cá.

1 IMIGRAÇÃO, ESPAÇOS E MULTITERRITORIALIDADES

O objetivo deste capítulo é compreender os deslocamentos humanos no século XXI, inseridos no processo de diásporas contemporâneas. Para tanto, são analisados os contextos recentes em que os processos migratórios se desenvolvem, bem como os fluxos migratórios à luz da globalização e imbricados com questões comunicacionais. Com o intuito de entender as relações entre migração e comunicação, traça-se um panorama das pesquisas realizadas nos últimos anos, no Brasil, na área da comunicação. Também, as questões históricas, jurídicas, políticas e simbólicas que envolvem os processos migratórios são aprofundadas no primeiro item, intitulado “Imigrações contemporâneas e diásporas do breve século XX”.

No item “Espaço, lugar e multiterritorialidade: deslocamentos textuais e conceituais”, discutem-se os conceitos de espaço, território, desterritorialização e multiterritorialização. São feitas apropriações de estudos interdisciplinares sobre a temática com os objetivos de dialogar com os conceitos apresentados e desenvolver a análise dos dados oficiais acerca da entrada de imigrantes haitianos no Brasil, situação jurídica em relação à documentação, a deslocamentos e a destinos escolhidos.

O principal foco no item “Narrativas e práticas de territorialização: espaços multidiscursivos” é problematizar a imigração haitiana a partir de 2010 para o Brasil, especialmente para Joinville, e as narrativas produzidas sobre e pelo imigrante haitiano no tocante ao seu deslocamento e a suas vivências como imigrante. Nesse tópico se problematiza um conjunto de narrativas jornalísticas no que diz respeito à presença dos haitianos em Joinville e de narrativas produzidas pelos imigrantes, por meio da utilização da metodologia da história oral. Essas primeiras entrevistas apresentadas constituem um ensaio inicial da proposta deste trabalho. Elas procuram, com densidade e profundidade, as falas, anseios, desejos, promessas e sofrimentos presentes na discursividade memorável do próprio imigrante e são objeto detalhado de reflexão, sobretudo na última parte desta tese.

Optou-se por neste primeiro capítulo contextualizar a questão da imigração e também fornecer uma espécie de contexto empírico-metodológico do caminho percorrido no decorrer de toda a tese, por meio da análise dos principais materiais empíricos – as notícias sobre imigração haitiana e as memórias dos imigrantes.

1.1 IMIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E DIÁSPORAS DO BREVE SÉCULO XX

Os desafios históricos relacionados ao processo de globalização como a desigualdade econômica, a intolerância entre os povos, a fluidez do espaço-tempo e a força da comunicação virtual motivam uma análise das inquietações do tempo presente à luz de sua historicidade. As imigrações contemporâneas e as diásporas ocorridas durante o século XX e início do século XXI constituem objetos provocativos de investigação para o campo da comunicação, sobretudo em uma perspectiva interdisciplinar.

Os estudos mais recentes sobre os fluxos migratórios internacionais na área da comunicação têm produzido no Brasil um conjunto significativo de pesquisas, principalmente no que se refere à imigração haitiana e às representações midiáticas em torno desse processo. As investigações enfatizam as questões de cidadania, sentidos e visibilidade do imigrante haitiano. Destacam-se as pesquisas desenvolvidas e orientadas por Cogo¹ e por ElHajji², cujas contribuições ampliam a compreensão dos processos de imigração e suas imbricações nos contextos culturais contemporâneos.

Segundo Cogo (2012), há uma nova configuração dos fluxos migratórios, principalmente nos últimos anos, em que aparecem como novos destinos os países em processo de desenvolvimento, como, por exemplo, o Brasil. Tais processos migratórios, combinados com o crescente avanço das tecnologias da informação e da comunicação, têm colaborado com uma vivência de deslocamentos entre diferentes realidades socioculturais.

Cogo e Pássaro (2016), analisando a produção midiática quanto à imigração haitiana, chamam a atenção para as mudanças nos posicionamentos dos órgãos, especialmente da imprensa, no Brasil em período recente. Dizem que “o quadro de sentido mobilizado

¹ Denise Cogo é professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, onde coordena o Grupo de Pesquisa Interculturalidade, Cidadania, Comunicação e Consumo. Atua na área de comunicação, com ênfase nas interfaces entre comunicação, mídia, interculturalidade, consumo, recepção, migrações transnacionais, movimentos sociais, redes sociocomunicativas e cidadania. Coordena atualmente o projeto de pesquisa Comunicação, Consumo e Cidadania das Migrações Transnacionais: Ativismos e Usos da Internet por Haitianos e Haitianas no Brasil. Mais informações em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4700302T1>>. Acesso em: 29 jul. 2017. Suas publicações relacionadas ao tema são: COGO; PÁSSARO, 2016; COGO; SILVA, 2016; COGO, 2014a; 2014b; 2015a; 2015b; 2016; COGO; ELHAJJI, 2012; COGO; BARTH; MARTINES, 2016.

² Mohammed ElHajji é doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutor pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em Mídia e Migrações. Professor associado da Escola de Comunicação da UFRJ (ECO-UFRJ). Professor nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (POS-ECO) e Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Eicos). Suas pesquisas são focadas na questão migratória transnacional, diaspórica e intercultural: identidade, cultura, etnicidade e alteridade. Atualmente coordena o projeto de pesquisa intitulado Webdiásporas.br: Migrações, TICs e Identidades Transnacionais no Brasil. Mais informações em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790657T2>>. Acesso em: 29 jul. 2017. Suas publicações relacionadas ao tema são: ELHAJJI, 2013; 2014; 2017; ELHAJJI; ESCUDERO, 2016; ELHAJJI; HUERTAS; COGO, 2012; ELHAJJI; SODRÉ; TEMER, 2015.

inicialmente para interpretar a imigração haitiana ao país – uma ‘fuga’ do Haiti, da ‘miséria’ e do ‘desastre’ – é substituído por outro – o de ‘invasão haitiana’ ao Brasil” (COGO; PÁSSARO, 2016, p. 13). Contudo, para os autores, não é possível afirmar a existência de uma posição hegemônica da imprensa diante das motivações e dos efeitos dessa imigração na sociedade brasileira.

ElHajji tem direcionado suas pesquisas para as questões da imigração e comunicação virtual, nomeadas por ele de *webdiáspora*, sob as quais se configuram novas frentes investigativas da interculturalidade. Conforme o autor, o “viés intercultural promove uma sociabilidade baseada no contágio social e subjetivo, na tradução, na hibridização e na contínua reformulação dos princípios identitários do indivíduo, do grupo e da sociedade na sua totalidade” (ELHAJJI, 2012, p. 37). Segundo seu pensamento, no contexto da globalização, os deslocamentos humanos implicam as dinâmicas de diferentes culturas, provocando vivências entrecruzadas e intensificando os processos de hibridização cultural.

Também importantes estudos têm sido desenvolvidos por Escudero (2013), que investiga a produção da cidadania nos espaços comunicacionais virtuais, em que “é possível observarmos uma espécie de reorganização territorial das experiências e práticas dos próprios imigrantes e demais atores envolvidos no processo migratório, baseada em relações interculturais e multiterritoriais” (ESCUADERO, 2013, p. 1-2).

Nesse sentido, as pesquisas em comunicação identificam o imigrante como protagonista em seu processo diaspórico, na medida em que mostram que não há deslocamentos apenas do imigrante, mas das culturas que lhe afetam e que são afetadas e tensionadas pelas próprias vivências e contingências da imigração. Canclini (2015b, p. 31), refletindo sobre o papel das teorias da comunicação na problematização dessa temática, afirma “que a conexão e a desconexão com os outros são parte da nossa constituição como sujeitos individuais e coletivos” e que considerar “o espaço *inter* é decisivo” para uma análise que permita “compreender os fracassos políticos” e históricos e indicar caminhos interculturais futuros.

Por diáspora, historicamente se compreende o processo de dispersão de um povo. Para Hall (2003, p. 32), “o conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o de dentro e o de fora”. Já Cogo (2012, p. 47) observa “diáspora como uma identidade coletiva” que não está limitada ao contexto pós-colonial, mas a “toda situação de dispersão da população migrante pelo mundo e no interior do próprio país de migração”.

Tal perspectiva, ao considerar as dimensões culturais e comunicacionais e as implicações com as tensões identitárias provocadas pelo processo de imigração transnacional, possibilita questionar a tradicional vertente teórica que concebe os processos migratórios como resultantes de determinações econômicas e o imigrante como efeito delas. Sobre isso, procura-se ao longo do capítulo trazer as reflexões desenvolvidas por Appadurai (2004) e Sayad (1998), bem como as contribuições das mais recentes pesquisas que abordam o imigrante como um ator/agente cultural que interfere e promove alterações nas dinâmicas socioculturais das sociedades de imigração e de emigração. Para ElHajji (2012, p. 34), as “idas e voltas ou idas sem volta que, a cada troca, enriquecem a experiência humana, a transformam e lhe dão um novo sentido; não apenas para o migrante, mas também para a população local que o recebe e aquela outra que fica na terra de origem”.

Para além das contribuições dos autores citados, há outros importantes estudos na área da comunicação sobre o processo de imigração haitiana. Destacam-se aqui as produções veiculadas nos dois principais eventos do campo: os congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e os encontros da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

Fez-se um levantamento das comunicações realizadas entre os anos de 2010 e 2016, tendo como palavras de busca “imigrações”, “migrações”, “Haiti”, “imigração haitiana” e “haitianos”. Nos anais da Intercom se identificaram pesquisas³ que analisam a mídia e a presença do exército brasileiro no Haiti, a repercussão do terremoto em 2010, o consumo de mídia dos imigrantes haitianos e também pesquisas que problematizam a cidadania na condição do imigrante haitiano no Brasil.

Nos anais da Compós, foram localizadas comunicações publicadas por Cogo, ElHajji e seus parceiros de pesquisa⁴. Entre elas, ressalta-se a comunicação intitulada “A ‘foto roubada’: mídias, visibilidade e cidadania da imigração haitiana no Brasil”, de Cogo e Pássaro (2016). Nela são abordadas questões bastante pertinentes sobre a imprensa e a construção de imaginários acerca do imigrante, bem como do papel e das imbricações éticas da mídia ao dar visibilidade à condição ou aos acontecimentos que envolvem essas populações migrantes.

No que diz respeito à produção de teses e dissertações, foi feito um levantamento dos trabalhos defendidos entre o ano de 2010 e o primeiro semestre de 2017 nos programas de pós-

³ Ver: ALMEIDA *et al.*, 2016; SOUZA, S., 2016; ESCUDERO, 2013; AGOSTINHO, 2011; BITTENCOURT; VENAGAS, 2011.

⁴ Ver: COGO; PÁSSARO, 2016; ELHAJJI, 2016; COGO; SILVA, 2015; ELHAJJI; ESCUDERO, 2015.

graduação no Brasil⁵. Salientam-se especialmente os programas da área de comunicação e as investigações desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialmente a pesquisa de Ávila (2016), que problematiza os atos comunicacionais de imigrantes haitianos em Curitiba (PR), suas relações com a sociedade local e o papel das organizações de apoio aos imigrantes. A aproximação do presente trabalho com esse estudo se localiza na análise da contribuição desses processos para aquilo que o autor chama de “reconstrução identitária”. No Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Cardoso (2013) procura compreender como o jornalismo aborda a questão do refúgio/refugiados e em que medida contribui para a construção da imagem desse refugiado utilizando os elementos que destacam a guerra e/ou a paz. Interessam aqui o percurso metodológico dessa pesquisa e a análise realizada em torno das reportagens jornalísticas sobre o tema.

Já no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação Social (PÓS-ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a aproximação dá-se com o tema de pesquisa de Escudero (2017), que problematiza os processos contemporâneos de migração e a construção e expressão das identidades sociais e culturais, bem como processos produzidos pelos meios virtuais de comunicação, intitulado como *webdiáspora*. Também sobressai a pesquisa de Campos (2015), que pondera sobre a produção da imprensa brasileira nos últimos 200 anos e seu papel na construção da imagem do estrangeiro. Ambas as pesquisas contribuem para o

⁵ A pesquisa foi realizada nas páginas virtuais dos seguintes programas: UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação; Universidade de São Paulo (USP) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais; PUC-SP – Programa de Estudos e Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica; Universidade de Brasília (UnB) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Universidade Metodista de São Paulo (Metodista) – Pós-Graduação em Comunicação Social; Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Programa de Pós-Graduação em Multimeios; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social; Unisinos – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação; Universidade Federal Fluminense (UFF) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea; Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Universidade Paulista (Unip) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social; Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação; e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Pós-Graduação em Comunicação. Também foram localizadas pesquisas sobre o processo de imigração haitiana para o Brasil nos seguintes programas: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Administração da Unisinos, Programa de Pós-Graduação em História da PUC-RS, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP, Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mestrado em Direito Político e Econômico), Pós-Graduação em Sociologia e Direito da UFF, entre outros.

percurso metodológico desta tese, ainda que não trabalhem especificamente com a imigração haitiana.

Ressaltam-se ainda as pesquisas sobre haitianos em Santa Catarina, como é o caso das investigações desenvolvidas por Magalhães⁶ vinculadas ao Observatório das Migrações da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)⁷.

Historicamente cabe ainda abordar os fluxos migratórios internacionais que marcaram o “breve século XX”, expressão cunhada por Hobsbawm (1995). O autor problematiza esse período identificando três conjunturas. A primeira nomeia como “a era da catástrofe”, analisando o contexto que vai da Primeira Guerra Mundial até o que ele denomina de fim dos impérios. Na segunda conjuntura o foco é a análise dos acontecimentos decorrentes da Guerra Fria, dos processos das revoluções culturais e sociais das décadas de 1960/70, provocadas pela explosão da vida urbana e pela ação de uma parte significativa da juventude mundial em conjunto com os movimentos de trabalhadores. Nessa conjuntura dá também destaque ao peso demográfico dos países do Terceiro Mundo, que, após os processos de descolonização, passaram a representar forte pressão na geopolítica dos poderes instituídos. Por último, identifica o fim do século como um momento de “desmoronamento” dos projetos de futuro decorrente das crises político-ideológicas e dos sucessivos colapsos econômicos tanto do capitalismo quanto do socialismo.

Ainda no panorama traçado por Hobsbawm (1995) em relação ao fim do século XX, há destaque para a crise do Estado-nação, fragilizado pelas forças políticas e econômicas supranacionais ou transnacionais e, em algumas partes do mundo, pelas forças infranacionais (de regiões e grupos étnicos separatistas). Diz o autor: “Talvez a característica mais impressionante do fim do século XX seja a tensão entre esse processo de globalização [...] e a incapacidade conjunta das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodarem a ele” (HOBSBAWM, 1995, p. 24). É nesse cenário que se configuram o complexo mapa geopolítico contemporâneo e os processos migratórios internacionais.

⁶ MAGALHÃES, L. F. A., 2013; 2014a; 2014b; 2017; MAGALHÃES; BAENINGER, 2016.

⁷ O Observatório das Migrações de Santa Catarina foi fundado em 2013, por meio de um projeto do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com os objetivos de analisar fluxos migratórios no estado de Santa Catarina no passado e no presente e também discutir, propor e acompanhar políticas públicas em relação aos migrantes e refugiados. A coordenação do observatório é da professora Gláucia de Oliveira Assis. Observações obtidas por *e-mail* em 30 de agosto de 2017.

As reflexões produzidas por Appadurai⁸ (2004) e Sayad⁹ (1998) sobre os processos diaspóricos contemporâneos também auxiliam na reflexão acerca da imigração transnacional ao longo do século XX e no século XXI.

Para Appadurai (2004, p. 17), há “diásporas de esperança, diásporas de terror e diásporas de desespero”, e elas nos conduzem à complexidade desses processos históricos. O ato de migrar tanto pode significar uma aposta em um futuro melhor ou a procura de um lugar para trabalhar e estudar quando decorrer de situações trágicas do ponto de vista político, econômico ou ambiental, como se mostrou a situação dos haitianos após o terremoto de 2010¹⁰.

O autor afirma que as migrações de massa não são fatos novos na história da humanidade. No entanto, quando se insere a imigração “em justaposição com o rápido fluxo de imagens, textos e sensações mediatizados, temos uma nova ordem de instabilidade na moderna produção de subjectividades” (APPADURAI, 2004, p. 15).

Na contemporaneidade (os estudos de Appadurai são publicados na década de 1990), a comunicação, sobretudo se pensada nos últimos 20 anos, exerce forte influência nos processos migratórios. Isso porque tanto a comunicação quanto a imigração se desenrolam em espaços transnacionais. Para o autor, ela possibilita a “imaginação”, no sentido de vislumbrar e imediatamente permitir às pessoas sua inserção virtual nesse novo mundo. “Para os migrantes, tanto as fórmulas de adaptação a novos ambientes como o estímulo para sair ou voltar são profundamente afectados por um imaginário mediático que frequentemente transcende o espaço nacional” (APPADURAI, 2004, p. 18). Isso pode ser constatado seja pelo uso de aplicativos de geolocalização, seja pelo fato de se estabelecer redes sociais com trocas instantâneas de imagens e textos, ou ainda pelo compartilhamento de narrativas de experiências, por exemplo, entre imigrantes e aqueles que vivem nos locais de origem (famílias, amigos ou interessados em emigrar).

Já para o geógrafo Haesbaert (2016), “a principal novidade é que hoje temos uma diversidade ou um conjunto de opções muito maior de territórios/territorialidades com os/as quais podemos ‘jogar’”. Dispomos ainda para esse jogo condições muito mais rápidas e

⁸ Antropólogo indiano. Mudou-se para Boston (Estados Unidos), onde se graduou pela Universidade Brandeis nos anos 1970. O autor estuda questões ligadas à globalização, centrais para os debates contemporâneos acerca das relações entre bens e mercadorias, antropologia do consumo e cultura material, conflitos étnicos e genocídios. Dedicou-se a compreender os aspectos culturais da globalização e a estudar os processos de imigração indiana. Mais informações em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862010000100009>. Acesso em: 6 ago. 2017.

⁹ Nasceu na Argélia e mudou-se para a França em 1963. Especialista nos estudos sobre os processos de imigração de argelinos para a França, descortina as relações entre migração e trabalho. Mais informações em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000100009>. Acesso em: 6 ago. 2017.

¹⁰ Conforme reportagem veiculada em: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/veja-um-resumo-da-tragedia-no-haiti-20100709.html>>. Acesso em: 30 out 2016.

diversificadas de “acesso e trânsito” por territorialidades, “elas próprias muito mais instáveis e móveis” (HAESBAERT, 2016, p. 344).

Articulado ao debate sobre a emergência de uma esfera pública da diáspora criada pelos meios de comunicação, Appadurai (2004, p. 22) afirma que essa esfera surge de confrontos provocados pela globalização, que “deslocou relações essenciais entre produtores e consumidores, quebrou muitos laços entre o trabalho e a vida familiar, obscureceu as linhagens entre locais temporários e vínculos nacionais imaginários”. As esferas públicas que nascem desse processo “integram-se na dinâmica cultural da vida urbana na maior parte dos países e continentes nos quais a migração e a comunicação de massas criam conjuntamente um novo sentido do global como moderno e do moderno como global” (APPADURAI, 2004, p. 23). Essa esfera é marcada pelos fluxos de imagens, culturas, mercadorias, capitais e pessoas.

Appadurai (2004) insere e problematiza, nesse contexto, a situação do Estado-nação e os paradoxos que emergem diante de forças e políticas de caráter transnacional. O autor destaca a fragilidade do Estado enquanto instância político-jurídica de soberania sobre um território nacional quando discute as implicações da expressão *pós-nacional*. Primeiramente, localiza a expressão como “temporal e histórica”, estando “em vias de avançar para uma ordem global em que o Estado-nação se tornou obsoleto e outras formações de lealdade e identidade tomaram o seu lugar” (APPADURAI, 2004, p. 225). Como segunda explicação, apresenta “a ideia de que o que está a emergir são formas alternativas fortes para a organização do tráfego global de recursos, imagens e ideias” e, por último, que, “enquanto as nações puderem continuar a existir, a erosão regular das capacidades do Estado-nação para monopolizar a lealdade estimula a difusão de formas nacionais plenamente divorciadas dos Estados territoriais” (APPADURAI, 2004, p. 225).

No entendimento de Hall (2003, p. 36), a fase capitalista que se intensificou no fim do século XX se estruturou em ações “mais ‘globais’, planetárias em perspectiva”, que atendem a “interesses de empresas transnacionais, a desregulamentação dos mercados mundiais e do fluxo global do capital” e se articulam por uma estrutura de rede baseada nas “tecnologias e sistemas de comunicação que transcendem e tiram do jogo a antiga estrutura do Estado-nação”.

Para Canclini (2015a, p. 21), no cenário complexo mundial da contemporaneidade, “mudam as perguntas sobre o local, o nacional e o transnacional”, alteram-se significativamente “as relações entre trabalho, consumo e territórios”. Com as mudanças ocorridas no fim do século XX, as certezas desfizeram-se, a paisagem geopolítica sofreu grande transformação e um sistema transnacional passou a operar como elemento que dissipa as fronteiras culturais e ideológicas (CANCLINI, 2015, p. 19).

A esse respeito, Haesbaert (2011) aponta o fato de haver um anacronismo em iniciativas recentes de Estados que visam erigir novos ou fortalecer os já existentes muros de contenção de fronteiras nacionais: “Ao lado da fluidez globalizada das redes e da ‘desterritorialização’ (e/ou da multiterritorialidade) aparecem também os fechamentos, as tentativas de controle dos fluxos, da circulação, sobretudo da circulação de pessoas, da força de trabalho, dos migrantes” (HAESBAERT, 2011, p. 6). Dessa forma, ainda que constatemos a proliferação de “fronteiras muradas” apoiada num discurso também globalmente difundido, que as justifica como um imperativo para a segurança nacional, os muros claramente exprimem as tentativas dos Estados de “reconfigurar seu papel num mundo que já há algumas décadas busca decretar o seu debilitamento” (HAESBAERT, 2011, p. 10). Por outro lado, o uso dessa “técnica de evitação” volta-se especificamente à contenção do que o autor chama de “fluxo material de pessoas”, e não de “fluxos imateriais”, como os do capital, que, como diz, “há muito desconhecem a concretude das fronteiras e suas linhas demarcatórias” (HAESBAERT, 2011, p. 11).

Para além do debate da imigração no atual contexto dos fluxos globais, a obra de Sayad (1998) ganha relevância aqui na primeira incursão teórica concernente aos imaginários em torno da figura do imigrante. Diante da questão sobre o que é um imigrante, Sayad afirma que tanto a pergunta quanto suas possíveis respostas estão implicadas com uma perspectiva capitalista pragmática. Por isso, no capitalismo, a figura do imigrante está ligada ao valor econômico que ele potencialmente pode ou não produzir e agregar à economia de uma nação. Isso torna a condição de imigrante fundada no e pelo trabalho, condição essa superior a sua própria humanidade: “Foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele quando termina que faz ‘morrer’ o imigrante” (SAYAD, 1998, p. 55).

Além disso, pelo próprio fato de ser deslocada, a categoria imigrante remete à noção de que sua condição é sempre e indefinidamente provisória, sobretudo por não conseguir estabelecer concordância entre “o direito e o fato” em relação à imigração. Nesse processo há uma “dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório” ou “se se trata de um estado mais duradouro” (SAYAD, 1998, p. 45). Essa condição de provisoriedade se coloca “aos imigrantes, é claro, mas também à sociedade que os recebe, bem como à sociedade da qual provém” (SAYAD, 1998, p. 46). Dessa forma, “impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente” (SAYAD, 1998, p. 46). Nesse sentido, o imigrante é sempre visto pelos outros como provisório, e às vezes ele próprio nutre o sentimento de viver indefinidamente de forma provisória.

Mesmo decorridos quase 40 anos da pesquisa desenvolvida por Sayad (1998), as questões relativas ao potencial valor econômico da imigração e à condição de provisoriedade

do imigrante norteiam tanto os debates acadêmicos quanto os marcos políticos e jurídicos que regulam a entrada e a presença de imigrantes transnacionais. No Brasil, a entrada dos imigrantes haitianos e suas trajetórias no território são reguladas por meio da concessão de um documento provisório de permanência obtido na Polícia Federal e, em seguida, de carteira de trabalho. Em outras palavras, sua condição no território nacional é imediatamente vinculada a sua possibilidade de inserção no mundo do trabalho, e é essa possibilidade que oficialmente justifica e legitima sua entrada e presença no país¹¹.

Contudo, por mais que o trabalho o faça nascer e existir enquanto imigrante haitiano no território brasileiro, sua vida desenrola-se em redes de sociabilidade que estabelece ou constrói em torno de religiosidades, lazeres, organização política, amizades, laços familiares etc. Tais redes suportam suas vivências e contornam muitas vezes as violências que sofre e sente, marcando sua condição de provisoriedade e sua história de imigração.

As diásporas haitianas como processo histórico foram tema de pesquisas recentes no Brasil¹². Para o propósito desta investigação, procurou-se analisar o período de 2010 a 2016, em que ocorreu a intensificação da imigração haitiana para o país por força de duas situações: o terremoto e a estabilidade política e econômica que o Brasil vivia no período.

Segundo dados divulgados somente no primeiro mês após o terremoto (STEINMAN *et al.*, 2011) que aconteceu em 12 de janeiro de 2010 no Haiti, a contagem oficial foi de mais de 230 mil mortes, mais de 300 mil feridos e 1,5 milhão de pessoas desabrigadas. A infraestrutura, que já era precária no país, quase desapareceu. As estradas ficaram intransitáveis. Foram destruídos aeroporto, porto, hospitais, e escolas foram fortemente danificadas. Após o terremoto, a população foi atingida pela falta de abastecimento de água potável. Nos acampamentos mantidos e erguidos pelas organizações sociais como a Cruz Vermelha internacional e a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah)¹³, houve a proliferação de uma série de epidemias como a cólera. Estima-se que tenham ocorrido mais de 700 mil casos e, destes, perto de nove mil óbitos (SOUZA, 2015).

Após esses acontecimentos dramáticos, muitos haitianos emigraram para países próximos e alguns deles chegaram ao Brasil. A estabilidade econômica e política que o país

¹¹ Segundo dados do governo federal, somente no primeiro trimestre de 2017 o Brasil emitiu quase oito mil carteiras de trabalho para imigrantes. Destas, cerca de três mil foram emitidas para nacionais haitianos (CRAIDE, 2017).

¹² Ver: COTINGUIBA, 2014; HANDERSON, 2015; MAGALHÃES, F. L. A., 2017.

¹³ Foi criada por Resolução do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) em fevereiro de 2004, para restabelecer a segurança e normalidade institucional do país após sucessivos episódios de turbulência política e violência, que culminaram com a partida do então presidente Jean-Bertrand Aristide para o exílio. Mais informações em: <<http://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

vivia em 2010 está relacionada à sua escolha como destino. O Gráfico 1 disponibiliza os números de imigrantes haitianos registrados na Polícia Federal, de 2012 a 2016, somando o total de 77.077 pessoas.

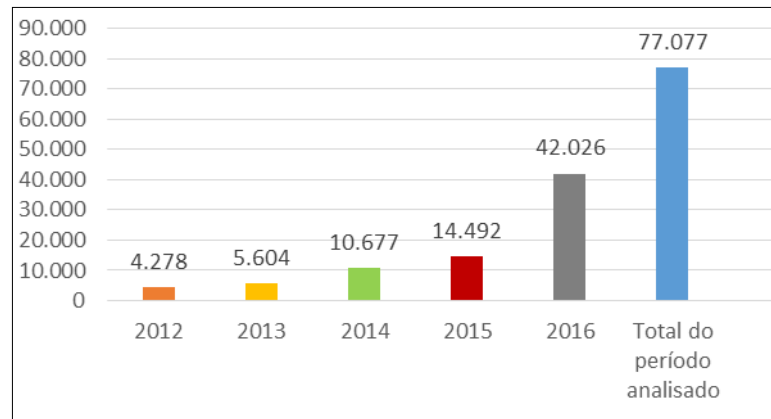


Gráfico 1 – Haitianos registrados na Polícia Federal, de 2012 a 2016
Fonte: adaptado de Instituto Migrações e Direitos Humanos (2016)

Destaca-se o ano de 2016 pelo aumento significativo de registro de imigrantes haitianos na Polícia Federal, somando mais de 50% do total. Tal aumento tem relação com a regulamentação da entrada desses imigrantes no Brasil pela Resolução n.º 097/2012¹⁴, a qual estipulou inicialmente o prazo de cinco anos para a concessão do visto permanente. Os estudos realizados pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos (2016) mostram que deve haver ainda no Brasil “um número expressivo (fala-se em 8.000 ou mais) que aguardam a publicação de seus nomes pelos órgãos responsáveis pela autorização e concessão da residência permanente”.

Para melhor compreender a situação dos imigrantes haitianos no Brasil, cumpre ainda apontar as diferenças conceituais entre os institutos jurídicos estabelecidos ora

¹⁴ De acordo com a Resolução n.º 097/2012 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e suas prorrogações (Resolução n.º 106 de 2013, Resolução n.º 113 de 2014, Resolução n.º 117 de 2015 e Resolução n.º 123, de 13 de setembro de 2016), ao nacional haitiano se poderia conceder visto permanente por razões humanitárias, condicionado ao prazo de cinco anos, nos termos do Art. 16 da Lei n.º 6.815, de 1980 (Estatuto do Estrangeiro). Com entrada em vigor da Lei n.º 13.445, de 24 de maio de 2017 (nova lei de imigração), o nacional haitiano ficou enquadrado no Art. 14 § 3.º e Art. 30, I “c” da Lei n.º 13.445/2017. Ou seja, sendo-lhe concedidos a partir de então vistos temporário e de autorização de residência temporária para fins de acolhida humanitária. A regulamentação final sobre os nacionais haitianos deu-se nos termos do Art. 36, §1.º 145, §1.º, do Decreto n.º 9.199, de 20 de novembro de 2017 (que regulamenta a Lei n.º 13.445, de maio de 2017), pela Portaria Interministerial n.º 10, de 6 de abril de 2018, exarada em conjunto pelo Ministério da Justiça, Segurança Pública, Relações Exteriores e Ministério do Trabalho, que disciplinou a concessão de vistos temporário (de 90 dias), somente concedidos na embaixada brasileira no Haiti, e de autorização de residência temporária (de dois anos) para fins de acolhida humanitária de cidadãos haitianos e apátridas residentes na República do Haiti. Dispõe a portaria que, após a cessação do prazo de dois anos, o nacional haitiano poderá requerer a autorização de residência com validade indeterminada, desde que comprovado os requisitos do Art. 7.º da portaria (I – Não tenha se ausentado do Brasil por período superior a 90 (noventa) dias a cada ano migratório; II – Tenha entrado e saído do território nacional exclusivamente pelo controle migratório brasileiro; III – Não apresente registros criminais no Brasil; e IV – Comprove meios de subsistência.).

internacionalmente, como é o caso do conceito de refugiado, ora nacionalmente, como o estabelecido pelo governo brasileiro.

Em âmbito internacional e sobre refugiados especificamente, a primeira *legislação* sobre o acolhimento de pessoas deu-se no início do século XX, com o fim da Primeira Grande Guerra, visto a movimentação humana forçada pelo conflito. Nesse período houve o deslocamento, em escala até então inédita, de pessoas “que não eram bem-vindas a lugar algum e que não podiam ser assimiladas por parte alguma” (BARICHELO; ARAÚJO, 2014, p. 65). Já na Segunda Guerra Mundial, “o problema dos refugiados tomou proporções jamais vistas. Dezenas de milhões de pessoas se deslocam por diversas partes do mundo, a maioria sob fuga do delírio expansionista nazista” (BARRETO, 2010, p. 14). Tal movimentação humana fez com que os aliados criassem a Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas (UNRRA), em 1943, que tinha como incumbência a promoção de assistência imediata aos deslocados por força da guerra.

Ainda em 1943 foi realizada pelos Aliados a Conferência das Bermudas, que definiu como refugiados “todas as pessoas de qualquer procedência que, como resultado de acontecimentos na Europa, tiveram que abandonar seus países de residência por terem em perigo suas vidas ou liberdade, devido a sua raça, religião ou crenças políticas” (BARRETO, 2010, p. 14). Percebe-se pelo teor da definição de refugiados que essa conferência abrangia somente os deslocamentos forçados ocorridos na Europa durante a guerra, desconsiderando outras situações e populações dos demais continentes.

Em 1950 se deu a fundação da Organização Internacional de Refugiados (OIR) e do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), resultando na criação, em 1951, do Estatuto do Refugiado, sob o qual a noção de refugiado “se aplicará a qualquer pessoa” que se desloque “temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas” (ONU, 1951, p. 2).

Posteriormente, outros marcos normativos ganharam destaque, como os decorrentes da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1966, em que se definiu o caráter universal e atemporal do Estatuto do Refugiado e da Convenção de Cartagena, de 1984, que além de ratificar o que já estava instituído ampliou as situações que caracterizam a condição de refugiado (ACNUR, 1984). Diz o documento que serão considerados como refugiados “as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos” (ACNUR, 1984, p. 3).

O Brasil em 1961 se tornou signatário da Convenção da ONU que estabeleceu o Estatuto do Refugiado, contudo a implantação do Estado autoritário em 1964 e da ideologia da Segurança Nacional¹⁵ não permitiu o desenvolvimento de políticas públicas de proteção aos refugiados (BARRETO, 2010). No início da década de 1980 e com o movimento pela redemocratização, houve maior fluxo de refugiados buscando permanência no país. No entanto, ao aderir à convenção de 1951, o Brasil adotou a cláusula de reserva geográfica, o que lhe permitiu conceber como refugiado somente europeus. Tal situação no Brasil foi modificada somente em dezembro de 1989 por meio do Decreto n.º 98.602¹⁶, pelo qual, por força de pressões políticas dos movimentos sociais e de organizações internacionais de direitos humanos, se suspendeu a cláusula geográfica.

Em 1997, um novo marco legislativo e político sobre essa questão de refúgio foi estabelecido no Brasil com a criação do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare)¹⁷. González (2010) salienta que com a criação desse comitê a proteção internacional de refugiados passou a ser uma política do Estado brasileiro, que por intermédio de uma instância colegiada regulamentou os direitos e as obrigações dos refugiados, entre eles o direito ao trabalho para os solicitantes de refúgio. Além disso, estabeleceu também assistência administrativa para esses imigrantes. Com tais ações, o governo buscava “soluções duradouras e a participação do Brasil como país emergente de reassentamento” (GONZÁLEZ, 2010, p. 52).

Mais de uma década depois dessas definições normativas em relação à concessão de refúgio no Brasil, o país sobressaiu no cenário mundial como destino de imigrantes. Segundo Fernandes e Faria (2012, p. 37), “o Brasil que desde a década de 1980 se definiu como um país de emigração tem experimentado, como outrora, um fluxo crescente de imigrantes, configurando-se, concomitantemente, como um país de emigração, imigração e trânsito”, sobretudo pela estabilidade política e econômica adquirida a partir de 2008/2010, momento em que passou a receber então os imigrantes haitianos.

A situação jurídica dos imigrantes haitianos no Brasil foi definida de forma específica pela legislação brasileira. No entendimento do Conare, os haitianos não se enquadravam no

¹⁵ Ver: FICO (2004); REIS FILHO (2014); SOUZA (1998).

¹⁶ Decreto n.º 98.602, de 19 de dezembro de 1989. Dá nova redação ao Decreto n.º 50.215, de 28 de janeiro de 1961, que promulgou a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, concluída em Genebra, em 28 de julho de 1951. Mais informações em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D98602.htm#art1>. Acesso em: 1.º ago. 2017.

¹⁷ Lei n.º 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 e determina outras providências. Mais informações em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm>. Acesso em: 1.º ago. 2017.

conceito de refugiados¹⁸. No intuito de regulamentar a situação desses imigrantes que chegavam cada vez mais pelas fronteiras do país, o órgão encaminhou consulta ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg), que, pressionado pela sociedade civil e pelo Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, emitiu a Resolução Normativa n.º 97, de 2012 (BRASIL, 2012), que rege desde então a situação dos haitianos em território brasileiro. Essa resolução autorizou a emissão de vistos permanentes por razões humanitárias pelo prazo de cinco anos¹⁹. Ou seja, o haitiano, em vez de receber refúgio do Estado brasileiro, recebe visto permanente de trabalho pelo período de cinco anos, prazo em que ele deve comprovar exercício de atividade remunerada. É por essa comprovação que lhe é dada a possibilidade de prorrogação do visto.

Discussões acerca da efetividade da Resolução n.º 97, de 2012, têm sido objeto de estudo em várias áreas do conhecimento²⁰. Vale contextualizar que essa medida se deu durante o período em que houve grande concentração de haitianos nas fronteiras brasileiras²¹. As

¹⁸ Entende-se como refugiado todo o indivíduo que: “I – devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II – não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III – devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (Segundo o Artigo 1.º da Lei n.º 9.474, de 22 de julho de 1997, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências). Mais informações em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm>. Acesso em: 1.º ago. 2017.

¹⁹ “Resolução Normativa CNIg n.º 97 de 12/01/2012: Art. 1.º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei n.º 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionada ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro”. Conforme Lei n.º 6.815, de 19 de agosto de 1980: “Art. 16. O visto permanente poderá ser concedido ao estrangeiro que pretenda se fixar definitivamente no Brasil. Parágrafo único. A imigração objetivará, primordialmente, propiciar mão de obra especializada aos vários setores da economia nacional, visando à Política Nacional de Desenvolvimento em todos os aspectos e, especialmente, ao aumento da produtividade, à assimilação de tecnologia e à captação de recursos para setores específicos”. Observando o que diz o Artigo 18: “A concessão do visto permanente poderá ficar condicionada, por prazo não superior a cinco anos, ao exercício de atividade certa e à fixação em região determinada do território nacional”. Mais informações em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm>. Acesso em: 7 ago. 2017.

²⁰ A polêmica envolvendo a concessão de visto por “questões humanitárias”, e não a concessão de refúgio, tem sido debatida e questionada tanto nas instâncias jurídicas quanto acadêmicas, ver: BARICHELLO; ARAÚJO, 2014; BARRETO, 2010; FARIA, 2012; GONZÁLEZ, 2010; SOUZA, 2015; TIRAPELLI; LIMA, 2015; SILVA, 2014.

²¹ “Mais de 150 haitianos vivem de doações em Tabatinga, a 1.105 quilômetros de Manaus, à espera de autorização para viver no Brasil como refugiados. A maioria veio logo depois do terremoto que destruiu o país caribenho, em janeiro, e muitos permaneceram alguns meses no município como metade do caminho até a Guiana Francesa, onde a facilidade por conta da língua falada no país, o francês, atrai os refugiados” (ALBUQUERQUE, 2010, conforme matéria de *O Estado de S. Paulo*); “em janeiro de 2010, o maior terremoto do Haiti em dois séculos matou mais de 200 mil pessoas, deixou outras 300 mil gravemente feridas e destruiu parte significativa da infraestrutura do país, um dos mais pobres do continente. Agora, as consequências da tragédia estão provocando um fluxo migratório inédito de haitianos para o Brasil. Eles buscam refúgio, sobrevivência e oportunidades de trabalho” (ROCHA; ARANHA, 2011, conforme matéria de *Época*); “o fluxo de imigrantes mudou a rotina de Tabatinga (AM), localizada na fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia. Vários grupos de até dez haitianos passam a manhã caminhando pelas ruas da região central se oferecendo para fazer bicos em troca de alguns trocados ou até de um prato de comida. Poucos têm sucesso” (ROSSETO, 2011, conforme matéria de *G1*); “o governo do Acre anunciou que o Estado está se tornando rota para a entrada de haitianos no Brasil. As autoridades estaduais estimam

condições enfrentadas por esses imigrantes na fronteira eram precárias, e sua longa espera por definições jurídicas tornava essa situação mais insustentável.

A Resolução n.º 97/2012 ainda define as razões humanitárias de concessão do visto permanente aos haitianos: “Consideram-se razões humanitárias [...] aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010” (BRASIL, 2012). A resolução previa cotas de vistos a serem expedidos, que não deveriam exceder o número de 1.200 por ano, correspondendo a 100 concessões mensais, entretanto tal cota de vistos foi revogada pela Resolução n.º 102, de 26 de abril de 2013, pelo próprio CNIg, não limitando mais o número de imigrantes haitianos que poderiam entrar no país (BRASIL, 2012).

Destaca-se também o fato de a Resolução n.º 97/2012 ter sido alvo de ação civil pública intentada pelo Ministério Público Federal, visto que havia indícios de que a Polícia Federal estava travando a entrada de haitianos no Acre. Tal ação tinha por objetivos o reconhecimento pelo governo brasileiro da condição jurídica de refugiados aos haitianos e a obrigatoriedade por parte do Estado brasileiro de prestar auxílio humanitário a eles²². O estabelecimento de um número mínimo de vistos permitidos para a entrada de imigrantes haitianos no país levanta questões sobre o controle de fronteiras e sobre a problemática dos espaços de refúgio fronteiriços no século XXI.

Mesmo que as autoridades do Estado brasileiro não tenham considerado as fronteiras do Norte do Brasil (sobretudo em 2011/2012) como um acampamento de refugiados haitianos, as notícias veiculadas pela mídia no período²³ acerca das movimentações políticas em busca de um posicionamento do governo pela definição da situação dos imigrantes sugerem que havia

a presença de pelo menos 180 refugiados no município de Brasiléia, que é separado pelo rio Acre de Cobija, a capital do departamento de Pando, na Bolívia” (MACHADO, 2011b).

²² Processo n.º 723-55.2012.4.013000 – Procurador Federal Anselmo Lopes (TIRAPELLI; LIMA, 2015).

²³ Conforme Araújo (2011), “uma semana após o senador Anibal Diniz (PT-AC) pedir ao Itamaraty um rígido controle da entrada de refugiados do Haiti no Acre, o senador João Pedro (PT-AM) saiu em defesa dos haitianos que chegam ao Brasil pelo Acre e Amazonas. Diniz pediu para a Polícia Federal (PF) barrar a entrada dos haitianos e, por consequência, a ajuda humanitária às vítimas do terremoto do ano passado no país caribenho”; “o deputado estadual Walter Prado (PDT) apresentou Requerimento à Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Acre (Aleac) nesta segunda-feira (01) para realizar audiência pública representada por uma comissão de deputados, e que deverá ocorrer na próxima quinta-feira (10) no município de Brasiléia” (RODRIGUES, 2011); “o Ministério Público do Trabalho do Amazonas elaborou um plano para ajudar os imigrantes haitianos que chegam ao Brasil. O documento foi apresentado na segunda-feira (28) para representantes de diversos órgãos, como os governos do Amazonas e de Manaus, a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), a Arquidiocese de Manaus e escolas técnicas” (ROSSETTO, 2011); “o governo brasileiro viola tratados internacionais ao barrar e dificultar a permanência de haitianos que pedem refúgio no país após o terremoto que atingiu o Haiti no ano passado, segundo nota divulgada nesta quarta-feira (1) pelo Ministério Público Federal no Acre (MPF-AC)” (MACHADO, 2011a); “o governo brasileiro estuda a possibilidade de conceder vistos de dois anos para proporcionar capacitação profissional para os haitianos no Brasil em setores como o da construção civil e do turismo. A ideia partiu do Conselho Nacional de Imigração, mas ainda está em estudos. Foi o que informou nesta quarta-feira, 11, o embaixador do Brasil no Haiti, Igor Kipman” (SANT’ANNA, 2012, conforme matéria de *O Estado de S. Paulo*).

um tensionamento em torno dessa questão. Outro indicativo de que a situação na fronteira estava preocupante foi a tomada de decisão por parte do governo brasileiro em fornecer, em média, 100 concessões mensais para a emissão de “vistos por questões humanitárias”. Essas concessões podem ser entendidas como uma forma de “diques” de controle da circulação e de diminuição da pressão. Segundo Haesbaert (2011, p. 7), esse controle “pode se dar sob uma espécie de confinamento de redes, pela produção de circuitos isolados, sob a forma de barragem ou, como preferimos, de contenção territorial, com a construção de ‘diques’”. Desse ponto de vista, o Brasil estaria entre os países que participam desse cenário conflituoso dos fluxos migratórios contemporâneos, tendo de lidar até mesmo com a pressão de consideráveis números de imigrantes nas fronteiras²⁴.

1.2 ESPAÇO, LUGAR E MULTITERRITORIALIDADE: DESLOCAMENTOS TEXTUAIS E CONCEITUAIS

Antes de problematizadas as razões para a escolha do estado de Santa Catarina, mais especificamente Joinville, como destino dos imigrantes haitianos e como espaço territorial simbólico privilegiado nesta tese, apresentam-se conceitualmente as questões de espaço e lugar a fim de entender as imbricações entre a produção de territórios imigrantes (materiais e simbólicos) e a noção de multiterritorialidade.

Há que se compreender uma cidade também em dimensão espacial, adotando a acepção de Santos²⁵ (1978, p. 122), para quem “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”, visto que o espaço é sempre produção social no tempo. Crítico do capitalismo, Santos entendia o espaço como “o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, [...] o espaço evolui pelo movimento da sociedade total” (SANTOS, 1978, p. 171).

²⁴ Como é o caso hoje (2017) dos venezuelanos: “Estado reluta em decretar oficialmente a emergência para evitar a criação de centros de triagem, abrigos e de atendimento à saúde, como ocorreu no Acre, em 2013; estima-se que mais de 30 mil atravessaram a fronteira nos últimos meses” (CARAZZA, 2017, conforme matéria de *O Estado de S. Paulo*); “o governo de Roraima pediu reforço de tropas federais na fronteira com a Venezuela. O estado é o principal destino dos venezuelanos que fogem da violência e da falta de perspectiva econômica” (REDAÇÃO, 2017, conforme matéria de *GI*); “escassez de alimentos e crise econômica fazem explodir os pedidos de refúgio de venezuelanos no Brasil e causam impasse para as autoridades brasileiras” (ROSSI, 2017, conforme matéria de *El País*); “o agravamento da crise política na Venezuela após a votação da Assembleia Constituinte de Nicolás Maduro aumentou o movimento de venezuelanos na fronteira com Roraima. Na sede da Polícia Federal em Pacaraima, cidade entre Brasil e Venezuela, centenas de estrangeiros formaram nesta segunda-feira (7), ainda pela madrugada, uma longa fila em busca de permissão para cruzar a fronteira” (BRANDÃO; COSTA, 2017, conforme matéria de *GI*).

²⁵ No Brasil foi nas décadas de 1970/80 que ocorreu a reelaboração da chamada geografia humana, movimento liderado por Milton Santos (SAQUET; SILVA, 2008).

Os conceitos de território e espaço são diferenciados em Santos (1978): “A utilização do território pelo povo cria o espaço”, contudo ambos são relacionados à medida que um necessariamente pode criar o outro. Saquet e Silva (2008, p. 8), analisando território na concepção de Santos, afirmam: “O território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo”. Já espaço “é construído processualmente e contém uma estrutura organizada por formas e funções que podem mudar historicamente em consonância com cada sociedade” (SAQUET; SILVA, 2008, p. 9). O espaço carrega o significado histórico “como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções” (SANTOS, 1978, p. 122). Nesse sentido, é importante frisar que a noção de espaço está diretamente ligada à noção de tempo e sua materialidade se expressa na configuração de um ou dos territórios.

Também para Barbosa (2017b, p. 1-2), o espaço passou a ser visto “como lugar de relações vividas no tempo”. Espaço nessa perspectiva não se refere apenas a uma questão geopolítica, “mas como lugar de significações”. Para a autora, em uma análise histórica, “é sempre espaço-tempo, seja porque as aberturas do presente em direção ao passado [...] indicam a transfiguração de um espaço em outro (o presente no passado); seja por ser o tempo ele mesmo um lugar”. Diante disso, faz-se preciso compreender a “categoria espaço, não como território físico, mas como significações da vida humana” (BARBOSA, 2017b, p. 7). Ou seja, verificar como a construção histórica ajuda a responder a questões vitais de nossa existência relacionadas à origem e ao futuro.

Seguindo os conceitos apresentados, segue a fala de Haesbaert (2011, p. 1) sobre a

ênfase dada hoje à espacialidade numa escala mais especificamente “humana”, aquela de nossa reprodução e de nossa circulação enquanto seres vivos, móveis, que necessitam de abrigo, alimento e que, a todo momento, recriam o mundo pela própria resignificação e simbolização de seu espaço-tempo.

A perspectiva dicotômica entre presente e passado, segundo o autor, não dá mais conta de explicar o que vivemos hoje, um espaço-tempo fluido, em constante movimento, ou ainda esse “presente geográfico”, passado que se contrai e, ao mesmo tempo, aberto para múltiplos caminhos e que permite a “combinação de trajetórias que incorporamos no nosso presente” (HAESBAERT, 2011, p. 1). Todavia, Haesbaert (2011) ressalva que toda essa fluidez de

espaço-tempo não escapa das estratégias do sistema capitalista nem das regras do mercado para efetivar suas ações com vistas a manter as desigualdades de direitos no que tange ao território.

Para a discussão sobre território, seguimos também os debates produzidos por Haesbaert (2005; 2007; 2011; 2016). O autor expande o conceito de território para além das definições político-administrativas e explicita a relação entre território e poder, não só o poder institucional e político, mas também o poder no sentido simbólico de empoderamento daqueles que usufruem um mesmo ou vários territórios. Diante disso, o território passa a ser visto a partir de uma trama de imbricações entre o seu estatuto jurídico, político, econômico e os usos e apropriações simbólicas que se faz do espaço. Essa é a base teórica utilizada pelo autor para a proposição das categorias “multiterritorialidades” e “multiterritorializações”.

A rigor, os processos de desterritorialização²⁶ e de (re)territorialização, comumente utilizados para compreender a condição migrante, não deveriam ser vistos como tais, já que territórios sempre estão necessariamente implicados com a ação e com os agenciamentos sociais, ainda que se refiram à fluidez e aos deslocamentos humanos. Para os imigrantes, por exemplo, territorialidade não depende na sua essência de território enquanto conceito jurídico. Territorialidade envolve ação de territorializar-se, ou seja, ações de pertencimento. “O território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (HAESBAERT, 2016, p. 79).

A discussão de territórios e multiterritorialidade é assim apresentada por Haesbaert (2007, p. 32): “Territorializações efetivamente múltiplas – uma ‘multiterritorialidade’ em sentido estrito, construída por grupos que se territorializam na conexão flexível de territórios-rede multifuncionais, multi-gestionários e multi-identitários, como no caso de diásporas de migrantes”. Ou ainda, de forma mais clara, o autor conceitua multiterritorialidade: “A vivência, concomitante ou sucessiva, de múltiplos territórios na composição de nossa territorialidade” (HAESBAERT, 2011, p. 3).

Compreendendo espaço-tempo como dimensões humanas inseparáveis produzidas por relações sociais, Haesbaert (2011) vale-se de Foucault (2008) para considerar que tais relações são necessariamente permeadas pelo poder. Por isso, essas relações têm implicações na definição de espaço e território. Sintetiza didaticamente três formas básicas de poder:

O (macro-)poder soberano, forjado fundamentalmente pelo Estado, no exercício da soberania, ou seja, no controle sobre seu território de jurisdição; o poder disciplinar,

²⁶ No livro *O mito da desterritorialização*, Haesbaert (2016) faz o percurso histórico de discussão dessa temática. Dialoga com autores como Deleuze e Guattari e sustenta a tese de que não existe “desterritorialização”, mas processos de (re)territorialização. Na perspectiva do autor, há sempre processos de construção de novos territórios.

com toda uma “microfísica” que produz a disciplina a partir da normatização do tempo e do espaço a nível individual; e o biopoder ou poder sobre a vida, que se efetua através do homem visto enquanto “população”, em seu “meio” de circulação e reprodução como ser vivente, biológico (HAESBAERT, 2011, p. 3).

Quer-se aqui destacar o biopoder enquanto categoria de análise para as questões de pesquisa envolvendo o imigrante em si e toda a rede de biopoder desencadeada pelo Estado para deter o controle sobre a população imigrante.

Essas manifestações de poder não ocorrem separadamente; é preciso combinar as ações de controle sobre as fronteiras (controle ligado à soberania do território, com autorização de uma quantidade de entradas por mês, estabelecimento de segurança na fronteira) com a implantação da normatização do tempo e do espaço (documento para autorização de entrada no país, visto provisório ou permanente, cadastro no Ministério do Trabalho via carteira de trabalho) e com as estratégias de biopoder – registro no Sistema Único de Saúde (SUS) ou Sistema Único de Assistência Social (Suas), instâncias que podem controlar o corpo enquanto doente ou saudável.

As migrações atuais, que são consideradas diásporas globais, constroem multiterritorialidades pelo mundo todo. Esses imigrantes acionam conexões dos mais variados territórios, tanto em âmbito local quanto global. Movimentam-se seja fisicamente seja virtualmente (por suas transações bancárias transnacionais, por seu contato cotidiano virtual com o local de origem), em territórios-rede. Articulam, dessa forma, estratégias de hibridismo territorial, ora com suas próprias etnias, ora com outras nacionalidades.

Compreende-se que a imigração é um processo histórico e cultural complexo que, ao mesmo tempo que revela situações de extrema exclusão e violência²⁷, também desenvolve relações que promovem interações entre o imigrante e o local de destino. Nesse sentido, são trazidas para esta tese as reflexões feitas por Canclini (2015b) quando afirma ser necessário ir para além do conceito de *multicultural*, entendido como “justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação”, propondo então o conceito de *intercultural*: “A interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas” (CANCLINI, 2015b, p. 17). É fundamental entender que esses dois termos significam formas diferentes de construir a vida em sociedade: “*Multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (CANCLINI, 2015b, p. 17, grifos do original).

²⁷ No decorrer da pesquisa foram localizados alguns fatos e atos comunicacionais ocorridos na cidade de Joinville nos últimos três anos que demonstram claramente a tensão e a violência, mesmo que simbólicas, relacionadas à imigração haitiana na cidade. São atos de racismo e xenofobia que ao longo do trabalho serão problematizados.

A interculturalidade compreendida como um processo em que os tensionamentos que acontecem são explicitados e negociados ajuda a entender os processos migratórios atuais. Reforçando o que diz Haesbaert (2016), que a imigração não implica simplesmente a desterritorialização, o sujeito imigrante está se territorializando o tempo todo, seja simbólica, seja geograficamente, produzindo, portanto, multiterritorialidades, de modo a afetar culturalmente a sociedade de recepção.

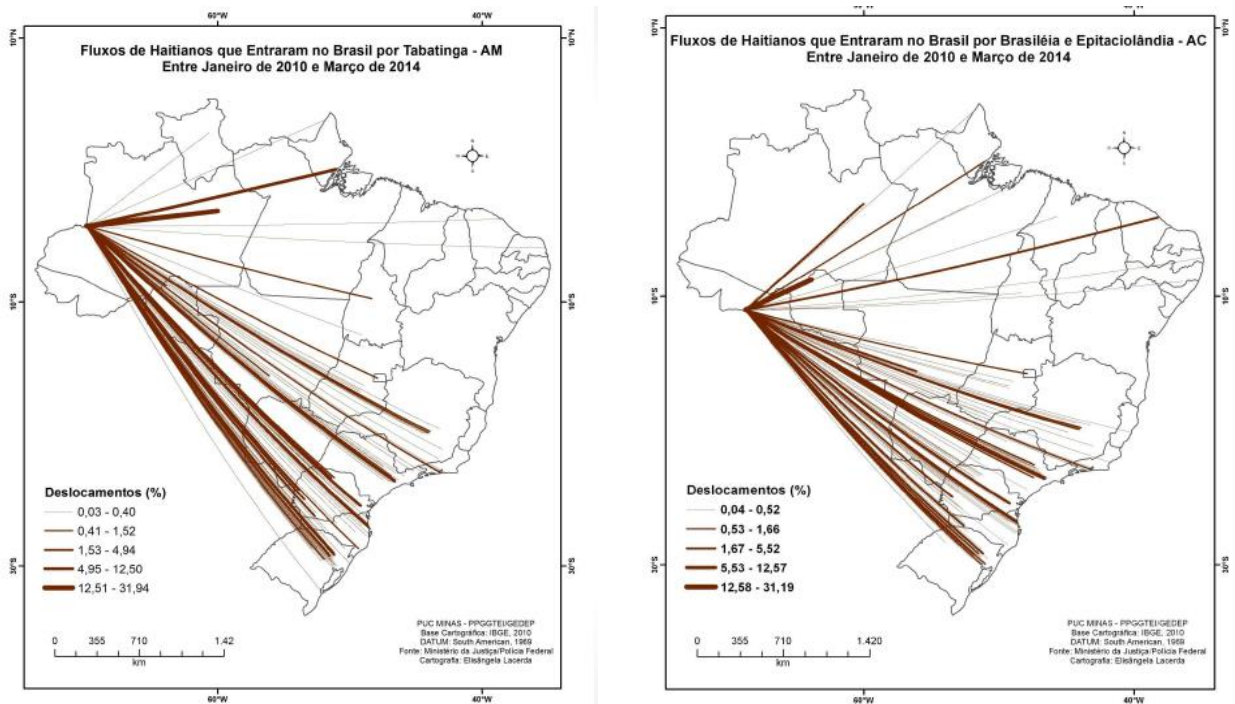
Também nas reflexões produzidas por Hall (2003, p. 47), as migrações são processos diaspóricos que levam ao hibridismo cultural: “A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de ‘pertencimento cultural’, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença” –, que, pelos processos das diásporas recentes, “estão transformando a cultura no mundo inteiro”.

Com base nas reflexões construídas em torno dos processos diaspóricos e da interação que necessariamente seus protagonistas fazem com o local de destino, passa-se a investigar os deslocamentos dos imigrantes haitianos para Santa Catarina, especialmente para a cidade de Joinville. O objetivo é entender como os haitianos narram sua condição imigrante e como a imprensa local narra tal presença. Pensando nesses atos comunicacionais, procura-se compreender as práticas de territorialização que esses imigrantes desenvolvem no âmbito da cidade, tecendo no espaço urbano o que Certeau (1998, p. 191) chama de “lugares praticados”.

1.3 NARRATIVAS E PRÁTICAS DE TERRITORIALIZAÇÃO: ESPAÇOS MULTIDISCURSIVOS

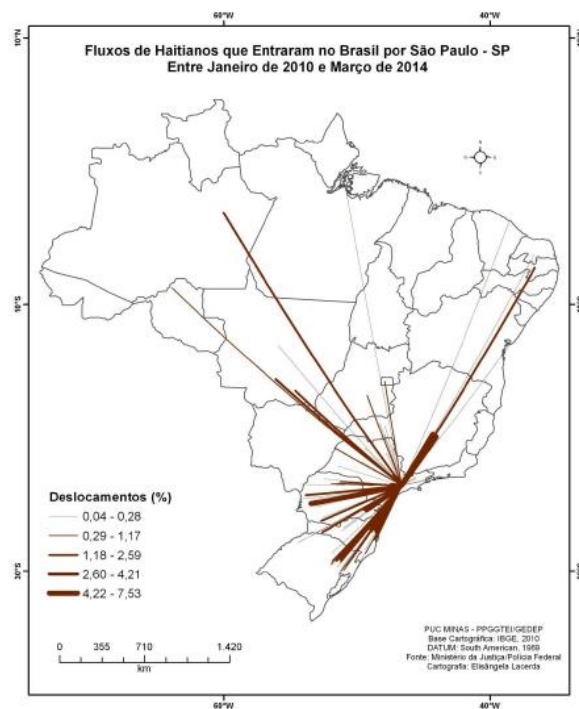
Entre aqueles que superaram os processos burocráticos e degradantes das fronteiras de entrada no Brasil, a busca por um lugar territorial, seja ele garantido pelos estatutos jurídicos, seja simbolicamente adquirido pelo sentimento de pertencimento, estava apenas começando. O mapa de deslocamento territorial dos imigrantes haitianos no país mostra que há uma rota de destino bastante sinuosa, incerta e distante.

Os estudos mostram que Tabatinga (AM), Brasileia (AC), Epitaciolândia (AC) e São Paulo (SP) (no caso daquelas pessoas que chegam geralmente pelo espaço aéreo), conforme demonstra a Figura 1, são as cidades que receberam o maior contingente de imigrantes haitianos, contudo a maior parte dos imigrantes não permaneceu nessas cidades, direcionando-se para municípios de outras regiões, como o Sul e o Sudeste.



A

B



C

Figura 1 – Fluxos de haitianos por (A) Tabatinga (AM), (B) Brasília e Epitaciolândia (AC) e (C) São Paulo (SP), de 2010 a 2014
Fonte: PUC-MINAS (2014)

Os mapas mostram que se tem um direcionamento que parte do Norte do país diretamente para estados do Sudeste e do Sul do Brasil. Também é possível verificar que entre

o contingente que chega ao país pela via aérea há a permanência no estado de São Paulo ou deslocamentos para o Sul. O Gráfico 2 demonstra que, se considerarmos os quatro primeiros estados da federação que mais recebem imigrantes haitianos, um é do Sudeste (São Paulo) e três são do Sul (Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul). Assim, Sul e Sudeste totalizam aproximadamente 80% dos registros de haitianos que optam por esses destinos.

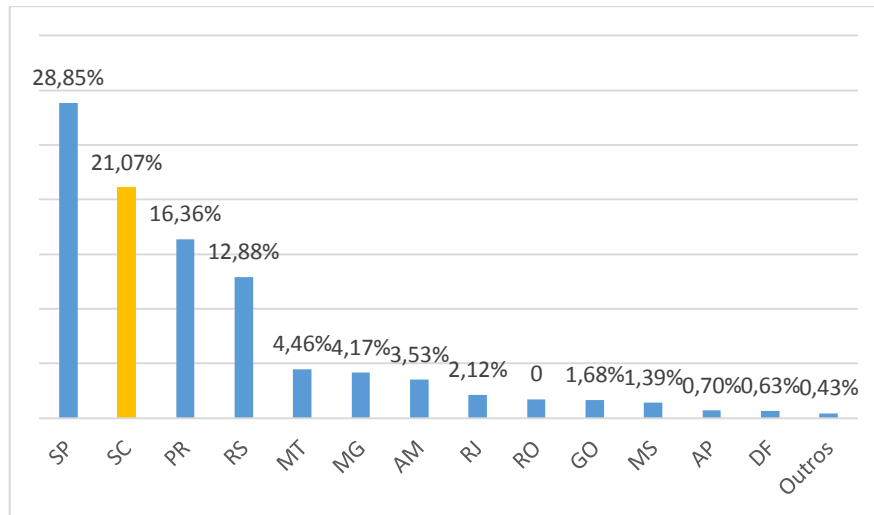


Gráfico 2 – Estados da federação e registros de haitianos

Fonte: PUC-MINAS (2014)

Como demonstra o Gráfico 2²⁸, o estado de Santa Catarina é destaque, em segundo lugar, com o maior número de registro de haitianos (21,07%). Em 2014, um dado chama a atenção. De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), 6.357 dos 23.017 imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho no país viviam em Santa Catarina, ou seja, mais de um quarto desse total (27,62%) (HAITIANOS NO BRASIL, 2015). Essa escolha, entre outros motivos, pode estar impulsionada pela narrativa midiática que apresenta essa região do país como “O Sul maravilha”²⁹.

A pesquisa desenvolvida pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) em 2014 analisou a proporção de imigrantes haitianos por cidade de residência no Brasil, no período de 2010 a 2014. Em primeiro lugar no *ranking* destaque para São Paulo (SP), com 30% do total. No que diz respeito aos municípios de Santa Catarina, aparecem Itajaí, Navegantes, Balneário Camboriú e Chapecó. Joinville não está entre as principais cidades de

²⁸ Pesquisa sobre a migração haitiana ao Brasil, por meio da análise de informações de registros administrativos, em 2014, desenvolvida em conjunto com o Ministério do Trabalho, pela Organização Internacional de Imigração e pelo Grupo de Estudos de Distribuição Espacial da População da PUC-Minas.

²⁹ A esse respeito, ver também: SOUZA, 2014; THOMÉ; DIOGO, 2014.

destino identificadas pelo estudo, entretanto os dados cedidos pela Polícia Federal de Joinville³⁰ apontam a existência de 2.280 haitianos documentados na cidade, representando percentagem significativa do total de haitianos documentados no estado de Santa Catarina, que é de 21,07% do total no Brasil (conforme o Gráfico 2). Os dados anunciados em reportagens no ano de 2015³¹ já indicavam esse contingente de imigrantes na cidade.

Nos dados apresentados pelo Gráfico 3 acerca dos registros no Brasil, também se identifica em Joinville uma concentração de pedidos de regulamentação na Polícia Federal nos anos de 2015 e 2016. Como já dito anteriormente, pela legislação à época (em 30 de outubro de 2016), vencia a normativa que garantia aos imigrantes haitianos a documentação de “visto por questões humanitárias”. Esse fato pode explicar o crescimento vertiginoso da documentação oficial de permanência no Brasil e também em Joinville. Tal contingente de imigrantes, apresentado no Gráfico 3, torna-se significativo quando se leva em conta que, pelos dados do censo populacional de 2010, Joinville apresentava população total de estrangeiros de 1.366 pessoas (578 mulheres e 788 homens) (IBGE, 2015b), número muito inferior de imigrantes haitianos do que o registrado pela Polícia Federal em Joinville nos últimos cinco anos.

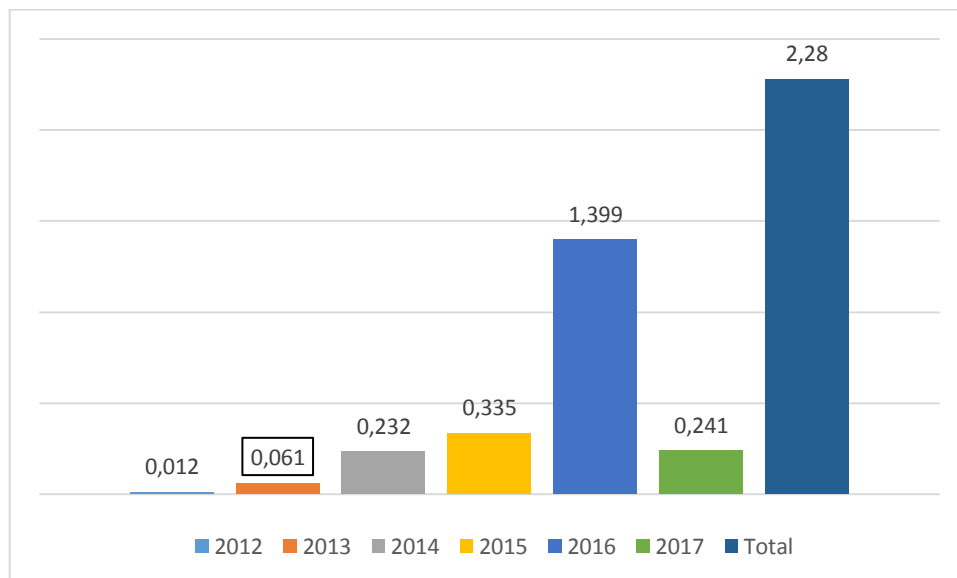


Gráfico 3 – Quantidade de imigrantes (por mil) vindos da República do Haiti
 Fonte: documento cedido por mensagem eletrônica pela Polícia Federal de Joinville (2017)

³⁰ Informações obtidas por mensagem eletrônica do Serviço de Informação ao Cidadão, da Polícia Federal, em 2017.

³¹ Em maio de 2015, a prefeitura indicava 700 imigrantes haitianos na cidade de Joinville, e a Polícia Federal, mil (A NOTÍCIA, 2015). No mesmo ano, em agosto, as entidades de movimentos sociais apontavam a presença de aproximadamente três mil haitianos. Esse cálculo levava em conta também os indocumentados (MENDONÇA, 2015).

Segundo dados da Polícia Federal, no período de 2012 a 2016 o total de imigrantes haitianos registrados no país foi de 77.077. Destes, 21,07% registrou-se em Santa Catarina, o que representa 16.186 haitianos, dos quais 2.039 se registraram na cidade de Joinville, o equivalente a 2,65% do contingente registrado nacionalmente e 12,60% do contingente registrado no estado de Santa Catarina.

Os motivos da escolha de Joinville como destino para os imigrantes haitianos não se relacionam apenas ao fato de a cidade ser identificada historicamente com o fluxo migratório. Nessa história de construção de uma identidade cidadina associada à construção de um território migrante, há especificidades simbólicas que podem ser apontadas no acolhimento desses imigrantes que se diversificam no tempo. A cidade é considerada a terceira maior do Sul do país e conta com um parque industrial diversificado e que apresenta nas últimas décadas desenvolvimento significativo no setor terciário (SAAVEDRA, 2016, conforme matéria de *A Notícia*; PREFEITURA DE JOINVILLE, 2016). Do ponto de vista histórico e cultural, Joinville pode ser vista como uma “cidade migrante”³², uma vez que ao longo de seus 168 anos recebeu expressivos contingentes migratórios nacionais e internacionais.

Com o intuito de apontar as práticas de espaço e a construção de multiterritorialidades/territorialização criadas/desenvolvidas pelos imigrantes haitianos que optaram por Joinville como destino, passa-se a analisar, em primeiro lugar, algumas narrativas produzidas pela imprensa local³³ em que foram identificadas as práticas de ocupação do território por parte do imigrante. Vale ressaltar que a compreensão de território discutida aqui (como já apresentado anteriormente) é a de território como espaço simbólico. Em segundo lugar, problematizam-se algumas narrativas produzidas pelos próprios imigrantes advindas das entrevistas realizadas tendo como base a metodologia de história oral³⁴.

Referindo-se ao discurso jornalístico, Resende (2009, p. 32) reflete: “Talvez esteja na tessitura da narrativa a chance de nos havermos com as brechas que promovem os encontros”. Para o autor, “os estudos sobre os meios de comunicação foram pouco atentos à problemática

³² Expressão criada por Coelho (2010), que analisa a história da cidade das últimas décadas problematizando as tensões e imbricações que a chegada e permanência de migrantes provocaram na construção da vivência da diferença e suas implicações na definição do espaço urbano.

³³ Para este capítulo, optou-se por analisar três reportagens. A pesquisa para o desenvolvimento dos demais capítulos da tese debruça-se na análise das matérias veiculadas pelo jornal *A Notícia* sobre a imigração haitiana para Joinville entre os anos de 2010 e 2016.

³⁴ Para este capítulo, decidiu-se por problematizar as narrativas produzidas por meio de uma entrevista oral e de uma do grupo focal. Estas e outras entrevistas, que serão problematizadas ao longo da tese, farão parte do Banco de Narrativas de Imigrantes Haitianos na cidade de Joinville, que está sendo construído pela pesquisadora Sirlei de Souza, em parceria com o Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença, coordenado pela professora Ilanil Coelho. Essas entrevistas serão doadas, após a defesa da tese, para o acervo do LHO da Univille, conforme já explicamos na Introdução.

da relação, nos fazendo crer na assepsia de um processo que se realizaria em sentido de mão única” (RESENDE, 2009, p. 32), e não em uma ação permeada pelo autor, pelo texto e pelo leitor. Essa relação manifesta-se em “jogo de linguagem” e em interações dialógicas, no entanto é preciso ter claro que no processo comunicacional é “que se instalam os modos, os contextos e os sujeitos. Nesse sentido, o ato de narrar, através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo” (RESENDE, 2009, p. 33).

O jornalismo deve ser tratado, para Resende (2009, p. 36), como uma ação que “apropria-se da ideia de narrativas enquanto discurso”, porém isso é “uma problemática a ser enfrentada, hajam vistas as questões que este caminho suscita”. No entendimento do autor, faz-se necessário “problematizar aspectos relativos ao papel do jornalista e à questão das vozes que operam o discurso e dos sujeitos nele representados” (RESENDE, 2009, p. 36). É preciso levar em conta nessa análise “o caráter (que se pressupõe) dialógico do discurso jornalístico” (RESENDE, 2009, p. 36). O autor afirma que há historicamente, no jornalismo, uma forma autoritária de narrar os fatos com o agravante de se manter essa postura veladamente.

É preciso compreender a comunicação aqui, sobretudo aquelas produzidas pelas narrativas da imprensa, como um processo que reproduziu historicamente sistemas ideológicos. Ao longo da história, a formação e a transformação das ideias hegemônicas de dada sociedade deram-se pela comunicação. Fundamentado nas reflexões de Antônio Gramsci, Coutinho (2014, p. 15) afirma: “Todo processo de hegemonia é, necessariamente, um processo comunicacional”. De acordo com o autor, “é pela interação semiótica, pela reelaboração e compartilhamento dos signos, que os sujeitos constroem suas identidades, organizam a sua visão de mundo, representando a realidade a partir de uma determinada perspectiva” (COUTINHO, 2014, p. 15).

Por conseguinte, deve-se pensar a mídia e seu papel histórico em relação às representações políticas sobre o sujeito imigrante. Segundo Coutinho (2014, p. 15-16), “é no terreno das ideologias – acionadas/mobilizadas pela comunicação – que se dá a constituição das subjetividades coletivas”. No processo para se alcançar a hegemonia em relação a uma ideia de mundo, recorre-se à “construção de um universo *inter-subjetivo* de crenças e valores” (COUTINHO, 2014, p. 15-16, grifo do original). Significa realizar o convencimento, como diz o autor, pela “persuasão e o diálogo, a mediação da linguagem, o ‘tornar comum’ da práxis interativa comunicacional” (COUTINHO, 2014, p. 16).

No conjunto das reportagens pesquisadas para o desenvolvimento da tese, algumas narrativas jornalísticas dão ênfase ao imigrante como desterritorializado: “Passados mais de

cinco anos do terremoto que arrasou o Haiti, em janeiro de 2010, eles continuam chegando” (A NOTÍCIA, 2015). Aqui o terremoto é anunciado como o acontecimento que fez o haitiano perder seu território e ainda buscar um novo espaço para viver. O texto em questão anuncia todos os imigrantes como “refugiados por questões humanitárias”, não levando em conta outros motivos para esse processo.

A mesma reportagem afirma: “O número de refugiados haitianos em Joinville cresce pacífica e silenciosamente” (A NOTÍCIA, 2015), desnudando o que se espera do imigrante em seu novo território, que se comporte de forma pacífica e principalmente silenciosa. Nesse caso, parece existir uma cristalização do estereótipo em relação ao “refugiado”. Este seria sempre a ameaça, o inimigo e o causador da violência. Há ainda referência no texto ao fato de que “a maioria dos adultos trabalha ou estuda e praticamente não há qualquer incidente registrado envolvendo os refugiados” (A NOTÍCIA, 2015).

O sentido clássico atribuído ao imigrante como trabalhador (SAYAD, 1998) é reforçado na narrativa jornalística, quando destaca a fala de uma autoridade responsável pelo acolhimento do imigrante na cidade: “O que se percebe é que eles chegam e logo começam a trabalhar, estudar’ (Jocélio Narciza, responsável pelo Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP)” (A NOTÍCIA, 2015).

Em outra reportagem e na perspectiva de relacionar o imigrante ao trabalho, Branco (2016, conforme matéria de *Migra Mundo*) reproduz outra fala representativa do setor de contratação da mão de obra imigrante na cidade de Joinville: “Os haitianos são comprometidos, organizados e mantêm bom relacionamento com os colegas de trabalho’, afirma Valentin Moresco, coordenador de seleção da RH Brasil”. A narrativa produzida em torno do imigrante escamoteia qualquer tensão envolvendo o processo migratório e a presença do imigrante na cidade. Diz o representante do empregador: “Os haitianos chegam com vontade de trabalhar e valorizam as oportunidades que são oferecidas. ‘Fazemos um acompanhamento após a contratação e não recebemos *feedbacks* negativos. Os haitianos são bem aceitos e à medida que surgem as vagas de trabalho, eles são empregados” (BRANCO, 2016, conforme matéria de *Migra Mundo*). Haja vista o texto afirmar que não há “*feedbacks* negativos”, reforça-se o mito da cordialidade entre os imigrantes e os trabalhadores locais, e, ao afirmar que “são bem aceitos”, dissimula-se a existência de preconceito em relação ao haitiano.

Assim como reproduz a fala do agente público e do empregador sobre os imigrantes, a narrativa jornalística traz para referendar seu conteúdo a fala do próprio imigrante: “Os haitianos demonstram gratidão ao país e à cidade que os acolheu. ‘Joinville é pequena e tranquila, bom para morar’ [...], declara Jean Michelet Louis, que está no país há pouco mais

de um ano e diz que se sente feliz em morar no Brasil” (BRANCO, 2016, conforme matéria de *Migra Mundo*). Observamos que há na fala reproduzida pelo jornal um conceito do que seria um espaço ideal, uma cidade para morar. “Pequena e tranquila” é quase poética, ou melhor, uma definição bucólica de cidade, o que não representa exatamente uma cidade com mais de 500 mil habitantes e que possui altos índices de criminalidade³⁵.

Sobre o acolhimento no novo território, a matéria destaca a solidariedade do povo da cidade e afirma: “Com esse auxílio, os haitianos não pensam em deixar a cidade e confiam que no Brasil, e em Joinville, não lhes faltará um lugar para chamar de novo lar. Nessa perspectiva [...] na cidade dos príncipes, os haitianos encontram condições dignas para recomeçar a viver” (BRANCO, 2016, conforme matéria de *Migra Mundo*). Narrativa simbólica forte que retoma um mito fundador da cultura local³⁶ e procura se aproximar dos imigrantes haitianos advindos de Porto Príncipe: “Joinville, a nova cidade dos príncipes do Haiti”³⁷. Imbricações entre o local e o global, aproximações entre o imaginário de dois cidadãos: o joinvilense e o haitiano, possibilitando a criação de supostos espaços simbólicos coletivos. Contudo, a narrativa não contempla em tempo nenhum os tensionamentos que necessariamente se desenvolvem durante o jogo pela ocupação do território.

A reportagem intitulada “Aprenda a se comunicar com os haitianos em crioulo” (JUNGES, 2015a, conforme matéria de *A Notícia*), reproduzida em maio de 2015, analisa uma das territorialidades instituídas pelos imigrantes haitianos na cidade. O entrevistado é uma liderança da Igreja Católica chamada Padre Luca³⁸, que explicita uma ação em que a

³⁵ Sobre isso, ver: SAAVEDRA, 2017, conforme matéria de *Diário Catarinense*; NUNES, 2017, conforme matéria de *A Notícia*; BALBINOTTI, 2017, conforme matéria de *A Notícia*; EVARINE, 2016, conforme matéria de *Notícias do Dia*.

³⁶ Segundo informações disponibilizadas pelo município ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, Joinville foi fundada em 9 de março de 1851 e chamada primeiramente de Colônia Dona Francisca, em homenagem à princesa Francisca Carolina, filha de D. Pedro I, que ao casar com o príncipe François Ferdinand Phillipe Louis Marie, príncipe da região francesa de Joinville, herdou a área da região como dote de casamento. Em 1849, o príncipe cedeu parte da área para a Sociedade Colonizadora Hamburguesa, dando assim início à colonização da região de Joinville. Mais informações em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/historico>>. Acesso em: 28 fev. 2019. Conforme historiadores locais, o príncipe, com dificuldades financeiras, vendeu as terras para a Colonizadora Hamburguesa, que dois anos depois começou a colonização da área. Somente a partir da década de 1970, com a criação da Secretaria de Turismo do município e o boom econômico que vivia a região, que se resgatou a ideia da cidade dos príncipes no intuito de “vender” a cidade para o turismo. Mais informações em: <<http://paralelojornalismo.com.br/index.php/2017/03/09/joinville-uma-historia-oficial-que-seleciona-fragmentos/>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

³⁷ No capítulo 4 é aprofundada essa questão quando da análise de reportagem localizada no site *Migra Mundo (Online)*, de 12 de janeiro de 2015, intitulada “Joinville, a nova cidade dos príncipes do Haiti”, assinada por Rodrigo Borges Delfim e Glória Branco (2015).

³⁸ Padre Saint Luc já morava fora do Haiti quando o terremoto atingiu o país e chegou a Joinville praticamente no mesmo movimento migratório que os primeiros haitianos refugiados em 2011. É pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e, entre suas atividades, tem atuado como intérprete para os haitianos e, mais do que isso, incentivado os próprios moradores do bairro a entenderem o idioma crioulo.

comunidade é convidada a participar do movimento de inclusão do imigrante haitiano na cidade por intermédio do aprendizado de algumas expressões em crioulo (dialeto haitiano)³⁹. Na matéria se tem a afirmação: “Os grupos são fechados. Focados no trabalho, nos problemas do dia a dia. [...] É comum encontrá-los em grupos de quatro ou cinco pessoas, buscando juntos soluções para problemas simples” (JUNGES, 2015, conforme matéria de *A Notícia*). A narrativa jornalística destaca o fato de que os haitianos, “mesmo não tendo qualificação específica para o setor, estão dispostos a dar o máximo” (JUNGES, 2015, conforme matéria de *A Notícia*).

Nessa última afirmação duas questões podem ser problematizadas. A primeira vai ao encontro do que diz Sayad (1998): o imigrante é sempre associado ao trabalho e é para isso que existe. A segunda questão está ligada a outro estereótipo sobre o imigrante: é sempre sem qualificação, desconsiderando que muitos haitianos já possuem curso superior ou técnico de nível médio⁴⁰.

Outra narrativa fundamental para compreender a produção de multiterritorialidade é a do próprio imigrante haitiano, que ao narrar seu percurso para chegar ao local de destino elabora os territórios percorridos e “fabricados” durante seu processo de imigração. Para Barbosa (2017b, p. 7-8), “a narrativa histórica introduz na trama textual a espacialidade dos tempos de outrora, isto é, a espessura de um tempo como espaço de possibilidades, mas que só existe na trama narrativa”. Pela narrativa se abrem “janelas em direção a um espaço-tempo” em que “o presente se direciona para o passado”, permitindo ao narrador deslocar-se “do presente ao passado, de um espaço ao outro” (BARBOSA, 2017b, p. 7-8).

Mediante as narrativas produzidas pela metodologia da história oral⁴¹, narrativas “criadas no encontro entre o historiador e narrador” (PORTELLI, 2016, p. 9),-problematizam-

³⁹ Estas são algumas das expressões/frases que o jornal traduziu com a ajuda de Padre Luca:

Bom dia. *Bonjou*. (durante todo o dia. Não há o uso corrente do boa tarde);

Boa noite. *Bónnwit*. (para ir dormir);

Oi. Tudo bem? *Ola, kijan ou ye? / Toute bagay anfóm?*;

Eu estou bem. *Mwen bye*;

E você? *E ou menm?*;

Meu nome é Leandro/Antônio/Osvaldo. E o seu? *Non mwen se Leandro/Antônio/Osvaldo. E ou menm?*;

Eu trabalho no jornal *A Notícia*. *Mwen ap travay nan journal A Notícia*;

Onde você trabalha? *Kitote ou ap travay?*;

O que você faz em Joinville? *Kisa ou ap fé isist la nan Joinville?*;

Você precisa de ajuda? *Ou bezwen yon éd?*;

Sim. Não. Talvez. *Wi. Non. Petét*;

Tchau/até logo. *Orevwa. Na wé ankó*;

Por favor. *Tanpri / tampri souple*;

Obrigado. *Mési*.

⁴⁰ No capítulo 2 são analisados os dados referentes ao perfil escolar dos imigrantes haitianos em Joinville.

⁴¹ Em relação à problemática envolvendo os usos da história oral, ver: AMADO; FERREIRA, 1996; FERREIRA; FERNANDES; ALBERTI, 2000; POLLAK, 1989. No capítulo 5 a metodologia de história oral será aprofundada.

se os sentidos e significados acerca dos deslocamentos e das territorializações produzidos pelos imigrantes haitianos⁴².

Optou-se primeiramente, neste capítulo, por analisar a narrativa advinda da entrevista realizada com o imigrante haitiano Roland Lanfront⁴³ (2016), que expressou o seu entendimento sobre o que significa *território* e como constrói sua vivência em multiterritorialidades. Uma referência importante para o nosso entrevistado diz respeito ao domínio da língua local enquanto forma estratégica para fazer parte do lugar. No entanto, mesmo estando ciente disso, relatou que tanto na Venezuela, onde esteve antes de vir para o Brasil, como aqui utiliza dois idiomas para se fazer entender e, até mesmo, conquistar seu espaço no mundo do trabalho⁴⁴. No que concerne ao momento em que pleiteou uma vaga de trabalho em uma empresa local: *“Naquele momento eu não sabia muita coisa de português, mas eu arrumei um jeito mais fácil pra fazer... Respondi em espanhol [...]. Eu misturei os dois, as palavras em português que eu sabia e espanhol”* (LANFRONT, 2016). A estratégia de caminhar por dois idiomas para se fazer entender pode significar clareza quanto à necessidade de negociações linguísticas para a conquista de espaço no novo território.

Quando perguntado sobre como está sendo viver na cidade de Joinville, com características de colonização germânica, ele imediatamente responde: *“Eu tenho capacidade muito grande para se acostumar”* (LANFRONT, 2016). Há nessa afirmação uma imensa demonstração de resiliência e de adaptação. Ele segue dizendo: *“Porque sou um haitiano e eu sempre falo: [...] sou um cidadão do mundo. Por isso, eu deveria ter uma capacidade de se adaptar muito grande”* (LANFRONT, 2016). Na profundidade de sua reflexão, apresentam-se questões muito pertinentes para a discussão das vivências das multiterritorialidades. Considerar-se um cidadão do mundo dá ao indivíduo o direito de estar presente em qualquer território, de disputá-lo para si enquanto pertencendo àquele lugar e ao mundo, contudo o entrevistado segue refletindo no tocante a sua condição e transparecendo os tensionamentos vivenciados como imigrante: *“Na Venezuela e aqui dá [...] muito certo [...] é bom e é ruim”* (LANFRONT, 2016).

⁴² Faz-se necessário esclarecer que a opção deste trabalho foi pela transcrição literal das entrevistas orais dos imigrantes haitianos, preservando sua expressão linguística de forma a ser possível problematizar seus esforços com a língua local, bem como as estratégias utilizadas para se fazer entender (a mistura com a língua espanhola, por exemplo). No decorrer da escrita, se houver necessidade, serão feitas notas de esclarecimento acerca de alguma expressão/palavra que possa ter ficado inteligível.

⁴³ Imigrante haitiano, 36 anos, estudante do segundo ano do curso de Design da Univille (em 2016, momento da entrevista). Roland saiu do Haiti e morou um ano e meio na Venezuela antes de vir para o Brasil. Hoje (2019), Roland já concluiu seus estudos na universidade.

⁴⁴ Quase todo imigrante haitiano é bilíngue e fala fluentemente crioulo e francês ou crioulo e inglês (JUNGES, 2015b, conforme matéria de *A Notícia*).

Lafont (2016) em sua narrativa explicita que encontrou na universidade⁴⁵ um espaço para o fortalecimento de sua identidade e de seus sonhos como imigrante, um território no sentido de vivências simbólicas. Para elucidar a importância da universidade como espaço de pertencimento, o haitiano diz: “*Quando estou aqui estudando é a melhor coisa que estou fazendo, me sinto bem. É só chegar aqui. Eu não preciso entrar em sala. Só chegar aqui, sentar ali [apontando para um espaço de convivência de estudantes], já deu pra mim*” (LANFRONT, 2016). Ou seja, a construção de um lugar para si, de um território, pode estar ligada à compreensão de um lugar de pertencimento que tanto pode estar associado a um lugar físico quanto a um lugar simbólico, como afirma Haesbaert (2005). Percebe-se que o entrevistado, ao enunciar as suas aspirações acerca da educação, rompe com a ideia do imigrante como a personificação da força de trabalho.

Os deslocamentos humanos de grande porte, como os ocorridos no mundo contemporâneo, sugerem que o processo de migrar está diretamente relacionado a uma rede de sociabilidades que aponta o melhor lugar, entendido aqui como aquele que possibilita o estabelecimento do imigrante e as condições necessárias para a sua sobrevivência. Na maioria das vezes, essas condições estão ligadas ao trabalho. A escolha do lugar de destino está imbricada com informações recebidas de uma rede de contato instituída com outros imigrantes. Nesse sentido, a memória do processo migratório é sempre uma memória coletiva, impulsionada também pelas lembranças de outros. Forma-se nesse percurso uma rede memorável, em que uma lembrança individual é capaz de provocar múltiplas memórias coletivas.

Outra metodologia importante para apreender a experiência do processo de imigração vivido pelo sujeito imigrante é o grupo focal. Optou-se por convidar um grupo de imigrantes para uma conversa inicial em que fosse possível dialogar sobre o ser imigrante e as razões que os trouxeram ao Brasil. Segundo Kotzinger e Barbour *apud* Barbour (2009, p. 21), “qualquer discussão de grupo pode ser chamada de grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando às interações do grupo”. É crucial que aconteça a interação entre o grupo, e não apenas a interação com o pesquisador. Os grupos focais têm sido utilizados

⁴⁵ Assim como Lafont, outros haitianos têm encontrado na Univille um espaço de vivência de suas experiências. No ano de 2017, a instituição contou com mais um aluno haitiano (no curso de Administração), em 2018 dois alunos haitianos iniciaram seu percurso no ensino superior na Univille (um em Psicologia e outra em Direito), e no ano de 2019 há mais uma aluna em Comércio Exterior. Outro espaço de vivência tem sido construído pelas ações de extensão desenvolvidas por alunos e professores. Em 2016 e 2017 o grupo de imigrantes haitianos participante foi ligado à Associação dos Imigrantes Haitianos de Joinville. Nos anos de 2018 e 2019, as ações de extensão vêm ocorrendo com crianças e adolescentes haitianos matriculados na rede estadual de ensino na cidade.

como uma metodologia de pesquisa dialógica, permitindo a produção conjunta de conhecimento, envolvendo os sujeitos de pesquisa como produtores de novos saberes.

No caso das memórias que surgem e que são narradas durante o grupo focal, há entre os participantes o acionamento coletivo de suas lembranças. Um produz a referência de que o outro necessita para narrar sua história. Tecem juntos a narrativa de sua diáspora, constroem coletivamente os argumentos que justificam sua saída do Haiti e a escolha pelo lugar de destino.

Para esse momento de análise, utilizou-se parte das memórias produzidas pelo grupo focal⁴⁶ com imigrantes haitianos reunidos pela Associação Imigrantes Haitianos de Joinville⁴⁷. Provocado pelas questões de pesquisa, o grupo narrou coletivamente suas experiências como imigrantes contemporâneos. Não se trata apenas de focar no caráter subjetivo e individual da memória, mas de problematizar o caráter coletivo de uma lembrança que unifica um grupo social.

A fala de Shiller Pierre (2016) mostra-se carregada de um esforço de elaboração para compreender o que é ser imigrante: *“Eu tô tentando entender o que é ser imigrante [...]. Imigrante, no Brasil, vamos dizer, no Joinville, eu acho que é bom!”*. A narrativa infere que há uma localização territorial que pode significar diferenças entre ser imigrante aqui *no Joinville* ou em outras partes do mundo. Diz Pierre (2016): *A pessoa chegar e o país atender, atende nós com tranquilidade. Daí, tem país que você chegar e que vai mandar você de volta para o teu país, né? Vai mandar de volta. Com aqui a gente chegar e isso não acontecer.*

A mídia tem divulgado com muita ênfase nos últimos meses tanto posicionamentos extremados do governo dos Estados Unidos e de vários países da Europa em relação à entrada e permanência de imigrantes/refugiados em seus territórios quanto situações de violência e desespero envolvendo imigrantes no mundo todo. Diante desse cenário geopolítico, o Brasil mostra-se como um país acolhedor aos olhos de Pierre (2016)⁴⁸.

⁴⁶ Esse grupo focal foi reunido no dia 2 de julho de 2016, na Associação de Moradores do Comasa do Boa Vista, em Joinville, e tinha por objetivo ampliar nossa aproximação com os imigrantes haitianos que no decorrer da pesquisa seriam entrevistados para narrarem suas histórias de vida. Foi mediado pela pesquisadora e professora da Univille Sirlei de Souza e teve a participação de mais dois pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, bem como de duas alunas bolsistas do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (Uniedu) do curso de Direito da universidade. Estiveram presentes nesse grupo focal seis imigrantes haitianos: Whistler Ermofils, Schirller Pierre, Alcide Lifort, Emmanuel Pierre, Serge Fortilus e Maxi Olmy.

⁴⁷ A Associação Imigrantes Haitianos de Joinville foi fundada em 11 de novembro de 2015, com a presença de mais de 120 imigrantes haitianos. É coordenada por Whistler Ermofils. A instituição tem como objetivos integrar e dar assistência aos imigrantes haitianos de Joinville e região. Nesse sentido, realiza ações que visam melhorar as condições de vida dos seus associados e integrá-los à comunidade, conforme informou seu presidente. Seus membros reúnem-se com frequência na Associação dos Moradores do Comasa do Boa Vista, onde encontraram na parceria com a direção dessa associação um espaço físico e político para a sua organização e articulação.

⁴⁸ Em 2016, quando o grupo focal foi realizado, o Brasil ainda apresentava uma postura de governo aberta à chegada e permanência de imigrantes em solo brasileiro. No ano de 2019, esse cenário sofreu alterações, como se verá no capítulo 4 da tese.

Ao longo do processo de diálogo do grupo, os imigrantes foram produzindo outros fragmentos de memória no tocante a sua condição migrante. O espaço de conversa permitiu um ambiente propício para que elaborassem e reelaborassem o significado da imigração. Coletivamente, encontraram argumentos e produziram narrativas afetivas, e sobretudo políticas, sobre o processo histórico da imigração haitiana. Pela memória impulsionada de forma coletiva, produziram elos entre o passado e o presente e visualizaram o futuro, atribuindo significados para o processo migratório: *“De repente eu deixo a minha mãe [...]. Meus amigos, o costume do meu país, e depois para se adaptar com um outro costume. Quando eu cheguei aqui, eu vivia com... É. Com o coração apertado, verdade. Com muito tristeza no meu coração. Isso foi horrível”* (PIERRE, 2016).

Na perspectiva da memória como produção coletiva, Bosi (1994, p. 54), apropriando-se das reflexões de Halbwachs, afirma: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. Evocando ainda Halbwachs e o caráter livre da memória, enfatiza que, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Outro imigrante haitiano, Serge Fortilus (2016), segue as reflexões feitas por Pierre (2016) e elabora em sua narrativa vários significados para o ato de imigrar:

Por exemplo, podemos ter uma pessoa que sai de lá para, como? Para procurar trabalho, para ajuda da família. Mas tem outro. Tem outro que tá procurando uma saída para estudar. Tem outra pessoa que está procurando o quê? Uma tranquilidade. Por quê? Temos que falar disso. Eu estava trabalhando bem, na universidade. Eu tinha, não como rico. Mais ou menos [risos], tinha uma vida. Mas estar no Brasil não é porque estava morrendo. Não... Mas isso depende da situação. Imigrar não significa que o país, ou a pessoa, está passando mau momento. Imigrar, a pessoa, pode ser que a pessoa está procurando tranquilidade. Tranquilidade econômica. Tranquilidade, como posso falar? Política. Isso é tudo o que está acontecendo [o conjunto].

Nessa narrativa o imigrante explicita, de forma extraordinária, as múltiplas razões para os deslocamentos contemporâneos. Posiciona o imigrante como sujeito capaz de realizar escolhas e de definir seu destino. Desse modo, retira-o da condição histórica de vítima e coloca-o na perspectiva de sujeito: *“Não estou falando para toda gente, não. Como falei: podemos ter até cinco categorias de pessoas. O que está procurando estudar. Que está à procura de um emprego. Que está procurando tranquilidade política... E há pessoas também que gostam de viajar”* (FORTILUS, 2016).

Também Pollak (1989, p. 3) utiliza reflexões de Halbwachs sobre a importância da memória coletiva para “reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza de ‘comunidade afetiva’”. O sujeito mobiliza um conjunto de referências para lembrar, aciona uma rede de conexões que o remete a relações e interações com o passado a ser revisitado.

A memória que emerge coletivamente se transforma em uma prática discursiva e toma forma de discurso político de defesa de valores muito caros para os haitianos. Na reunião com a Associação Imigrantes Haitianos de Joinville, sua narrativa é significada como um testemunho em um espaço público; é o imigrante colocando-se como sujeito do processo narrativo. No decorrer do diálogo, outro imigrante, Maxi Olmy (2016), enfatiza:

Mas, na verdade, ser imigrante significa que tem que ter coragem, mesmo. Sair do país natal, para vir viver no outro país, como o Schiller já falou, com outra cultura, com muitas dificuldades, fica muito complicado, tem que ter coragem mesmo. É, na verdade... Eu sou imigrante, mas como em todo país do mundo, tem, eu sou feliz mesmo, por isso, porque tudo os nação do mundo tem imigrante no outro país, em todo país do mundo...

Já no que diz respeito aos documentos para adentrar no mundo do trabalho, Pierre (2016) afirma: “*Porque, quando você vai precisar trabalhar, tem que... é... Precisa carteira de trabalho. Então, esse documento, a gente não tinha dificuldade pra tirar esse documento*”. Evidenciando o que estudou Sayad (1998), o imigrante é considerado apenas em caráter produtivo, e referendando mais uma vez o autor sobre a condição de transitoriedade do imigrante, diz Pierre (2016): “*Eu posso chegar aqui, ser imigrante aqui no Brasil. Talvez, eu vou querer ser imigrante do outro país*”.

O diálogo fez compreender que as motivações para migrar são inúmeras e têm diferentes significados para cada imigrante. Nesse percurso, fatores históricos, sociais, políticos e de caráter subjetivo emergiram para dar conta de explicar o processo da diáspora haitiana. O imigrante não vive mais em sua terra natal, mas ele lembra e relembra seu país de origem e mantém relação com aqueles que lá ficaram. As narrativas produzidas sugerem que ações de recusa e/ou experiências de pertencimento fazem parte do mesmo jogo na disputa por ocupação de espaços territoriais.

No próximo capítulo se têm como foco de estudo as seguintes questões: como os imigrantes haitianos se apropriam do território joinvilense? Como transformam esses territórios em espaços multiterritoriais? Que tramas cotidianas desenvolvem e que narrativas produzem acerca dessas vivências? Para essas análises, foram utilizados primeiramente os dados oficiais da imigração haitiana na cidade, de modo a compreender a presença e o espaço ocupado por

esses imigrantes. A problematização das narrativas dos imigrantes haitianos continua por meio da metodologia da história oral, que permite que se possa ouvir os imigrantes de forma a entender mediante a sua narrativa as estratégias que desenvolvem, individual ou coletivamente, para mover-se no espaço da cidade.

2 IMIGRAÇÃO E TRAMAS COTIDIANAS: PERCURSOS E NARRATIVAS

O objetivo deste capítulo é aprofundar os percursos dos imigrantes haitianos para Santa Catarina, os motivos que os levaram a escolher Joinville e suas inserções no espaço urbano, isto é, como eles se apropriaram e se apropriam da cidade, como tecem laços de pertencimento em relação a ela e como lidam com as tensões e disputas no processo de reterritorialização.

Na primeira parte do capítulo, usam-se fontes da imprensa e dados estatísticos, procurando visualizar (cartografar) os caminhos da imigração haitiana no Brasil e, especialmente, para Joinville, mapeando sua presença no território urbano. Ainda nessa primeira parte, problematizam-se os jogos discursivos que colocam em pauta os estigmas atribuídos à imigração e aos imigrantes e os papéis a eles relegados na cena urbana. Na segunda parte, o desafio é ir além da cartografia elaborada pela imprensa e por diferentes instituições, ou seja, conhecer os percursos migratórios com base nas experiências narradas pelos próprios imigrantes.

Como método de pesquisa para problematizar tais questões, optou-se pela utilização da cartografia, cuja tarefa é “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2016, p. 23). Entende-se que pela metodologia da história oral isso é possível na medida em que se podem compreender as narrativas migrantes, histórias (co)movedoras que trarão à tona os percursos da trajetória migrante e a complexidade da vida no local de destino (THOMSON, 2002). A reflexão dessas questões se dará à luz de conceitos como o de “lugar praticado”, de Certeau (1998), e de multiterritorialidades, de Haesbaert (2007; 2011; 2016). Já como suporte para as discussões envolvendo as narrativas jornalísticas e a construção de sentidos, a investigação aproxima-se de Sodré (2012a), Resende (2009) e Motta (2013).

2.1 PERCURSOS DE IMIGRANTES HAITIANOS

O foco é estudar o impacto da imigração haitiana contemporânea no Brasil, sobretudo e mais especialmente em Joinville. Pretende-se compreender as estratégias estabelecidas pelos imigrantes para a definição dos seus percursos, os deslocamentos migratórios no território brasileiro, o motivo de preferir Joinville como um dos lugares de destino, além de, por outro lado, como se desenvolvem as relações entre os imigrantes

e a sociedade local, incluindo o poder público, e como tudo se articula em relação a essas novas personagens, acolhendo-as ou não na cena urbana.

No entendimento de Bauman (2017, p. 9), o fenômeno da migração tem feito parte da vida humana moderna, “embora com frequência mudando e por vezes revertendo a direção”. Para o autor, esse sistema sobrevive do fato de produzir “pessoas redundantes”, nominadas do ponto de vista econômico local como “‘inúteis’, excessivas ou não empregáveis”; ou ainda do ponto de vista político das elites locais como “intoleráveis, rejeitadas por agitações” (BAUMAN, 2017, p. 10), e esses conflitos são marcados por lutas locais de poder. Mesmo olhando para o grande contingente de refugiados que chega à Europa, os “estranhos à nossa porta”, como se refere Bauman (2017), não se trata de um fenômeno local nem temporalmente isolado, e “é improvável que a migração em massa venha a se interromper, seja pela falta de estímulo, seja pela crescente engenhosidade das tentativas de sustá-la” (BAUMAN, 2017, p. 10). Um dos principais problemas que afetam as pessoas que migram ou que estão em condição de refúgio diz respeito à estigmatização do próprio ato de migrar e, por extensão, dos atores desse ato, migrantes e refugiados. Segundo Bauman (2017, p. 10), são pessoas envoltas por “um conjunto de crenças negativas e frequentemente injustas”, e tal conjunto pode ser reforçado e amplificado em conjunturas específicas.

No caso dos imigrantes haitianos no Brasil, isso também pode ser perceptível. Recentemente dois episódios reproduzidos pela mídia nacional e internacional deram a dimensão desse estigma. O primeiro deles envolve o apresentador de um programa de entretenimento da Rede Globo de Televisão Luciano Huck. O comunicador fez uma viagem ao Haiti em 2016, e o resultado foi apresentado em seu programa *Caldeirão do Huck*¹. Ainda no curso de sua vivência naquele país, resolveu escrever para um jornal brasileiro sobre o que viu, ou melhor, sobre o que sentiu ao ver a situação do Haiti. Destaca o seu contato com um menino que “brincava no meio do esgoto, descalço, na companhia de três ou quatro porcos que faziam o mesmo” (HUCK, 2016). Próximo ao menino, estava sua mãe, que cozinhava “uma sopa na qual nem os porcos pareciam interessados” (HUCK, 2016). Naquele cenário de carência de tudo, diz ainda que “curiosamente” não via ratos nem urubus, pois, “como não tinham ‘donos’, os exemplares dessas aves devoradoras de lixo e os roedores da região já foram comidos pela população” (HUCK, 2016). Para realçar ainda mais a gravidade daquela situação, o apresentador

¹ Para assistir ao programa na íntegra, ver: REPORTAGEM COMPLETA, 2016.

esclarece ao leitor que não estava “nos sertões africanos, onde a miséria toma conta de boa parte do território continental” (HUCK, 2016). Desde 2010, quando o Haiti foi atingido por um terremoto, afirma ele que “aqui nada foi reconstruído. Começando pela dignidade humana” (HUCK, 2016). Enfim, sua estada no Haiti e o contato com os haitianos convenceram-no de que “a humanidade não deu certo” (HUCK, 2016).

Por mais que se considere que no momento da escrita o apresentador estava tomado por emoções extremas, o fato é que seu texto constrói e estimula imagens e imaginários povoados por estereótipos atribuídos tanto a certas regiões e localidades quanto aos imigrantes que provêm dessas áreas. Os imigrantes haitianos no Brasil não poderiam ser tomados, então, como seres brutalizados pela situação do Haiti? Não lhes recai a imagem de que são seres a quem foram negados os meios para se realizarem como humanos? Não se tratava de gente que, pelas circunstâncias dramáticas, havia se tornado predadora de ratos e urubus?

O fato gerou forte repercussão nas redes sociais, impulsionada sobretudo pelo vídeo gravado pelos imigrantes haitianos². As reações foram rápidas e contundentes em repúdio ao enfoque dado pelo apresentador à situação do Haiti³, exigindo de Luciano Huck uma mobilização para amenizar os efeitos de sua abordagem e recompor sua imagem perante o público.

O segundo episódio diz respeito à recente declaração atribuída ao presidente dos Estados Unidos Donald Trump, em que teria se referido ao Haiti e a outros países da América Central e da África como “buraco de merda” (G1, 2018). A mídia internacional divulgou também declarações da Casa Branca em que o presidente confessa ter usado “palavras duras”, mas nega ter dito aquilo que foi publicado (WELLE, 2018; UOL, 2018). Segundo o portal *Globo*, o presidente estadunidense teria afirmado “que nunca falou nada ‘depreciativo’ sobre os haitianos além do fato de que o Haiti é, ‘obviamente’, um país pobre e turbulento” (G1, 2018). Utilizando ou não termos chulos, o caso também explicita como os processos migratórios e os imigrantes são alvo de estigmas que intensificam preconceitos e, sobretudo, naturalizam, ou melhor, essencializam, atributos sociais e culturais.

O Haiti, é preciso lembrar, se constitui como um país cuja colonização promoveu a escravização de indígenas e de amplos contingentes de africanos. Politicamente, foi

² Para assistir ao vídeo gravado pelos haitianos, ver: RESPOSTA DOS HAITIANOS..., 2016.

³ Sobre repercussão, ver: HAITIANOS DETONAM LUCIANO..., 2016; FALCÃO, 2016; REDAÇÃO, 2016.

dominado por Espanha, França e Estados Unidos. Inspirado pelos ideais da Revolução Francesa e após uma grande guerra civil, teve sua declaração de independência definitiva em 31 de dezembro de 1803, e seu primeiro governante foi Jean Jacques Dessalines. Após várias alternâncias de poder e economicamente muito fragilizado, o Haiti sofreu intervenção norte-americana, entre 1905 e 1941. Em 1957 assumiu o poder François Duvalier, conhecido como Papa Doc. Além de exercer uma ditadura, o governante ainda promulgou uma nova constituição, dando-lhe mandato vitalício. Após sua morte, tomou o poder seu filho conhecido por Baby Doc. A era Duvalier somente terminou com um golpe militar nos anos 1980, porém o processo de redemocratização ocorreu apenas em 1990, com a eleição de Jean-Bertrand Aristide, que foi presidente em 1991, de 1994 a 1996 e novamente de 2001 a 2004, derrubado anos depois por um novo golpe militar. Aristide retornou ao poder com a ajuda dos americanos, contudo novamente teve de abandonar o cargo e fugir para a África. Em 2010, assumiu o poder Michel Martelly, com o desafio de reconstruir o país após o terremoto de 12 de janeiro daquele ano (FRANCISCO, 2018)⁴. Portanto, a estigmatização do local e dos haitianos, especialmente por parte de Trump, esvazia a historicidade das questões políticas e econômicas enfrentadas atualmente pelos haitianos que vivem dentro ou fora do país.

Para além disso, como afirma Bauman (2017), o mundo da vida produz movimentos que desafiam as nossas fronteiras físicas e ideológicas. Nessa direção, interessa investigar as razões e as trajetórias pregressas e presentes dos haitianos levando em conta não apenas as narrativas que provêm de órgãos de comunicação, do poder instituído ou da academia, mas dos próprios haitianos e haitianas. Após o terremoto de 2010, o deslocamento dos haitianos para o Brasil ocorre da República Dominicana (por via aérea) ao Equador ou ao Peru, já que até 2012 esses países não exigiam visto de entrada (INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS, 2012). Ao Brasil chegavam por terra ou ainda pelos vários transportes fluviais existentes nas fronteiras; hoje (2019) chegam em menor quantidade. Cidades como Tabatinga, Assis Brasil (AC) e Brasileia são os principais pontos de entrada. Outros imigrantes entram pela fronteira da Região Centro-Oeste, com destaque a Corumbá (MS), ou ainda por via aérea, pela capital São Paulo (conforme Figura 1).

Ao chegar ao Brasil, a maior parte dos haitianos não permanece nas regiões de fronteira; desloca-se para as regiões Sudeste e Sul do país (Gráfico 2). O estado de Santa

⁴ Vale a pena ler o livro de Isabel Allende *A ilha sob o mar* (2010), que de maneira envolvente conta a história da independência do Haiti.

Catarina é o segundo destino mais escolhido entre os imigrantes haitianos nesses últimos seis anos (PORTAL BRASIL, 2016). Conforme Magalhães (2017 *apud* LAURETTI, 2017), a escolha por Santa Catarina pode ser explicada, em parte, pela ação de empresas de recrutamento de recursos humanos desde 2010 em relação aos haitianos que adentram no país. Quanto ao recrutamento desses trabalhadores, o autor declarou que o processo se iniciava nas fronteiras do Norte ou do Centro-Oeste do país, ou ainda em São Paulo:

Minha tese conseguiu identificar quais foram as empresas que inauguraram o processo. Empresas do Brasil inteiro estavam presentes, mas sobretudo as da construção civil, de serviços portuários e de limpeza urbana do Sul do Brasil, setores caracterizados por uma alta rotatividade da força de trabalho (MAGALHÃES, 2017 *apud* LAURETTI, 2017)⁵.

Quando é citado o Sul do Brasil, há índices de desenvolvimento socioeconômico que se destacam, sobretudo em Santa Catarina. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado é de 0,774. Ou seja, no *ranking* dos estados brasileiros, fica atrás somente do Distrito Federal e de São Paulo. Contudo precisa-se dizer que esse índice varia conforme a região do estado. Enquanto cidades do litoral e do norte, como Florianópolis (0,847), Balneário Camboriú (0,845) e Joinville (0,809), ou ainda do oeste, como Joaçaba (0,827), apresentam índices muito satisfatórios para a média nacional, municípios menores do sul, do planalto norte e da área central, como Campo Belo do Sul (0,641), São José do Cerrito (0,636), Vargem (0,629), Calmon (0,622) e Cerro Negro (0,621), exibem índices preocupantes de qualidade de vida (IBGE, 2018a; THOMÉ, 2015).

Supondo que a maior parte dos imigrantes haitianos procurou se estabelecer nas regiões com maior índice de emprego, de oferta de infraestrutura e de serviços públicos, também os indicadores de melhor qualidade de vida intervêm nas escolhas por essas localidades. A exemplo disso, Joinville ocupava em 2015, período inicial da crise econômica, a posição número 187 de taxa de ocupação em rendimento *per capita* no quadro geral de municípios⁶.

⁵ Os agenciamentos empresariais especialmente para Santa Catarina foram largamente problematizados por Luís Felipe Aires Magalhães (2017), que pesquisou a exploração sofrida pelos haitianos em vários locais de trabalho no estado entre o período de 2010 e 2014 (*apud* LAURETTI, 2017).

⁶ Em 2015, o salário médio mensal era de três salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 40,2%. Na comparação com os outros municípios do estado, Joinville ocupava as posições 11 de 295 e 36 de 295, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 220 de 5.570 e 187 de 5.570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 26,5% da população nessas condições, o que a colocava na posição 173 de 295 entre as cidades do estado e na posição 5.197 de 5.570 entre as cidades do Brasil (IBGE, 2018b).

Por outro lado, alguns jornais revelam que a escolha por Santa Catarina tem a ver com a imagem e as publicidades positivas que a mídia veicula sobre a Região Sul. Aqui, o objetivo é entender se e de que maneira as narrativas da imprensa influenciaram os imigrantes haitianos em optar por Santa Catarina como destino.

Para melhor compreensão dessa possível influência, optou-se por utilizar o método cartográfico de análise e seguiram-se as pistas, que, segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p. 13), “são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa”⁷. As trilhas abertas pelas narrativas de imprensa foram acompanhadas, tanto aquelas notícias veiculadas nacionalmente sobre o Sul do Brasil (mais especificamente o estado de Santa Catarina) quanto as reportagens locais que enfatizam as condições supostamente adequadas para o estabelecimento dos imigrantes. Dessa forma, as narrativas jornalísticas elaboram um enredo em torno do lugar ideal para os imigrantes, produzem um desejo de pertencer àquele lugar. Essa espécie de cartografia do espaço engendrado como ideal para o imigrante é vista como uma trilha, mesmo que por vezes se coloque, por sua força midiática, como um trilho a ser seguido pelos recém-chegados ao país.

Para Rolnik (2016, p. 23), “a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem”. Para a autora, assim como as narrativas jornalísticas pesquisadas e que serão problematizadas a seguir, “as cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro” (ROLNIK, 2016, p. 46). Nas narrativas jornalísticas analisadas, o lugar ideal para o imigrante viver (no caso, o Sul do Brasil) é construído de diversas variáveis, que levam em conta o desejo do imigrante e engendram questões materiais, sociais e simbólicas.

Dessa perspectiva, ganha importância a análise das narrativas da imprensa, seguindo a afirmação feita por Resende (2009) quando explicita que “o ato de narrar, através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo” (RESENDE, 2009, p. 33). A narrativa jornalística pode ser vista como “a ideia de que os atos de fala, para além da mera realização de uma ação, se constituem das intencionalidades” daqueles que

⁷ Na publicação de Passos, Kastrup e Escóssia (2015), os autores organizam com base em inúmeras produções científicas oito pistas do método da cartografia para utilizar na prática de pesquisa.

o fazem (RESENDE, 2009, p. 32), ainda que estejam abertos a diferentes possibilidades de compreensão de dada realidade. Contudo, as reportagens e notícias “recontam e criam sentidos” sobre as experiências vividas. Com isso, carregam intencionalidades para fazer crer o que narram aos seus leitores ou aos seus espectadores. Diante disso, buscou-se identificar e analisar algumas reportagens que concorrem para percepções positivas de Santa Catarina enquanto local atrativo para o deslocamento dos imigrantes para essa parte do país.

No que se refere à análise das narrativas jornalísticas, Motta (2013, p. 223) salienta: “O texto jornalístico é produto de uma permanente e sutil negociação de interesse entre o veículo, os jornalistas e as fontes (posteriormente, personagens)”. Segundo ele, existem, portanto, três narradores para cada texto jornalístico: o primeiro narrador é o veículo; o segundo narrador, o jornalista; e o terceiro, a personagem, todos dotados de “certo *capital*” para a negociação, “interferindo com diferentes pesos e dimensões” (MOTTA, 2013, p. 223). Por fim, o autor esclarece que há uma versão hegemônica no texto jornalístico e afiança que “a mídia é hoje detentora da versão pública hegemônica” (MOTTA, 2013, p. 224).

Para Dalmonte (2010, p. 216), “o jornalismo se constitui como lugar de articulação de discursos sociais, com base no diálogo de interesse público e, conseqüentemente, agente mediador entre o mundo dos fatos e a instância de leitura/recepção”, trazendo para a cena de análise também a perspectiva/influência da recepção, ou seja, a participação do leitor na reelaboração do significado daquilo que é anunciado e publicizado pela esfera da comunicação.

Para problematizar essa questão, foram selecionadas primeiramente reportagens que constam do documento intitulado “Resenha de Imprensa”, elaborado pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos, que compila notícias acerca da imigração haitiana entre os anos de 2010 e 2013 e que mencionam o Sul do Brasil, especialmente aquelas que apontam o estado catarinense, como atrativo para o deslocamento dos imigrantes. Em um segundo momento, a pesquisa deu-se de forma *online* em *sites* de notícias pelas palavras de busca *Haitianos em Santa Catarina*. Escolheram-se as notícias que também destacavam em seus textos o estado de Santa Catarina como “promissor” para a imigração haitiana⁸.

⁸ Como exemplo de estudo dirigido, baseou-se em Lima, Ávila e Silva (2016). A investigação consiste em uma pesquisa sobre a representação dos imigrantes haitianos no jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba (PR).

A primeira reportagem examinada é de autoria de Marcelle Ribeiro, do jornal *O Globo*, de janeiro de 2012: “Firma de Santa Catarina vai a Brasileia para contratar haitianos”⁹. Não fosse pelo parágrafo inicial, em que a jornalista introduz o assunto informando que uma empresa que fabrica piscinas em Santa Catarina foi até a cidade de Brasileia para contratar imigrantes haitianos e que já levou para o estado 27 imigrantes, não seria sentida a presença da repórter. Todo o texto é permeado pelas vozes dos responsáveis pela empresa, sem mediação ou interferência da jornalista, que reproduz as falas dos empresários: “Os haitianos estavam sofrendo muito no Acre, comendo e dormindo mal” (RIBEIRO, 2012). Ao repercutir a fala de Érico Tormem (presidente da Fibratec Engenharia, de Chapecó, oeste de Santa Catarina), a intencionalidade do recrutamento no Acre ganha visibilidade: “Já que precisávamos contratar gente, decidimos resolver o problema deles e o nosso” (RIBEIRO, 2012), corroborando com a ideia de que “as histórias jornalísticas são, por isso, *polissêmicas*: cada notícia ou reportagem oferece uma multiplicidade de vozes e de interesses que abre uma multiplicidade de interpretações” (MOTTA, 2013, p. 221, grifos do original).

Por essa ausência do narrador jornalista, enfatiza-se que não há no decorrer da reportagem nenhum contraponto à afirmação de que em Santa Catarina os imigrantes seriam mais bem tratados do que no Acre, ou porque a jornalista desconhece as condições precárias a que são submetidos os haitianos nos alojamentos no estado, ou porque, como diz Resende (2009, p. 36), “na narrativa jornalística, a forma autoritária de narrar histórias se mantém, e, de certa forma, com mais agravantes por apresentar-se velada”. Segundo o autor, o fato é apresentado “envolto no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos” (RESENDE, 2009, p. 36). Ouvindo o empresário, a reportagem segue: “Aqui na região não tem gente para trabalhar em várias áreas, os frigoríficos da região estão indo para o Rio Grande do Sul buscar gente para trabalhar. *Se os haitianos ficarem aqui uns dois ou três anos, a gente já recupera o investimento*” (RIBEIRO, 2012, grifo nosso). A declaração do empresário demonstra o pragmatismo econômico exacerbado que em nenhum momento é questionado ou problematizado pela jornalista.

O artigo publicado contribui de maneira significativa para a compreensão da metodologia utilizada aqui na seleção e análise dos textos jornalísticos encontrados.

⁹ Material coletado pelo documento “Resenha de Imprensa”, elaborado pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos, disponível em: <<http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>>. Acesso em: 1.º fev. 2016.

Nesse sentido, parece oportuno apontar as reflexões feitas por Sodré (2012a) a respeito do jornalismo e de suas imbricações com a ideologia quando a qualifica como “luta discursiva que se trava para decidir quem domina” (SODRÉ, 2012a, p. 10). No jornalismo, segundo o autor, “ideologia tem o sentido de sistema de decisões discursivas sobre axiomas de realidade, articuladas com a ordem produtiva dominante”, manifestando-se como “a *forma* que os conteúdos (enunciados, processos, significações, imagens, etc.) assumem na vida social, com vistas à produção de sentidos” (SODRÉ, 2012a, p. 10, grifo do original). Problematizando a relação histórica entre imprensa e a ascensão da burguesia ao poder, o autor afirma “que a imprensa passou a oscilar continuamente entre seus interesses empresariais [...] e os fatos relativos à realidade sociopolítica de seu público” (SODRÉ, 2012a, p. 10).

Em 2012, alimentando o sonho dos imigrantes haitianos, o *site* de notícias *Terra*, em um *link* intitulado “Cidade” divulga a chamada intitulada “Haitianos encontram trabalho em SC e sonham ficar no Brasil” (2012)¹⁰, cuja autoria é desconhecida. Nessa reportagem, evidencia-se o que reflete Motta (2013) sobre a *intertextualidade* de uma narrativa jornalística, na medida em que um texto pode ser “um mosaico de citações e referências que se confrontam e se sobrepõem [...] porque nela se manifestam vozes que identificam a presença de vários narradores” (MOTTA, 2013, p. 221). A narrativa jornalística apresenta a situação da seguinte forma: “No sorriso de Josias Mirvil está a certeza de que a vida dos 17 haitianos que conseguiram emprego em Santa Catarina está melhor” (HAITIANOS ENCONTRAM TRABALHO..., 2012). A matéria prossegue: “Josias conta que dividiu um quarto com mais 15 pessoas, até ser escolhido para trabalhar na construtora de Santa Catarina ao lado de mais 16 haitianos. ‘Aqui temos casa, nós dormimos e comemos bem’, relata” (HAITIANOS ENCONTRAM TRABALHO..., 2012).

Pode-se ter melhor compreensão dessa matéria com Sodré (2012a). O autor afirma que o texto de jornal representa “um tipo de intervenção na língua – com os recursos retóricos da clareza e da concisão – [...], cuja forma mais evidente é a presumida *transparência* da realidade, por meio da evidência noticiosa dos fatos” (SODRÉ, 2012a, p. 16, grifo do original). A descrição do alojamento quase se parece com uma publicidade que oferece para o turista uma pousada para o verão: “A casa onde vivem os haitianos foi cedida pela construtora. É uma casa ampla, de dois pavimentos, próxima à praia, com

¹⁰ Material coletado pelo documento “Resenha de Imprensa”, elaborado pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos.

cozinha, sala e varanda. Os quartos são individuais” (HAITIANOS ENCONTRAM TRABALHO..., 2012). A descrição do novo espaço para os imigrantes é, como diz Sodré (2012a, p. 16), “uma presunção que esconde as refrações, as distorções e a mística que se pretende erigir como espelho do real”.

Com essa descrição, é possível imaginar o impacto positivo que Santa Catarina pode causar em outros haitianos, sobretudo naqueles que com o terremoto perderam seu chão e sua casa e que veem no Brasil uma oportunidade de reconstruir sua vida. Assim, “as narrativas jornalísticas são lidas e compreendidas como histórias que geram outras. O fato não se encerra nele próprio, ele gera significado. No exercício da narrativa, ele produz sentido, formando, quem sabe, outros pólos possíveis de compreensão do cotidiano” (RESENDE, 2009, p. 41).

Em um segundo conjunto de reportagens, localizadas por busca *online*, destaca-se a reportagem da revista *Veja* de fevereiro de 2014, repercutindo também as possibilidades da Região Sul como destino para os imigrantes haitianos. Sob o título “Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos”, assinado por Mariana Pollara Zylberkan (2014), é dada ênfase à escassez de mão de obra e às possibilidades de os imigrantes serem contratados por empresas frigoríficas e de construção civil. A matéria informa que, “semanalmente, em média três empresas enviam representantes para recrutar haitianos em Brasileia” (ZYLBERKAN, 2014) e destaca: “O perfil ideal é o de homens que deixaram a família no Haiti” (ZYLBERKAN, 2014). A jornalista opta por iniciar sua narrativa apresentando dois imigrantes haitianos que, segundo ela, “decidiram trabalhar como operários” em Chapecó. O primeiro é “Olson Pierre, de 30 anos, tem dois diplomas de nível superior – psicologia e serviço social – e fala três línguas – francês, espanhol e inglês” (ZYLBERKAN, 2014). O outro é “Milio Louicino, de 32 anos, tem uma carreira como engenheiro químico e já trabalhou em multinacionais” (ZYLBERKAN, 2014). Ambos ganham em média R\$ 1.500 e têm por objetivo economizar para trazer parte de suas famílias que permanecem no Haiti para o Brasil.

Observa-se uma forma diferenciada de apresentar o imigrante: tem curso superior e é retratado como profissional de carreira renomada, destoando do estereótipo comumente exibido pela imprensa de trabalhador desqualificado. Destacando-se das demais reportagens analisadas até aqui, a narrativa do texto proporciona que o morador de Chapecó se aproxime da realidade que viveram os dois haitianos quando diz: “O objetivo é tentar fugir da miséria que assola seu país desde o terremoto que matou 220.000 pessoas – o equivalente a uma Chapecó inteira” (ZYLBERKAN, 2014). Logo depois, o

texto descortina o objetivo do empresariado ao recrutar esses trabalhadores no Acre: “Segundo empresários da região, o custo de 2.000 reais por haitiano compensa pela escassez de mão de obra para trabalhar em frigoríficos e a economia com a automação da produção” (ZYLBERKAN, 2014), no entanto informa: “A maioria das empresas oferece moradia e alimentação nos três primeiros meses e transporte do Acre para Santa Catarina em um ônibus” (ZYLBERKAN, 2014). A narrativa jornalística ensaia a crítica ao tipo de trabalho assumido pelos imigrantes haitianos quando dá voz ao procurador Sandro Eduardo Sardá, do Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina, que afirma: “A prova mais evidente da precarização das condições de trabalho é a contratação de imigrantes, indígenas, presos do regime semiaberto e pessoas que chegam a residir de 200 a 300 quilômetros do local de trabalho” (ZYLBERKAN, 2014). Ele conclui: “O resultado é uma verdadeira epidemia de doenças ocupacionais” (ZYLBERKAN, 2014).

Já a reportagem do jornal catarinense *Notícias do Dia* de abril de 2014 intitulada “Paraíso para os haitianos, Santa Catarina vê crescer o número de imigrantes em busca de trabalho” (THOMÉ; DIOGO, 2014) mantém a referência de que Santa Catarina e os demais estados do Sul do Brasil são promissores para trabalhar e viver – “Paraíso para os haitianos”¹¹. Vale registrar que os dados indicavam que em 2014 o Sul do Brasil apresentava, do ponto de vista do mercado de trabalho, a situação chamada “pleno emprego”¹².

Assim, vale-se aqui do conceito de notícia de Beltrão (2006 *apud* SODRÉ, 2012a, p. 23): “Notícia é a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem”.

Reconhecendo a precariedade do conceito que não se constitui propriamente em definições, mas em descrições da prática profissional, atribuindo peso a um aspecto da notícia (no caso da definição de Beltrão, por exemplo, a exemplaridade da temporalidade de um presente ultra-atual e a ação definidora do ato jornalístico que elege aquilo que

¹¹ A esse respeito, ver também: SOUZA, 2014.

¹² Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, que tem por objetivo traçar o perfil das populações ocupadas e desocupadas (percentual de pessoas desocupadas em relação às pessoas na força de trabalho: [desocupados/força de trabalho] × 100), no segundo trimestre de 2013 a taxa de desocupação registrada foi de 7,4% no país. Em termos regionais, o Nordeste apresentou taxa de desocupação de 10% e o Sul o menor número entre as regiões, 4,3% (IBGE, 2013). Em análise à pesquisa divulgada pelo IBGE, em 17 de janeiro de 2014, o economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), afirmou em matéria veiculada na sessão Economia do jornal *O Estado de S. Paulo* que “o mercado de trabalho continua aquecido e o País ainda vive uma situação de pleno emprego” (TOMAZELLI, 2014).

teria importância ao público), Sodré (2012a) ainda questiona se, diante da crise das formas tradicionais de jornalismo no mundo contemporâneo, ainda haveria espaço para os produtores do texto jornalístico determinar o que é ou não notícia. Assim conclui, com mais propriedade: “A notícia é o relato de algo que foi ou será inscrito na trama das relações cotidianas de um real-histórico determinado” (SODRÉ, 2012a, p. 24).

Aqui caberia a pergunta: a quem interessa noticiar que Santa Catarina se transformou no “paraíso para os haitianos”? Para os próprios haitianos? Ou para o reforço do imaginário criado historicamente de que essa região é pujante? Afirma Coutinho (2014, p. 15) que “todo o processo de hegemonia é, necessariamente, um processo comunicacional” e que os processos históricos “formam-se e transformam-se” pela interferência da comunicação.

No *A Notícia* de 2013, na sessão destinada aos assuntos de economia, em reportagem assinada por Maellen Muniz e Tuane Roldão (2013), o destaque é para o fato de Joinville ser um polo industrial e, por isso, muito atrativa para os imigrantes. Diz o texto: “A fama do polo industrial e a instalação de multinacionais renomadas na região chamam a atenção dos haitianos” (MUNIZ; ROLDÃO, 2013). Segundo as jornalistas, “a colocação no mercado local costuma ser rápida porque as empresas têm dificuldades em suprir a demanda de funcionários para cargos operacionais” (MUNIZ; ROLDÃO, 2013), apontando de imediato o trabalho destinado para o imigrante. Em seguida, fazem alusão à fala do vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos em Santa Catarina (ABRH-SC), o qual argumenta: “Ainda que haja um processo de adaptação, é melhor inserir estas pessoas na produção do que deixar uma máquina parada” (MUNIZ; ROLDÃO, 2013). Afirmarções como tal, que nomeiam os imigrantes como “estas pessoas”, dão ainda mais sentido às reflexões trazidas por Sayad (1998, p. 48) sobre o papel social historicamente imposto ao imigrante como “trabalhador provisório”, a respeito do qual são levados em conta “os custos e as vantagens comparadas” da utilização da mão de obra migrante.

No decorrer de nossa pesquisa, localizamos uma fissura na publicidade do “Sul maravilha”. O contraponto foi feito pelo jornalista Marcelo Auler (2016), em seu *blog* independente *Marcelo Auler Repórter*, em que publicou denúncia em relação aos agenciamentos empresariais envolvendo a imigração haitiana para o Sul do país. Conforme o jornalista, tais agenciamentos começaram a ser denunciados pelo Ministério Público do Trabalho do Acre em 2011. Diz ele que a atuação do Ministério Público surgiu quando das “primeiras denúncias da contratação por frigoríficos do Centro-Sul do país.

Eles selecionavam os trabalhadores entre aqueles *com maior espessura da canela*, o que, teoricamente, permitiria melhor desempenho no dia-a-dia de trabalho” (AULER, 2016, grifo nosso). O jornalista destaca as palavras do procurador do trabalho em Rondônia e no Acre Marcos Gomes de Cutrim: “Desde aquela época, essas empresas, do chamado ‘Sul maravilha’ [...] iam a Brasília, [...], contratar mão-de-obra haitiana e de outras nacionalidades utilizando requisitos como idade inferior a 38 anos, espessura da canela e até a genitália” (AULER, 2016). Segundo apura o jornalista, essa denúncia teria sido feita pelo procurador em maio de 2015.

Posto isto, o processo de imigração contemporânea provoca a pensar tanto o imigrante em sua função clássica de trabalhador referendado pela intencionalidade das narrativas jornalísticas quanto os deslocamentos e a presença imigrante imbricados em tramas cotidianas. Para tal, debruça-se na análise desse processo em Joinville.

2.2 JOINVILLE: “UMA CIDADE MIGRANTE”

Para que seja possível continuar analisando a complexidade que envolve os lugares e os espaços praticados pelos imigrantes haitianos na contemporaneidade em Joinville, faz-necessário, mesmo que de forma breve, apresentar a discussão acerca da construção da imagem, ao longo dos séculos XIX e XX, de que a cidade foi fundada e obteve êxito econômico, social e cultural graças à imigração germânica e ao cultivo de tradições especialmente alemãs, tradições essas acionadas pela publicidade oficial do governo municipal e também pelas narrativas e discursos da imprensa local e da historiografia.

A imagem positiva de cidade construída pela força da colonização alemã começou a ganhar significado na historiografia nos anos 1980 (COELHO, 2010), quando Joinville passou por um processo de transformação urbana impulsionado, desde a década de 1970, pela chegada de muitos migrantes vindos do interior de Santa Catarina e de estados vizinhos à procura de melhores condições de vida (TERNES, 1986).

A problematização dessa questão é feita por Coelho (2010), que discute amplamente a historiografia e as produções da imprensa tanto no passado mais remoto quanto no presente recente no que se refere à imagem de “cidade alemã” e suas imbricações com os movimentos migratórios contemporâneos. A autora identifica que, pela interpretação histórica, “emergem os movimentos que, sob o signo da diferença (manifestada pela presença migrante), tramam e produzem ressignificações sobre

Joinville ora como ‘cidade alemã’, ora como ‘palco da diversidade étnica’ (COELHO, 2010, p. 13). Procura ao longo de sua pesquisa compreender as nuances e os contrapontos da representação criada historicamente sobre Joinville como “cidade alemã”.

Segundo Coelho (2010, p. 174), o historiador Apolinário Ternes no início dos anos 1980 teria promovido e reforçado, mediante seus escritos, a ideia de que “a história de Joinville [...] poderia ser explicada por meio de uma grande tese, qual seja ‘o esforço colonizador’, cuja essência impulsionou a evolução histórica da cidade até o presente” (COELHO, 2010, p. 174). Na continuação de sua análise sobre a obra de Ternes, Coelho (2010) afirma que um dos pressupostos adotados por esse historiador é “atribuir aos pioneiros o protagonismo do ‘processo civilizatório’ da cidade, pelo qual se justificaria historicamente a legitimidade do poder dominante de seus descendentes” (COELHO, 2010, p. 177). Um segundo pressuposto é que foi “pelas mãos dos pioneiros que se conseguiu ‘plantar uma cidade’, superando-se assim um suposto estágio inferior de existência” (COELHO, 2010, p. 178).

A propagação dessa ideia perdurou até meados da década de 1990: “Havia vozes um pouco desafinadas, mas bastante estridentes que buscavam aclamar e identificar Joinville como cidade alemã” (COELHO, 2010, p. 28), no entanto os dados estatísticos dos fluxos migratórios contemporâneos contradiziam tal afirmação e mostravam uma cidade diversa daquela colonizada e aclamada como “alemã” – no caso de Joinville, desde os anos 1970 haviam chegado contingentes expressivos de migrantes vindos do Paraná e também do sul do estado catarinense.

Durante a pesquisa, a autora identifica a década de 1990 como o “momento que começam a ganhar eco representações da cidade como ‘palco da diversidade étnica e cultural’” (COELHO, 2010, p. 30). Tal fissura se aprofundou nos anos seguintes até ser representada na década de 2000 por um evento chamado Festa das Tradições. Realizada pela primeira vez em 2005 pelo próprio poder público municipal, Joinville foi apresentada como uma “cidade cosmopolita”. Segundo Coelho (2010, p. 38): “A grande novidade era o caráter atribuído à festa, a qual pretendia expor vestígios e cenários de um passado que agora se apresentava como multicultural”.

De lá para cá, Joinville continuou recebendo muitos migrantes de várias partes do Brasil (COELHO, 2010). Mais recentemente (2010), a cidade colocou-se entre aquelas que passaram a receber os imigrantes advindos dos fluxos internacionais contemporâneos, entre eles os imigrantes haitianos. Para servir como referência da presença haitiana na cidade nos últimos anos, a Figura 2 ilustra Joinville no contexto

geográfico catarinense de forma a elucidar quão significativos são os números dessa imigração se comparados à quantidade de registros de haitianos no Brasil e no estado de Santa Catarina¹³.

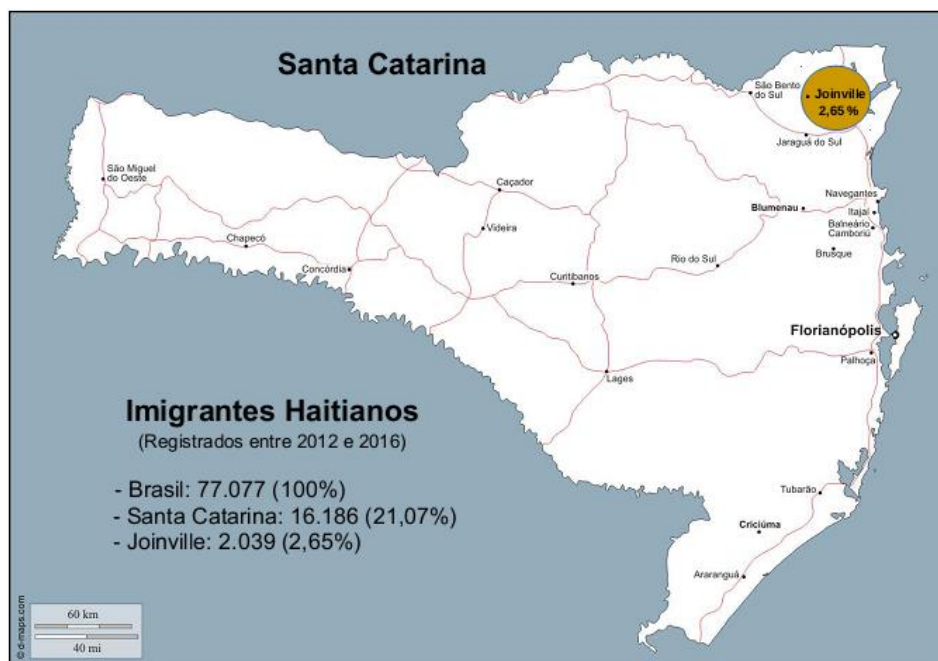


Figura 2 – Mapa de Santa Catarina mostrando o número de imigrantes haitianos e as suas respectivas percentagens no estado e na cidade de Joinville

Fonte: adaptado com base nos dados fornecidos pela Polícia Federal e pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos (2016), disponível em: <http://d-maps.com/carte.php?num_car=33360&lang=es>. Acesso em: 13 set. 2017

Concorda-se com Certeau (2014, p. 45) quando afirma que “a enquete estatística só ‘encontra’ o homogêneo. Ela reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano”. Nessa direção, Haesbaert (2011, p. 3), refletindo sobre o conceito de biopoder proposto por Foucault, compreende os dados e as estatísticas demográficos como expressão do poder sobre a vida, que se efetua por meio do homem visto enquanto “população”, em seu “meio” de circulação e reprodução como ser vivente, biológico.

Ainda que sabendo dessas limitações quando se trata de dados estatísticos, e apesar delas, apropriou-se desses dados para localizar os territórios formais/oficiais frequentados ou acionados por esses imigrantes e, mediante a análise dessa “ocupação”, compreender suas “maneiras de fazer”, como se movimentam e como, em suas “práticas cotidianas”, vivem a cidade e sua condição migrante. Para localizar espacialmente na

¹³ Dados completos da imigração haitiana no país, bem como em Santa Catarina, podem ser visto no capítulo 1 por meio dos gráficos 1 e 2.

cidade esses imigrantes, bem como entender as suas condições socioeconômicas, apoiou-se em dados obtidos nos registros da Polícia Federal, das secretarias municipais de Assistência Social, Saúde e Educação e dos órgãos governamentais responsáveis pelo emprego na cidade.

Os dados obtidos com o Ministério do Trabalho¹⁴ no tocante à documentação emitida para os imigrantes haitianos na cidade referenda o que diz Sayad (1998, p. 54): “Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. Entre os anos de 2013 e 2016, houve a emissão de 2.052 carteiras de trabalho por parte dos imigrantes haitianos na cidade, apontando Joinville como um polo catalisador na busca por emprego. Importante salientar que, conforme já apresentado, há registrados na Polícia Federal de Joinville 2.039 haitianos (2010–2017). Se comparados aos dados do Ministério do Trabalho, pode-se considerar o fato de muitos imigrantes haitianos terem se registrado na Polícia Federal de outro estado (quando do seu acesso ao país) e, após sua chegada a Joinville, terem ingressado com o pedido de emissão da carteira de trabalho.

Os dados obtidos na Secretaria de Assistência Social¹⁵ revelam que muitos haitianos que procuraram o serviço de assistência social já haviam passado por Acre, Amapá, Amazonas, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, entre outros. Pode-se constatar que o ano de 2015 teve recorde no número de emissões de carteira de trabalho: foram 711 carteiras de trabalho expedidas, o que representa 34% do total de expedições em quatro anos.

Com isso, presume-se que, conforme já mostrado no capítulo 1, no momento em que houve o maior número de haitianos documentados pela Polícia Federal também cresceu o número de emissões de outros documentos. Os números mostram que grande parte das emissões de carteira de trabalho foi feita por pessoas do sexo masculino, representando 58% dos solicitantes. Ressalta-se que 943 carteiras de trabalho, ou seja, 46%, foram expedidas para imigrantes na faixa dos 31 aos 40 anos. O Gráfico 4 evidencia essas informações.

¹⁴ Segundo dados fornecidos pelo Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC), do governo federal, no período de 1.º de janeiro de 2010 a 3 de julho de 2017.

¹⁵ Lista de estrangeiros incluídos no Cadastro Único para programas sociais do governo federal, base setembro de 2017. Dados fornecidos por correio eletrônico para a pesquisadora em janeiro de 2018.

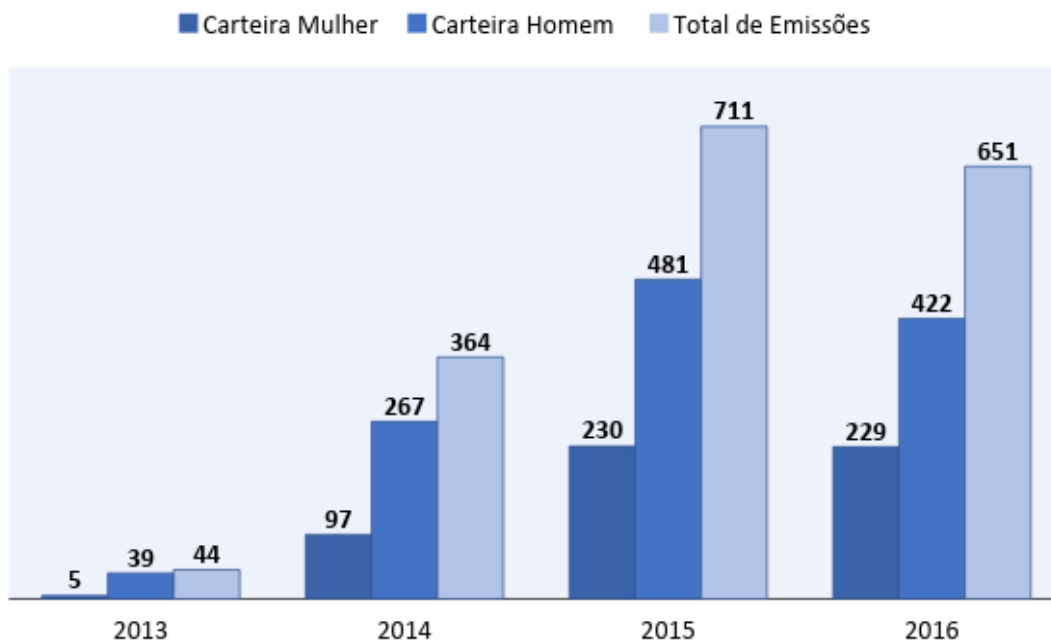


Gráfico 4 – Emissões de carteira de trabalho por ano e sexo em Joinville (SC), de 2013 a 2016
 Fonte: primária, com dados fornecidos pelo Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC), do governo federal, no período de 1.º de janeiro de 2010 a 3 de julho de 2017

Ainda no tocante à situação vivida pelos imigrantes haitianos no mundo do trabalho em Joinville, uma questão chamou atenção quando pesquisados os dados relacionados a acidentes de trabalho. Conforme a Secretaria Municipal de Saúde, mais especialmente do setor denominado de Centro de Referência de Atendimento ao Trabalhador (Cerest), havia apenas um registro de acidente de trabalho envolvendo imigrantes haitianos na cidade, feito em 2017¹⁶. Segundo informações, como as grandes empresas possuem ambulatório próprio, bem como plano de saúde, não há exigência de registro no SUS quando de acidentes de trabalho. Também foi informado que os atendimentos podem ocorrer em vários serviços públicos da cidade e que a Secretaria da Saúde não dispõe de um sistema capaz de centralizar essas informações. Essa “falta” de dados de acidentes de trabalho envolvendo trabalhadores no Brasil é preocupante de forma geral, no entanto essa ausência de registros pelo SUS, especialmente dos trabalhadores imigrantes haitianos, pode dar a entender que não há preocupação com políticas públicas, já que o haitiano, desse ponto de vista, é um invisível, invisível para não ter direitos reconhecidos.

¹⁶ Durante o período da realização dos projetos de extensão com os haitianos (2016, 2017), teve-se contato com vários imigrantes que estavam afastados de seu local de trabalho por acidentes de trabalho, ou ainda por doenças desenvolvidas pela função laboral que exerciam.

Outra importante fonte de dados para analisar a situação dos imigrantes haitianos que vivem em Joinville são os dados compilados pela Secretaria de Assistência Social do município, responsável pelos serviços oferecidos pelo Suas. Com base nos dados fornecidos em maio de 2016¹⁷, foi possível identificar que, dos 449 estrangeiros cadastrados no Suas à época, cerca de 70% eram haitianos, perfazendo 313 pessoas.

Inicialmente, tendo à mão as informações do cadastro, procurou-se identificar os territórios geográficos ocupados pelos imigrantes haitianos em Joinville. Os dados mostram que as maiores concentrações de haitianos atendidos pelo Suas estão nos seguintes bairros (por maior número de ocupação): Floresta, Comasa, Santa Catarina, Itaum e Boa Vista. Destacam-se Comasa, Boa Vista e Itaum, bairros que historicamente receberam maior número de migrantes (anos 1960/70 e 1980)¹⁸, por estarem localizados próximos a empresas, especialmente uma metalúrgica de grande porte empregadora de migrantes (Figura 3). No caso dos haitianos, esses bairros também são escolhidos como local de moradia pelo estabelecimento de redes de solidariedade ligadas tanto à Igreja Católica quanto às demais denominações religiosas com as quais parte dos imigrantes, ainda no Haiti, estabelece contato para servir de ponto de apoio no momento de sua chegada.

¹⁷ Lista de estrangeiros incluídos no cadastro único para programas sociais do governo federal do Suas de Joinville (maio 2016).

¹⁸ A esse respeito, ver: SOUZA (1998); NIEHUES (2000); CORREA; FERNANDES (1992).

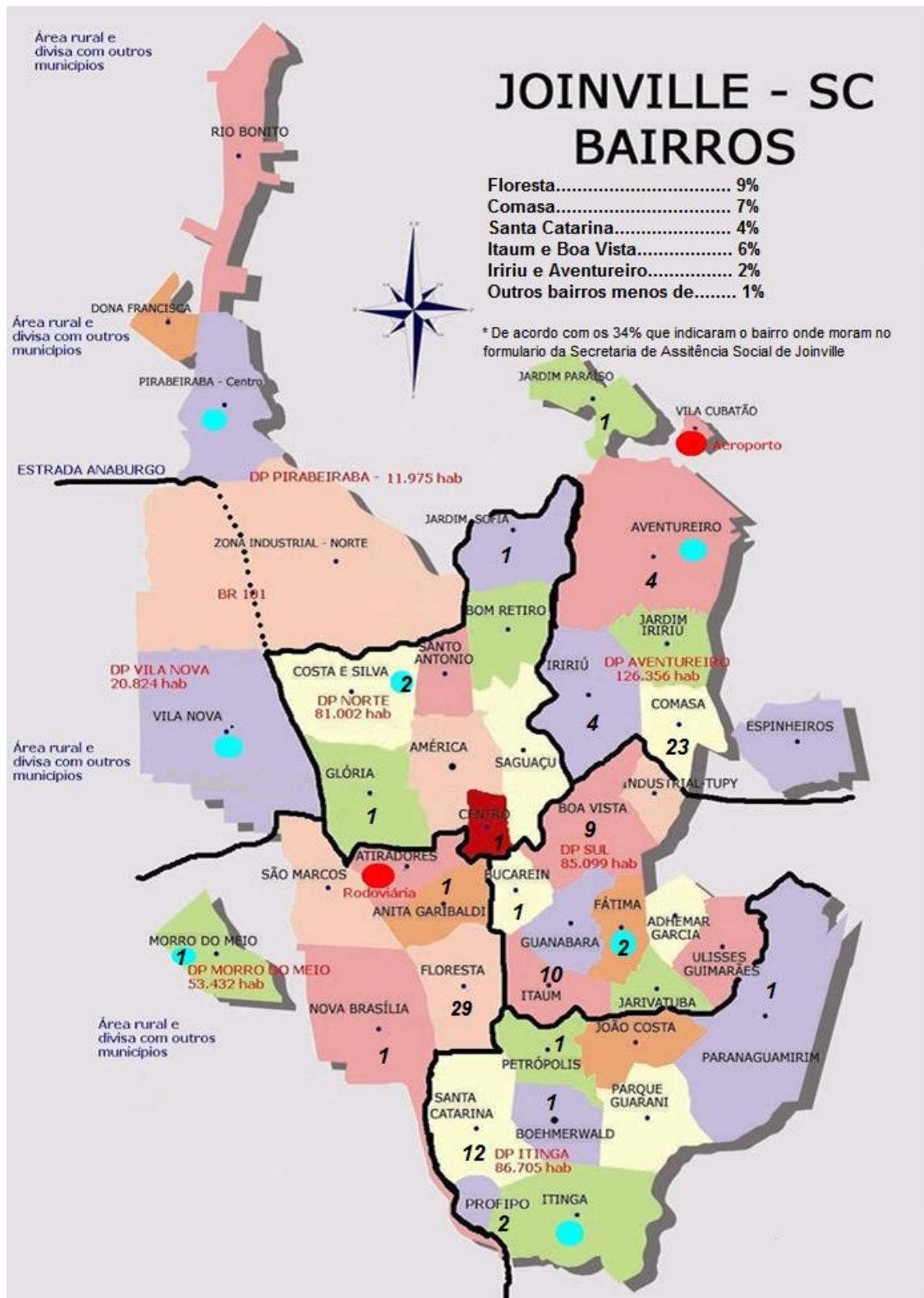


Figura 3 – Ocupação territorial de imigrantes haitianos nos bairros de Joinville (SC)
 Fonte: primária, com base no Cadastro Único do Sistema Único de Assistência Social (Suas) de Joinville (maio 2016)

Os dados atualizados pela Secretaria de Assistência Social¹⁹ mostram que houve aumento considerável nos atendimentos envolvendo imigrantes haitianos, se comparados tais números com os dados fornecidos em maio de 2016, que contabilizavam 313 imigrantes haitianos, e os de 2018 (base setembro 2017), com 465 imigrantes haitianos atendidos. Esse aumento deu-se no mesmo período em que ocorreram a crise econômica no país e, por consequência, o desemprego, que atingiu principalmente os imigrantes, exigindo maior rede de proteção social por parte do Estado. Com a análise dos dados dos imigrantes haitianos cadastrados pela Secretaria de Assistência Social, conclui-se que não há grande discrepância no percentual de registros no que se refere ao número de homens (49%) e de mulheres (51%). A maioria (43%) tem idade média entre 25 e 34 anos e 99% não possui deficiências (auditivas, visuais ou mentais) (Gráfico 5).

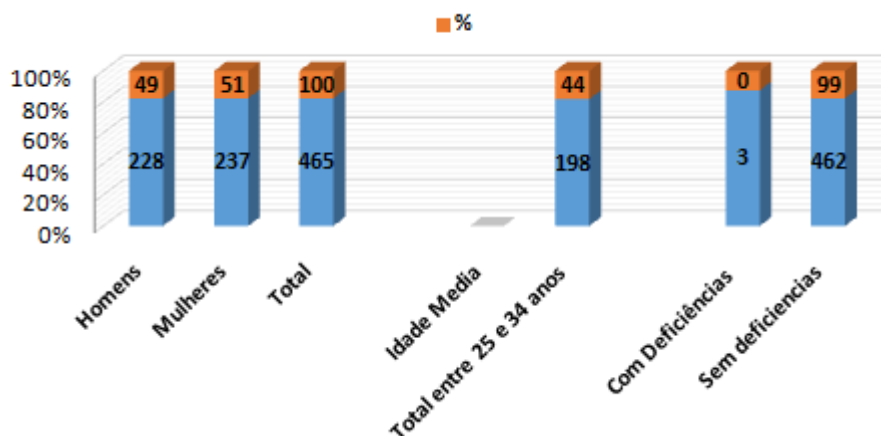


Gráfico 5 – Perfil dos imigrantes haitianos cadastrados pela Secretaria de Assistência Social de Joinville (SC) entre os anos de 2010 até setembro de 2017

Fonte: primária, com base no Cadastro Único do Sistema Único de Assistência Social (Suas) de Joinville (setembro 2017)

Os dados fornecidos pela Secretaria de Assistência Social relacionados ao perfil educacional dos imigrantes que foram atendidos entre 2010 e 2017 mostram que aproximadamente 90% deles dominam a leitura e a escrita e frequentaram do nível fundamental ao ensino superior em seu país de origem, o Haiti. Dos 465 haitianos atendidos pelo Sistema Único de Assistência Social em Joinville, 228, ou seja, 49%, são responsáveis pela unidade familiar, número equivalente ao de imigrantes homens registrados no cadastro. Dos que foram cadastrados até setembro de 2017 pelo Suas, 90%

¹⁹ Lista de estrangeiros incluídos no cadastro único para programas sociais do governo federal, base setembro de 2017, fornecida por correio eletrônico para a pesquisadora em janeiro de 2018.

não receberam doações, ou auxílios (seguro-desemprego, Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, entre outros), 28% têm trabalho com carteira assinada e apenas 1% trabalha de forma independente. Boa parte dos haitianos que foram atendidos e que estavam trabalhando naquele momento, 54%, recebeu nos últimos 12 meses (setembro de 2016–setembro de 2017) em média o valor anual de R\$ 9.106,64. Isso sinaliza que a média salarial/mês gira em torno de R\$ 760, menos de um salário mínimo à época, evidenciando que na maioria das vezes o imigrante ocupa um posto de trabalho com baixa remuneração salarial no mercado de trabalho (Gráfico 6).

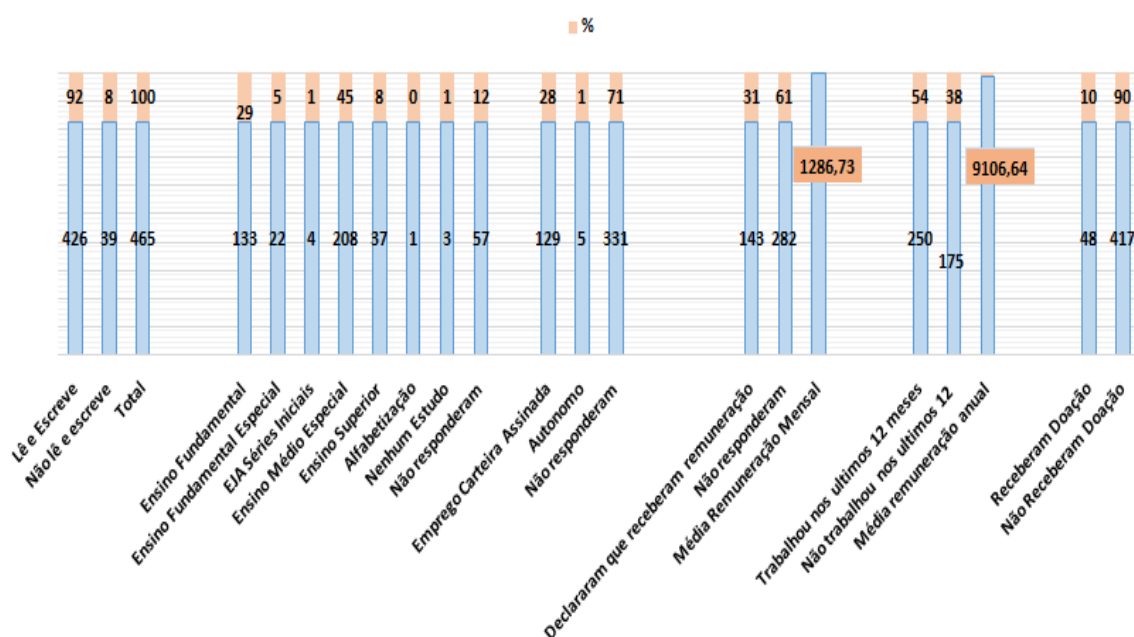


Gráfico 6 – Características dos imigrantes haitianos

Fonte: primária, com base no Cadastro Único do Sistema Único de Assistência Social (Suas) de Joinville (setembro 2017)

No que se refere às questões de saúde dos imigrantes haitianos na cidade, destacam-se os dados obtidos com a Secretaria de Saúde em relação aos nascimentos de filhos de haitianas. O SUS conta com o Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (Sinasc), que reúne informações epidemiológicas acerca dos nascimentos informados em todo o território nacional. Por intermédio desse sistema, foi possível fazer alguns levantamentos sobre as haitianas que tiveram seus filhos em Joinville no período de 2013 a 2017, bem como verificar a situação econômica social na qual essas mães se encontravam. Vale ressaltar que entre 2010 e 2012 não houve registros de nascimentos de filhos de imigrantes haitianos na cidade, reforçando as informações de que os

primeiros dois anos da imigração haitiana para o Brasil foram compostos de homens sozinhos que só trouxeram suas famílias um pouco mais tarde.

No período de 2013 a 2017, 227 mulheres haitianas tiveram seus filhos em Joinville. Os dados evidenciam que grande parte desses nascimentos se deu no ano de 2017 (91 nascimentos, que correspondem a 40% do total) (Gráfico 7). Desses nascimentos, mais de 91,2% ocorreram na Maternidade Darcy Vargas, que atende a mães joinvilenses de forma gratuita, demonstrando a importância dos serviços oferecidos pelo SUS. Os demais partos foram realizados por hospitais conveniados com planos de saúde. Salienta-se que as grandes empresas que empregam imigrantes haitianos possuem convênios com tais planos, e esse benefício é estendido aos seus familiares.

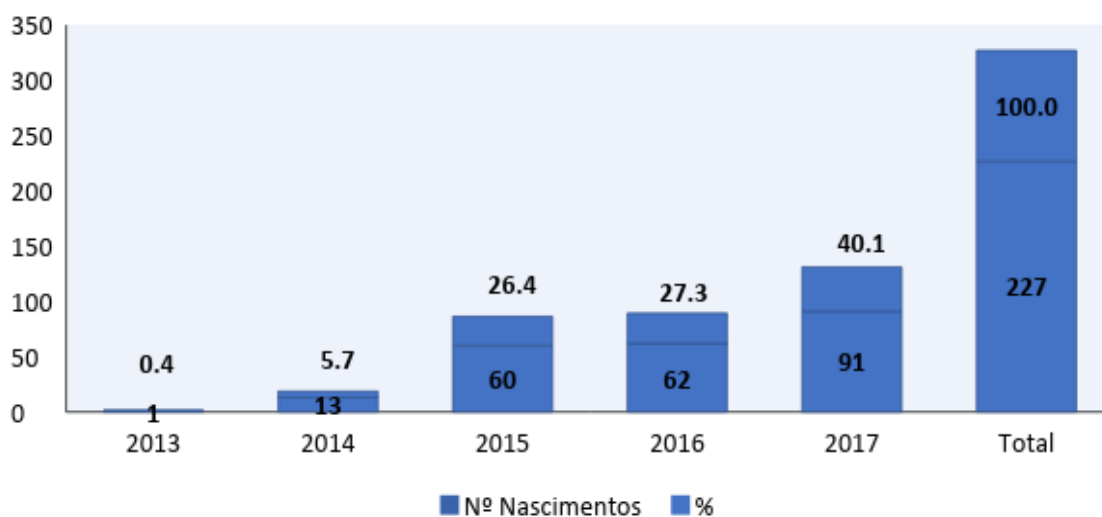


Gráfico 7 – Nascimentos de filhos de imigrantes haitianas em Joinville (SC), de 2013 a 2017
Fonte: primária, com base nos dados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (Sinasc)

Outro dado importante para refletir sobre a saúde da mulher e, sobretudo, se esta está inserida na comunidade e nos hábitos considerados adequados para o Brasil em relação à saúde feminina no que diz respeito aos cuidados durante a gravidez é a frequência da realização do exame pré-natal. No caso das mães haitianas, essa percentagem mostra-se compatível, uma vez que mais de 90% das mães o fizeram. Quanto aos partos dos bebês haitianos, 38% foram por cesárea e 62% foram partos normais/naturais. No tocante aos nascimentos, há o registro de que apenas 3% dos nascidos apresentaram má-formação (apesar de não ter sido possível especificar essas más-formações). Dos nascimentos, 48% foram meninas e 52% meninos. Quando analisados os dados das mães haitianas, a grande maioria tem entre 17 e 35 anos –

destaque para o fato de 33% serem bem jovens, com até 25 anos (Gráfico 8). Com relação ao estado civil, 23% são casadas, 47% vivem em união estável e 30% são solteiras. Considerando a história de vida dessas imigrantes, identifica-se pelos dados que 50% delas já tinham outro(s) filho(s), o que leva à hipótese de que esses outros filhos (ou parte deles) podem ainda estar no Haiti, à espera das condições adequadas para reencontrar sua família no Brasil.

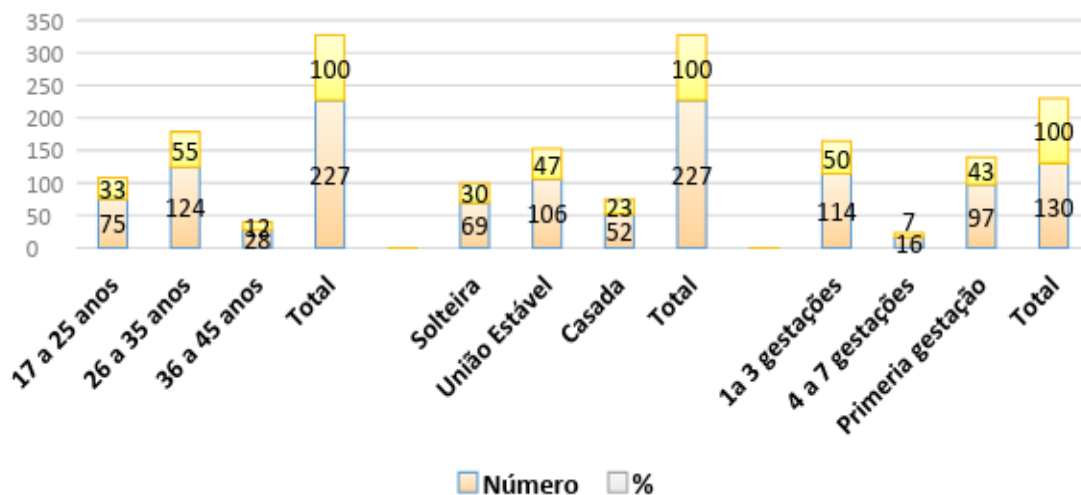


Gráfico 8 – Faixa etária, estado civil e demais gestações das mães haitianas em Joinville (SC) no período de 2013 a 2017

Fonte: primária, com base nos dados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (Sinasc)

Mais um ponto relevante quando analisados os dados referentes à escolaridade dessas mães haitianas é reforçado com as informações da Assistência Social de que os imigrantes haitianos apresentam escolaridade significativa em relação à educação básica: 53% dessas mulheres possuem o ensino médio completo. Já no que tange à ocupação, os dados mostram que 52% se declaram “do lar”, o que vem ao encontro daquilo que havia sido vivenciado no contato com as imigrantes por meio do grupo de extensão universitária nos anos de 2016 e 2017: as haitianas, quando chegam ao país, ficam certo tempo sem acessar o mercado de trabalho formal. Os dados são representados no Gráfico 9, para melhor compreensão.

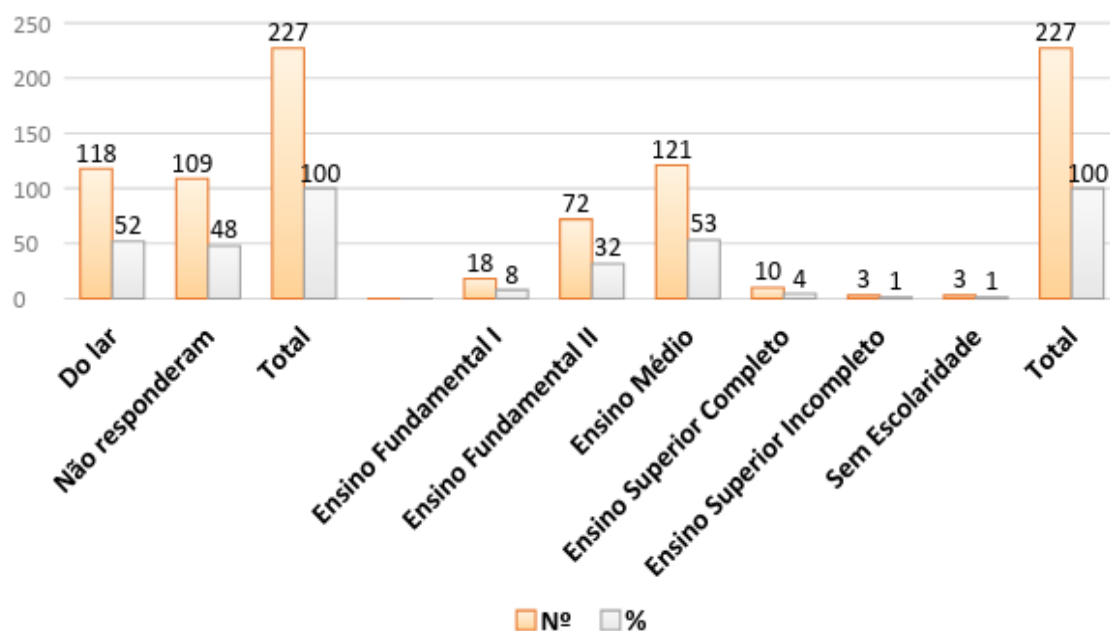


Gráfico 9 – Escolaridade e ocupação das mães haitianas em Joinville (SC) no período de 2013 a 2017

Fonte: primária, com base nos dados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (Sinasc)

No que diz respeito ao local de moradia dessas imigrantes, o informado comprova o que também já fora constatado como território geográfico preferencial dos haitianos na cidade, entre eles os bairros Comasa e Floresta.

A educação formal para crianças e jovens no Brasil segue sendo de responsabilidade do Estado e deve ser oferecida de forma gratuita, especialmente para aqueles em idade de 4 até 17 anos. As responsabilidades são divididas entre os entes federados, cabendo à União fornecer toda a assistência necessária para que os municípios e estados atuem de maneira colaborativa para a efetivação da educação de qualidade²⁰.

Quanto à questão educacional dos imigrantes haitianos em Joinville, sobretudo das crianças e adolescentes²¹, os dados da Secretaria de Estado da Educação (SED-SC) evidenciam que há maior concentração de matrículas nas séries iniciais do ensino fundamental que envolvem crianças de 6 até 10 anos. Identificou-se, com base nessas informações, que há nas escolas estaduais de educação básica de Joinville²² o total de 41

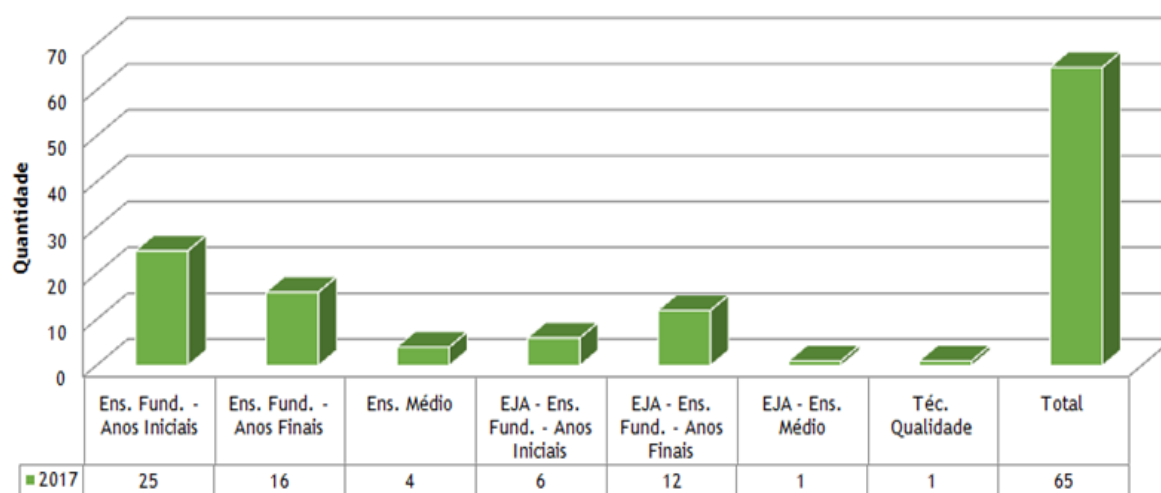
²⁰ Conforme o art. 211, § 2, da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988): “Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)”, e também conforme disposto pelo art. 5.º, § 1.º, da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996).

²¹ As reflexões aqui apresentadas sobre a questão educacional dos imigrantes haitianos foi também objeto de comunicação científica por parte da pesquisadora. Ver: SOUZA, 2018.

²² Relação de matrículas > alunos de nacionalidade haitiana > rede estadual de ensino > município de Joinville. Fonte: SED-SC/Sistema de Gestão Educacional de Santa Catarina (Sisgesc), em 31 mar. 2017. Informações fornecidas por e-mail para a pesquisadora, em 28 de novembro de 2017.

alunos haitianos matriculados no ensino fundamental regular e 18 alunos matriculados no ensino fundamental oferecido pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja). Os números visibilizam a presença de jovens e adultos haitianos à procura da conclusão de seus estudos no país que escolheram para viver após sair do Haiti. São cinco os alunos matriculados no ensino médio, dos quais um é do Ceja, e há também um imigrante haitiano cursando técnico profissionalizante na área da qualidade.

O Gráfico 10 exibe os números de matrículas de imigrantes haitianos (ou de seus filhos nascidos na cidade) na rede estadual de ensino joinvilense.



Ens. Fund.: ensino fundamental; Ens. Médio: ensino médio; EJA: Educação de Jovens e Adultos; Téc. Qualidade: curso técnico em Qualidade.

Gráfico 10 – Número de matrículas dos haitianos na rede estadual de ensino de Joinville (SC)

Fonte: Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED-SC)/Sistema de Gestão Educacional de Santa Catarina (Sisgesc), em 31 mar. 2017. Informações fornecidas por *e-mail* para a pesquisadora, em 28 de novembro de 2017

No que se refere aos dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Joinville²³, no primeiro semestre de 2017 as escolas municipais contavam com 53 matrículas de alunos haitianos na educação infantil e no ensino fundamental. Do total, 62% das matrículas são de alunos que estão na faixa etária dos 4 aos 8 anos de idade, evidenciando maior concentração de matrículas de imigrantes nos primeiros anos do ensino fundamental na rede pública municipal. Pelos dados apresentados, pode-se verificar a diversidade etária nas matrículas; os imigrantes haitianos que estudam na rede municipal de Joinville compreendem crianças entre 2 anos de idade pertencentes ao

²³ Ofício n.º 616-GAB/Secretaria de Educação, enviado por *e-mail* à professora Fernanda Lapa, coordenadora do Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos (IDDH) de Joinville e da Clínica de Direitos Humanos da Univille, em 6 de junho de 2017.

maternal e adultos com mais de 30 anos frequentando o ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O Gráfico 11 traz um panorama geral das matrículas de imigrantes haitianos (ou de seus filhos nascidos na cidade) na rede municipal de ensino de Joinville.

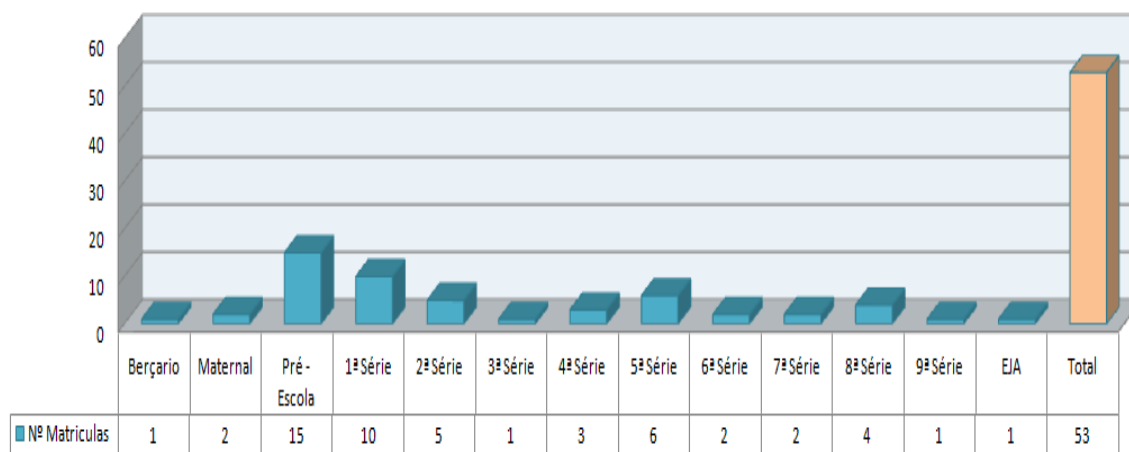


Gráfico 11 – Números de matrículas dos haitianos na rede municipal de ensino de Joinville (SC)

Fonte: Ofício n.º 616-GAB/Secretaria de Educação, enviado por *e-mail* à professora Fernanda Lapa, coordenadora do Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos (IDDH) de Joinville e da Clínica de Direitos Humanos da Universidade da Região de Joinville (Univille), em 6 de junho de 2017

Em pesquisas na imprensa foram localizadas poucas reportagens que continham referência à questão da educação formal dos imigrantes haitianos em Joinville. Em publicação *online* do jornal *Notícias do Dia*, a repórter Suellen dos Santos Venturini (2014) aborda a questão sob o título “Vinda de haitianos triplicou em dois anos e integração passou a ser desafio em Joinville”. A narrativa jornalística evidencia a história de um menino imigrante haitiano que com 10 anos de idade procura se integrar no contexto escolar. Diz a repórter: “O pequeno Frantzdy Cilus, 10, é um personagem recente dessa realidade [...], há menos de um mês, está tentando se integrar. Cilus não fala português e é bem tímido” (VENTURINI, 2014). A reportagem destaca que, mesmo o imigrante tendo aprendido “algumas palavras, [...] ainda não conversa e brinca pouco com as crianças da escola” (VENTURINI, 2014).

A constatação feita por Venturini (2014) aproxima-se de uma realidade de muitas crianças e adolescentes imigrantes haitianos: a dificuldade em se adaptar no novo ambiente escolar, nem sempre preparado para recebê-los. A reportagem buscou informações com professores e responsáveis pela Secretaria Municipal de Educação, para compreender como se dá o processo de acompanhamento desses imigrantes e sua

aprendizagem. Segundo Elisabeth Staranscheck, representante da secretaria: “Caberia ao Ministério das Relações Exteriores intervir em escala maior, porque em casos como esse não há o que possamos fazer, eles têm que aprender sozinhos” (*apud* VENTURINI, 2014). A narrativa da representante do poder público traz à tona duas questões preocupantes. A primeira, dita de forma mais implícita, expressa a opinião de que é preciso conter o processo de imigração; e a segunda questão apresenta uma postura em que o principal gestor educacional do município se exime da responsabilidade pela aprendizagem de seus munícipes²⁴.

Os números de matrículas de imigrantes haitianos na cidade identificados na EJA revelam uma importante questão de quebra de paradigmas relacionados aos processos migratórios. São imigrantes adultos em busca de estudo e de aperfeiçoamento, rompendo com estigmas de que os imigrantes servem ao mercado de trabalho desqualificado. Nessa perspectiva, são cidadãos que fazem da migração uma aposta de futuro. Conforme dados apresentados no Gráfico 11, dos 65 haitianos matriculados, 20 estão na EJA e no ensino técnico, números que indicam uma procura considerável em finalizar os estudos da educação básica.

Acerca das matrículas para o ensino superior²⁵, os dados mostram que em 2015 e 2016 houve 58 matrículas de alunos haitianos nas instituições de ensino superior da cidade. Dessas 58 matrículas, 78% são de jovens do sexo masculino.

A expectativa de futuro como conquista aparece nas falas dos imigrantes relacionada à possibilidade de frequentar a universidade. O confronto dos discursos que produzem sobre si mesmos retira a frieza dos dados estatísticos, que revelam muitas nuances importantes, negando até mesmo premissas cristalizadas em torno dos imigrantes, mas não é capaz de deixar emergir emoções arrebatadoras.

Para o imigrante haitiano Roland Lafront²⁶ (2016), “*estudar aqui é um privilégio muito grande*”, referindo-se à universidade como “*uma coisa que eu sempre quis, sempre sonhei [...], é conquistar meu sonho, não só meu sonho. É conquistar os sonhos de meus*

²⁴ Em abril de 2017, a Univille passou a desenvolver em parceria com a Escola de Educação Básica Dr. Jorge Lacerda um projeto voluntário de extensão intitulado O Haiti é Aqui: Aprendendo Juntos, com o objetivo de desenvolver atividades de acolhimento e reforço na língua portuguesa para crianças e adolescentes haitianos matriculados em escolas estaduais. Também a reportagem de Venturini (2014) destaca inúmeras iniciativas existentes na cidade para ensinar a língua portuguesa aos haitianos.

²⁵ Dados referentes aos anos de 2014, 2015 e 2016, coletados em 17 de janeiro de 2018 e fornecidos por e-mail pela consultoria Mercadoedu, empresa que realiza levantamentos acerca das matrículas em instituições de ensino superior no país.

²⁶ Imigrante haitiano, 36 anos, estudante do segundo ano do curso de Design da Univille. Roland saiu do Haiti e morou um ano e meio na Venezuela antes de vir para o Brasil.

irmãos”. Para Roland, matricular-se e conseguir manter-se na universidade é parte de seu propósito de migrar e está ligado ao projeto que deseja também para a sua família: “*É dar um passo mais para frente para mim, para meus irmãos e para os jovens da minha família*” (LAFRONT, 2016). O jovem imigrante toma para si a responsabilidade de servir de exemplo para seus familiares que ainda permanecem no Haiti: “[Eu estou] *tentando de fazer alguma coisa, dando um exemplo [...]. Isso me deixa com muito orgulho. Eu acho que isso não vai ficar só para mim, vai ficar para minha família inteira*” (LAFRONT, 2016).

No ano de 2018, Roland e mais dois haitianos, inclusive um sobrinho seu que, seguindo os passos do tio, veio para o Brasil e iniciou os estudos no ensino superior em Joinville, constituem um grupo muito pequeno de jovens que conseguem matricular-se em universidades comunitárias ou públicas no Brasil. Registra-se que mais de 80% das matrículas de imigrantes haitianos são de uma instituição de ensino privado que compõem um expressivo grupo educacional no país. Ressalta-se que a mensalidade nesses estabelecimentos de ensino é de baixo custo, o que pode explicar a alta adesão de imigrantes.

A situação das matrículas de imigrantes haitianos no ensino superior em Joinville é exibida no Gráfico 12.

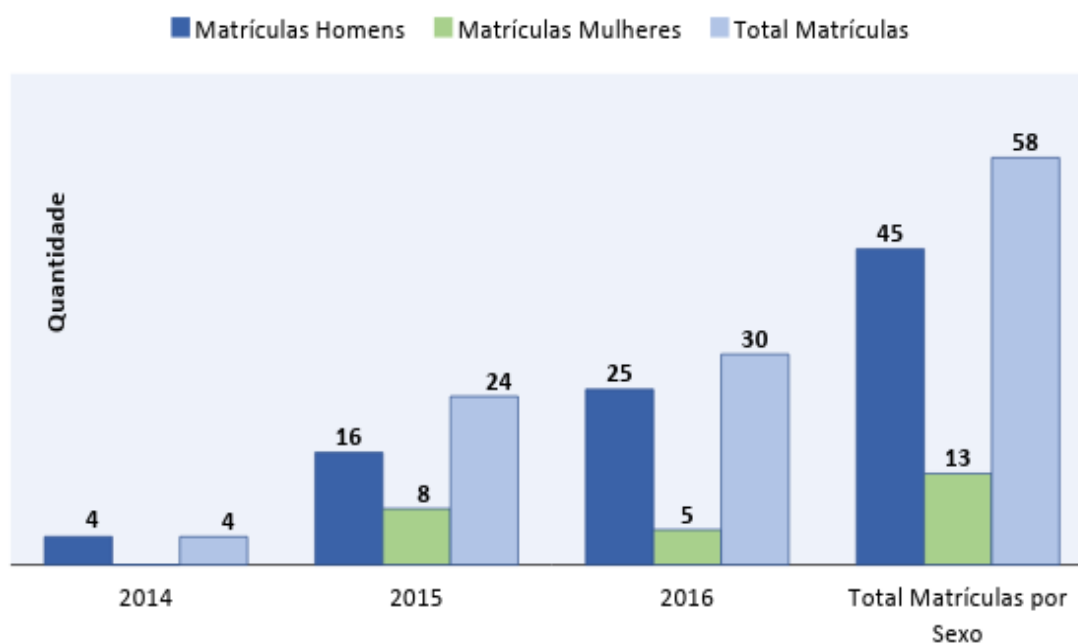


Gráfico 12 – Matrículas no ensino superior dos imigrantes haitianos por ano e por sexo em Joinville (SC)

Fonte: CONSULTORIA MERCADOEDU, 2017

Segundo os dados compilados no Gráfico 13, pode-se observar que os principais cursos escolhidos indicam ligação imediata com o mercado de trabalho e, dessa forma, empregabilidade maior. São destaque as matrículas no curso de Logística, 29% do total, logo depois Gestão Financeira e Engenharia Civil. As matrículas do curso de Letras/Inglês são um ponto expressivo, porque fogem dessa noção imediata de colocação no mercado de trabalho. Com 14% de matrículas, tal interesse pode estar associado ao desejo e à necessidade de conhecer e dominar as línguas portuguesa e inglesa.

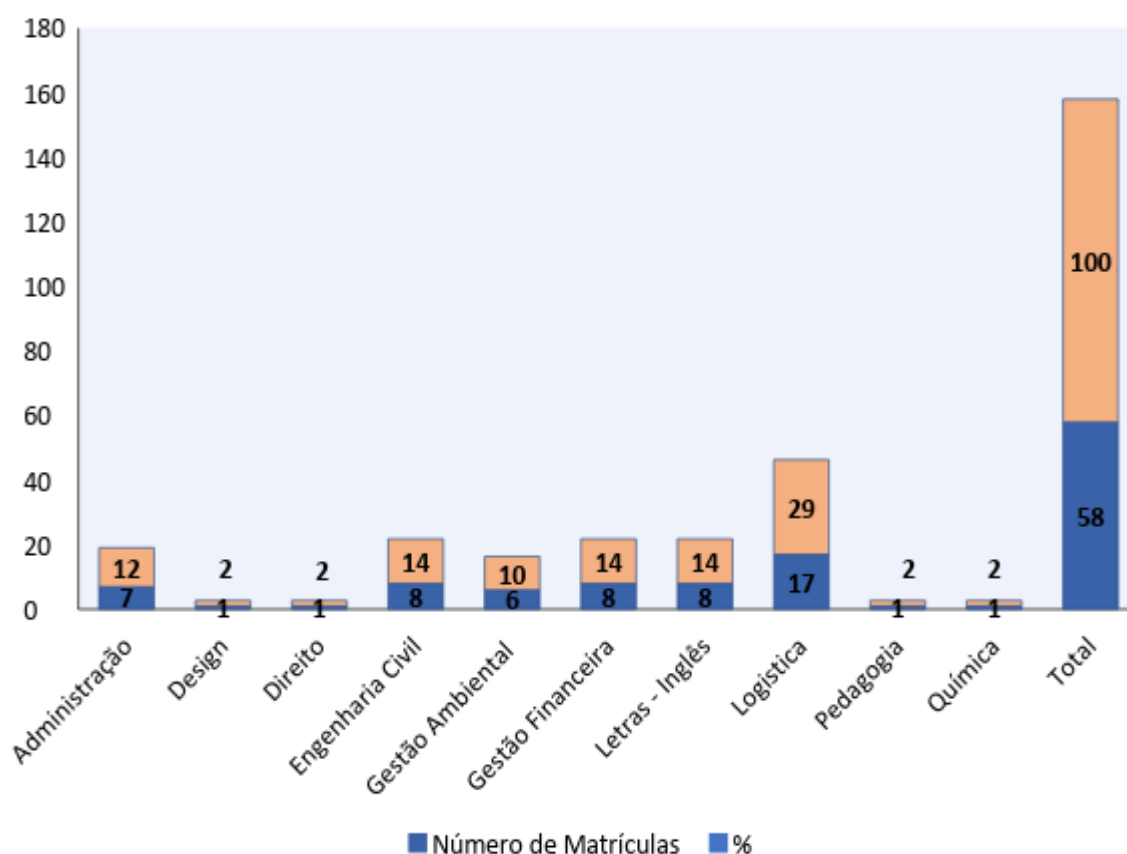


Gráfico 13 – Matrículas dos imigrantes haitianos em Joinville (SC) no ensino superior por curso

Fonte: CONSULTORIA MERCADOEDU, 2017

A evasão no ensino superior mostra-se como um dado preocupante na trajetória dos imigrantes haitianos. Dos 58 alunos matriculados, apenas 38% (22 alunos) permaneciam frequentando as aulas no fim do ano de 2016. Algumas das dificuldades vivenciadas pelos imigrantes é apresentada na narrativa de Roland:

Todo dia acordo e sai da minha casa quase 4 horas da manhã. Eu cheguei na Tupy quase 5 horas da manhã [...], 14h15 cheguei em casa. Todo dia quando chego eu sempre, às vezes, eu fui dormir, porque tô muito cansado, [...] mas quando tenho muito trabalho lá na Univille

pra fazer tem que ficar acordado [...]. Todo dia é assim. Às vezes tem [um] amigo na faculdade que me pede: “Roland, vamos lá em casa, vou fazer um churrasco”. Como tô precisando trabalhar no sábado pra pagar a faculdade [, eu não vou] (LAFRONT, 2016).

As dificuldades encontradas por Roland podem ser consideradas iguais às de qualquer estudante trabalhador brasileiro que levanta cedo, trabalha por 8 ou 10 horas, enfrenta um longo trajeto para chegar até a universidade, nem sempre se alimenta adequadamente e tem pouco tempo para estudar. No entanto, além dessas dificuldades, os imigrantes precisam lidar com as dificuldades culturais, linguísticas e sobretudo com o estranhamento e o sentimento de não pertencimento ao local de estudo, sentimentos muitas vezes advindos do não acolhimento por parte dos agentes envolvidos no processo educacional daqueles imigrantes.

2.3 NARRATIVAS DE PERCURSO E APROPRIAÇÕES TERRITORIAIS

Apresentados alguns dados que inserem Joinville como local de destino dos imigrantes haitianos e mostram, mesmo que parcialmente, a presença de tais imigrantes na cidade, optou-se por compreender pela voz de alguns desses indivíduos como ocorreu esse deslocamento e como eles se articularam taticamente no território urbano. Para melhor analisar o trajeto dos imigrantes e das imigrantes haitianos até sua chegada ao município, utilizaram-se as narrativas produzidas por meio das entrevistas feitas com base na metodologia da história oral. Ao narrarem sua trajetória migrante, os próprios entrevistados indicaram as escolhas do trajeto percorrido, escolhas ora decorrentes de vontade, ora das contingências da experiência migratória. Certeau (2014, p. 35) reflete sobre essa questão afirmando que uma “maneira de caminhar” pode revelar “maneiras de fazer” e que se faz necessário conhecer as “operações comuns”, “as táticas” empregadas nos percursos daqueles que ele nomeia como homens ordinários.

Ao problematizar a imigração haitiana recente e a busca por um território como um novo espaço social e político, recorre-se a Haesbaert (2016, p. 20), quando diz que “sociedade e espaço social são dimensões gêmeas. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, ‘territorial’”. Isso pode ser entendido como o caráter espacial que envolve as relações e os vínculos sociais e as subjetividades em dados momento e lugar.

O terremoto em si causou em milhares de haitianos o sentimento de desterritorialização. O deslocamento da terra pelo tremor significou que o lugar que

habitavam já não existia mais; o esfacelamento do território produziu por si só o sentimento de desterritorialização, seu território (enquanto terra) foi perdido – tornando-o um desterrado. O terremoto é um fato que provoca física e emocionalmente o sentimento de perda de “chão”, isto é, de referências espaciais tangíveis antes muito familiares e próprias. A terra esvai-se, esfacela-se o espaço físico, os lugares de identificação e de reconhecimento já não existem mais, as referências territoriais afetivas foram perdidas. Somos feitos de espaço, o que nos faz seres que vivem e partilham uma vida coletiva em determinado lugar. Sugere Haesbaert (2016) que não há homens nem mulheres desterritorializados para sempre, mas, diante de perdas, como as decorrentes do terremoto do Haiti de 2010, as pessoas desencadeiam novos processos de reterritorialização. A rigor, o autor defende que, para além de circunstâncias dramáticas ou catastróficas que afetam deslocamentos físicos, vivemos na contemporaneidade experiências de construção de multiterritorialidades²⁷.

Nessa perspectiva, pode-se pensar que cada um dos mais de 80 mil haitianos²⁸ que entraram no Brasil até 2016, em seus percursos de idas e vindas, seja por trajetos mais lineares, seja por trechos sinuosos, construiu territórios. Para Certeau (2014, p. 198, grifos do original), “o relato de espaço é em seu grau mínimo uma língua *falada*, isto é, um sistema linguístico distributivo de lugares sendo ao mesmo tempo *articulado* [...], por um ato que o pratica”. Neste trajeto de pesquisa, as narrativas dos imigrantes produzidas mediante a metodologia da história oral dão sentido aos percursos feitos e às estratégias criadas para ocupar, integrar e praticar esse novo território e visibilizam ambos.

A utilização da história oral nos estudos dos processos migratórios permite, no entendimento de Thomson (2002), compreender o fenômeno à medida que “reconhece as complexas interconexões entre migração e a formação e o desenvolvimento das comunidades migrantes e das identidades étnicas” (THOMSON, 2002, p. 342). Para o autor, o testemunho partilhado pelo migrante pode levar a compreender para além de sua trajetória individual, ajudando a entender as motivações que o levaram a migrar, as imbricações familiares de tal decisão e as expectativas em relação ao local de destino.

A narrativa de Whistler Ermofils (2017) apresenta parte de sua história como migrante e mostra as singularidades de seus trajetos e de suas territorializações desde sua saída do Haiti, em 2012. Whistler tomou a decisão de vir para o Brasil dois anos depois do grande terremoto de 2010, influenciado por um amigo que lhe dizia: “*Lá no Brasil é*

²⁷ A esse respeito, ver capítulo 1 deste trabalho.

²⁸ Ver dados completos no capítulo 1.

bom” (ERMOFILS, 2017), no entanto o imigrante não se convenceu apenas com essa afirmação: “*Eu fui na internet fazer umas pesquisas [...], pesquisei e o Brasil tava no sétimo lugar*” (ERMOFILS, 2017). Após decisão tomada, “*conversei com a minha esposa, eu falei: ‘Eu vou lá, depois a gente vai conseguir a residência, e, se vocês precisarem, podem ir’*” (ERMOFILS, 2017). Tranquilizou a família dizendo: “*Se eu conseguir residência de seis meses, eu posso voltar e pedir visto para vocês, todo mundo tem possibilidade de ir*” (ERMOFILS, 2017). Assim Whistler deixou o Haiti, esperançoso de tudo se resolver rapidamente, porém o cenário mudou e as circunstâncias de sua chegada ao Brasil foram dolorosas: “*Cheguei lá [em Tabatinga (AM)] e fiquei três meses lá, na fronteira. O governo não liberou*” (ERMOFILS, 2017). O fato é que ele chegou ao Brasil em janeiro de 2012, quando o processo de entrada de imigrantes haitianos passou a ser mais controlado e monitorado em relação ao número máximo de entradas por mês no país, que passou a ser de 120²⁹.

Dessa forma, a permanência na fronteira, que deveria ser rápida e tranquila para Whistler, transformou-se em uma experiência marcante. Ao longo de sua narrativa, explica que os percalços pelos quais passou na semana de sua entrada no Brasil o levaram a ficar mais tempo do que o planejado na fronteira, desarticulando seus planos e exigindo que sua família lhe enviasse mais recursos do que o inicialmente pretendido. Conta que a ajuda financeira veio de primos que anteriormente haviam migrado para os Estados Unidos. Os contatos nesse período se davam basicamente por telefone, instalado em um “*cine café*” (ERMOFILS, 2017) na cidade de Letícia (Colômbia).

O destaque de Whistler como liderança imigrante fica evidenciado quando relata que, passados mais de dois meses de espera, já havia aproximadamente 380 imigrantes haitianos nas mesmas condições aguardando para entrar no Brasil. A narrativa do entrevistado demonstra a clareza de sua condição na fronteira: prisioneiro no limbo jurídico.

Um dia eu decidi fazer uma reunião, conversar com todos eles, “o que nós podemos fazer pra sair daqui?”. Tem um padre lá, que é italiano, nós fomos lá conversar com ele, eu falei: [...] “Nós precisamos voltar pro Haiti. Porque, se o governo não quer liberar nós, tem que liberar nós pra ir embora”. Não tem que esperar, esperar. Mas de dois meses e meio? Não é dois dias, nem duas semanas (ERMOFILS, 2017).

²⁹ A esse respeito, ver capítulo 1 deste trabalho.

Ao avançar na narração em relação à organização dos haitianos na fronteira, o entrevistado relembra a ação que ele qualificou como “*uma marcha pacífica*” (ERMOFILS, 2017), que envolveu lideranças religiosas locais e articulação com a imprensa que lá se posicionava, para cobrir os acontecimentos ligados ao processo de migração e as tensões na fronteira. Ao ser perguntado sobre o papel da imprensa nesse processo, afirma (ainda conjugando o verbo no presente, mas referindo-se àquele momento de sua trajetória migrante): “*Porque nós fomos presos aqui. Preso aqui na fronteira, não tem como entrar e nem como voltar*” (ERMOFILS, 2017). Vale-se aqui mais uma vez da assertiva de Certeau (2014, p. 182): “As estruturas narrativas têm valor de sintaxes espaciais”, pois “regulam mudança de espaço (ou circulações) efetuadas pelos relatos sob a forma de lugares postos em séries lineares ou entrelaçadas”.

A fronteira tornou-se assim o primeiro território de Whistler e, mesmo vivendo na provisoriedade que juridicamente lhe qualifica, seu relato “não cessa de efetuar operações de demarcação” (CERTEAU, 2014, p. 193). A fronteira, nesse caso, ou melhor, viver a fronteira nessas circunstâncias, é ressignificada pela narração tanto como território singularizado, aquele que separa e diferencia o lá e o cá (Haiti e Brasil) nas tensões políticas, culturais e jurídicas decorrentes da experiência migratória, como também território local, que articula o lá e o cá, dada a força que assume o relato sobre as interações e os intercâmbios vivenciados com os outros em suas estranhezas. Dessa forma, o relato transforma a fronteira e trai o poder da ordem que a estabeleceu como barreira, tornando-a ponte que possibilita movimentos e mobilidades que quebram com suas lógicas de muro de contenção.

A mobilização também criou espaço de discussão com as autoridades responsáveis pela imigração na fronteira, que, segundo Whistler, trataram logo de deixar claro que a responsabilidade da liberação da entrada de um maior número de imigrantes era com as autoridades de Brasília (ERMOFILS, 2017). Convicto de sua ação política, o entrevistado relata: “*Mesmo assim nós fizemos aquela marcha*”, porque “*nós viemos aqui para trabalhar. Nós não queremos ficar na fronteira, nós queremos entrar para trabalhar*” (ERMOFILS, 2017). Ele finaliza contando que “*a [Rede] Globo [de Televisão] tava lá, pegou a imagem e mandou lá em Brasília*” (ERMOFILS, 2017). Depois disso, de acordo com Whistler, o governo brasileiro reuniu-se e “*ai depois ele liberou, resolveram andar, liberou eles* [referindo-se aos imigrantes que aguardavam na fronteira]” (ERMOFILS, 2017).

Whistler, da fronteira do Amazonas, seguiu para Porto Velho, Rondônia, já portando Cadastro de Pessoa Física (CPF) e carteira de trabalho, isto é, documentos que o qualificam como imigrante legal e apto ao trabalho. Para organizar sua caminhada e produzir “geografias de ações” (CERTEAU, 2014, p. 183), Whistler relata por que foi para Porto Velho: “*Eu tinha um amigo meu lá em Rondônia, eu fui lá*” (ERMOFILS, 2017). Ao utilizar o termo “lá”, o nosso narrador reporta-se a uma expectativa frustrada: “*Fui. Quando eu cheguei [...], eu não consegui falar com ele. Não consegui. Cheguei lá, não tinha ninguém, só ele eu tinha, mas ele tinha ido viajar*” (ERMOFILS, 2017). Entre o sonho e o pesadelo, a lembrança de seu percurso em Porto Velho demarca a desilusão do não encontro e a recusa de ficar “lá”. Pensou então em quantos obstáculos ele teria de passar até encontrar um espaço para si no Brasil, espaço compreendido aqui como em Certeau (2014, p. 185, grifo do original): aquele lugar transformado “pelas ações de *sujeitos* históricos (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história)”.

Então, Whistler aproveitou a “oportunidade” de uma empresa de construção civil do Sul do Brasil que estava recrutando trabalhadores e que lá “*pegou dez haitianos e eu fui lá no pacote deles*” (ERMOFILS, 2017). A referência feita pelo entrevistado de que foi no “*pacote*” remete às reflexões de Sayad (1998, p. 50): “A imigração e os imigrantes só têm sentido de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os ‘custos’ e os ‘lucros’ apresentar um saldo positivo”. Nesse caso, o recrutamento de imigrantes no Norte do país e seu deslocamento até o Sul, por mais distante que ambas as regiões pareçam geograficamente, enquadram-se no que diz o autor: “Como maximizar as ‘vantagens’ (principalmente as vantagens econômicas) da imigração, reduzindo ao mesmo tempo ao mínimo o ‘custo’ (notadamente o custo social e cultural) que a presença dos imigrantes impõe?” (SAYAD, 1998, p. 50). A situação vivida por Whistler, assim como outras similares, “condensa em si toda a história do fenômeno da imigração, revela a função objetiva (ou seja, secreta) de regulamentação aplicada aos imigrantes” (SAYAD, 1998, p. 50), até mesmo como se relatou anteriormente no caso da liberação dos imigrantes isolados na fronteira e a criação de normas para a entrada e permanência dos imigrantes no país. Nesse sentido, o teórico esclarece que a regulamentação pode mudar: “Segundo as circunstâncias, segundo as populações relativas, essa regulamentação visa impor a todos a definição constituída em função das necessidades do momento” (SAYAD, 1998, p. 50).

Conta ainda Whistler:

Sai lá de Rondônia às 5 da manhã, e cheguei lá no [aeroporto] Salgado Filho às 2 da tarde. A gente fez escala em Cuiabá, São Paulo até chegar lá em Porto Alegre. Comecei a trabalhar lá, três meses. Na verdade, o tratamento que a gente recebeu lá não é bom. A empresa, na verdade, o que eles falaram lá em Rondônia, eles não cumpriram lá em Porto Alegre. Ele falou [que] a gente já tem uma casa para morar, a gente não vai precisar comprar comida, a empresa vai dar tudo. E na carteira a gente [a empresa] vai assinar com R\$ 960. Mas na carteira é [foi de fato] R\$ 664 (ERMOFILS, 2017).

Além disso, o entrevistado relata outros engodos de que foi vítima:

A casa, não tem uma casa na verdade. A empresa é uma empresa que faz tudo, construção. Toda escola municipal, estadual que tem lá em Porto Alegre são eles que fazem a reparação, manutenção..., a reforma, que faz reforma. Mas cada escola que vai trabalhar, a diretora deixa uma sala. [...] Cheguei lá, com a mala na mão, “é aqui”. É um colchão, coloca lá no chão, a gente pôde ficar lá (ERMOFILS, 2017).

Como o imigrante nasce e vive para o trabalho, conforme problematizado por Sayad (1998) – “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho” –, pouco importam os custos a serem arcados pelo empregador para o cumprimento de condições mínimas para habitar e sobreviver para o trabalho. Um colchão, numa sala de aula fria, que fez o entrevistado relembrar quão difícil foi dividir o local com mais dez operários. Whistler partilha relatos de “ações espacializantes”. No entanto, conforme a perspectiva ambígua da condição migrante, finaliza com “a gente pôde ficar lá”, alinhado ao que reflete Certeau (2014, p. 189): “Os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço”.

Durante esse processo de deslocamento interno no Brasil, Whistler conseguiu trazer um de seus três filhos e sua esposa do Haiti. Assim, a família também começou a participar da decisão da escolha do lugar para viver. De Porto Alegre, rumou para Lajeado e depois para Curitiba: “*Por que eu entrei em Curitiba? Porque Porto Alegre [e Lajeado] tava frio, meus filhos, eles não gostam de frio*” (ERMOFILS, 2017). A família chegou a Curitiba por intermédio de um amigo que lhe disse que a cidade seria bem melhor, porém Whistler discorda e pondera: “*É bem frio, é quase igual. Só que é uma outra cidade, é uma capital, é mais bonita, é movimento, tem mais serviço também*” (ERMOFILS, 2017). Suas impressões positivas da cidade tornam a narrativa uma “fundadora de espaços”, de novas práticas de espaço (CERTEAU, 2014, p. 191).

Foi em Curitiba que pôde juntar recursos para reunir novamente toda a família, trazendo do Haiti seus outros dois filhos. Para que seu destino final fosse Joinville,

Whistler ainda fez uma tentativa de arrumar trabalho em Brusque (SC), pois na cidade, segundo um amigo, por ser um polo do setor têxtil catarinense, ele e sua família poderiam trabalhar com confecção. Decidido por conhecer Brusque, Whistler dirigiu-se à rodoviária de Curitiba e lá chegando foi informado de que o ônibus para tal cidade havia partido fazia pouco tempo. Todavia, a atendente da empresa rodoviária informou-lhe que poderia ir até Joinville e de lá tomar um ônibus para Brusque. Comprou a passagem, chegou meio-dia a Joinville e, mais uma vez, o ônibus para Brusque havia partido e o próximo seria somente às 16h. Nesse tempo, foi até o centro de Joinville, encontrou outro amigo, voltou para a rodoviária e decidiu retornar para Curitiba.

A essa altura da narrativa, é possível conhecer mais um pouco da história de vida desse imigrante: *“Eu fiquei na fila, eu ouvi o aluno [...]. Ah! Esqueci o nome dele. [...] Eu vi uma pessoa lá em baixo, e tá olhando, tá subindo. Mas eu não sabia se era. Porque fazia mais de seis anos que eu não via ele, mas ele tá crescendo, bastante”* (ERMOFILS, 2017). O entrevistado relembra com emoção quando o jovem falou *“Mestre Ermofils!”* e explica que no Haiti professor *“geralmente a gente chama mestre”*, deixando transparecer o orgulho de assim ser chamado. Whistler lecionava Filosofia para a educação básica no Haiti. No encontro com seu ex-aluno, surgiu um novo destino para o estabelecimento de Whistler e de sua família. Seu aluno convenceu-o dizendo: *“Aqui tem bastante serviço, em Joinville. Porque tem bastante gente que trabalha aqui, lá na Tupy, e eles falam que lá bom, ganham bem”* (ERMOFILS, 2017)³⁰. Imediatamente a decisão foi tomada: seria Joinville seu próximo destino. Na semana seguinte deixou Curitiba e retornou para Joinville, fez a entrevista na Tupy e um mês depois estava empregado. Foi morar no bairro Comasa, lá conheceu outros haitianos e fundou com eles a Associação Imigrantes Haitianos de Joinville.

Outra singular narrativa de percurso para o Brasil e já no país é do imigrante haitiano Shiller Pierre³¹. Shiller permaneceu dois anos depois do terremoto ainda no Haiti e experimentou viver quatro meses na República Dominicana, onde aprendeu espanhol.

³⁰ Nesse sentido, também a imprensa que procura comunicar sobre e com os imigrantes utiliza o argumento do “bom emprego” em Joinville: “Nesse quadro, desde abril de 2013, aproximadamente 500 haitianos teriam se instalado em Joinville. A principal empresa a absorver a mão-de-obra haitiana é a Tupy, responsável pela produção de peças em ferro fundido. A percepção dos empregadores é muito positiva com relação à contratação destes trabalhadores, que são elogiados pelo seu empenho, foco e dedicação. Além disso, diferentemente do vivenciado em outras localidades, os haitianos entrevistados para a matéria afirmam que encontram uma grande receptividade e solidariedade por parte da população local e que estes seriam fatores que contribuem para sua permanência na cidade” (THOMAZ, 2014).

³¹ Solteiro, tem uma filha com uma brasileira que vive em Águas de Chapecó (oeste do estado de Santa Catarina). No Brasil desde 2013 e em Joinville desde 2015, seu pai também é migrante e vive há mais de 20 anos em um lugar próximo da França.

Tomou a decisão de migrar em 2013, quando obteve apoio financeiro do pai, radicado há 26 anos na França, para custear a viagem. Diz que seu caminho foi bem difícil, “*porque eu passei por [...] República Dominicana, Equador, Colômbia, Peru, até cair no Brasil*” (PIERRE, 2017). Recordar-se do tempo e dos lugares por onde passou: “*Eu fiquei uma semana na República Dominicana, até organizar, comprar passagem, fazer reserva do hotel [...]. Depois eu peguei o avião lá [...], daí, antes de chegar no Equador, eu cheguei na Colômbia, [...] daí eu fiquei no Equador*” (PIERRE, 2017). Nesse enredo, “o mapa demarca, o relato faz uma travessia” e “instaura uma caminhada (‘guia’)” que também transgride a lógica jurídica da fronteira (CERTEAU, 2014, p. 197). A narrativa compõe e organiza seus objetivos e intenções com a migração. Migrar, nessa perspectiva, é um projeto de vida que lhe exigiu decisões e investimentos.

A segunda parte da viagem foi um pouco mais problemática: “*Do Equador eu peguei ônibus, no ônibus eu fiquei um dia, 12 horas, até chegar na fronteira com o Peru*” (PIERRE, 2017), confessa. “*Essa trajetória, era bem difícil, porque é uma trajetória ilegal [...]. É que vai passar ilegal, não sabe o caminho, né? E ainda encontrar um monte de gente se aproveitando de nós*” (PIERRE, 2017). Aqui Shiller detalha, com desapontamento, as situações de exploração imposta aos imigrantes: “*Tipo, um ônibus que era pra pagar dez reais, eles pediram 50 dólares*” (PIERRE, 2017). Pelas contas do imigrante, o custo para fazer esse trajeto é de aproximadamente 3 mil dólares:

Tem gente que saiu com três mil dólares, e eu lembro que saí com dois mil e 500, e tem gente que gastou mais ainda. Sabe quem que perde mais dinheiro é quem que não fala nada, que não entende nada, tipo, deixa alguém fazer o que quiser com ele (PIERRE, 2017).

Nessa passagem, Shiller parece não apenas realçar uma denúncia, mas convocar o entrevistador a difundi-la, sensibilizando-se com as dificuldades enfrentadas nos percursos dos imigrantes.

Da saída do Haiti até a chegada à fronteira do Brasil no Acre, foram três semanas tensas.

Toda a organização da viagem, bem como a decisão do destino a tomar no Brasil, foi discutida por um amigo haitiano que já estava em Santa Catarina, no sul do estado, em Criciúma, e influenciada por ele. As conversas davam-se pelas redes sociais desde antes da saída de Shiller do Haiti. O entrevistado relembra:

“Shiller, olha, o caminho é assim, vai passar por esse país, vai entrar nessa cidade, pegar ônibus pra essa cidade, entra por aqui, entra por aqui.” Ele ia me contando, daí eu só ia escrevendo a trajetória que ele me falou pra chegar. Por isso que eu gastei, vamos dizer, menos dinheiro (PIERRE, 2017).

Ainda assim precisou gastar dinheiro: *“Eu gastei bastante, porque as pessoas, você precisa de alguém no caminho pra dizer que, foi aqui que tem que passar, é aqui que tem que pegar ônibus” (PIERRE, 2017).* Mais uma vez, denuncia os atravessadores e conta como fazem para tirar dinheiro dos imigrantes: *“Vai dizer que tem policial aqui, não pode passar nesse lugar, que tem polícia, vai pegar vocês mandar de volta e tal. [...] Você vai acreditando e ele também vai aproveitando pegar dinheiro [...], até que você tá livre” (PIERRE, 2017).* Essa constatação de estar livre significa, no contexto da narrativa, ter chegado à fronteira.

A narrativa de Shiller aponta um dos elementos que o fez escolher o Brasil: *“Eu escolhi o Brasil pela facilidade mesmo, mais fácil de entrar, não tem incômodo, né? Os meus amigos que estavam dois anos morando no Brasil me contaram que aqui é bem tranquilo, não tem deportação” (PIERRE, 2017).* Sua narrativa denota que existe o medo de ser mandado embora, sentimento que acompanha historicamente os migrantes pelo mundo afora. Ter a garantia da não deportação pesa significativamente na escolha do destino.

Depois de adentrar no Brasil, seguiu o planejado. Shiller já tinha a indicação de um amigo para seguir para Santa Catarina e, como muitos imigrantes haitianos, foi trazido por empresas da indústria frigorífica do oeste do estado (com ele, seguiram mais 99 haitianos, segundo seu relato). Começa a contar sua vinda por uma dessas empresas para Chapecó (SC): *“Fiquei três dias e três noites, dia e noite, andando de ônibus. Sem parar. Só para comer, e tomar um banho” (PIERRE, 2017).* Confessa que passou medo por não saber ao certo para onde estava sendo levado. Ao chegar, *“tinha casa já pra nós, cama, tudo” (PIERRE, 2017).* Elabora uma comparação entre o alojamento em Brasileia e o que encontrou em Chapecó: *“Olha, eu não vou dizer ruim. Sabe por quê? Quando eu cheguei na Brasileia, no Acre, eu usava um colchão que tinha quatro anos usando, passando muita gente em cima desse colchão. Não é coisa cuidada, não” (PIERRE, 2017).* Então, compara os alojamentos: *“Mas quando eu cheguei lá, naquela casa, que a empresa levou nós, cada quarto tinha quatro haitianos” (PIERRE, 2017)* e completa: *“É um quitinete que tinha dois quartos, e a cozinha [...]. Então eram aquelas caminhas, um em cima do outro” (PIERRE, 2017).*

Assim como Whistler, também Shiller não suportou o frio do lugar nem principalmente as baixas temperaturas dentro dos frigoríficos durante o trabalho. Por meio de um contato com um primo que já morava em Joinville e lhe dizia “*que é uma cidade boa pra viver, tem trabalho*” (PIERRE, 2017), Shiller ficou convencido a vir para a cidade com o espírito de “*nós ficar juntos, fazer nossa família aqui*” (PIERRE, 2017). Quando provocado a dizer o que acha da cidade, Shiller diz: “*Joinville é bom*” (PIERRE, 2017), dando sentido a Certeau (2014, p. 176), que afirma: “É uma prática de espaço este bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão”. Em Joinville, o entrevistado criou suas alternativas para viver, trabalhou por algum tempo fazendo “bicos”, como pedreiro, garçom, e agora trabalha há mais de um e meio em uma loja de materiais de construção como entregador³². Esses dois imigrantes, Whistler e Shiller, conheciam-se no Haiti e em Joinville se reencontraram e juntos fizeram vários percursos pela cidade, percursos que serão seguidos ao longo deste estudo.

Durante toda a experiência de ouvir os imigrantes haitianos nas entrevistas em busca de narrativas que visibilizassem a forma como vivem na cidade e se apropriam dela, o momento com Manouse François³³ foi o mais significativo. Perguntar para uma mãe que deixou seus dois filhos no Haiti o que ela faz em Joinville, por que migrou e que laços estabelece com a cidade se tornou tão insignificante que houve dificuldade de seguir com a entrevista. Diante de suas lágrimas já no início e da afirmação: “*É, sem os meus filhos junto não dá, não. Agora mesmo, o que é mais difícil pra mim, o que mais pesa, são eles*” (FRANÇOAIS, 2017), é como se ela nos dissesse que nada tinha muito significado.

Manouse migrou ainda muito jovem (entre 13 e 15 anos, diz não se lembrar exatamente da idade que tinha), saiu do Haiti e foi viver na República Dominicana, passou a morar com uma tia que necessitava de cuidados e naquele país concluiu seu ensino médio e permaneceu por 13/14 anos. Na República Dominicana conheceu seu marido, um haitiano também migrante, com quem teve dois filhos. A decisão de migrar para o Brasil foi dele. Ela ficou com os filhos e a promessa de que partiriam assim que possível para encontrar o marido. Quando perguntamos por que migrar para o Brasil, Manouse responde, pensativa: “*Na verdade eu não sei, lá tínhamos tudo*” (FRANÇOAIS, 2017) e completa: “*Tínhamos nossa casa, tudo. Uma vez falaram que aqui estava melhor, para*

³² No momento da entrevista ainda estava em Joinville. Shiller retornou para Águas de Chapecó, em novembro de 2017, para ficar perto de sua filha brasileira, que permaneceu com a mãe nesses dois anos.

³³ Residente no bairro Boa Vista, Joinville. Casada, 29 anos, mãe de dois filhos, que ficaram no Haiti.

uma vida melhor, e ele vendeu o que tinha lá e veio aqui” (FRANÇOAIS, 2017). Sua narrativa deixa antever que a decisão de migrar não foi compartilhada.

Ao ser perguntada como está sendo morar em Joinville, essa experiência, a entrevistada responde entre risos nervosos e muitas lágrimas: *“Meu Deus!”* (FRANÇOAIS, 2017), como se nos devolvesse a pergunta “que vida?”. Um pouco antes, ela tinha expressado: *“Às vezes, na verdade, me arrependo um pouquinho”*, referindo-se ao fato de ter migrado para encontrar seu marido e de ter deixado seus filhos com a mãe no Haiti: *“Deixar meus filhos, sem ver eles. Meu Deus! É difícil”* (FRANÇOAIS, 2017). Ainda provocada a falar sobre o que faz aqui para se divertir com o marido, desabafa: *“Ele só vai com os seus amigos jogar dominó, e coisas assim”* (FRANÇOAIS, 2017) e conta que na República Dominicana era diferente: *“Mas sempre ele me levava pra sair todo domingo”* (FRANÇOAIS, 2017). O relato de Manouse também aponta diferentes percepções e experiências da imigração. No caso dela, há um componente forte ligado à sua identificação de gênero que engloba os conflitos que vive diante dos papéis que ela acha que está cumprindo e outros que está em falta: esposa e mãe. Quando diz: *“Agora aqui ele não faz”* (FRANÇOAIS, 2017), deixa transparecer ressentimento e amargura com as escolhas que fez no passado e com a vida que tem agora.

Nesse processo migratório, Manouse e o marido estabeleceram-se no Brasil, arrumaram trabalho (os dois na metalúrgica Fundação Tupy, ele na produção e ela na limpeza), moram no bairro Comasa, lugar que durante a pesquisa foi identificado simbólica e geograficamente (do ponto de vista da ocupação espacial) como um “território haitiano”, porque é onde residem muitos imigrantes haitianos e, sobretudo, onde estabelecem ações/relações de pertencimento (vínculos com comunidade religiosa, associação de haitianos, time de futebol, realização de jantares entre haitianos etc.). No entanto, para Manouse, esse processo de reterritorialização está muito difícil: *“É triste ficar aqui sem eles, eles lá e eu aqui, é bastante difícil”* (FRANÇOAIS, 2017), como se para ela fosse apenas um espaço que ocupa provisoriamente sem conseguir estabelecer vínculos afetivos com o aqui. Ela diz: *“Às vezes, para mim eu penso que tô lá, é porque na verdade é onde está toda sua família, toda sua lembrança, todos aqueles que você tinha mãe, pai, especialmente filhos. Nunca vou esquecer. Nunca”* (FRANÇOAIS, 2017).

Pela religiosidade, Manouse tem conseguido amenizar a saudade dos filhos. Ela é evangélica e participa de uma comunidade no bairro em que mora: *“Depois do trabalho, eu chego aqui e vou pra igreja”* (FRANÇOAIS, 2017). Conta como é sua semana e como se agarra nisso para sobreviver: *“Segunda eu vou para a igreja, para uma reunião que*

faz, também, terça vamos visitar pessoas. Orar, e tudo para elas. E quarta vou para o curso [referindo-se a um curso de curta duração que faz na universidade], e quinta vou também pra igreja. E é assim” (FRANÇOAIS, 2017). Com o objetivo de entender um pouco mais o significado dessa participação na igreja, surgiram as indagações: “A igreja preenche? Por que você vai para a igreja?”. Antes de elaborar um sentido para isso, a entrevistada diz que tem participado de vários grupos: um grupo para casais, um grupo de canto, um grupo para ajudar outras pessoas – “*Eu gosto também, porque eu me sinto mais serva de Deus”* (FRANÇOAIS, 2017). Nesse relato é possível reconhecer que Manouse se apropria do espaço da religiosidade, assim como tantos outros migrantes já o fizeram em Joinville (COELHO, 2010), como ponto em que podem acionar uma rede de apoio e de solidariedade tanto com outros haitianos quanto com a população local, estabelecendo laços de sociabilidade.

Mesmo encontrando apoio na prática de sua religiosidade, Manouse encerra sua narrativa entristecida quando relembra sua trajetória de vida: “*Eu saí de uma família bem humilde, eu não saí de uma família rica. Meus pais, na verdade, lutaram muito”* (FRANÇOAIS, 2017). Faz-se uma cobrança: “*Eu agora mesmo [...], nessa idade, eu deveria ter condição de ajudar eles, mas onde eu tô eu ainda não tenho nada”* (FRANÇOAIS, 2017). Mesmo com a constatação de que ainda não atingiu seus objetivos para ajudar sua família nem seus filhos, faz uma referência ao futuro: “*Eu sempre penso que meu futuro mesmo é de ter uma vida bem melhor”* (FRANÇOAIS, 2017), mas de novo se mostra dividida entre dois mundos: “*Às vezes o meu pensamento vai e vem, vai e vem”* e finaliza, de novo com os olhos cheios de lágrimas (ela e nós): “*É, sem os meus filhos junto não dá não”* (FRANÇOAIS, 2017).

Nessa perspectiva, alinhando metodologicamente Certeau (2014) com a compreensão de “lugares praticados” e o proposto por Rolnik (2016) no método “cartografia sentimental”, na pesquisa se caminhou pelos mesmos percursos dos imigrantes haitianos, percursos ora definidos em seus planejamentos iniciais, ora estrategicamente modificados diante das adversidades encontradas. Por suas narrativas, foram percorridos territórios múltiplos: físicos e sentimentais. Mais do que explicar o processo de imigração, fez-se aqui como deve ser feito pelo cartógrafo, um mergulho “na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo”, a invenção de “pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem” (ROLNIK, 2016, p. 66).

No próximo capítulo, procurou-se compreender como os imigrantes haitianos enfrentam as tensões, as recusas e os dramas suscitados com sua presença. Para tal, foi problematizado o jogo entre pertencimentos e recusas vivenciados e inscritos em lugares da cidade, envolvendo, em Joinville, os seus cidadãos e os seus novos cidadãos, os imigrantes haitianos.

3 ESPAÇOS VIVIDOS: TENSÕES E NARRATIVAS COTIDIANAS

O objetivo deste capítulo é problematizar as recusas visíveis ou implícitas em relação à presença dos imigrantes haitianos no espaço urbano joinvilense e as tensões políticas e culturais sinalizadas, podendo essas tensões aparecerem nas ruas da cidade, na imprensa escrita local, ou ainda em opiniões manifestadas em redes sociais, sob as quais é possível entrever posições de racismo, xenofobia e preconceito, o que traz à tona o aspecto violento e desigual desencadeado pelos processos diaspóricos contemporâneos. Sobre isso Larrosa (2002, p. 82) faz uma provocação em seu texto “¿Para qué nos sirven los extranjeros?”, quando diz:

Lo extraño no inquiete lo propio, para que no nos extrañemos de nosotros mismos y para que, en el encuentro con el extranjero, no aprendamos que, en realidad, nosotros también somos extranjeros. Podríamos decir que la comprensión procura un beneficio simbólico cuando su dimensión reflexiva se resuelve en un fortalecimiento de las seguridades que constituyen la identidad del intérprete. En ese sentido el otro extranjero es el que te permite sentirte en casa, el que te permite ser tú mismo haciendo de ti el (más o menos generoso) propietario de la casa.

Nesse entendimento, seria possível identificar nos processos contemporâneos de globalização mais facilidade na integração de culturas por conta da fluidez de comunicação e de pessoas. Larrosa (2002) faz o convite para pensar a relação com o outro, “el extranjero”, quando faz o outro refletir sobre a própria identidade de forma a compreender e a se colocar no contexto da diferença cultural como elemento participante dessa cena, e não exteriormente a ela.

Por outro lado, vê-se a continuação da produção de desigualdades potencializando os acirramentos que geram manifestações extremas de confronto para com os diferentes. Talvez se pudesse pensar como Canclini (2015a, p. 349): “Em toda fronteira há arames rígidos e arames caídos”. A constatação de que vivemos em um mundo de fronteiras fluidas não cessou as tensões envolvendo os imigrantes, sobretudo aqueles que advêm de etnias e regiões consideradas periféricas, revelando que os fenômenos recentes de imigração devem ser vistos à luz das históricas colonizações mundiais e dos papéis atribuídos geopoliticamente a cada país e a cada etnia nesse contexto¹.

¹ Para aprofundamento das questões relacionadas às colonizações, às diásporas negras e ao preconceito, ver: FANON, 1968; GILROY, 2001.

Para Sodré (2015, p. 17), “existe um abismo entre o abstrato reconhecimento filosófico do Outro e a prática ético-política (real-concreta) de aceitação de outras possibilidades humanas, da alteridade, num espaço de convivência”. Para compreender esse abismo, os enfrentamentos, os dissabores e as dores vividas pelos imigrantes nesse cenário de tensões com/entre os diferentes, foram analisadas suas narrativas acerca dos tensionamentos vividos no processo migratório, principalmente aqueles relacionados à sua presença na cidade. O imigrante em sua narrativa elabora, significa/ressignifica atos/fatos/ações ocorridos consigo ou com seus familiares no que tange às situações de xenofobia e preconceito. Interessa aqui problematizar a legitimação ou recusa ao racismo como estratégias utilizadas pelo imigrante para o enfrentamento dos dramas do processo migratório.

3.1 AMARRAS DO PASSADO E DO PRESENTE

Ao estudar os processos migratórios atuais, têm-se como ponto de partida duas problematizações: os processos de interculturalidade e/ou hibridação, como compreende Canclini (2015a); e as recusas/tensões das diferenças que ocorrem com os protagonistas da diáspora nos deslocamentos e na sociedade de destino, conforme Hall (2003). Em relação aos processos de interculturalidade e/ou hibridação, Canclini (2015a, p. XVIII) esclarece: “Hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições, mas sim pode ajudar a dar conta de formas particulares de conflito geradas na interculturalidade”. O autor reforça seu ponto de vista: “*Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas*” (CANCLINI, 2015a, p. XIX, grifo do original). Nesse sentido, o autor argumenta que se faz necessário “reconhecer o diferente e elaborar as tensões das diferenças” (CANCLINI, 2015a, p. XXVI-XXVII). Para isso, é preciso ver que “a hibridação, como processo de interseção e transações, é o que torna possível que a *multiculturalidade* evite o que tem de segregação e se converta em *interculturalidade*” (CANCLINI, 2015a, p. XXVI-XXVII, grifos do autor).

No contexto das diásporas do início do século XXI, quando se lida com as pesquisas envolvendo os imigrantes haitianos (pobres e negros, na sua grande maioria), deve-se problematizar o processo histórico que Hall (2016, p. 161) definiu como “racialização do outro” na cultura ocidental. O autor destaca três momentos decisivos que chama de “encontro do ‘Ocidente’ com os negros, que deram origem a uma avalanche de

representações populares, baseadas na marcação da diferença racial” (HALL, 2016, p. 161). O momento histórico do século XVI, em que ocorreu o contato “entre comerciantes europeus e os reinos da África Ocidental, fonte de escravos negros durante três séculos” (HALL, 2016, p. 161), é visto como o momento inicial desse processo de racialização. Hall (2016, 161) identifica como o segundo momento “a colonização da África e sua ‘partilha’ entre as potências europeias que buscavam controlar território, mercados e matérias-primas coloniais no período do ‘novo imperialismo’”. Por último, o autor indica o período das “migrações pós-Segunda Guerra Mundial do ‘Terceiro Mundo’ para a Europa e América do Norte” (HALL, 2016, p. 161). Esses momentos marcaram e moldaram profundamente “as ideias ocidentais sobre ‘raça’ e as imagens da diferença social” (HALL, 2016, p. 161).

No Brasil, também o processo de racismo e invisibilidade das populações afrodescendentes é histórica e remete ao período da escravidão brasileira, que deixou sequelas de exclusão econômica, autoritarismo e discriminação, conforme Chauí (2000). “O silenciamento sobre a condição étnico-racial da sociedade brasileira, a negação e a invisibilização da população negra [...] visava ao ‘esquecimento’ de que somos um país negro, nascido e prosperado sob a égide da escravidão negra” (SILVA; SANTIAGO, 2016, p. 55). Em Santa Catarina, estado com predominância de colonização germânica, essa invisibilidade é ainda mais premente. Pedro *et al.* (1996) procuraram problematizar a presença de afrodescendentes ao longo da trajetória de construção do estado. Dados recentes (IBGE, 2010 *apud* WILLIAN; PEIXER, 2016) indicam maior número de afrodescendentes em Santa Catarina sobretudo por conta dos processos de migração interna das populações vindas do Nordeste brasileiro².

Nesse cenário de negação da presença afro, Joinville reforça o estereótipo de cidade germânica. Colonizada no século XIX e tendo 1851 como data de sua fundação por imigrantes germânicos, a história da cidade foi contada por muito tempo sem se considerar a presença dos primeiros habitantes locais, como os indígenas e os negros. Nos anos 1990, a historiografia passou a problematizar a presença de outros atores tanto no processo de fundação do município quanto em seu desenvolvimento³. No processo de

² Conforme divulgado pelo *site* de notícias Agência Prefixo (acesso em: 11 maio 2017), dados do censo do IBGE de 2010 mostram que naquele ano 59.273 nordestinos migraram para Santa Catarina (WILLIAN; PEIXER, 2016).

³ Destaque para o livro *Histórias de (Im)igrantes: o cotidiano de uma cidade* (GUEDES, 2000), que em 2000 reuniu estudos de várias professoras historiadoras da Univille, resultado de pesquisas de mestrado ou doutorado gestadas ao longo dos anos 1990. Todavia, esse conjunto de pesquisas, apesar de mencionar a presença afro na história de Joinville, não tinha como objeto de estudo a problematização dessa questão.

revisitação da história de Joinville, estudos importantes foram desenvolvidos a partir da década de 2000 sobre a presença das populações afrodescendentes em território joinvilense, destaque para a pesquisa de Fontoura e Silva (2005), que problematiza a ausência de registros acerca das populações brasileiras (negros, indígenas) na região quando da colonização germânica em meados do século XIX, e mais recentemente a investigação de Borba (2014), que fez um estudo arqueológico a respeito da diáspora africana em sítios históricos da Baía Babitonga (SC), com o intuito de mapear as coleções arqueológicas presentes em museus e universidades para identificar artefatos produzidos e utilizados por africanos e afrodescendentes na região de Joinville.

Ainda com a intenção de identificar a presença de escravos negros em Joinville no momento da colonização, Guedes (2007), com base em fontes primárias (registros paroquiais de batismo e óbitos e inventários), produziu uma análise em que aponta algumas características da população à época e demonstra estatisticamente a existência dela na região. Também, Cunha (2008) contribuiu para os estudos referentes ao tema quando se dedicou a pesquisar sobre negros, trabalho e sociedade em Joinville. O autor afirma haver “esquecimento” e “menosprezo” desse grupo pela historiografia local.

Com os propósitos de analisar a cidade contemporânea e as tramas de seu cotidiano e estudar os espaços ocupados pelas diversas etnias presentes em Joinville, Coelho (2011) problematizou os jogos de poder na cena cultural joinvilense e as imbricações com a presença afro-brasileira. Em seu entendimento, mesmo que os “representantes” da etnia negra na cidade tenham ocupado um estande na Festa das Tradições⁴, evento que teria como objetivo dar visibilidade para os vários grupos culturais e étnicos que contribuíram/contribuem para a construção de Joinville, permanece a invisibilidade desses atores na história da cidade. A autora articulou sua argumentação utilizando entrevistas concedidas por duas lideranças negras de Joinville, de forma a mostrar que não há homogeneidade de pensamento nem de posicionamento em relação

⁴ Vale transcrever a descrição de Coelho (2010, p. 53-54) sobre o estande que supostamente representaria a etnia negra na cidade: “O estande seguinte não se referia a uma nação ou etnia, mas a um continente: África. O panô exibia desenhos com leões, girafas e elefantes. Tapetes supostamente feitos de peles de animais forravam o chão. Um sofá no centro servia de suporte para xales de seda, e a seu lado havia um baú sobre uma canga colorida. O cenário aparentava a intenção dos *designers* do ambiente em realçar certo exotismo cultural, talvez já visto em algum filme de aventura na selva. Ao fundo, cinco grandes painéis apresentavam a história da África e faziam parte do denominado ‘museu itinerante’ pertencente ao Instituto Afro-Brasileiro de Joinville – Afroville. Os painéis traziam cenas que retratavam uma floresta hostil, caravelas e homens negros acorrentados. No último painel uma mensagem explicitava a necessidade de afirmar a igualdade da espécie humana e combater possíveis preconceitos: ‘Somos várias raças, mas o sangue é igual’. Fiquei intrigada com a proposta do estande, que denunciava a conquista europeia do continente, mas não fazia sequer uma alusão à pertinência étnica ‘africana’ à cidade”.

ao lugar histórico dos afros na sociedade local. Pelo contrário, as narrativas traziam à tona as tensões pela representação política dessa etnia (COELHO, 2011, p. 41-42).

Diante desse cenário de negação da presença africana como constitutiva de nossa história, também em Joinville por vezes o imigrante negro é visto tal qual uma ameaça social, como problematizado por Bauman (2017), quando reflete o significado da presença maciça de refugiados na Europa nos últimos anos e como são vistos pelas populações locais: “Não admira que as sucessivas ondas de novos imigrantes sejam percebidas como ressentimentos, como (recordando Bertolt Brecht) ‘precursores de más notícias’. Eles são personificações do colapso da ordem...” (BAUMAN, 2017, p. 21). É como se o imigrante trouxesse à tona as mazelas de um sistema injusto. “Esses nômades – não por escolha, mas por veredicto de um destino cruel – nos lembram, de modo irritante e aterrador, a (incurável?) vulnerabilidade de nossa própria posição e a endêmica fragilidade de nosso bem-estar arduamente conquistado” (BAUMAN, 2017, p. 21).

Em Joinville, também a presença dos imigrantes haitianos provoca tensões que se manifestam em recusas nos espaços da cidade, entendidas aqui como recusas de territórios (ora físicos, ora simbólicos). Vale-se aqui de Haesbaert (2016, p. 95-96) para compreender as tramas que se desenrolam na disputa: “O território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”. É na dimensão de “espaço-tempo vivido” que se estabelecem as lutas por espaços territoriais. A tradução de tais tensões manifesta-se em distintas formas comunicacionais, desenvolvidas ora por atores políticos, ora pela imprensa local, ou ainda pelos próprios imigrantes.

Os acontecimentos recentes a que esta pesquisa se dedica a analisar envolvendo os imigrantes haitianos na cidade levam a questionar a garantia do disposto no art. 5 da Constituição Brasileira de 1988: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e *aos estrangeiros residentes no País* a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988, grifo nosso).

3.2 MANIFESTAÇÕES COMUNICACIONAIS DE RECUSA: A DIÁSPORA E SUA FACE VIOLENTA

Para melhor compreender as tramas políticas e sociais em que a imigração haitiana é envolvida, optou-se por examinar diferentes manifestações comunicacionais públicas que possuem em suas mensagens um sentido político de posicionamento contrário à presença de imigrantes negros na cidade. As mensagens comunicacionais que ora se averiguam aqui explicitam os tensionamentos provenientes das disputas simbólicas em torno do pertencimento do espaço da cidade, da demarcação do território local.

No processo da pesquisa, ainda no seu período inicial, quando o propósito era encontrar indícios da presença haitiana na cidade de Joinville, caminhando pelos desvios, pelas brechas, por aquilo que se antepõe diante dos olhos, emergindo em restos significativos (BARBOSA, 2009), deparou-se com uma diversidade de fontes comunicacionais que, na perspectiva desta investigação, evidenciam múltiplas linguagens, expressões e sentidos. As fontes aqui problematizadas são, portanto, de três ordens comunicacionais: uma notícia que quer ser tornada pública e extensiva; uma pichação anônima que reflete um ato de imposição comunicacional visível pela imagem em lugar de passagem; e a expressão-síntese em fotografias que sofrem interferências, atos e ações, construindo uma nova fala (de recusa) pela destruição das imagens.

A primeira fonte que se estudou consiste em uma nota jornalística acerca do perfil ideal de trabalhador aceito para o mercado de trabalho local publicada em um jornal de grande circulação regional. A segunda fonte a ser analisada é a foto de uma pichação feita em um muro da cidade com a frase “O Haiti não é aqui”, e o terceiro objeto refere-se a uma amostra de fotografia envolvendo imigrantes haitianos em Joinville e sua depredação.

A problemática central ao analisar os fluxos migratórios contemporâneos diz respeito às tensões que envolvem os processos de deslocamentos humanos na atualidade, sobretudo as imbricações decorrentes das vivências entre os diferentes e as questões intrínsecas aos movimentos de pertencimento e/ou recusas no local de destino (HALL, 2003).

Nesse sentido, iniciou-se a análise indagando o papel da imprensa local nesse processo. Para Sodré (2015, p. 276), “a mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais”. Assim, movida por “uma tradição intelectual elitista [...], legitima a desigualdade

social pela cor da pele”. Que força tem a produção discursiva dessa imprensa no tocante aos jogos políticos e às forças contrárias à imigração e à presença de imigrantes? Por último, num cenário em que a imprensa, ainda hoje, produz e reproduz enunciados que reafirmam a existência de estereótipos de *tipos ideais*, como problematizar ou mesmo promover debates em torno da construção de multiterritorialidades e da possibilidade de convivência entre os diferentes?

A imigração haitiana em Joinville, conforme dados obtidos na Polícia Federal e já citados anteriormente, ainda era incipiente em 2013: registravam-se menos de 100 haitianos documentados na cidade. Todavia, dados do IBGE (2015a) revelavam naquele período que Joinville era a segunda cidade com o maior número de população negra de Santa Catarina⁵, o que justifica o impacto e a repercussão que causou a nota jornalística veiculada em 2013⁶: “O perfil ideal de trabalhador procurado é *homem, branco, de 25 a 35 anos de idade*” (LOETZ, 2013, grifo nosso). O enunciado descortina posicionamentos históricos no Brasil e, principalmente, em uma cidade de colonização germânica que de tempos em tempos vê aflorar o discurso, tanto por parte da imprensa local como do empresariado, da germanidade e da branquitude como explicação para o desenvolvido econômico⁷. O teor da nota é tão carregado de estigmas históricos que, ~~se lida~~ descontextualizada, pode ser confundida com um texto corriqueiro dos jornais do século XIX. Sodré (2015, p. 278) faz referência ao fato de que desde o século XIX existe a construção de imaginários que muitas vezes produzem “representações negativas do cidadão negro”, em que “o africano e seus descendentes eram conotados nas elites e nos setores intermediários da sociedade como seres fora da imagem ideal do trabalhador livre”.

⁵ Além do crescimento em dez anos, Joinville tem a maior população de pardos do estado (57 mil). Em relação aos declarantes negros, é a segunda de Santa Catarina, com 13 mil. Florianópolis tem 20 mil negros. O IBGE não tem análises sobre as variações, mas acredita que elas ocorram por causa de migrações e pelo fato de mais moradores se declararem pardos. Na região de Joinville, Araquari lidera em proporção de negros (KREIDLOW, 2015).

⁶ “Em Joinville, considerando-se todos os tipos e portes de empresas, há vagas em aberto para aproximadamente 7 mil trabalhadores. A estimativa é do vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos em Santa Catarina (ABRH-SC), Pedro Luiz Pereira. [...] O perfil ideal de trabalhador procurado é homem, branco, de 25 a 35 anos de idade. Em parte, as vagas não são preenchidas, porque os candidatos não têm as habilidades e competências necessárias e também porque se acabou o tempo em que os empregados ficavam muitos anos na mesma companhia. O maior índice de desemprego está com mulheres e com pessoas acima de 40 anos” (LOETZ, 2013).

⁷ Vale ressaltar aqui que em 2013, ano da publicação da referida nota, o Brasil vivia o momento que os economistas se acostumaram a denominar de *pleno emprego*. Por isso, a justificativa de que a chamada que continha “tipo ideal homem branco” era para reserva de trabalho aos moradores de Joinville não faz sentido.

A narrativa da nota provoca a pensar para além do objeto de estudo deste trabalho – os imigrantes haitianos –, levando a refletir sobre o lugar destinado a cada etnia ainda no século XXI, e não só o lugar do negro no sistema atual, assim como o lugar que é destinado para as mulheres e para os idosos⁸. Para problematizar a questão da apropriação de território no sentido de pertencimento e cidadania, faz-se necessário compreender que “é nesse cenário turvo de relações que os processos territoriais se explicitam, não só pelas questões ambientais, sociais, culturais, políticas, trabalhistas, de direitos humanos e de projeto de sociedade” (PAULA, 2013, p. 204). O direito ao trabalho é fator determinante para que o imigrante (nesse caso, o imigrante negro haitiano) construa e desenvolva suas estratégias de sobrevivência no local de destino.

O segundo objeto de análise para problematizar as manifestações de recusa aos imigrantes haitianos é bem mais explícito do que a nota veiculada em 2013 analisada anteriormente. Trata-se de uma ação, na perspectiva deste trabalho extremada, de xenofobia e preconceito em relação aos haitianos.

Aqui é preciso registrar a dificuldade de problematizar questões como essa sem que os posicionamentos políticos pessoais se sobreponham ao papel de pesquisador, permitindo o distanciamento do fato. Desde o início de 2016, estabeleceu-se uma relação muito próxima de trabalho de extensão universitária e de amizade com alguns imigrantes haitianos, levando a uma grande empatia com sua situação de imigrante, o que provoca o sentimento de indignação quando vistas ações como a que se analisará em seguida.

Em abril de 2016, uma ação de intervenção num espaço público da cidade demonstrando a recusa pela presença de haitianos chamou a atenção de muitos. Tratava-se de uma pichação com a mensagem direta “O Haiti não é aqui”⁹. A mensagem não continha assinatura, mas o espaço em que foi realizada, uma rua de grande circulação em

⁸ Como a nota jornalística foi veiculada no *blog* do colunista Claudio Loetz, há uma gama de posicionamentos contrários à exigência do “tipo ideal”. Ver: LOETZ, 2013.

⁹ Importante esclarecer que a frase “O Haiti não é aqui” é uma apropriação de um trecho da música de Caetano Veloso e Gilberto Gil intitulada “O Haiti”, composta em 1993. A canção reflete sobre o Brasil e conecta-nos com o Haiti. Destacamos um trecho que julgamos importante para o contexto de nossa escrita: “Quando você for convidado pra subir no adro da Fundação Casa de Jorge Amado/ Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos /Dando porrada na nuca de malandros pretos /De ladrões mulatos /E outros quase brancos /Tratados como pretos /Só pra mostrar aos outros quase pretos /(E são quase todos pretos) /E aos quase brancos pobres como pretos /Como é que pretos, pobres e mulatos /E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados /E não importa se olhos do mundo inteiro possam/estar por um momento voltados para o largo/Onde os escravos eram castigados /E hoje um batuque, um batuque com a pureza de/meninos uniformizados /De escola secundária em dia de parada /E a grandeza épica de um povo em formação/Nos atrai, nos deslumbra e estimula/Não importa nada/Nem o traço do sobrado, nem a lente do Fantástico /Nem o disco de Paul Simon Ninguém/Ninguém é cidadão/Se você for ver a festa do Pelô /E se você não for /Pense no Haiti / Reze pelo Haiti/O Haiti é aqui /O Haiti não é aqui”.

direção à zona sul do município, pichada em um muro de uma grande fábrica conhecida pelos joinvilenses, garantia a sua visibilidade e, de imediato, comunica que o trabalho em Joinville não é para haitianos. Ela demarca ainda que esse imigrante não é daqui, qualificando-o como um forasteiro sem território (Figura 4).



Figura 4 – Pichação feita em parede na Avenida Getúlio Vargas, em Joinville, abril de 2016
Fonte: disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/302815-pichacao-em-parede-causa-polemica-nas-redes-sociais-em-joinville.html>>. Acesso em: 7 dez. 2016

Fatos como esse trazem à tona os processos de tensões muitas vezes mantidos velados na cena urbana em relação à disputa por ocupação do território. Entende-se que a disputa por território, mesmo que território simbólico na/da cidade, é sempre uma disputa por poder e pelo poder no espaço urbano. Certeau (2014), ao falar de práticas de espaço, registra que “a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam” (CERTEAU, 2014, p. 161). Nesse sentido, “prolifera as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir” (CERTEAU, 2014, p. 161). Se analisada essa ação de pichação considerando os fluxos globais contemporâneos e a presença significativa de estrangeiros nos centros urbanos industrializados, podem-se compreender os jogos de tensão postos entre os locais/moradores da cidade e a presença daqueles que Canclini (2015b) chama como “diferentes, desiguais e desconectados”, nesse caso, os imigrantes que buscam se reterritorializar. Manifestações, que transformam os muros da cidade em espaços públicos, contrárias à imigração expõem as fissuras da sociedade atual no que diz respeito à convivência da diferença e evidenciam as desigualdades econômicas do mundo global, bem como as desconexões sociais e culturais.

A ação da pichação repercutiu na imprensa local levando lideranças do meio político-partidário, dos movimentos sociais e culturais e da mídia alternativa a posicionamentos públicos contrários à manifestação e ao que ela poderia representar do ponto de vista político-social. No jornal *Notícias do Dia*, em sua edição *on line*, a jornalista Suelen Soares da Silva (2016) fala sobre a pichação, introduz o assunto e logo em seguida expõe o posicionamento de três lideranças locais – uma delas ligada ao movimento negro, outra responsável pela delegacia da Polícia Civil e a última da defesa dos direitos humanos. A reportagem dá voz, inicialmente, ao publicitário e militante Felipe Cardoso, do Movimento Negro de Joinville, cuja denominação é Maria Laura. Na opinião de Felipe, “as pessoas enxergam os haitianos como culpados por uma série de problemas, dos quais eles são vítimas. Mas esse racismo só é direcionado a eles, porque isso não ocorre com outros imigrantes” (*apud SILVA*, 2016), referindo-se ao fato de os haitianos serem negros. Na narrativa do militante há também uma crítica à ausência de ação do poder público local no tocante ao acolhimento e à resolução dos problemas e das necessidades dos imigrantes haitianos.

A segunda liderança ouvida pela jornalista é o delegado regional Laurito Akira Sato, que, segundo a reportagem, não havia registrado até aquele momento “casos de crimes motivados por preconceito, racismo, ou qualquer outro crime de ódio, sofridos por imigrantes haitianos” (*SILVA*, 2016). O delegado afirma que não teve acesso a nenhuma denúncia de crime dessa natureza envolvendo imigrantes haitianos e que, “caso ocorra, todas as providências deverão ser tomadas pela delegacia da área em que o crime ocorreu” (*apud SILVA*, 2016).

Por último, a reportagem ouve a assessora de comunicação do Centro de Direitos Humanos (CDH), a jornalista Lizandra Carpes, que afirma que, mesmo sofrendo preconceitos, os imigrantes não se manifestam em relação a isso: “Eles comentam que sentem nos olhares, mas nunca sofreram agressão física” (*apud SILVA*, 2016). A ativista aproveita para mobilizar: “Precisamos de campanhas de conscientização sobre o assunto” (*apud SILVA*, 2016) e, ao final, demonstra preocupação: “É que caso nada seja feito depois desta pichação, a gente chegue a situações ainda mais graves” (*apud SILVA*, 2016).

No blog intitulado *Chuva ácida: debates à margem do cachoeira*, que se constitui como um espaço da imprensa alternativa local, com claro posicionamento político contrário ao poder hegemônico da cidade, foi veiculado na mesma semana (5 de maio de 2016) um artigo assinado também por Felipe Cardoso sobre a questão. Nesse artigo, o

assunto foi problematizado primeiramente como resultado da inoperância do poder público local perante a situação dos imigrantes haitianos. Em tom de denúncia, o publicitário afirma: “Após um ano de luta e reivindicações de diversas entidades da cidade para a criação e efetivação de políticas públicas que garantissem a segurança e a integração dos imigrantes haitianos em Joinville, nada foi feito” (CARDOSO, 2016). Em seguida, responsabiliza as autoridades públicas, destacando: “Enquanto mensagens que preguem o respeito e a boa convivência não são emitidas por órgãos públicos (que têm essa função), o discurso de ódio continuará ganhando espaço e força” (CARDOSO, 2016).

Por outro lado, o texto aproveita para fazer a análise histórica da questão do racismo e do preconceito no Brasil. O ato e o conteúdo da pichação são analisados como uma forma de “propagação da ideologia do ódio contra estrangeiros, mais especificamente contra estrangeiros negros” (CARDOSO, 2016), persistindo o tom de denúncia agora ao perigo que representa ações extremistas, como a expressa no texto da pichação. Na narrativa de Cardoso (2016), a crítica é dirigida também ao Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (Compir) de Joinville, que no entendimento do publicitário deixa “transparecer certo alinhamento de ideologia e má vontade em realizar críticas ao comando do Executivo” (CARDOSO, 2016). Como militante do movimento negro, Felipe reivindica: “Um Conselho mais atuante e atento às movimentações da cidade é urgente. Não podemos nos conformar com a passividade e o silêncio de um órgão criado exclusivamente para atender e se dedicar a essa causa: Igualdade Racial!” (CARDOSO, 2016).

Ao examinar a repercussão da pichação pelos movimentos sociais, tanto de direitos humanos quanto daqueles ligados às questões afro na cidade, parece haver a apropriação da temática da imigração haitiana pelo viés da política étnico-racial local, abrindo espaços públicos para a complexa discussão da presença negra seja na história do passado da cidade, até muito recentemente considerada “cidade alemã” (COELHO, 2010), seja no presente.

Nesse sentido, os movimentos sociais recentes ajudam a refletir na direção do que propõe Canclini (2015b): na contemporaneidade dos fluxos globais que permeiam a vida urbana, “precisamos pensar-nos simultaneamente como [...] diferentes-integrados, desiguais-participantes e conectados-desconectados” (CANCLINI, 2015b, p. 99) e entender de que forma atuam e interferem na dinâmica local, produzindo diariamente respostas às contradições do mundo atual e forjando espaços de convivência das

diferenças. A Figura 5, publicada no *blog Chuva ácida*, representa o movimento dialógico do processo da imigração e a atuação, possivelmente, de militantes dispostos a se contrapor a ações de xenofobia e racismo.



Figura 5 – Pichação feita em parede na Avenida Getúlio Vargas, em Joinville, abril 2016, com ação do movimento antifacista intitulado Antifa 163
 Fonte: *Blog Chuva ácida: debates à margem do Cachoeira*

Segundo o artigo de Cardoso (2016), a ação é política e o objetivo consiste em “tentar apagar o ataque e tentar minar”. Pode-se observar que a ação não é pintar o muro fazendo desaparecer por completo a mensagem anterior. Ao contrário, a ação da segunda pichação é a de um posicionamento político bastante importante no cenário e, diferentemente da primeira mensagem, ela é assinada por um ator político, o movimento “Antifa 163”, que tem marcado posição na cidade por sua ação de enfrentamento aos movimentos separatistas e às manifestações de xenofobia e racismo¹⁰. Esse fato das pichações visibilizou em espaços públicos da cidade uma tensão política histórica não só envolvendo os recentes imigrantes haitianos, mas trazendo à tona a questão das populações negras e seu lugar na cena urbana, o que faz compreender o episódio como um tensionamento envolvendo a disputa pelo território simbólico da cidade.

Outro fato classificado como recusa à presença de imigrantes haitianos em Joinville ocorreu em 2017. Trata-se de um episódio protagonizado por uma estudante de Fotografia da Univille, Amanda Alves Cerqueira Araújo. O fato envolveu o resultado do trabalho de conclusão de curso que constituía um projeto fotográfico intitulado *Haitianos*:

¹⁰ Ver: <<https://pt-br.facebook.com/Antifa-163-1476892792632941/>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

cidadãos joinvilenses. Em entrevista, quando perguntada por que escolheu pesquisar sobre os imigrantes haitianos, Amanda convictamente respondeu: “*Eu queria [pesquisar] algo que fosse [...], que tivesse verdade, que eu me envolvesse*” (ARAÚJO, 2017). Segundo Amanda, a escolha pelo tema deu-se em uma viagem que fez para São Paulo, onde deparou com muitos imigrantes haitianos nas ruas, cena que lhe chamou atenção. Ao retornar para Joinville, com um olhar mais aguçado, também percebeu na cena urbana a presença desses imigrantes e decidiu problematizar a questão da imigração por meio do olhar fotográfico. O objetivo apontado pela acadêmica de fotografar os haitianos era visibilizar as singularidades de cada um. Ao conversar com os imigrantes haitianos a serem fotografados, a estudante percebeu que cada um deles teve uma motivação particular para migrar e enfrenta de forma diferente a realidade local. Afirma que o fato de ser filha de migrantes¹¹ a aproximou dessa realidade e diz que não compreende os posicionamentos daqueles que acham que “*os outros estão invadindo os espaços*” (ARAÚJO, 2017). Lamenta que não vejam isso de modo positivo, que não enxerguem por outro ângulo: “*Que bacana! A gente tem diversidade*” (ARAÚJO, 2017).

O projeto foi construído ao longo do primeiro semestre de 2017. Todo o processo de aproximação com os imigrantes Amanda estabeleceu por meio de sua participação no projeto de extensão intitulado “O Haiti é aqui”: Integração de Imigrantes Haitianos na Sociedade Joinvilense, desenvolvido pela Univille. Alguns imigrantes foram fotografados nesse período, e o resultado do trabalho da acadêmica, que utilizou uma técnica artística chamada de lambe-lambe¹², foi exposto pelas ruas do centro de Joinville. A fixação da frase “O Haiti não é aqui” foi uma provocação para que as pessoas parassem, olhassem e pudessem refletir sobre isso e, em seguida, também acessassem outros sentidos, como o da frase que aparece na assinatura da foto “Haitianos: cidadãos joinvilenses” (Figura 6).

¹¹ Amanda é paulista, atualmente reside em Joinville e é filha de pai nordestino de Maceió, que viveu em São Paulo até os filhos nascerem. Sua mãe mudou-se com a família do interior do Paraná para São Paulo quando tinha 9 anos.

¹² Definição que expressa a intenção da produção. Ainda que lambe-lambe originalmente fosse a técnica e a máquina fotográfica utilizadas nos espaços públicos sobretudo nas primeiras décadas do século XX para reproduzir imagens de uma máquina caixote, hoje a expressão ampliou sua significação. Assim, “um lambe-lambe é um cartaz com conteúdo artístico e/ou crítico colado em espaços públicos. É uma forma de intervenção criativa na sua cidade, com o poder de despertar as pessoas para reflexões que em geral não estão presentes no nosso dia a dia” (GREENPEACE, 2013).

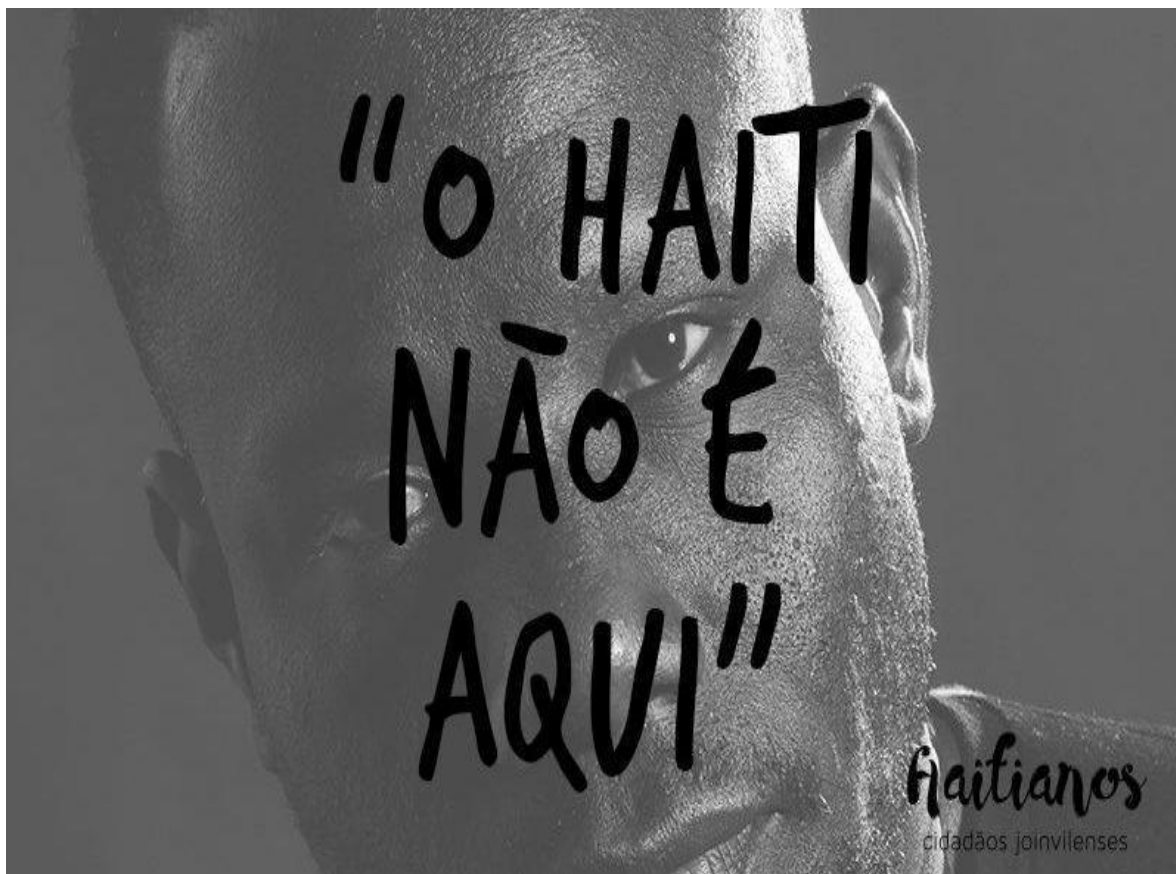


Figura 6 – Fotografia combate a xenofobia contra haitianos em mostra espalhada pelo centro de Joinville, 21 jun. 2017

Fonte: disponível em: <<http://omirantejoinville.com.br/2017/06/21/fotografia-combate-a-xenofobia-contra-haitianos-em-mostra-espalhada-pelo-centro/>>. Acesso em: 23 jan. 2018

Na reportagem veiculada em 21 de junho de 2017 que tinha como objetivo dar visibilidade ao projeto fotográfico antes de o próprio trabalho ser exposto nas ruas da cidade, a matéria dava destaque para a fala da fotógrafa problematizando a questão da xenofobia:

Não é difícil perceber, em diferentes lugares da cidade, que existe um movimento silencioso separatista entre as duas nações. Seja em pichações preconceituosas, na rejeição de melhores oportunidades e até nos olhares de espanto e julgadores com os quais a sociedade nega ao haitiano sua inclusão (ARAÚJO, 2017 *apud* SILVEIRA, 2017).

Amanda explica ainda a opção por utilizar a frase “O Haiti não é aqui”: “Foi tirada de uma pichação com evidente conotação xenofóbica” (*apud* SILVEIRA, 2017) e diz: “São atitudes motivadas por pensamentos como esses que impedem que haitianos sejam vistos como cidadãos como qualquer outro” (*apud* SILVEIRA, 2017).

Todo o trabalho da fotógrafa sofreu depredação de um dia para o outro; suas fotos foram rasgadas e arrancadas dos espaços públicos. Ao ser indagada sobre o que aconteceu com sua produção, Amanda afirma que ainda não conseguiu entender direito o que houve:

“Eu esperava que alguma ação ia ter” (ARAÚJO, 2017), porque sabia que poderia trazer algum desconforto. Para conseguir defender seu trabalho de conclusão do curso de Tecnólogo em Fotografia, a estudante precisou produzir um vídeo¹³ mostrando todo o processo de criação e concepção de sua pesquisa e a repercussão nas redes sociais, com manifestações de xenofobia.

A seguir são reproduzidos quatro quadros (Figuras 7 e 8) do documentário produzido por Amanda Araújo, que serviu como suporte para sua apresentação em banca examinadora. Nas duas primeiras reproduções (Figura 7) aparece o ato de vandalismo e de destruição que sofreram as fotos (lambe-lambe).



Figura 7 – Ato de vandalismo e de destruição das imagens fotográficas (lambe-lambe) produzidas e expostas pela fotógrafa Amanda Araújo

Fonte: disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bxhmHikxoNY>>. Acesso em: 15 dez. 2017

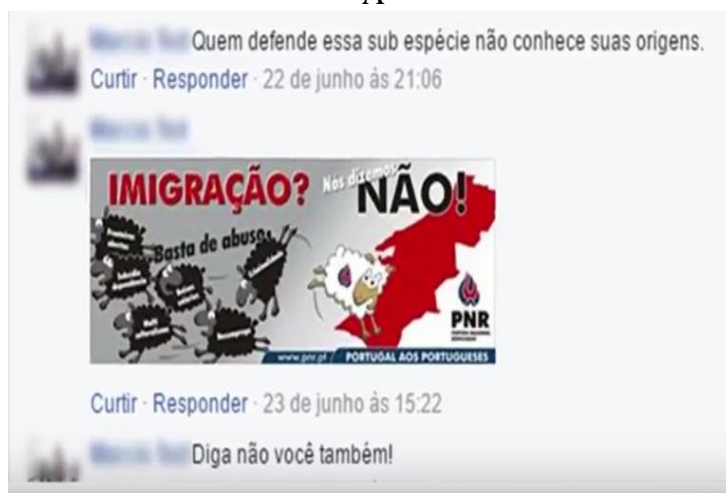
Ao narrar a experiência sobre a destruição de sua exposição, Amanda diz que foi surpreendida ao ler os comentários racistas que partiram de um perfil falso na rede social Facebook. Conta que pensou até mesmo em denunciar tal fato, mas voltou atrás. Segundo Amanda, em conversas com advogados compreendeu que tal ação de denúncia teria melhor resultado se fosse tomada por uma associação que representasse os haitianos, ou ainda por uma entidade de direitos humanos, no entanto a jovem esclarece que não houve nenhuma articulação efetiva para que essa denúncia fosse encaminhada.

¹³ Vídeo/documentário produzido pela então aluna de Fotografia Amanda Araújo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bxhmHikxoNY>>. Acesso em: 4 jul. 2017. Todo o conjunto de fotos produzidos por Amanda pode ser acessado pelo Instagram @haitianos_cidadaojoi.

Nas fotos reproduzidas a seguir (Figura 8), a face mais violenta da xenofobia aparece claramente. Elas mostram a repercussão que teve o trabalho da fotógrafa em um grupo de pessoas (ou uma pessoa). São postagens falsas que indicam posicionamentos altamente preconceituosos e que circulam pelas redes sociais. Por meio de um perfil falso, o autor escondido por trás das redes sociais expressa sua intolerância diante da exposição artística e sobretudo em relação à imigração haitiana na cidade.



A



B

Figura 8 – Print da repercussão da exposição de Amanda Araújo em perfil falso nas redes sociais

Fonte: disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bxhmHikxoNY>>. Acesso em: 15 dez. 2017

Tais postagens provocam a problematizar questões como liberdade de expressão × incitação ao ódio, papel das mídias sociais × sensibilização para a cidadania e os direitos humanos e tantas outras que envolvem o mundo contemporâneo virtual. Conteúdos/manifestações como as apresentadas na Figura 8 são discutidas por Duschatzky e Skliar (2001, p. 121), ao explicarem que as formas corriqueiras de

abordagem da diversidade afiançam que o outro pode ser apresentado das seguintes maneiras: “O Outro como fonte de todo o mal”; “o outro como sujeito pleno de um grupo cultural”; e “o outro como alguém a tolerar”. Para os autores, a primeira definição – “o Outro como fonte de todo o mal” – foi utilizada historicamente e “nos impele à xenofobia (ao sexismo, à homofobia, ao racismo etc.)” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 137).

Nesse sentido, algumas questões que merecem debate são citadas por Silva (2015, p. 58), que levanta dois pontos de atenção ao criminalizar todo e qualquer tipo de preconceito: “Em primeiro lugar, porque isso abre a possibilidade de censura de obras de valor científico, histórico, literário e artístico. Em segundo lugar, porque a definição de preconceito é parte constitutiva de certas controvérsias públicas”. Porém, diante de outro critério, sobretudo o da violência e provocação ao ódio, nos casos que tratam de racismo, machismo, homofobia ou outros modos de intolerância, Silva (2015, p. 29) posiciona-se: “Especialmente se dirigido a minorias historicamente oprimidas em determinado contexto, manifesta a intenção de, por meio da intimidação, bloquear a esfera pública aos grupos visados, o que constitui razão mais do que suficiente para a intervenção estatal”.

3.3 NARRATIVAS IMIGRANTES: ECOS DE RECUSAS E PERTENCIMENTOS

A temática do racismo e do preconceito envolvendo os imigrantes haitianos insere-se na complexa problemática das imigrações das últimas décadas, compreendida como diásporas contemporâneas¹⁴. Segundo Hall (*apud* HOLLANDA; SOVIK, 2016), “a diáspora torna-se um conceito crítico no contexto político da globalização”, porque fornece elementos para a compreensão “de como é possível que uma cultura sobreviva, estabeleça relações” e não se perca na mistura com outras culturas tão diferentes da sua. Para o autor, “as diásporas são, sobretudo, um extraordinário laboratório cultural onde as tentativas de sobrevivência e as contra negociações são trabalhadas e experimentadas” (*apud* HOLLANDA; SOVIK, 2016).

¹⁴ Um recente estudo que resultou na tese de doutorado de Patrícia Villen Meirelles Alves, intitulada *Imigração na modernização dependente: “braços civilizatórios” e a atual configuração polarizada*, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), de 2015, aborda, principalmente no capítulo 5, o processo da imigração contemporânea e suas nuances de racismo e preconceito sobretudo com aqueles imigrantes advindos dos chamados países periféricos.

É também nesse cenário de mediações e confrontos culturais que se desenrolam os jogos de recusa e pertencimento com os imigrantes haitianos em diáspora¹⁵ na cidade de Joinville, principalmente situações de racismo e discriminação. Ao se referir ao racismo na contemporaneidade, Sodré (2015, p. 12) qualifica-o como o “mal-estar civilizatório”, que “se exacerba nas suas formas ‘neo’ discriminatórias” reproduzindo ainda “a forma social escravagista” e permanecendo num mundo “pretensamente racional e democraticamente ‘ocidentalizado’”.

Para problematizar tais questões, uma vez mais utilizamos as narrativas dos imigrantes produzidas nas entrevistas orais, pois, conforme Portelli (2016, p. 10, grifo do original), “fontes orais são geradas em uma troca dialógica, *a entrevista*: literalmente uma troca de olhares”. Nesse momento intenso de profunda cumplicidade entre entrevistado e entrevistador, significados são produzidos, visões de mundo são compartilhadas e confrontadas. Entre silêncios carregados de sentidos e palavras sintetizadoras de emoções, o diálogo vai tomando corpo e abrindo espaços para a introdução de temas caros à imigração contemporânea.

Durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A “entre/vista”, afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo (PORTELLI, 2010, p. 20).

Ao longo do processo de realização das entrevistas, um dos momentos mais tensos e delicados foi aquele em que introduzimos o tema do racismo e do preconceito, porque, ao perguntarmos sobre essas questões, remexíamos uma vez mais em pontos desconfortantes, carregados de significações, e expúnhamos situações que, necessariamente, os levariam a falar, a se posicionar e, em algumas vezes, a denunciar situações de violência sofridas no país que teoricamente os acolhia.

Se, por um lado, isso lhes causava desconforto por ter de falar *mal* do país em que estavam vivendo, também lhes provocava visível dor e sofrimento, visibilizando a fragilidade de sua condição de imigrante negro em uma cidade marcada pelo discurso midiático e institucional como *cidade germânica*; por outro, foram momentos privilegiados de exposição de suas referências identitárias, de fortalecimento de seu lugar

¹⁵ O autor Joseph Handerson (2015), em um artigo na revista *Horizontes Antropológicos*, faz uma brilhante discussão acerca do processo de diáspora vivido pelos haitianos nas últimas décadas, inclusive dos usos semânticos dessa palavra no Haiti.

de fala e de visibilidade das ressignificações atribuídas às situações de racismo e preconceito. Considerando o processo das entrevistas orais como via de mão dupla, também para a pesquisadora perguntar e problematizar a questão do preconceito foi, por vezes, desconfortável e de reflexão, pois foi uma retomada de questões difíceis, nebulosas e violentas da história do Brasil, bem como de provocação, para que viessem à tona questões há muito tempo veladas na sociedade local.

As narrativas imigrantes, dialogicamente, ora denunciam situações extremas de preconceito, ora as naturalizam, por vezes negando a existência do preconceito na cidade e/ou mobilizando esforços para demonstrar acolhimento e conforto no espaço urbano joinvilense.

No primeiro momento, os imigrantes entrevistados apresentavam resistência para falar sobre o tema, generalizando e por vezes naturalizando o racismo, igualando o Brasil a qualquer lugar do mundo, qualificando os posicionamentos como iguais em toda a parte e categorizando as pessoas em condutas dicotômicas. A haitiana Manouse, casada, 29 anos, mãe de dois filhos, que ficaram no Haiti, sintetiza ao responder: “*Na verdade, eu não tenho nada para falar daqui. Porque vocês sabem, em todo, toda parte, em todo lugar, têm pessoas boas e pessoas más*” (FRANÇOAIS, 2017). Por outro lado, quando provocada a narrar possíveis situações de racismo por que passou no Brasil, ela imediatamente nos remete ao racismo que sofreu em seu espaço de trabalho. Manouse é funcionária de uma empresa de limpeza que presta serviços para uma indústria metalúrgica de Joinville (empresa cuja tradição envolve contratar migrantes na cidade e mais recentemente empregar um grande número de imigrantes haitianos, tanto por empregos diretos no chão de fábrica quanto por utilizar mão de obra imigrante terceirizada, como é o caso de Manouse).

Barbosa (2016, p. 24) define a entrevista oral e seu desenrolar como um momento de “diálogo memorável”, e igualmente se deu a narrativa que Manouse produziu sobre o preconceito. Ao testemunhar o preconceito que sofreu no trabalho, a entrevistada escolheu para se expressar a palavra *dor*: “[O] *que me dói lá no trabalho*” (FRANÇOAIS, 2017), o que está relacionado com a postura de uma encarregada: “*Porque a minha encarregada, fala bastante feio para nós*” (FRANÇOAIS, 2017). O relato associa-se ao trabalho pesado que desempenha na limpeza e ao fato de ter solicitado alguém para ajudá-la, porque sentia muitas dores nas costas. A resposta da encarregada, segundo Manouse, foi grosseira e demonstrou preconceito: “*Então se você não vai poder [...], que você veio [fazer] aqui no Brasil?*” (FRANÇOAIS, 2017). E emenda: “*Você queria trabalhar lá no*

escritório?” (FRANÇOAIS, 2017), e Manouse diz esclarecer que só estava querendo alguém para ajudá-la. Em seguida, sua encarregada pergunta, dando por encerrado o assunto: *“Tá, por que você não volta lá pro Haiti?”* (FRANÇOAIS, 2017).

Mais uma vez, as reflexões feitas por Sayad (1998) são extremamente apropriadas para a problematização desse relato, no que diz respeito ao histórico papel relegado ao imigrante, um trabalhador braçal de segunda categoria. Trabalhar no escritório da empresa não é para imigrante; ao imigrante cabe o trabalho pesado, no entanto Manouse posicionou-se de forma altiva ao responder a sua encarregada: *“Não estou aqui para me maltratar, não”* (FRANÇOAIS, 2017). E deixou claro seu objetivo no Brasil: *“Gostaria de uma coisa melhor, porque eu deixei tudo [...] para aprender uma coisa melhor, não vinha limpar aqui”* (FRANÇOAIS, 2017). O desfecho desse episódio, depois de Manouse se manifestar à chefia superior, foi resumido pela imigrante: *“E ela depois pediu desculpas para tudo. Mas é assim”* (FRANÇOAIS, 2017). Misto de conformação, de constatação e de revolta expressadas na afirmação *“Mas é assim”*, demonstrando, por um lado, que a dor provocada inicialmente pelas palavras da encarregada não pode ser esquecida por um pedido de desculpas e, por outro, a capacidade imensa de resiliência presente nas significações cotidianas que o imigrante realiza para sobreviver em situações de dor longe de sua terra.

Já para compreender a narrativa construída por Roland Lanfront (2016) sobre as situações de preconceito e racismo por que vem passando, alicerça-se novamente em Sodré (2015) quando se refere ao racismo como construção histórico-cultural que permanece presente: *“Em pleno século XXI, os ‘escuros’, seja no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos ou na Europa, continuam econômica, política e simbolicamente desiguais frente aos ‘claros’”* (SODRÉ, 2015, p. 10). Roland afirma que vem sofrendo preconceito o tempo todo, seja no trabalho, seja na universidade, contudo sua postura altiva o leva a afirmar: *“Mas tanto faz para mim, isso não é nada [...]. É uma maneira de me deixar para trás, mas estou vendo assim, estou vendo mais para frente”* (LANFRONT, 2016), falando de seus planos de estudar e alterar sua condição socioeconômica. Durante sua reflexão, localiza geopoliticamente a situação: *“Depois não é só aqui no Brasil, no Joinville que é assim. Você pode chegar lá no Haiti e ter gente que faz a mesma coisa assim, mesmo que sou haitiano. Tem haitiano que me fez isso”* (LANFRONT, 2016). E arremata com uma triste síntese: *“Ah, sim, a vida é assim, tanto faz”* (LANFRONT, 2016), indicando um misto de resiliência e de possível estratégia diante de questões tão inquietantes.

Na narrativa de Shiller Pierre (2017), a discussão relacionada ao preconceito descortina outras nuances dessa percepção que a pesquisa ainda não havia dado conta, confirmando quão significativa pode ser a produção de narrativas pela metodologia da história oral, entendida como “uma arte da escuta” (PORTELLI, 2016, p. 10), que nos leva para além daquilo que inicialmente se planeja, colocando em primeiro plano outras problemáticas essenciais para compreender tal realidade. Dessa forma, a narrativa de Shiller pauta uma questão fundamental para o imigrante: a dificuldade de entendimento da cultura local, da maneira do outro de falar, das sutilezas da linguagem de cada cultura, da força das metáforas. Quando perguntado se já sofreu preconceito na cidade, Shiller diz: *“Vocês podem ver, na hora. Porque é o jeito de vocês, vocês estão na cultura de vocês [...] tem um jeito de você jogar as palavras”* (PIERRE, 2017), explicando a dificuldade que ele tem para identificar se algo que lhe foi dito foi com a intenção de ofendê-lo. Diz que, se tivesse no Haiti e alguém lhe dirigisse a palavra, *“eu vou entender na hora o que a pessoa tá querendo dizer. Eu posso estar aqui em Joinville, e alguém fala alguma coisa [...], mas eu não tava ligado pra entender que foi. [...] É um jeito de preconceito”* (PIERRE, 2017).

As dificuldades aqui apontadas por Shiller trazem à tona, entre outras questões, os problemas linguísticos enfrentados pelos imigrantes. A não decifração dos códigos locais de comunicação pode levá-los a uma alienação (no sentido da não compreensão da complexidade dos preconceitos a eles dirigidos), a ponto de manifestar a incerteza: *“Se eu sofri com isso, eu não vi”* (PIERRE, 2017). Tal afirmação instiga-nos a pensar que o processo de inclusão deve passar necessariamente pelo entendimento da língua local, sobretudo por aquilo que não é explícito pelos códigos gramaticais: suas nuances metafóricas, questões que só os processos de vivência nos espaços sociais podem dar fluência. Também na narrativa de Shiller, aparece a atribuição do preconceito como certa naturalização da conduta humana: *“Talvez se eu fosse chegar num lugar, eu vi que a pessoa não me dá tanta bola. [...] Pode ser por causa do preconceito, mas pra mim pode ser [...] uma pessoa nojenta”* (PIERRE, 2017), resumindo simplesmente assim aquela postura.

Segundo Portelli (2016), a história oral oferece a historicidade das vidas privadas. Em seu entendimento, “ela nos força a redefinir nossas noções preconcebidas sobre a geografia do espaço público e do espaço privado” (PORTELLI, 2016, p. 17) e acaba por possibilitar a compreensão entre esses dois mundos. Nessa perspectiva, a narrativa de Whistler Ermofils (2017), denuncia os impactos do racismo e do preconceito tanto nos

espaços públicos que os haitianos frequentam ou procuram frequentar para fortalecer sua identidade e criar pertencimento local quanto em suas vidas privadas.

A primeira expressão de racismo e preconceito narrada por Whistler diz respeito à construção de um espaço público para que os imigrantes haitianos pudessem professar sua fé em crioulo, língua falada no Haiti. Ao relatar a situação, o entrevistado esclareceu que desde que alugou o imóvel para morar com sua família não tinha tido problemas com os vizinhos. O problema apareceu no momento em que passaram a ocupar o espaço de parte do imóvel para a organização de seus cultos religiosos. A justificativa para a criação desse espaço, segundo Whistler, está no fato de os imigrantes não terem domínio da língua local, o que impossibilita a compreensão das músicas e de todo o ritual de oração desenvolvido nas igrejas evangélicas locais (ERMOFILS, 2017).

O estabelecimento de uma igreja nesse local incomodou tanto os vizinhos a ponto de a polícia ser acionada por mais de uma vez durante a realização das atividades religiosas. O dono do imóvel, segundo Whistler, já havia sido chamado pelo vizinho, que expressou: *“Não quero que aqui tenha igreja, tem que tirar eles de lá mesmo”* (ERMOFILS, 2017). O argumento para tal fala era o fato de que a presença de uma igreja ali causaria muito barulho, o que não foi constatado pela polícia que se dirigiu ao local, segundo Whistler (ERMOFILS, 2017). No desenrolar dos acontecimentos, vieram à tona os motivos da vizinhança, reproduzidos por Whistler, ao descrever o que disse o vizinho ao dialogar com o pastor que foi atendê-lo: *“Não quero haitiano aqui mesmo”. O pastor falou: ‘Ah, você tem um problema com os negros mesmo?’*” (ERMOFILS, 2017). A situação ficou muito tensa, conforme narrativa de Whistler, e as ameaças permaneceram, chegando a se tornarem ainda mais violentas. Até o dia em que o vizinho ameaçou: *“Eu vou matar vocês! [...] Se você não tirar eles de lá, eu vou matar vocês”* (ERMOFILS, 2017, grifo nosso). A face violenta da diáspora grita nessas palavras, e o ódio, que pode ser classificado como xenofobia, ameaça a vida. Como ressignificar algo assim? Whistler ainda mora na mesma casa. O vizinho permanece lá. A igreja passou a funcionar em outro espaço, alugado na rua principal do bairro, e Whistler precisa olhar para o vizinho todos os dias e seguir em frente.

Aqui talvez apareça a manifestação mais clara de recusa entre todas as entrevistas feitas para este trabalho. A recusa era explícita; deixava claro o incômodo causado pela presença haitiana. Não havia problemas enquanto se tratava da moradia de uma família imigrante. O que não se poderia tolerar era a presença de muitos haitianos formando uma comunidade, ainda mais para professarem sua fé em uma língua estrangeira (garantindo

ainda mais a autonomia política e a identidade dos de fora). Parece que essa questão está relacionada com as definições de territorialidade, sejam simbólicas, sejam materiais, “que inclui até mesmo a apropriação simbólica de espaços que, desta forma, para os grupos que se identificam com eles, leva a uma espécie de empoderamento” (HAESBAERT, 2011, p. 3), tanto para os haitianos quanto para o vizinho que, em hipótese alguma, admitia a constituição de um território imigrante, nesse caso um espaço para o culto religioso.

Outro ponto da narrativa de Whistler (ERMOFILS, 2017) que chama a atenção diz respeito a um momento importante de sua vida privada e familiar que envolve o nascimento de Léa, sua filha menor, que nasceu em Joinville. Para o imigrante, esse fato marcou muito sua vida e foi um momento doloroso em que sofreu preconceito por ser imigrante negro. Estavam em jogo a vida de sua esposa e a de sua filha, vindo à tona sentimentos profundos de preservação e cuidado com os seus. Ao narrar toda a angústia até conseguir ter contato com o médico de sua esposa, as idas e vindas para a maternidade, a insistência dele em contar que sua esposa já tinha tido problemas relacionados aos partos de seus outros filhos, a negativa de liberação de uma maternidade pública para ir para a maternidade que seu plano de saúde cobria – Whistler é funcionário de uma empresa metalúrgica e seus funcionários possuem plano de saúde estendido aos seus familiares –, até o momento do parto e a constatação de que sua filha correu risco de morte, uma vez que ficou mais tempo do que devia na barriga de sua mãe e contraiu infecção por ingerir o líquido do cordão umbilical, Whistler estava convencido de que todo aquele processo foi causado pelo preconceito, ou seja, por ele ser negro e imigrante.

Mesmo depois de compartilhada com ele a informação de que isso ocorre muito no Brasil com os cidadãos comuns que dependem do serviço público de saúde, Whistler permaneceu convicto de que foi preconceito. Em seu entendimento, o preconceito diz respeito à exclusão e dá-se nas práticas sociais cotidianas (ERMOFILS, 2017). No decorrer de sua entrevista, foi minimizando essa questão do preconceito, talvez por uma questão estratégica de sua condição migrante. Sua argumentação é de que existem práticas preconceituosas em todos os lugares, mas que, pelo fato de no Sul do Brasil ter havido uma colonização específica, isso pode ser mais acentuado na região: “*É porque, sabe, tem descendente europeu, era o alemão que morava aqui*” (ERMOFILS, 2017). Ele remedia a afirmação repetindo: “*Não é muito forte, mas, como eu falei, todo lugar tem. Mas não é muito forte*” (ERMOFILS, 2017).

A experiência de diálogo e vivência com Jean Sefood, outro imigrante haitiano, de 35 anos, que vive com sua esposa, foi diferente das demais entrevistas orais realizadas até aqui. Estabeleceu-se entre pesquisador e entrevistado um vínculo de amizade que levaram ambos a compartilhar significativos momentos à mesa da família. Esse encontro entre “historiador e narrador” (PORTELLI, 2016) gerou uma conversa franca sobre os momentos difíceis pelas quais Jean passou/passa como imigrante negro na cidade.

No desenrolar da conversa se perguntou como é ser imigrante em Joinville. Ele de imediato disse: “*A gente, quando não está em casa, se sente um pouco diferente. Porque você não está em casa, você está limitado em algumas coisas, especialmente em roupa, em cultura*” (SEFOOD, 2017). Ele reflete dizendo que algo não lhe parece adequado quando alguém “*olha a gente diferente*” (SEFOOD, 2017). Indagou-se se esses olhares lhe são dirigidos por que é imigrante ou pelo fato de ser negro. Respondeu com firmeza: “*Acho que porque eu sou negro. Porque a raça negra é a raça que mais sofre preconceito no mundo*” (SEFOOD, 2017). Insistiu-se para saber o lugar em que Jean sente mais preconceito, e sua resposta visibilizou um padrão de comportamento no tocante aos imigrantes negros: “*No trabalho, no ônibus. Os vizinhos também olham a gente, pensam mal também. Pensam que a gente não é nada, que ser um haitiano é nada. Por ser um negro, não é nada*” (SEFOOD, 2017). De imediato rebateu isso, como se falasse para si mesmo: “*Mas não é?*” (SEFOOD, 2017).

Numa demonstração de altruísmo, Jean continuou: “*Eu não dou valor*” (SEFOOD, 2017), referindo-se a esse tipo de comportamento, e acrescentou: “*Eu sei que eu sou o que eu sou*” (SEFOOD, 2017). Reconheceu e reivindicou para si os mesmos direitos dos outros: “*A pessoa tem um valor dele, e eu tenho meu valor também. Tudo que ele pode fazer, eu também posso fazer, graças a Deus*” (SEFOOD, 2017). Colocou-se no mesmo patamar do outro: “*A pessoa foi para escola, eu também fui. Ele tem conhecimento, eu também*” (SEFOOD, 2017). Apontou as diferenças entre ele e o outro, minimizando-as: “*A língua, o idioma é diferente, nada demais*” (SEFOOD, 2017).

Outra narrativa singular quanto ao tema do racismo e preconceito foi construída por Luther Jean Luiz (2017), jovem haitiano de 25 anos, solteiro, trabalhador de uma indústria metalúrgica, que sofreu um duro golpe em seu local de trabalho (em um acidente de trabalho teve um dos dedos da mão amputado). Luther iniciou o curso superior de Administração de Empresas já na cidade que escolheu como destino – Joinville – e, mesmo com bolsa integral, não quis permanecer estudando. Seu sonho é fazer Teologia e exercer a função de pastor, escolha que segundo ele já estava decidida quando recebeu

seu nome, no nascimento. A compreensão que Luther tem sobre preconceito demonstra profundidade de reflexão: “*Bom, preconceito, às vezes é um pouco complicado falar desse tema*” (LUIZ, 2017), deixando transparecer sua inquietação diante de tal assunto. Em seguida, disse: “*Preconceito pra mim é uma coisa que, [...] é pessoa que não entende ela mesmo ou ele mesmo*” (LUIZ, 2017), vendo no primeiro momento o preconceito como um comportamento individual que expõe a dificuldade de muitos em lidar com seus próprios problemas, e logo acrescenta: “*Ninguém é superior nem inferior a ninguém*” (LUIZ, 2017), classificando o racismo como uma atitude de diferenciação étnica que pode estar relacionada à cor da pele.

Entre as reflexões elaboradas por Luther, estava a que explicita como ele lida com situações vividas envolvendo o racismo: “*Me olhar de um jeito feio, isso não tira absolutamente nada de mim*” (LUIZ, 2017) e, por fim: “*Eu acho engraçado isso*” (LUIZ, 2017). Com essa narrativa, Luther minimiza todo e qualquer efeito que o racismo possa ter sobre sua identidade e autoestima como cidadão haitiano: “*Eu acho engraçado, mas a gente encontra às vezes, mas é só dar risada mesmo. [...] Eu não me preocupo*” (LUIZ, 2017).

Após seguir os indícios apontados por várias manifestações comunicacionais que provocaram a problematizar as recusas vividas pelos imigrantes haitianos na cidade de Joinville, percorreram-se os caminhos das narrativas construídas pelos imigrantes para visibilizar tais recusas e preconceitos e compreender como cada um lida com essas situações, ressignificando-as em seu fazer cotidiano.

Na sequência, no capítulo 4, o foco desta tese será a produção da narrativa jornalística local, especialmente do jornal *A Notícia*, quanto à chegada e à presença dos imigrantes haitianos na cidade. Serão problematizadas questões como a temporalidade diaspórica e a narrativa da imprensa como construtora de imaginários.

4 TEMPO DE NARRAR: O IMIGRANTE E O IMAGINÁRIO DA IMPRENSA

Este capítulo ocupa-se da discussão sobre tempo e narrativa, bem como da problematização em torno da construção e circulação dos imaginários produzidos pelas narrativas jornalísticas veiculadas pelo jornal *A Notícia* entre 2010 e 2016 referente à imigração haitiana em Joinville. Para tanto, discutem-se inicialmente as noções de tempo e como as narrativas jornalísticas produzem o tempo. Ao falarem do presente da imigração haitiana, como elaboram o tempo passado da imigração na cidade e que significados atribuem a ele? Que futuro perspectivam e, mais importante, que presente mobilizam para lançar compreensões sobre a presença imigrante na cidade?

No decorrer do capítulo é problematizada a questão do texto jornalístico como fonte para a escrita da história, sua especificidade como documento e suas narrativas como atos comunicacionais carregados de significados. No entendimento de Barbosa (2017a, p. 6), “no processo de reconstrução do passado como história, os meios de comunicação exercem papel estratégico”, porque se colocam “como produtores de uma história imediata e reconstrutores da integralidade deste passado”. Desse ponto de vista, as mídias tradicionais e suas narrativas “são produzidas como arquivos da e para a história” (BARBOSA, 2017, p. 6).

Para o aprofundamento em relação à noção de imaginário e sua produção pelas narrativas jornalísticas, algumas questões são instigantes: os imaginários sobre o imigrante haitiano em Joinville se assemelham ou se diferenciam dos imaginários ligados à vinda, no século XIX, dos imigrantes europeus? Em que termos narrativos se podem compreender tais diferenças e/ou semelhanças? Enfim, de que forma as narrativas da imprensa lançam mão de fatos e de adjetivos para atribuir novos sentidos ao passado imigratório da cidade e à presença dos haitianos na contemporaneidade urbana? São pontos que se procuram discutir ao longo do presente capítulo.

4.1 IMIGRAÇÃO: TEMPO E NARRATIVA

Nesse ponto do texto, problematizam-se as questões relacionadas ao tempo e às temporalidades emergentes das narrativas jornalísticas. O jornalismo produz temporalidades em seus jogos de narrar o tempo presente. Dessa maneira, toma-se como pressuposto o fato de que as narrativas jornalísticas fazem circular enredos construídos e construtores de tempos próprios, tais quais algumas das narrativas de imigrantes

analisadas no próximo e último capítulo, as quais sinalizam experiências e concepções de (e com o) tempo muito particulares, podendo aludir ora a um passado harmonioso ou turbulento, ora a um presente provisório, assim como a um futuro desejado e esperado.

Para o historiador Koselleck (2006, p. 9), o tempo é uma “construção cultural que, em cada época, determina um modo específico de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as possibilidades que se lançam ao futuro como horizonte de expectativas”. Logo, ao investigar a imigração haitiana no tempo presente, lida-se com narrativas que, desse mesmo presente, aludem o tempo passado conhecido e experimentado, bem como o tempo futuro como espera de um porvir. Afinal, o tempo, ou os tempos, da imigração emerge como uma construção cultural do presente que se exprime, no caso desta pesquisa, em diferentes narrativas.

Baseando-se em Koselleck, o historiador François Hartog (2013) lembra ainda que o tempo, ao ser tomado como produto e efeito das ações e experiências humanas, pode ser problematizado como constructo que referencia e que é referência para essas mesmas ações e experiências. Dessa premissa, propõe a noção de regimes de historicidade enquanto instrumento de compreensão que serve, entre outras possibilidades, para abordar os modos e as formas de experiência social do e com o tempo, isto é, as maneiras como determinada comunidade humana se vê no presente ao conceber e narrar o acontecido (o aqui e o lá, o hoje e o ontem) e imaginar seu futuro¹.

O filósofo Paul Ricoeur² (2010, p. 3, grifo do original) afirma que “toda *configuração* narrativa culmina em uma *refiguração* da experiência temporal”, explicando que o tempo da natureza se transforma em tempo humano na medida em que articula pela narrativa a experiência temporal. O tempo é sempre experiência no presente operado pela narrativa, seja ela ficcional, histórica ou jornalística. Para o autor, narrar o tempo também implica ler outras narrativas de tempo, tornando a leitura uma espécie de espaço de mediação pelo qual se conecta “o mundo do texto e o mundo do leitor” (RICOEUR, 2010, p. 7). Para ele, “é nessa teoria ampliada da leitura que se dá a inversão, da divergência para a convergência, entre a narrativa histórica e a narrativa de ficção” (RICOEUR, 2010, p. 311), permitindo compreender o tempo como narrativa, independentemente de seus possíveis enquadramentos em gêneros textuais.

¹ A esse respeito, ver: HARTOG, 2013, p. 17-41.

² Além de Koselleck (2006), Hartog (2013, p. 19) aponta a contribuição das obras de Paul Ricoeur para a sua problematização teórica sobre o tempo, a qual concorreu na formulação da noção de regimes de historicidade.

A narrativa configura-se como fio condutor responsável pelas tessituras dos sentidos do tempo, não importando se ele é passado, presente ou futuro. Barbosa (2007b) explica que, para Ricoeur, “a dimensão narrativa opera a mediação entre o tempo fenomenológico e o tempo cosmológico”, produzindo um “tempo de natureza histórica, isto é, vivido e percebido numa espécie de arquitetura temporal de cada época” (BARBOSA, 2007a, p. 8).

Por outro lado, a autora traz à tona a discussão atual relativa à “experiência do tempo na contemporaneidade”, a qual coloca em destaque a ideia de tempo ininterrupto, isto é, sem “duração precisa”. A experiência contemporânea do tempo provoca a diluição da “fronteira do presente com o futuro, e o passado quando emerge também não tem espessura e, mais do que isso, passa a ser também incluído no presente”. Portanto, para a autora, “vive-se o eterno presente, numa espécie de desrealização do tempo” (BARBOSA, 2017a, p. 5).

Analisando as imbricações entre o tempo e as narrativas jornalísticas, Barbosa (1995, p. 88) pondera: “Ao selecionar, ao hierarquizar, ao priorizar a informação – dentro de critérios altamente subjetivos – o que o jornalismo faz é uma seletiva reconstrução do presente”, também fixando “no hoje uma memória futura do próprio acontecimento”.

Para Motta (2017, p. 8), “o jornalismo é uma nítida prática para domar e organizar o tempo”, e enquanto tal é na narrativa jornalística que se estabelece o enredo que atribui uma cronologia ao acontecimento. Berger e Tavares (2010, p. 159) salientam, por sua vez, que a narrativa jornalística, ao organizar o tempo do acontecimento na lógica do agora, se torna “propositor[a] de condutas tidas como adequadas ao presente”. Dizem os autores: “O jornalismo adquire poder normativo ao estabelecer os saberes dignos de serem denominados ‘contemporâneos’” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 159).

Na medida em que o jornalismo requer para si a pretensão de comunicação objetiva, Motta (2017, p. 8) considera que “não é fácil compreender e estudar o jornalismo como uma narrativa”, pois “o olhar narrativo traz a subjetividade para um tipo de comunicação pretensamente objetivo”. Diz ele que jornalistas “não contam histórias, querem reproduzir fielmente os fatos” (MOTTA, 2017, p. 8).

De acordo com Motta (2005, p. 2), é “a partir dos enunciados narrativos [que] somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico”. Já para Barbosa (2007b, p. 19), “narrar é uma forma de estar no mundo e, dessa forma, entendê-lo”. Com tais argumentos,

os autores remetem-se à dimensão subjetiva da narrativa, nem sempre considerada na análise de narrativas jornalísticas.

Esse conjunto de questões converge com as preocupações desta pesquisa, uma vez que se debruça sobre os textos jornalísticos produzidos pelo jornal *A Notícia* nos últimos anos para problematizar como as narrativas suscitam experiências do e com o tempo da imigração haitiana na cidade.

4.2 JORNAL, CIDADE E PROCESSOS MIGRATÓRIOS

A seguir, problematizam-se as narrativas jornalísticas como fonte histórica, especialmente as narrativas produzidas pelo jornal *A Notícia*, de Joinville, acerca dos processos migratórios, tanto em relação ao imigrante do passado construído como o responsável pela colonização e pelo desenvolvimento da “pujante cidade germânica”, quanto ao imigrante do presente, os haitianos, “dispostos a dar o máximo”. Analisam-se as conexões estabelecidas (ou não) sobre esses processos em tempos históricos distintos. Ainda, são discutidas as aproximações que a imprensa local fez com o Haiti, quando da ocorrência do terremoto em 2010, uma vez que o Batalhão de Infantaria de Joinville participou da operação humanitária naquele país no pós-terremoto.

4.2.1 A problemática do jornal como fonte histórica

Inicialmente, cabe perguntar o que pode e/ou deve ser considerado como fonte de pesquisa para problematizar a questão dos processos migratórios contemporâneos, sobretudo se a perspectiva de análise for interdisciplinar entre os campos da história e da comunicação. Ao fazer referência a fontes históricas, está-se também referindo, conforme Pinsky (2018, p. 7), a métodos e técnicas “utilizados pelos pesquisadores em seu contato com os documentos, os vestígios e os testemunhos do passado humano”. No entanto, para além das questões de métodos e técnicas, é preciso perseguir a compreensão dos sentidos produzidos por essas fontes particularmente em cada lugar e tempo históricos, a escrita da história, a narrativa jornalística e como ambas estão implicadas em contextualidades.

No que diz respeito à utilização da imprensa como fonte para o estudo dos processos migratórios, Luca (2018) informa que ainda na década de 1970 os jornais e as revistas eram pouco utilizados como fonte para a problematização da pesquisa em história no país, pois se considerava escrever “a História *da* imprensa, mas relutava-se em

mobilizá-los para a escrita da História *por meio da imprensa*” (LUCA, 2018, p. 111, grifos do original). Predominava até então o viés positivista, que, segundo a autora, se baseava em “fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo” (LUCA, 2018, p. 112).

Todavia, no fim do século XX, “a prática historiográfica alterou-se significativamente”, realizando “deslocamentos” que propunham, segundo Luca (2018, p. 112), “novos objetos, problemas e abordagens”. Os debates realizados em torno da discussão historiográfica daquele período ultrapassaram as questões epistemológicas “e introduziram outras fissuras no trato documental”, bem como se passou a levar em conta a história “voltada para o tempo presente, seara até bem pouco exclusiva de jornalistas e sociólogos”, consagrando certo “retorno” da chamada “história política” (LUCA, 2018, p. 114). Nesse cenário de reconsiderações acerca de novas fontes para a produção da escrita da história, os jornais passaram a ocupar um lugar de destaque, ainda que, em um primeiro momento, “sob suspeição”, como anuncia Luca (2018).

Para Capelato (1994, p. 13), há um fascínio em ler a história do Brasil por meio do que se encontra nas páginas dos jornais, “mananciais dos mais férteis para o conhecimento do passado” e “material de pesquisa valioso para o estudo de uma época”. Apesar desse fascínio, a autora chama a atenção para o fato de o jornal, historicamente, ser alvo de interesses de “governos” e de “poderosos” que o utilizam para atingir seus objetivos. Por isso, é preciso “acompanhar a trajetória sinuosa dos sujeitos da produção jornalística” (CAPELATO, 1994, p. 13), indicando a necessidade de o historiador obter informações que o levem ao descortinamento dos interesses e dos objetivos que estão em jogo em determinada produção jornalística. Insiste Capelato (1994, p. 23): “Conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fonte e reflexão teórica”.

Se pensar que o jornalista “se movimenta entre o tempo longo da história e o tempo curto do cotidiano” (CAPELATO, 1994, p. 59), tendo como matéria-prima de suas narrativas “a combinação de atualidade-permanência” (CAPELATO, 1994, p. 59), é possível apropriar-se dessa fonte também para problematizar o cotidiano de determinada sociedade, suas práticas culturais, ou ainda analisar pelos discursos expressos nos jornais de uma época as ideias políticas daquele momento histórico (CAPELATO, 1994).

A utilização da imprensa no Brasil como fonte para a escrita da história é discutida por Barbosa (2007a), que lança o seguinte questionamento: “Como incluir textos com pretensão à verdade produzidos pelos meios de comunicação, numa análise, como a

histórica, que também procura visualizar a integralidade do passado na perspectiva do verdadeiro?” (BARBOSA, 2007a, p. 2). Para a autora:

Se o passado for visualizado como algo que pode ser recuperado, as fontes, documentos e emblemas do passado que chegaram até o presente, sob a forma de rastros, serão privilegiados na interpretação. Se, por outro lado, considera-se que o que chega do passado são vestígios memoráveis, permanentemente re-atualizados pelas perguntas que do presente são lançadas ao pretérito, o que será destacado é a capacidade de invenção da narrativa. Ou seja, não se pode eliminar a categoria interpretação da história, da mesma forma que a história será sempre uma narrativa (BARBOSA, 2007a, p. 3).

No entanto, mais do que a fonte em si, Barbosa (2007a) destaca o problema de como se interpretam os vestígios que chegam do passado, sobretudo mediante perguntas motivadas pelas inquietações do presente, pois, “tal como a ficção, também a reconstrução histórica é obra da imaginação” (BARBOSA, 2007a, p. 7). Isso faz com que se leve a encarar a operação historiográfica imersa no jogo que “configura intrigas que os documentos autorizam ou proíbem” (BARBOSA, 2007a, p. 7). Do mesmo modo, as fontes jornalísticas também podem ser tomadas como construções sobre o real, e não exatamente o próprio real, uma vez que os “textos [são] permanentes interpretações” (BARBOSA, 2007a, p. 7)³.

Cruzam-se assim a criação da narrativa jornalística e a escrita da história. Para Certeau (1982, p. 5-6), “a historiografia (quer dizer ‘história’ e ‘escrita’) traz inscrita no próprio nome o paradoxo [...] do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso”. A história “tem a tarefa de articulá-los e, onde este laço não é pensável, fazer *como se os articulasse*” (CERTEAU, 1982, p. 55, grifo do original).

Ainda para Certeau (1982), a escrita histórica é o produto palpável do trabalho do historiador e está implicada e articulada no lugar social (profissional, institucional e disciplinar), com as regras e normatividades que o regulam e o constroem, o presente que vivencia e que é base para a formulação de suas perguntas ao passado e às suas práticas de pesquisa.

E o jornalista? Que lugar o impulsiona a escrever? Que intencionalidades? Que urgências do presente se colocam em suas narrativas? A notícia é uma operação da escrita, tal qual a historiografia? Para o historiador, a seleção das fontes e das categorias teóricas é imprescindível para a escrita, que transforma a experiência em um enredo, em uma trama compreensível, apresentada como verdade. O mesmo ocorre com o jornalista?

³ Para aprofundar essas questões, ver: BARBOSA, 2008; 2009; 2013.

Tal qual a narrativa histórica, também a narrativa jornalística está implicada ao lugar de escrita. De que lugar se está falando, que intencionalidades existem, o que diz e por que diz, o que não se diz e por quê? Nesse sentido, podem-se discutir as aproximações entre a escrita da história e a escrita jornalística como pretensão de produzir fontes históricas, ou ainda, e principalmente como afirma Barbosa (2017a, p. 6), de “produzir fontes da e para a história”.

Para Motta (2013, p. 82), “os discursos narrativos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações e a opções (modos) linguísticos e extralinguísticos táticos para realizar certas intenções e objetivos”. Logo, evidenciam-se as intencionalidades das narrativas jornalísticas, as quais incidem em como a realidade é narrada.

Seguindo a premissa de que a narrativa jornalística carrega consigo intenções e objetivos, Barbosa (1995, p. 99) diz que um dos objetivos do texto jornalístico é indicar “para o futuro o que deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido”. Diz ela: “Ser senhor da memória e do esquecimento é, na verdade, ser detentor do poder de fixar o presente para um futuro próximo ou distante” (BARBOSA, 1995, p. 99). Diante disso, as narrativas jornalísticas como fonte histórica precisam ser problematizadas criticamente, levando em conta as imbricações políticas da fonte e suas intenções de ser verdade sobre o passado, e não um discurso/uma representação acerca desse passado.

Importante observar o que dizem Berger e Tavares (2010, p. 160) a respeito da força do discurso jornalístico, que “não está apenas na singularidade das notícias”: o “poder desse discurso está naquilo que se repete”, pretendendo definir “como é o mundo, quais são os valores contemporâneos”, sobretudo com a pretensão de influenciar “como agir neste mundo narrado”⁴. Assim, pode-se entender que “os acontecimentos jornalísticos ajudam a definir historicamente uma sociedade porque o seu próprio processo de produção está imbuído de valores que circulam nesta mesma sociedade” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 162). Dessa maneira, a própria narrativa jornalística pode ser compreendida como “*um acontecimento* quando posso tomá-lo [o texto

⁴ Na contemporaneidade, o jornalismo vem passando por uma turbulência, diante da reconfiguração de seu poder de narrativa por conta do avanço das mídias digitais, que estabelecem uma dispersão da narrativa informativa por diversas plataformas usadas em profusão pelo público. Esclarece-se que essas transformações não são objeto de estudo nesta tese. Foca-se aqui na análise do discurso jornalístico tradicional, que mesmo imerso nessa crise (o que deságua numa crise de identidade do próprio jornalismo) continua produzindo representações, forjando imaginários e construindo narrativas com a pretensão de aprisionar as verdades do mundo. Para discutir essa questão da força das mídias digitais e o impacto no fazer jornalístico, ver: MOTTA, 2013; SODRÉ, 2014; BARBOSA, 2017a.

jornalístico] como registro dos valores hegemônicos de uma sociedade em uma época” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 162, grifo do original).

Para Sodré (2014), a comunicação deve ser entendida como o comum humano e, portanto, significativo, para ser considerada como fonte ou referência de um mundo vivido, mesmo que se faça necessário observar a histórica função ideológica da imprensa, que “continua presente na comunicação do acontecimento, em geral mesclando realidade histórica com imaginário coletivo” (SODRÉ, 2012a, p. 15). Todavia, para o autor, uma questão que deve ser levada em conta “refere-se propriamente aos critérios de produção da notícia, enquanto estratégia da narração do fato social” (SODRÉ, 2012a, p. 17).

Diante das reflexões apresentadas, vale-se aqui das narrativas de imprensa enquanto fonte de pesquisa para analisar questões relativas tanto à presença e condição dos imigrantes haitianos no tempo presente da cidade quanto às especificidades e similitudes que atravessam as narrativas históricas e jornalísticas que visam dar a conhecer o passado da imigração joinvilense.

4.2.2 O jornal *A Notícia* e o passado migratório de Joinville

Escolheu-se analisar as narrativas jornalísticas veiculadas no jornal *A Notícia* entre os anos de 2010 e 2016 para problematizar a vinda de imigrantes haitianos a Joinville e a presença deles na cidade, por se tratar do periódico de maior circulação na região⁵. Para além da abrangência, as narrativas produzidas pelo *A Notícia* foram e são utilizadas com muita frequência em pesquisas acadêmicas acerca da história de Joinville, seja do passado mais remoto, seja do presente recente.

A fundação do *A Notícia*⁶ ocorreu em 1923, e este permaneceu com um único dono até a sua morte, em 1978, quando o jornal foi adquirido por um grupo de acionistas que o manteve em seu controle até 2006. Segundo Jacques Mick (2009), nesse período de gestão, da década de 1980 até 2006, o “conteúdo do diário era influenciado diretamente por interesses econômicos e políticos do dono”, uma vez que este era um conhecido

⁵ Com tiragem média de circulação diária de 22 mil unidades e 30 mil aos domingos, circula no norte e nordeste do estado de Santa Catarina. Sua versão *online*, lançada em 2012, com foco em Joinville e região, chegou a ter mais de 961 mil usuários (outubro de 2016), e o periódico tem mais de 502 mil seguidores em suas redes sociais (outubro de 2016), com abrangência de 75 municípios catarinenses. Informações disponíveis em:

<<http://portfoliodemidia.meioemensagem.com.br/portfolio/midia/A+NOT%25C3%258DCIA/14419/home>>; <<https://assinanterbs.com.br/portal/portal-do-assinante/sobre/institucional>>; e

<<http://comercial.gruporbs.com.br/veiculos/a-noticia/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

⁶ Sobre a história do jornal *A Notícia*, ver: TERNES, 1983; 2003; GRUNER, 2003.

empresário local e tinha filiação partidária, inclusive exercendo cargo público em esferas de governo.

No ano de 2006, o jornal *A Notícia* passou por uma mudança significativa: foi adquirido pelo Grupo Rede Brasil Sul (RBS), em uma estratégia de concentração de propriedade dos meios de comunicação. Nesse período, para além das questões mercadológicas que envolviam a aquisição de um veículo de comunicação por parte de um grande grupo comunicacional, o jornal sofreu grandes alterações. A primeira diz respeito ao formato, que “foi reduzido de *standard* para tabloide; novos cadernos foram criados; duas edições diferentes passaram a ser produzidas, uma para circular na região norte do Estado e outra para as demais regiões” (MICK, 2009). A segunda mudança, como também é peculiar nessas situações, consistiu na demissão de colunistas, editores e repórteres. Para Mick (2009), “as mudanças afetaram o modo como o jornal é [era] feito, envolvendo diretamente o saber profissional e o *habitus* dos jornalistas, com consequências para a esfera pública”.

Uma nova fase da história do jornal iniciou-se em 2014, quando foi vendido ao NC Invest, um conglomerado de empresas brasileiras que passou a dirigir parte dos veículos de comunicação existentes no estado de Santa Catarina⁷. Sobre a aquisição, o jornalista Paulo Alceu, em entrevista veiculada pela revista *Veja*, diz: “Os novos compradores não vieram para manter, mas para mexer, mudar e fazer crescer” (*apud* LIMA, 2018), referindo-se às mudanças que ocorreriam nos veículos adquiridos pelo grupo. A revista reproduz ainda a fala do novo dono da então RBS e do jornal *A Notícia*: “Nós encontramos essa oportunidade aqui no Sul [...]. Ela [RBS no estado] tem mais audiência relativamente do que outras emissoras da Globo. Temos jornais aqui que são todos líderes” (LIMA, 2018), indicando os principais motivos que influenciaram a decisão da aquisição.

Em quase um século de existência, dirigido por diferentes grupos econômicos, sobretudo se consideradas as últimas décadas, o jornal *A Notícia* manteve-se como uma fonte importante para a pesquisa sobre a história de Joinville. Historiadores e jornalistas/historiadores têm se apropriado das narrativas do jornal para problematizar os estudos referentes aos processos migratórios e seus impactos para a cidade. Para destacar

⁷ Acompanhando toda a operação de mídia de Santa Catarina comandada pela RBS (rádio, jornais, televisão, sítios eletrônicos e *blogs*), foi vendido para o Grupo NC, um dos 180 maiores conglomerados do Brasil, pertencente à família Sanchez. Informação disponível em: <<https://www.gruponc.net.br/negocios/grupo-nc>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

a importância do periódico citado como fonte para as pesquisas relacionadas a Joinville, a presente pesquisa apropria-se das reflexões produzidas pela historiadora Coelho (2011, p. 174), que chama a atenção para o fato de que “os historiadores de Joinville, na sua grande maioria, serviram-se fartamente em suas operações historiográficas dos escritos da imprensa local”.

No que tange à produção historiográfica sobre os processos migratórios, a autora analisou um conjunto de produções acadêmicas, elaboradas a partir da década de 1980⁸, para Coelho (2011, p. 120), “momento em que a questão migratória passa a ganhar importância para as explicações sobre as mudanças urbanas de Joinville”. O objetivo primordial dessa análise concentrou-se no “modo como os historiadores representam os migrantes e a migração na história de Joinville e ainda quais as intencionalidades que ressoam e dizem respeito ao lugar onde escrevem” (COELHO, 2011, p. 121)⁹.

Importante ressaltar que Coelho (2011), na parte de seu texto intitulada “Historiadores e jornalistas: discursos e deslocamentos da questão migratória”, se dedica à discussão realizada pelos jornalistas/historiadores ou historiadores/jornalistas¹⁰ especialmente das narrativas produzidas por eles sobre os processos migratórios e seus desdobramentos no espaço urbano nas últimas décadas. Em seu ponto de vista, a análise dessas produções, com o indicativo das mudanças ocorridas nas narrativas acerca dos processos e, sobretudo, do papel do imigrante/migrante no contexto urbano de Joinville, poderia contribuir para a compreensão dos “entrelaçamentos entre os discursos da historiografia e dos jornais” (COELHO, 2011, p. 183), bem como auxiliaria no entendimento das narrativas que procuram reforçar permanências dos antigos fluxos migratórios ou provocar positavações em relação aos fluxos contemporâneos.

Com o objetivo de estudar os fluxos migratórios contemporâneos, de maneira especial os imigrantes advindos do Haiti, a presente investigação lançou-se às páginas do jornal *A Notícia* focando em suas narrativas do período entre 2010 e 2016. Inicialmente foram abordadas as narrativas que, quando do terremoto em 2010 naquele país, procuraram construir engendramentos e aproximações entre o lá (Haiti) e o cá (Joinville).

⁸ As produções são: TERNES, 1981; 1986; 1993; GRUNER, 2003; MEURER, 1993; SOUZA, 1998; NIEHUES, 2000; MATHYAS, 2007.

⁹ Para acessar a análise completa das obras citadas, ver capítulo 2 de Coelho (2011).

¹⁰ Apolinário Ternes, Clóvis Gruner e Alessandra Mathyas. Para aprofundar o assunto, ver páginas de 174 a 184 de Coelho (2011).

4.2.3 O jornal *A Notícia* e o passado-presente nas relações Joinville e Haiti

Na pesquisa realizada nas edições impressas do jornal *A Notícia* entre os meses de janeiro de 2010 e dezembro de 2016¹¹, ao todo foram localizadas cerca de 40 reportagens/notícias/editoriais/cartas referentes ao Haiti e aos desdobramentos do terremoto ocorrido em janeiro de 2010. A presente análise é focada nas narrativas produzidas quando da escrita das reportagens jornalísticas; não se analisarão os editoriais nem outros textos como carta de leitores. Em um primeiro momento, considerando os primeiros meses do ano de 2010, o enfoque é para a tragédia que se deu quando do terremoto. As reportagens traziam informações parciais, na maioria das vezes pautadas em correspondentes internacionais e agências nacionais. Nesse primeiro conjunto que serviu de fonte para estudo, a perspectiva foi analisar as relações entre o Haiti e Joinville¹².

Em um segundo momento, ainda levando em conta esse mesmo conjunto de reportagens, dedicou-se à análise de matérias relacionadas à presença das Forças Armadas do Brasil desde 2004 no Haiti pela Minustah, sobretudo a presença e a preparação para o deslocamento de parte das tropas do exército de Santa Catarina e mais especialmente a participação do 62.º Batalhão de Infantaria de Joinville na missão de ajuda humanitária, em 2012¹³.

Antes de problematizar o que o jornal destacou em relação ao Haiti no período proposto para a pesquisa (2010–2016), precisa-se pensar acerca da seguinte questão: quando um fato pode se tornar uma notícia relevante para a comunidade? Conforme Benetti e Fonseca (2010, p. 9), “o que é ‘fato’, no terreno filosófico, nem sempre é ‘acontecimento’ para o jornalismo”. Essas definições dependem de premissas e perspectivas inter e multidisciplinares que consideram “o jornalismo como um campo teórico que se articula, em fluxo e em rede, com outros campos da ciência” e que, no

¹¹ As edições impressas dos jornais dos anos citados foram pesquisadas no Arquivo Histórico de Joinville. A pesquisa precisou ser feita nos jornais impressos pelo fato da não confiabilidade dos arquivos disponíveis *online* do referido jornal. Todas as reportagens, os editoriais e as cartas do leitor encontrados sobre o tema envolvendo a tragédia no Haiti – o terremoto de janeiro de 2010 e sua repercussão no Brasil –, bem como o que foi veiculado relacionando Santa Catarina e especialmente Joinville, foram fotografados. Em seguida foi criada uma ficha de catalogação com as principais informações daquelas reportagens.

¹² Em 2010, localizou-se o total de 25 textos/menções à situação do Haiti.

¹³ No ano de 2011 não foram localizadas menções ao Haiti no jornal *A Notícia*. Já em 2012, aparecem as primeiras reportagens sobre a vinda de imigrantes haitianos para Santa Catarina – duas reportagens citando imigrantes haitianos em Chapecó (oeste), em Florianópolis (litoral) e em Jaraguá do Sul (norte). Também do ano de 2012 há duas reportagens sobre o deslocamento de soldados joinvilenses para a ajuda humanitária no Haiti. Será feita a análise dessas reportagens no decorrer do capítulo.

processo de diálogo com áreas como a “sociologia, a filosofia, a história, a arte e a semiótica”, articula reflexões e produz entendimentos sobre “noticiabilidade, agendamentos e enquadramento”.

No que se refere ao acontecimento, Berger e Tavares (2010, p. 122) definem dois tipos. O primeiro é “o acontecimento experienciado no cotidiano”, que “corresponde à emergência e às afetações do acontecimento na realidade tangível e em suas reverberações cognitivas”. O segundo é o acontecimento jornalístico, materializa-se “em textos em que o acontecimento midiático ilustra a natureza da sociedade contemporânea”, concernente à “construção do acontecimento em forma de notícia ou das linguagens jornalísticas que constroem o acontecimento” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 122). Os autores defendem ser impossível separar os dois tipos de acontecimento, “pois é do acontecimento vivido que se abastece o acontecimento jornalístico e esse intervém na percepção daquele” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 122). Nesse sentido, é o mundo da vida que produz o acontecimento jornalístico, como, por outro lado, o acontecimento jornalístico pode influenciar na compreensão da vida.

Procurou-se investigar a forma como o jornal engendrou os passados-presentes, os sentidos históricos/simbólicos da relação de Joinville com o Haiti. A narrativa inicial, em 2010, feita sobre o Haiti nas páginas do periódico estudado ocorreu principalmente pela veiculação do que se pode considerar, segundo Berger e Tavares (2010, p. 133), como “*mega-acontecimento*”, pelo viés do conceito jornalístico, também acontecimentos propriamente midiáticos, mas com “importância potencializada”. O terremoto sofrido por aquele país em janeiro de 2010 tomou rapidamente a proporção de catástrofe por conta da destruição material e, de maneira especial, humana¹⁴. Nessa dimensão, a tragédia é narrada na perspectiva de ser “menos o registro da ocorrência (fato) e mais como essa ocorrência é apreendida pelo sujeito” (BENETTI; FONSECA, 2010, p. 14). Ou seja, como ela impacta esse sujeito.

¹⁴ Em relatório apresentado pelo Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) seis meses após o tremor. Estimava-se em perdas humanas que cerca de 222 mil pessoas morreram e outras 300 mil foram feridas, contudo o número de mortes exato ainda era desconhecido. Em termos materiais, aproximadamente 60% dos prédios oficiais (estrutura de governo) foram destruídos, mais de 105 mil casas foram arruinadas completamente e 188 mil caíram ou foram danificadas, além de 49 hospitais terem sido completamente destruídos ou seriamente danificados. O relatório afirma ainda que houve movimentação/deslocamento de aproximadamente 2,3 milhões de haitianos para assentamentos após o desastre, dos quais cerca de 1,5 milhão eram crianças e jovens, tudo por conta da destruição de suas casas. Informação disponível em: <<https://nacoesunidas.org/relatorio-da-onu-aponta-situacao-do-haiti-apos-seis-meses-de-esforcos-de-reconstrucao/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Por essa ótica, é preciso compreender a articulação que o jornal *A Notícia* procura fazer entre o acontecimento (a tragédia) e a vida de alguma personagem da cidade, ou ainda certo evento local/regional, com destaque para questões/personagens que relacionassem Joinville com o Haiti e sua tragédia. Por que a necessidade dessa conexão? Ela se explicaria por aquilo que Benetti e Fonseca (2010, p 12) dizem sobre “afetação dos sujeitos – quando um acontecimento acontece a alguém”. Também para Berger e Tavares (2010, p. 123), “há o acontecimento em si, uma ação que interrompe um estado qualquer, mas que só existe quando há sujeitos afetados e que lhe dão sentidos”. Tomando essa premissa jornalística como referência, é possível entender o engendramento feito pelo *A Notícia* do ocorrido no Haiti com determinadas personagens locais. O sentido não está no acontecimento em si, mas na relação com o afetado, com as significações que encontra no outro.

As primeiras notícias vinculadas ao terremoto do Haiti aparecem nas páginas do jornal *A Notícia* em 13 de janeiro de 2010, na sessão AN Mundo. Com base em informações de agências de notícias, de forma rápida, tratam da catástrofe que atingiu os países do Caribe.

O fato começa a tomar contornos mais claros nas páginas do jornal em 14 de janeiro de 2010, quando é estampada na capa a tragédia no Haiti. Com a manchete “Um país arrasado”, inicia a relação da tragédia com os catarinenses que estavam no Haiti. Com ênfase, noticia a morte da conhecida líder da Pastoral da Criança, a médica catarinense Zilda Arns (que aparece em foto tendo como fundo a bandeira brasileira). Ainda na mesma reportagem, informa-se de maneira detalhada o fato de um soldado de Porto União, cidade do planalto norte de Santa Catarina, ter feito contato com a família. A imagem é da esposa aliviada que segura um porta-retratos do marido em suas mãos (A NOTÍCIA, 2010d).

Ainda nesse mesmo dia, há uma grande reportagem sobre a vida e a história da catarinense Zilda Arns. A abordagem inicial escolhida pela matéria para narrar a morte da médica foi a culpabilização por o terremoto ter roubado “das crianças, especialmente as brasileiras, o sorriso que lhe garantia vida e esperança” (A NOTÍCIA, 2010b). A narrativa liga a história da médica a ações desenvolvidas em Joinville, criando assim a primeira aproximação entre a tragédia e a cidade, produzindo sentidos locais para o fato e relacionando de alguma forma a Joinville do presente com o passado do Haiti.

A relação entre Zilda Arns e Joinville é destaque na foto em que ela aparece recebendo uma homenagem na Câmara de Vereadores. A legenda indica lembrança:

“Zilda Arns Nieumann, criadora da Pastoral da Criança, era cidadã honorária de Joinville” (A NOTÍCIA, 2010b). A afirmação, ao destacar o fato de Zilda ser cidadã joinvilense, traz o claro simbolismo de que a cidade perdeu um ente querido no terremoto. Tal aproximação é fortalecida também pela voz do Padre Luiz Facchini, liderança local que, ouvida pelo jornal, enaltece o fato de a médica “fazer da própria vida uma oração ao defender as crianças mais excluídas e carentes” (*apud* A NOTÍCIA, 2010b). A narrativa aproxima mais uma vez Joinville e a tragédia, mais especificamente a história da médica da história e a do próprio Padre Luiz Facchini, que há anos, por meio das conhecidas cozinhas comunitárias¹⁵, trabalha em comunidades carentes alimentando crianças de forma a garantir condições mínimas de vida para elas.

Ainda como meio de estabelecer relação entre Joinville e Haiti, mesmo não tendo sido destaque de capa, uma reportagem relata a situação de uma voluntária joinvilense, missionária da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que vivia há 10 anos no Haiti para trabalhar com alfabetização de crianças. A missionária Luciméri Regina Pereira, 37 anos, informou para a mãe por telefone que estava bem e que o local onde estava não foi atingido pelo terremoto (A NOTÍCIA, 2010a).

No dia seguinte, 15 de janeiro de 2010, o jornal retomou a história da missionária e com base em uma passagem do seu depoimento intitulou a matéria “O cenário é de muito terror”. O repórter Marco Aurélio Braga narra seu diálogo com Luciméri: “Ainda com voz ofegante, com fala rápida e com um português carregado de sotaque espanhol, a joinvilense [...] relatou os horrores vividos pelo povo no Haiti depois do terremoto” (BRAGA, 2010). Também destaca o jornalista que para a missionária “o medo e o pânico são os principais sentimentos da população haitiana” (BRAGA, 2010), além de ter expressado preocupação com a desordem no país quando afirmou: “As cidades não têm mais dono, não têm mais lei” (BRAGA, 2010).

Assim como na primeira reportagem, o jornal nesse dia também ouviu a mãe de Luciméri, que esperava pelo retorno da filha. O enredo construído pelo jornalista para contar a história da missionária incluía identificar a residência da família que aguardava seu retorno como uma “casa simples no bairro Paranaguamirim” (BRAGA, 2010) e a

¹⁵ A Fundação Padre Luiz Facchini Pró Solidariedade e Vida foi criada no ano de 1995, com o nome de Fundação Pauli-Madi, mais tarde adotando o nome do fundador, Padre Luiz Facchini. Teve como projeto principal, entre outros, a implantação de cozinhas comunitárias nos bairros pobres da cidade de Joinville e região norte do estado de Santa Catarina, chegando a ter até 30 cozinhas comunitárias, que atendiam a quatro mil crianças diariamente. Informação disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2018/03/padre-facchini-teve-uma-vida-dedicada-a-fazer-o-bem-10179714.html>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

apropriação da fala da mãe, que afirma que a filha recebeu “uma missão divina” (*apud* BRAGA, 2010) e que passou por muitas dificuldades relacionadas à comunicação e que para sobreviver precisou realizar inúmeros trabalhos, entre eles “vender doces” (*apud* BRAGA, 2010). A aproximação com o passado do Haiti é reforçada reiteradamente nas reportagens sobre a missionária quando enfatiza que havia 10 anos ela vivia no Haiti, reforçando seus laços com o país. Braga transcreve o que relata a mãe: “Mas ela sempre acreditou que era uma missão de fé. Ela foi chamada por Deus” (*apud* BRAGA, 2010). A reportagem tem no centro uma foto de Luciméri com muitas crianças haitianas vestidas de camiseta azul, à mesa com mochilas escolares.

O retorno da missionária para Joinville foi destaque no dia 21 de janeiro, em matéria assinada por Rodrigo Stupp com palavras que remetem ao retorno de um campo de batalha: “O horror de corpos putrefatos espalhados pelas ruas, das ruínas, dos saques e da briga por comida foram contados feito uma metralhadora nervosa” (STUPP, 2010). Após relatar como se deu o encontro com a família no aeroporto, o jornalista descreveu a recepção à missionária, um tanto quanto festiva: “Eles a esperavam com um churrasco, com maionese, arroz e salada. Almoço de quarta-feira com cara de domingo, porque a tarde era festiva” (STUPP, 2010). Por mais que se possa entender que a família estava feliz por ter sua filha de volta depois da tragédia, parece contraditório descrever com tanta ênfase a comida, tendo em vista que havia acabado de relatar “a briga por comida” nas ruas do Haiti. Trata-se de duas narrativas muito distintas para falar de um momento tão conflitante que precisava abordar a tristeza do vivido no Haiti e a euforia do retorno. Cabe aqui uma reflexão em torno do paradoxo de sentidos sobre a “comida” estabelecido pelo jornalista, paradoxo que serve como estratégia narrativa para aproximar o Haiti de Joinville e ao mesmo tempo diferenciar os dois locais. No Haiti, a missionária, ponto de ligação entre os dois países, via dramaticamente a briga por comida nas ruas. Em Joinville, ela era recepcionada com um festivo e farto churrasco. O jornalista contrasta as duas realidades e ao mesmo tempo aproxima-as pela experiência da personagem (STUPP, 2010).

Nesse mesmo dia, como reportagem principal, que não possui assinatura, sob o título “Só resta a esperança”, o subtítulo identifica o Haiti “como o mais miserável país das Américas” (A NOTÍCIA, 2010c). No decorrer do texto se diz: “A morte não veio por meio de fome, sede ou por combates – algo comum nessa paupérrima ilha caribenha – mas pela força do mais devastador terremoto em 200 anos de história da nação fundada por ex-escravos africanos” (A NOTÍCIA, 2010c). A narrativa indica elementos

significativos em relação à imagem cristalizada que o Haiti tem no Brasil, país miserável, faminto e feito por ex-escravos onde, se não se morre de fome e de sede, se morre pelas tragédias naturais. Essas significações servirão como base para os imaginários que mais tarde, quando da chegada dos imigrantes haitianos na cidade, vão/poderão constituir as narrativas jornalísticas desse próprio jornal acerca do Haiti e dos imigrantes haitianos.

Os laços entre Joinville e a tragédia do Haiti continuam sendo fortalecidos quando a matéria de 3 de abril de 2010, assinada por Mariana Pereira, é veiculada sob o título “Missão: garantir a vida”. Tal reportagem narra a história do, conforme o subtítulo, “médico de Joinville que integrou equipe de apoio ao Haiti devastado após terremoto” (PEREIRA, 2010). Trata-se do médico obstetra do Hospital de Campanha da Força Aérea Juliano Deckert, que ficou no Haiti por aproximadamente um mês e meio. O fato de ele ter vindo visitar a família em Joinville, local para onde se mudou quando tinha 7 anos, impulsionou a construção da matéria, que para reforçar os laços com a cidade deu espaço para a fala da mãe do médico, senhora Graça, referindo-se ao fato de o filho não morar mais em Joinville havia seis anos (Juliano mora em Boa Vista, Rondônia, por conta do trabalho na Força Aérea). Ela diz: “Mas sempre que podia vinha para cá, visitar a família e os amigos do tempo de estudo no Colégio Santos Anjos e de residência na Maternidade Darcy Vargas” (*apud* PEREIRA, 2010) – dois lugares carregados de significados para os joinvilenses e que remetem à educação e à saúde na cidade.

A jornalista Mariana Pereira (2010) optou em sua narrativa por recuperar a noção da vida tão cara ao contexto do Haiti pós-terremoto: “Um médico de Joinville ajudou a levar mais vida ao Haiti” (PEREIRA, 2010), referindo-se aos inúmeros partos que o obstetra teria realizado no período em que esteve em missão no país. A jornalista, ao colher do médico suas impressões da missão, destaca um olhar humanizado sobre a tragédia: “Na bagagem [...] traz retratos de uma tragédia, mas também recordações de um povo caloroso, carente de atenção e muito amoroso” (PEREIRA, 2010), que, segundo o médico, “agradeceram muito pelo nosso trabalho e chegaram a chorar quando fomos embora” (*apud* PEREIRA, 2010). Nas palavras do médico, diante das novas ameaças de terremoto, “tentam levar a vida numa boa, sem contar com uma nova tragédia. O que aliás, seria muita injustiça com um povo tão sofrido” (*apud* PEREIRA, 2010). Ao ser perguntada sobre a ausência do filho, a senhora Graça disse: “O que conforta é saber que ele está feliz, fazendo o que gosta, ajudando as pessoas” (*apud* PEREIRA, 2010). Parece que, mesmo com o objetivo inicial de criar laços entre Joinville e o Haiti, essa narrativa jornalística, especialmente o enredo principal para a história, foram o Haiti e seus

moradores, na medida em que tanto a jornalista quanto a mãe do médico e, sobretudo, o principal narrador da história (o médico) se imbuíram de apontar empatia pelo povo haitiano.

Em um segundo conjunto de reportagens para análise envolvendo a tragédia no Haiti e a aproximação com a cidade de Joinville, destaca-se o enfoque dado pelo jornal *A Notícia* para o protagonismo do exército brasileiro naquele país desde 2004, quando da Minustah¹⁶. Nesse contexto, o 62.º Batalhão de Infantaria (BI) de Joinville¹⁷ foi reconhecido pela imprensa por seu papel importante na missão humanitária. Há inúmeras reportagens, algumas delas de páginas inteiras, demonstrando a importância dessa instituição tanto para a cidade quanto para a missão no Haiti.

Em 18 de janeiro de 2010, o jornalista Rodrigo Lopes, enviado especial do Grupo RBS TV (ao qual pertencia o jornal *A Notícia* à época) a Porto Príncipe, capital do Haiti, assinou uma matéria com o título “Do 62 BI para o Haiti”, bastante representativo da narrativa de aproximação entre Joinville e o Haiti. Para introduzir a entrevista sobre a situação do país, o jornalista realizou uma aproximação da história do general comandante-geral da Minustah, Floriano Peixoto Vieira Neto, e da cidade: “Há muito de Joinville no comandante-geral” (LOPES, 2010), seguindo com: “A sua carreira se cruza com a história do 62 BI” (LOPES, 2010) e historiciza sua trajetória de serviços no 62.º BI, primeiramente na década de 1980 e depois nos anos 2000. A reportagem prossegue na perspectiva de aproximação: “Dez anos após assumir o comando do batalhão joinvilense [...]. Hoje, ele é uma das maiores autoridades no Haiti” (LOPES, 2010), e a aproximação encerra-se bruscamente. A narrativa do restante da reportagem dá-se com base em uma entrevista concedida pelo general Floriano sobre o retrocesso causado pelo terremoto no Haiti, em termos de segurança e economia, e as situações políticas envolvendo os Estados Unidos e o controle da situação do país. Não há fechamento para

¹⁶ Criada pela Resolução n.º 1.542, de 30 de abril de 2004, pelo Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Inicialmente para o período de seis meses, teve sua duração prolongada até 16 de outubro de 2017. Constituída de um contingente de civis e militares sob coordenação de um representante especial da ONU em solo haitiano, a Minustah teve as seguintes “missões” e iniciativas a serem realizadas no Haiti: desenvolvimento de um ambiente seguro e estável; apoio ao processo político; proteção de direitos humanos; e, por fim, a coordenação de assistência humanitária juntamente com o governo de transição do Haiti e os demais parceiros internacionais. O exército brasileiro comandou o componente militar da Minustah no período de 2004 a 2017, que teve a participação de tropas de 15 países, além dos “capacetes azuis” brasileiros. Informações disponíveis em: <<https://undocs.org/en/S/RES/1542>> e <<https://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

¹⁷ Para saber mais sobre o papel do referido batalhão na história de Joinville, ver: GUEDES; OLIVEIRA NETO; OLSKA, 2008.

essa aproximação feita inicialmente com Joinville, o que ressalta que essa aproximação pode ter sido um ato narrativo produzido intencionalmente.

No que se refere à participação do 62.º BI na ajuda humanitária do Haiti, mesmo tendo sido anunciado pelo jornal *A Notícia* em 5 de fevereiro que 34 soldados joinvilenses participariam da missão (A NOTÍCIA, 2010b), meses se passaram até o assunto voltar a ser notícia nas páginas do jornal que ora se estuda.

Em matéria intitulada “Os capacetes-azuis de Joinville”, tendo como subtítulo “Tropa do 62 BI integra o grupo catarinense que vai para o Haiti”, em 18 de julho de 2010, Thaisa Rodrigues (2010b) conta que 29 militares do 62.º BI de Joinville¹⁸ faziam parte do grupo de militares do exército brasileiro que foram para o Haiti em missão pela ONU. A reportagem destaca a preparação feita pelos soldados para que pudessem compor o 13.º Contingente do Batalhão Brasileiro de Força de Paz. O capitão André Cabral relatou como foi a preparação: “Foi um período longo de preparação. Decidimos ambientar os militares aos costumes, religião, cultura e idioma do país e os valores morais e éticos dos capacetes azuis” (*apud* RODRIGUES, 2010b). O capitão também enfatizou ser uma honra essa missão, pois, além de ajudar a população, “é uma oportunidade que temos de representar Joinville. Estamos orgulhosos” (*apud* RODRIGUES, 2010b). De forma didática, a matéria explora a história do Haiti e a introduz com o subtítulo “Que país é esse”, dá ênfase ao fato de o país ter sido o primeiro a ser tornar independente entre os latino-americanos e ressalta que esse feito foi graças às lutas de negros e mulatos. Ainda afirma que atualmente 95% da população é negra, que 64% é católica, que só 10% fala francês (o restante fala crioulo), que a base da economia é a agricultura, entre outras questões da situação política e social do Haiti.

Nessa mesma narrativa jornalística, outro subtítulo anuncia: “Saudade bate à porta antes da partida” (RODRIGUES, 2010b). A personagem aqui é o cabo Gabriel Roncelli Barbosa, membro do grupo que foi ao Haiti. O enfoque é nos sentimentos da família e do próprio cabo: “A data do embarque para o Haiti está se aproximando e os sentimentos de

¹⁸ Segundo a matéria, são os seguintes militares: capitão André Cabral, 34 anos; 1.º tenente Rodrigo Gomes, 27 anos; 2.º sargento Altair Lorenzi, 35 anos; 2.º sargento Antônio Jean, 33 anos; 3.º sargento Ivan de Andrade, 25 anos; 3.º sargento Leandro de Ramos, 28 anos; cabo Thiago da Cunha, 22 anos; cabo Emerson Giaretta, 24 anos; cabo Anderson Fortunato, 23 anos; cabo José Luiz Mello, 24 anos; cabo Gabriel Roncelli Barbosa, 22 anos; cabo Osmar Franco Lopes, 22 anos; soldado Clederson Coutinho, 21 anos; soldado Rafael Ferreira, 20 anos; soldado Marcos Malinoski, 21 anos; soldado Jonas Pantano, 21 anos; soldado Deivis Soares, 23 anos; soldado Adenilson Oliveira, 22 anos; soldado Germano Pletsch, 20 anos; soldado Willian Tobler, 21 anos; soldado Maicon Prudêncio, 20 anos; soldado Sidnei Pires, 22 anos; soldado Ezequiel Vingra, 22 anos; soldado Mauricio Maciel, 21 anos; soldado Jeferson Nunes, 21 anos; soldado Alderi Borges, 20 anos; soldado Rudinei Alves, 24 anos; soldado Ricardo Ross, 23 anos; e cabo Carlos Eduardo, 23 anos (RODRIGUES, 2010b).

alegria e tristeza começam a se misturar” (RODRIGUES, 2010b). Diante dessa narrativa, que aborda individualmente os sentimentos de um soldado, estaria sendo a missão relegada a segundo plano, ou não necessariamente? Não. Se retomada a perspectiva de Benetti e Fonseca (2010, p 12), quando refletem sobre a “afetação dos sujeitos – quando um acontecimento acontece a alguém”, seria possível afirmar que o acontecimento só tem sentido de ser na sua relação com o sujeito que por ele é atingido (afetado). Logo, a aproximação com a tragédia do Haiti não é pelo fato em si, mas como esse fato atinge, mesmo que de maneira individualizada, a vida de alguns joinvilenses; trata-se de como o lá e o cá se entrecruzam, se ressignificam e produzem sentidos.

Um momento simbólico, com registros históricos, é o que traz a reportagem do dia 6 de agosto de 2010, visibilizando a despedida de 27 militares do 62.º BI que seguiam para o Haiti (RODRIGUES, 2010a). As cenas que as fotografias de Jessé Giotti registram, guardadas as questões que remetem os dias atuais, como o veículo utilizado, as vestimentas e o cenário urbano como um todo, lembram em muito cenas de despedida vividas por milhares de soldados antes de irem para uma guerra no passado. A narrativa jornalística de Thaisa Rodrigues (2010a), por sua vez, também sustenta essa perspectiva. Ancorada no título “Emoção veio antes do Haiti”, a jornalista narrou a despedida: “Sentimentos misturados, choro engasgado e preocupação deixaram pais, amigos, namorados e filhos [...] com o coração na mão na tarde de ontem” (RODRIGUES, 2010a).

Por mais de um ano, o jornal silenciou-se sobre o Haiti e a tragédia que lá ocorreu, em 2010. Apenas em janeiro de 2012 voltou a noticiar algo referente a esse tema. Foram apenas quatro notícias em 2012.

Uma delas lembra os dois anos do terremoto e anuncia que um grupo de haitianos chegava a Florianópolis para estudar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), já que suas universidades foram destruídas e ainda não possuíam condições de oferecer cursos superiores. Na mesma matéria de 11 de janeiro, também é destacado o fato de um grupo de imigrantes haitianos chegarem ao oeste de Santa Catarina para trabalharem na indústria local. Essa escolha por Santa Catarina é explicada por uma ação de um grupo empresarial que foi até o Norte do Brasil e trouxe esse grupo para cá (SILVA; DEBONA, 2012). Também em 21 de fevereiro há uma pequena nota falando da chegada de alguns haitianos para trabalharem em Jaraguá do Sul, cidade que fica a aproximadamente 100 km de Joinville (A NOTÍCIA, 2012). Foi somente em 4 de abril de 2012 que voltou a

aparecer nas páginas do jornal *A Notícia* menção a um novo grupo de militares que seguiriam para o Haiti¹⁹.

Nessa nova reportagem, com o título “Rumo ao Haiti – Joinvilenses em missão de paz”, Julimar Pivatto narra a despedida de mais 127 militares. Em uma cerimônia em praça pública no centro da cidade, “os familiares acompanharam todo o evento, em um misto de emoção, orgulho e saudade. [...] Os oficiais vão ficar oito meses no país mais pobre das Américas” (PIVATTO, 2012). Emoção, orgulho e saudade são as palavras escolhidas para simbolizar os sentimentos dos familiares. Antecipa-se o tempo, uma vez que mesmo antes de partir já se sente saudade. Novamente a forma de se referenciar ao Haiti é como o país mais pobre das Américas, como de fato o é, mas a repetição desse estigma cristaliza a imagem de um país sem futuro. A narrativa jornalística não deixa claro o objetivo de uma ação desenvolvida por alunos de escolas públicas de Joinville, que escreveram cartas tanto para os militares que se despediam quanto a professores e alunos de escolas do Haiti. Parece mais uma ação de aproximação do aqui com o lá; infelizmente a narrativa não descortina esses motivos.

A última reportagem do ano de 2012 relacionada ao Haiti também trata da despedida de militares rumo aquele país e é veiculada em 18 de abril e assinada por Julimar Pivatto e Roelton Maciel. Com o significativo título “Até logo, Joinville; *bon jou*, Haiti”, mais uma vez a personagem principal não é o Haiti ou sua situação, mas um jovem soldado e a despedida de sua esposa. Aqui a referência de aproximação pode ser vista pela linguagem. O título da matéria anuncia em português a despedida do soldado e remete-se para sua chegada no Haiti com “*bon jou*” (PIVATTO; MACIEL, 2012). De certa forma, uma simples saudação em crioulo indica o estabelecimento de um vínculo importante para aquele que deixa sua família aqui e parte em missão humanitária para um país distante²⁰.

Em contrapartida, outras questões importantes na tomada de decisão dos militares em seguir para o Haiti, tais como aquelas que envolvem remuneração para tal, aparecem pela primeira vez entre as reportagens problematizadas até aqui: “A participação na missão de paz é concorrida entre os militares porque agrega experiência à carreira e garante renda extra em dólar” (PIVATTO; MACIEL, 2012). A informação trazida é a de

¹⁹ Realizou-se entrevista oral com Cláudio Fernando Ribeiro (2018), ex-soldado do 62.º BI de Joinville que participou da missão humanitária no Haiti em abril de 2012. A narrativa advinda dessa entrevista será analisada no capítulo 5.

²⁰ No Haiti, parte da população fala francês, no entanto o dialeto mais comum é o crioulo, uma adaptação do francês desde os tempos da colônia.

que, além do salário que já ganha no Brasil, o militar recebe outro salário, pago pela ONU. Diz a reportagem: “Para um soldado, o extra mensal é de cerca de 900 dólares; para um oficial, chega a 2,9 mil dólares” (PIVATTO; MACIEL, 2012). Há também o esclarecimento de que a seleção para ir para a missão se dá de acordo com a hierarquia e o rendimento na carreira militar.

Por fim, há que se fazer referência a mais uma situação, diga-se, constrangedora que a matéria veicula reproduzindo a fala de um dos responsáveis pelo treinamento dos militares antes de partirem, o subcomandante do grupo joinvilense, Victor Hugo de Aguiar: “E ainda passamos alguns dias em ruas de Palhoça que até lembram a região do Haiti” (*apud* PIVATTO; MACIEL, 2012). Palhoça é uma cidade da Grande Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, que fica a aproximadamente 180 km de Joinville. Trata-se, nessa perspectiva, de uma citação constrangedora, porque, mesmo Palhoça sendo uma cidade com contingente populacional significativo e de alguma forma periferia de Florianópolis, em nada se assemelha (considerando o que se acredita aqui) com a situação vivida pelo Haiti em abril de 2012. Talvez uma aproximação possa ser feita pela questão da falta de segurança nas ruas, mas as semelhanças param por aí.

De modo a trazer um pouco de conteúdo e informações sobre o Haiti, na segunda página da reportagem os jornalistas contextualizam brevemente a situação política do país em 2012, construindo um cenário possível da atuação das tropas brasileiras que seguiriam para lá. Também retomam rapidamente a experiência vivida pelo grupo de joinvilenses que seguiu para o Haiti no segundo semestre de 2011 (PIVATTO; MACIEL, 2012). A cordialidade entre brasileiros e haitianos foi destacada: “Ser brasileiro em terra arrasada pela miséria ajudou a garantir a segurança do pelotão” (PIVATTO; MACIEL, 2012), afirmação baseada na experiência do sargento Altair Lorenzi, que disse: “Os haitianos respeitam o Brasil como uma nação que está lá para ajudar. O futebol nos aproxima bastante. A relação deles com as tropas de outros países era muito mais hostil” (*apud* PIVATTO; MACIEL, 2012). Mito ou verdade? Há anos se ouve que as relações entre haitianos e brasileiros são cordiais durante a missão de paz Minustah, no entanto há muitos trabalhos científicos que problematizam essa questão, principalmente sobre os motivos do governo brasileiro de participar da missão de paz da ONU²¹.

Teriam tais relações cordiais influenciado os haitianos na escolha do Brasil como destino quando do seu processo migratório? E a presença de soldados da cidade de

²¹ Sobre o assunto, ver: LESSA, 2007; GABAGLIA, 2012; CORBELLINI, 2009; VERENHITACH, 2008.

Joinville lá no Haiti teria servido como referência e interferido na vinda de tamanho contingente de haitianos para a cidade? As construções de aproximações feitas nas narrativas jornalísticas quando do terremoto, entre o passado-presente das relações Joinville e Haiti, teriam permanecido na construção narrativa que aborda a vinda dos imigrantes haitianos e a sua presença na cidade? São essas as questões que se procuram discutir imbricadas com os imaginários produzidos e circulantes na narrativa jornalística analisadas no próximo tópico.

4.3 IMAGINÁRIO(S) SOBRE O IMIGRANTE HAITIANO

4.3.1 Imaginário: reflexões

Para além de compreender as narrativas jornalísticas como produtoras, organizadoras e sistematizadoras do tempo e das narrativas sobre os processos migratórios contemporâneos, o objetivo, como já indicado anteriormente, é analisar também os imaginários construídos e que circulam por essas narrativas em relação à imigração e especialmente aos imigrantes haitianos.

Nesse sentido, o enfoque de análise nesse ponto do texto são as narrativas jornalísticas do jornal *A Notícia*, entre 2010 e 2016, a produção de sentidos e as tessituras no tocante ao imaginário sobre o imigrante haitiano. Barbosa (2007b, p. 18) afirma que “todo texto produz sentido e induz à ação”. Nessa perspectiva, as narrativas jornalísticas são problematizadas como lutas pela construção de imaginários, permeadas por intencionalidades e que, imbricadas em jogos de poderes simbólicos, constroem na relação com o leitor mediações capazes de gerar interpretações e sentidos de dada realidade. Ainda segundo Barbosa (2007a, p. 9): “No ato de leitura se entrecruzam, pois, o mundo do texto e o mundo do leitor. Se o mundo do texto é sempre imaginário, o mundo do leitor é real, mas ao mesmo tempo capaz de remodelar a esfera do imaginário”.

No que tange ao método de análise, Motta (2005, p. 4) indica procedimentos para o que chama de “análise pragmática das narrativas jornalísticas”. O primeiro procedimento refere-se à “recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico” (MOTTA, 2005, p. 4), uma vez que as notícias não apresentam um enredo acabado. Pelo contrário, “as notícias diárias são fragmentos desconexos de sentido” e “difícilmente contam uma história completa” (MOTTA, 2005, p. 4). Em um segundo momento, deve-se levar em conta a “identificação dos conflitos” na narração dos fatos. Para o autor, os

conflitos formam o “núcleo em torno do qual gravita tudo o mais na narrativa”, pois são eles “que abrem o espaço para as novas ações, sequências e episódios, que prolongam e mantêm a narrativa viva” (MOTTA, 2005, p. 4).

Para analisar as narrativas jornalísticas mergulhadas nas problemáticas apontadas, é necessário discutir o conceito de imaginário. Inicialmente se aproxima de tal conceito na ótica de sua historicidade discutida por Pesavento (1995) em seu texto “Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário”. A autora afirma que a emergência do conceito de imaginário se firmou como uma tendência no fim do século XX, por meio de uma série de questionamentos que aludiam a crises pertinentes aos “paradigmas de análise da realidade, o fim das crenças nas verdades absolutas legitimadoras da ordem social e a interdisciplinaridade” (PESAVENTO, 1995, p. 9), pensada desde então como meio para o diálogo e o espaço de produção de novos conhecimentos que, em fronteiras disciplinares, responderiam melhor à complexidade dos problemas contemporâneos.

Para problematizar o conceito de imaginário naquele fim de século, já que o seu escrito é de 1995, a autora remete-se ao debate acerca da perda das certezas sobre o homem, a sociedade e seus futuros, salientando que é por causa desse esvaziamento que as noções de imaginário social foram colocadas em pauta, especialmente na historiografia. Para ela, o estudo do imaginário teria ficado em segundo plano em função da predominância do “pensamento racional e científico no Ocidente” (PESAVENTO, 1995, p. 11) – desde pelo menos o século XVII – e, por extensão, da busca por legitimidade do conhecimento científico, fundada na ideia de total separação da “imaginação deformadora”. Diz ela: “Não é por acaso que, no senso comum, o imaginário aparece como algo inventado, fantasioso e, forçosamente, ‘não sério’, porque não científico” (PESAVENTO, 1995, p. 11). Contudo, quando as certezas caem por terra diante dos acontecimentos econômicos, políticos e sociais do fim do século XX, passou-se a questionar sobre o que teria ficado encoberto pelas verdades científicas, incluindo as motivações subjetivas, e o que teria sido considerado irrelevante ou insignificante para o conhecimento do mundo.

Desse ponto, o imaginário passa a ser concebido como categoria teórica capaz de remeter à análise da dimensão simbólica do social que envolve tanto imagens e palavras (significantes) quanto representações e significações (significados) (PESAVENTO, 1995). O imaginário reporta-se, pois, ao que está além das aparências e à “outra coisa não explícita e não presente” (PESAVENTO, 1995, p. 15). Por isso, explica a autora que o imaginário “necessariamente trabalha sobre a linguagem, é sempre representação e não

existe sem interpretação” (PESAVENTO, 1995, p. 15). Como representação do real, nutre-se de significações emergentes das próprias experiências sociais. Contudo, mesmo que direcione à fluidez de sentidos e significações, a autora adverte que o termo não pode ser operado como uma “panaceia explicativa da história” (PESAVENTO, 1995, p. 13).

Nesse entendimento, o imaginário é sempre representação de dada realidade e envolve uma significação que vai para além do aparente: “O imaginário é sempre referência a um ‘outro’ ausente” (PESAVENTO, 1995, p. 15). Visto desse ponto,

o imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer (PESAVENTO, 1995, p. 24).

Ainda como perspectiva metodológica, a autora indica o que poderia ser o caminho da investigação histórica e que parece apropriado para a compreensão daquilo que as narrativas jornalísticas podem contribuir para o entendimento da realidade contemporânea: “Desvendar um enredo, desmontar uma intriga, revelar o oculto, buscar a intenção” (PESAVENTO, 1995, p. 24). “O imaginário se abre como um novo caminho de estudo, muito bem explorado pela mídia” (PESAVENTO, 1995, p. 24), diz a autora, lugar privilegiado em que se pode problematizar a busca de sentidos no “tecer e retecer da tessitura social” (PESAVENTO, 1995, p. 24).

Também como referência para a discussão do que é o conceito de imaginário, esta pesquisa pauta-se em uma questão elaborada por Castoriadis (1982, p. 156, grifo do original), quando indaga: “Por que é no *imaginário* que uma sociedade deve procurar o complemento necessário para sua ordem?”²².

Falamos de imaginário quando queremos falar de alguma coisa “inventada” – quer se trate de uma invenção “absoluta” (“uma história imaginada em todas as suas partes”), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações “normais” ou “canônicas” (CASTORIADIS, 1982, p. 154).

²² Castoriadis (1982) faz tal indagação para discutir exemplos históricos que se referem a criações de imaginários e ritos religiosos que perduram séculos por sua força simbólica, no entanto parece muito contemporânea tal indagação por representar uma relação entre as construções imaginárias e sua força na manutenção da ordem local.

Faz-se necessário salientar que o teórico entende o imaginário como algo dinâmico e complexo, “a saber que ele está na raiz tanto da alienação como da criação da história” (CASTORIADIS, 1982, p. 161). Isso sugere que o conceito deve ser utilizado com cuidado em sua potencialidade dialética, uma vez que o imaginário pode significar também a racionalidade de dada sociedade.

Para o autor, é preciso compreender as relações entre o simbólico e o imaginário: “O imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para ‘expressar-se’, o que é óbvio, mas para ‘existir’” (CASTORIADIS, 1982, p. 154). São conceitos imbricados na medida em que as imagens possuem “função simbólica” e também “o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária” (CASTORIADIS, 1982, p. 154). Para entender a força que o imaginário tem sobre o simbólico, Castoriadis (1982, p. 155) afirma que “o simbolismo supõe a capacidade de estabelecer um vínculo permanente entre dois termos, de maneira que um ‘representa’ o outro”. Chama a atenção para o fato de o simbólico trazer consigo (quase sempre) o elemento “racional-real”, que explica “o que representa o real ou o que é indispensável para o pensar ou para o agir” (CASTORIADIS, 1982, p. 155).

Para Ricoeur (2010), o imaginário teria papel fundamental para apresentar o passado tal como teria sido: “O imaginário se incorpora à perspectiva do ter-sido, sem enfraquecer sua perspectiva ‘realista’” (RICOEUR, 2010, p. 312). Para que essa compreensão seja possível, fazem-se necessários alguns conectores que permitam a aproximação entre o “tempo do mundo e tempo vivido”, os quais passam pela interpretação que é nutrida pelo imaginário – processo de significação de algo contínuo em que concorrem vários elementos como a tradução e interpretação, possibilitando a leitura de signos que se intensifica pela narrativa (RICOEUR, 2010).

Com o intuito de melhor compreender as imbricações entre a noção de imaginário nas narrativas produzidas pelos textos jornalísticos, buscou-se em Sodré (2014, p. 9) seu entendimento de comunicação: “*Comunicar* – ‘agir em comum’ ou ‘deixar agir o comum’ – significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo”.

Essa definição é significativa para compreender a força das narrativas jornalísticas na reprodução/construção de imaginários, “porque *relacionam* ou *organizam* mediações simbólicas – de modo consciente ou inconsciente – em função de um *comum* a ser compartilhado” (SODRÉ, 2014, p. 9, grifos do original). Tais significações ultrapassam a barreira das palavras, porque para o autor são “*transverbais*” e transitam para além das

dimensões do consciente, sendo traduzidas por “palavras, imagens e afecções corporais” (SODRÉ, 2014, p. 9).

Quando se aprofunda o termo *comunicação* no sentido de “partilha”, “participar de algo” ou “pôr-se em comum” (SODRÉ, 2014, p. 10), podem-se melhor analisar as imbricações entre a narrativa produzida pelo jornal e a construção de imaginários, uma vez que se algo/alguma ideia é posto em comum, ele tem a força de produzir significados e de emanar simbolicamente tais significações. Também para Silva (2016, p. 65), “o imaginário é uma linguagem. Um processo comunicacional”. De forma mais complexa, o “imaginário é uma comunicação que interpela o ser-na-vida” (SILVA, 2016, p. 67).

Ainda refletindo sobre a noção de imaginário e a relação com a comunicação, Silva (2016) aponta caminhos para a compreensão da temática primeiramente pela afirmação de que “o imaginário não é o que imaginamos, mas o que nos imagina” (SILVA, 2016, p. 58), ou ainda pelo seguinte questionamento: “E se o imaginário não for o que imaginamos, mas aquilo que nos imagina?” (SILVA, 2016, p. 58). O autor sintetiza: “Imaginário é uma noção socioantropológica, um conceito que ultrapassa os limites dos depósitos de palavras e magnetiza corações e mentes por sua elegância e amplitude” (SILVA, 2016, p. 67). Para ele, “tudo é imaginário”, sobretudo “aquilo que não é mero produto da fertilidade da imaginação: o real” (SILVA, 2016, p. 67). A compreensão é de que “o imaginário é uma comunicação, o espaço entre saberes, uma linguagem que se produz” (SILVA, 2016, p. 61). Dessa forma, possui força transformadora, produz sentidos e induz a ação.

Considerando a noção de imaginário e sua aproximação com os estudos da comunicação, Tonin e Azubel (2016) analisam com base na compreensão de Gilbert Durand o imaginário como “uma rede de articulações, categorias, denominações que derivam das intimações objetivas e suas verificações no meio cultural” (TONIN; AZUBEL, 2016, p. 71). Nesse sentido e pautadas pelo pensamento de Durand, as autoras explicam que “o imaginário é uma espécie de conector obrigatório pelo qual se formam todas as representações humanas” (TONIN; AZUBEL, 2016, p. 71). Logo, sinalizam para o fato de haver jogos entre simbolismos e realidade que determinam a “boa” comunicação na sociedade.

Igualmente, no que diz respeito ao jornalismo e à sua potencialidade criadora de imaginários, Berger e Tavares (2010, p. 162, grifos do original) dizem: “O jornalismo é, assim, *um acontecimento*”, podendo ser considerado como indício de um presente social, do imaginário que une os homens em uma rede comum de questões existenciais, ou ainda

“como registro dos valores hegemônicos de uma sociedade em uma época”. Para tanto, asseguram: “Não são as temáticas que definem a permanência discursiva e sim os sentidos construídos reiteradamente” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 161).

Diante dessas questões, esta pesquisa procurou identificar e discutir os imaginários que as narrativas do jornal *A Notícia* produzem e/ou fazem circular acerca da imigração e do imigrante haitiano. Que categorias utilizam para apresentar/representar esse imigrante? O que priorizam visibilizar e o que tornam invisível em suas páginas em relação ao recente processo migratório de haitianos para a cidade? Que simbolismos implicam? Tais imaginários se aproximam daqueles imaginários associados ao processo migratório do passado de Joinville? Indagações como essas percorrem o próximo ponto de investigação.

4.3.2 “Um pouco do Haiti aqui”: os imaginários acerca da imigração haitiana em Joinville

Com o objetivo de problematizar as narrativas jornalísticas como produtoras de imaginários acerca do recente processo migratório envolvendo os haitianos na cidade de Joinville, a pesquisa apoia-se mais uma vez em Pesavento (1995, p. 15) e em seu entendimento de que “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade”.

Portanto, identificaram-se na análise das narrativas jornalísticas imaginários acerca do imigrante haitiano como aquele “disposto a trabalhar”, “esforçado para estudar”, “com coragem”, qualidades reconhecidas como ideais para o trabalhador que chega à cidade. Tais apontamentos da imprensa local se entrecruzam com narrativas que deixam escapar o tensionamento em torno da questão imigrante, como, por exemplo, afirmações que dizem: os imigrantes “vivem de forma pacífica”, que “nenhum incidente foi registrado” envolvendo-os e ainda que vivem em “grupos fechados”. Essas narrativas atribuem protagonismo à cidade que recebe esse imigrante características como um “lugar tranquilo para morar”, “lugar bom”, “acolhedor” e de “oportunidades”.

Ao analisar as narrativas jornalísticas produzidas pelo jornal *A Notícia*, decidiu-se destacar algumas reduções metafóricas dominantes presentes ao longo dos textos e que indicam construções do imaginário acerca do imigrante. Tais metáforas, de acordo com esta pesquisa, exemplificam os diversos sentidos atribuídos à presença migrante na

cidade, ora como o imigrante apto para o trabalho então possível de ser aceito, ora como pacífico (pressupondo que ele não o fosse), e por vezes enaltecendo a cidade (responsável então por acolher esse estrangeiro), nesse caso sendo a cidade o centro da narrativa, e não o imigrante. Optou-se por dar visibilidade para a ambiguidade dos termos utilizados nas narrativas de imprensa e, dessa forma, enfatizar os imaginários que tais termos carregam no que concerne ao imigrante.

Importante dizer que o imaginário que circula nas narrativas jornalísticas em relação ao imigrante haitiano, como se verá no decorrer do capítulo, pouco se aproxima dos imaginários construídos ao longo da história da cidade em torno da considerada, por muitos, como épica imigração europeia e que compôs a colonização local em meados do século XIX. Conforme esta investigação, o jornal *A Notícia*, operando com esquecimentos do próprio passado migratório da cidade, cria distintos imaginários da (e para a) imigração contemporânea.

Não há, em nenhuma das narrativas sobre imigração haitiana localizadas na presente pesquisa, do jornal *A Notícia* do período de 2010–2016²³, referência ao fato de a cidade ter sofrido ao longo de toda a sua história outros processos migratórios. Parece haver um apagamento, ou melhor, um afastamento proposital, tanto dos fatos geradores desses processos de deslocamento de imigrantes quanto do papel desse imigrante no que concerne à sua contribuição a Joinville.

Dessa forma, é como se a narrativa acerca da imigração no referido jornal assumisse caráter a-histórico, em outra temporalidade, desconectada da história da cidade migrante²⁴. Para Coelho (2011), no tocante à imigração do passado se construiu em torno do imigrante europeu um imaginário que o apresenta como responsável pelo pioneirismo,

²³ Foram identificados, como já mencionado anteriormente, mais de 40 textos/matérias sobre o Haiti e os imigrantes haitianos ao longo dos anos pesquisados (2010–2016) no jornal *A Notícia*. Das produções identificadas, constam reportagens jornalísticas assinadas por profissionais ou de responsabilidade da redação do jornal, notas, editoriais e cartas ao leitor. Optou-se por analisar as reportagens jornalísticas por entender que os demais gêneros exigiriam abordagens diferenciadas que passam por compreender o impacto da recepção, o posicionamento do veículo de imprensa, entre outras questões que não seria possível responder a contento neste texto, por não ser o foco de pesquisa desta tese. Em relação à presença de imigrantes haitianos especificamente em Joinville, as veiculações datam de 2013. Para a análise sobre os imaginários no que tange aos imigrantes haitianos, problematizam-se, a seguir, quatro narrativas jornalísticas por terem sido julgadas como as mais significativas.

²⁴ Como contraponto para essa questão, localizou-se em outro veículo de comunicação, chamado *Migra Mundo (Online)*, em 12 de janeiro de 2015, uma reportagem com o título “Joinville, a nova cidade dos príncipes do Haiti”, assinada por Rodrigo Borges Delfim e Glória Branco. A reflexão começa com a metáfora: “Trocando Porto Príncipe, capital do país caribenho, pela cidade dos príncipes” (um dos apelidos de Joinville). Seguindo a reportagem, a única referência feita que poderia lembrar o processo migratório do passado é: “Na cidade dos príncipes, os haitianos encontram condições dignas para recomeçar a viver” (DELFIM; BRANCO, 2015).

empreendedorismo e construção da Joinville que se conhece hoje. Por outro lado, as narrativas produzidas sobre o imigrante haitiano localizam-no em outra dimensão, muito diferente do papel atribuído no passado àquele imigrante desbravador. O acontecimento fundante para a imigração haitiana apontado, na maioria das vezes, pela narrativa jornalística é a tragédia, e não o ato de migrar como um direito humano. O imigrante haitiano é oriundo da tragédia, configura-se vítima da pobreza e da miserabilidade humana, teria chegado aqui por vias clandestinas e se agrupado com seus pares em busca da sobrevivência pessoal. Nesse cenário de desolação, pouco teria a contribuir com a cidade.

Em reportagem extensa intitulada “Um pouco do Haiti aqui”, de 29 de julho de 2013, no Caderno Economia do jornal *A Notícia*, as repórteres Tuane Roldão e Maerllen Muniz produzem um diagnóstico acerca da presença dos estrangeiros em Joinville, destacando a imigração e o mercado de trabalho, uma vez que trabalham com infográficos demonstrando os números pertinentes à procura de emprego na cidade por parte de imigrantes de várias nacionalidades, enfatizando o perfil desse imigrante: “Homem, 28 anos e com segundo grau incompleto” (ROLDÃO; MUNIZ, 2013). Os haitianos figuravam entre os primeiros da lista de estrangeiros a procurarem emprego no primeiro semestre de 2013.

A narrativa inicial opta por destacar a história do imigrante chamado Archange Clifaud e sua relação com as questões religiosas – ele é pastor e segundo o texto “acredita ter recebido uma missão ao nascer: a de assim como um anjo guiar seus passos pela vontade divina” (ROLDÃO; MUNIZ, 2013). Seguindo a história do imigrante, as autoras escrevem: “Nos planos do anjo haitiano, além de concluir a faculdade de engenharia elétrica, a religiosidade não fica de fora” (ROLDÃO; MUNIZ, 2013). Em seguida, reproduzem a fala do próprio imigrante: “Trabalhar na obra de Deus, isso é primordial. Também quero construir uma família. E voltar para o Haiti” (*apud* ROLDÃO; MUNIZ, 2013). Alguns elementos precisam ser problematizados de imediato: provisoriedade, questões morais e papel do imigrante.

Tanto a narrativa das repórteres quanto a fala de Archange Clifaud são carregadas de simbolismos. Chamá-lo de “anjo haitiano” transformou a narrativa. Estaria utilizando-se assim de um regime moral? Nesse sentido, o imaginário articularia o binômio moral bom e mau? Para Sayad (1998, p. 60), “não há fala, não há discurso sobre a imigração, mesmo os mais hostis, que não apelem para a moral, ou seja, para as boas intenções e os bons sentimentos, para os interesses simbólicos a eles ligados”. Por ter sua história

narrada de maneira imbricada com a conduta religiosa, esse imigrante mereceria respeito e um lugar de destaque na cidade. É como se a narrativa jornalística ressignificasse sua existência; não se tratava de um imigrante trabalhador desterrado de sua terra por causa da miséria histórica e das mazelas do terremoto. Pela narrativa, é como se ele estivesse em uma missão.

Assim, o imigrante é um enviado e sua história cativa o leitor, sobretudo porque afasta as questões históricas que envolvem o processo migratório. Por esse lado, a narrativa está permeada de significados e intencionalidades. Para Motta (2013, p. 74), “narrar é uma técnica de enunciação dramática da realidade, de modo a envolver o ouvinte na estória contada”. Logo, “narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa” (MOTTA, 2013, p. 74), explicita o autor.

Em contrapartida, a fala do imigrante indica objetivos claros e remete-se à sua condição primeira de imigrante. Aqui se evoca novamente Sayad (1998), que brilhantemente anunciou que o imigrante é sempre um trabalhador em situação transitória: “A imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição”. Por um lado, “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente”, ou, por outro, de forma distinta, “se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade” (SAYAD, 1998, p. 45). Na narrativa em questão, a condição de transitoriedade fica muito evidente quando Clifaud diz que em seus planos, além de servir ao propósito divino, estão constituir família e também o desejo de “voltar para o Haiti” (*apud* ROLDÃO; MUNIZ, 2013).

Outra história relatada na mesma reportagem deixa claro que nem toda trajetória imigrante é homogênea – faz-se necessário chamar a atenção para o fato de que são sempre histórias de determinado imigrante, e não histórias de imigrantes. A narrativa jornalística em questão evidencia essa situação quando visibiliza as expectativas de outro haitiano, Jean Michelet Jean Louis, que diferentemente de seu conterrâneo não pensa em voltar para o Haiti, a não ser para passear (ROLDÃO; MUNIZ, 2013). Assim, também os imaginários referentes aos sonhos e desejos dos imigrantes não são únicos e as narrativas de algum modo, mais ou menos cristalizadas, precisam dar conta desse sujeito diverso e que, por vezes, quebra paradigmas.

A reportagem refere-se a Jean: “A gratidão do haitiano pelo país que o acolheu é evidente” (ROLDÃO; MUNIZ, 2013). Descreve-o como um haitiano “com um sorriso aberto e o olhar tímido” (ROLDÃO; MUNIZ, 2013), que expressa querer trazer a mãe e

a noiva para Joinville. Para Jean, “Joinville é cidade pequenina, é bom para morar. Eu gosto de tranquilidade” (*apud* ROLDÃO; MUNIZ, 2013), imaginário quase bucólico da cidade que soa como um lugar ideal para o recomeço com sua família²⁵.

4.3.3 “Estão dispostos a dar o máximo”: o Haiti pode ser aqui!

Para continuar problematizando as narrativas jornalísticas e os imaginários produzidos acerca do imigrante haitiano, tem-se neste tópico a análise da segunda parte da reportagem intitulada “Um pouco do Haiti aqui”, veiculada em 29 de julho de 2013. Nessa fase, é como se a poesia que permeou a narrativa no primeiro momento deixasse de existir. Agora, vem à tona o imaginário que relaciona Joinville como lugar de trabalho, polo industrial com “renomadas” empresas multinacionais e muitos postos de trabalho nos chamados “chão de fábrica” (ROLDÃO; MUNIZ, 2013). Referindo-se à empregabilidade do imigrante, a explicação é óbvia por parte das repórteres: “A colocação no mercado local costuma ser rápida porque as empresas têm *dificuldades em suprir a demanda para cargos operacionais*” (ROLDÃO; MUNIZ, 2013, grifo nosso), definindo nitidamente o trabalho que será destinado para o imigrante, sobretudo se negro e de países periféricos como o Haiti. Mais uma vez, Sayad (1998) ajuda na compreensão do destaque na narrativa jornalística sobre a colocação dos imigrantes no mercado de trabalho; trata-se do reconhecimento da “utilidade econômica e social dos imigrantes, ou seja, as ‘vantagens’ que eles ofereciam [oferecem] para a economia que os utilizava [utiliza]” (SAYAD, 1998, p. 47). Para o autor, consiste na operação que o balanço

²⁵ Os dados são preocupantes e Joinville está longe de ser uma cidade “tranquila” para se viver. Somente houve significativa melhora nos índices de criminalidade no primeiro semestre de 2018. Antes, os índices demonstravam crescimento acelerado – recordes anuais sucessivos –, sobretudo em relação a crimes violentos, especialmente homicídios, estes por disputas de território entre traficantes. Informações disponíveis em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/seguranca/noticia/2018/07/joinville-registra-queda-em-homicidios-apos-tres-anos-de-recordes-10395901.html>> e <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/seguranca/noticia/2017/12/joinville-bate-recorde-no-numero-de-mortes-violentas-10052394.html>>. Acesso em: 27 nov. 2018. Em relação à mobilidade urbana, estima-se que Joinville tenha atualmente 400 mil veículos em circulação. Ou seja, considerando a quantidade de pessoas, é cerca de dois veículos para cada três pessoas, e as taxas de crescimento mantêm-se em cerca de mil novos veículos emplacados por mês. A preocupação com o crescimento e a mobilidade no município já é antiga, tanto que em 2015 foi aprovado o Plano de Mobilidade Sustentável de Joinville (PLANMOB), por meio do Decreto n.º 24.181, de 27 de março de 2015, que estabelece diretrizes, ações, instrumentos e metas, com o objetivo de efetivar a qualificação da mobilidade urbana e rural do município. Informações disponíveis em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-municipal-de-mobilidade-urbana-joinville-sc>> e <<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/saavedra/joinville-deve-atingir-marca-de-400-mil-veiculos-em-setembro>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

contábil faz em relação aos “custos e vantagens comparados’ da imigração” (SAYAD, 1998, p. 48).

Ainda tendo como objeto de análise a mesma narrativa, passa-se a ponderar a fala que a reportagem reproduz de Pedro Luiz Pereira, vice-presidente da ABRH-SC. Destaca-se mais uma vez o que já chamamos em nossas reflexões da face violenta do processo de migração. Diz o representante da ABRH-SC: “Ainda que haja um processo de adaptação, *é melhor inserir estas pessoas na produção do que deixar uma máquina parada*” (apud ROLDÃO; MUNIZ, 2013, grifo nosso). Novamente é trazido aqui o entendimento de Sayad (1998, p. 54-55) de que o imigrante e o trabalho são sinônimos e essa força de trabalho é considerada sempre em seu caráter provisório, podendo ser “revogável a qualquer momento [...]. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o ‘mercado de trabalho para imigrantes’ lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído”.

A força simbólica da fala reproduzida de que é preferível “*inserir essas pessoas na produção do que deixar uma máquina parada*” (apud ROLDÃO; MUNIZ, 2013, grifo nosso) remete-se à dureza da vida do imigrante: “Foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir” (SAYAD, 1998, p. 55), e é esse mesmo trabalho que quando termina “faz ‘morrer’ o imigrante” e, de forma mais violenta ainda, “que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser” (SAYAD, 1998, p. 55).

Pensamentos, posturas e imaginários permeiam os destinos dos imigrantes trabalhadores. Por vezes, para além de sua existência como imigrante ser umbilicalmente ligada ao trabalho, esse indivíduo ainda enfrenta negação até dessa determinação histórica, como a que foi proferida por esse mesmo representante de empresas empregadoras na cidade de Joinville, em outubro de 2015, quando teve sua fala reproduzida em uma coluna jornalística (de veiculação *online*)²⁶: “O perfil ideal de trabalhador procurado é *homem, branco*, de 25 a 35 anos de idade” (LOETZ, 2013, grifo nosso), referindo-se ao perfil ideal de trabalhador que os empresários procuravam para Joinville.

²⁶ Problematiza-se essa questão no capítulo 3: “Em Joinville, considerando-se todos os tipos e portes de empresas, há vagas em aberto para aproximadamente 7 mil trabalhadores. A estimativa é do vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos em Santa Catarina (ABRH-SC), Pedro Luiz Pereira. [...] O perfil ideal de trabalhador procurado é homem, branco, de 25 a 35 anos de idade. Em parte, as vagas não são preenchidas, porque os candidatos não têm as habilidades e competências necessárias e também porque se acabou o tempo em que os empregados ficavam muitos anos na mesma companhia. O maior índice de desemprego está com mulheres e com pessoas acima de 40 anos” (LOETZ, 2013).

Por fim, de forma rápida aparece ainda na reportagem de Roldão e Muniz (2013) o apontamento de que há dificuldade por parte dos imigrantes relacionada à comunicação e que serve de argumento para explicar os cargos que ocupam na linha de produção: “*Mais simples de desempenhar por terem um padrão específico para cada função*” (ROLDÃO; MUNIZ, 2013, grifo nosso). Esse argumento parece reforçar o estereótipo/imaginário de que o imigrante seria um ser de menor capacidade intelectual, justificado aqui pela dificuldade de domínio da língua local. Em seguida, em uma espécie de contraponto, a reportagem afirma que alguns falam francês, espanhol e inglês (ROLDÃO; MUNIZ, 2013), ficando contraditória a afirmação de que receberiam tais funções porque estas são mais simples de serem desempenhadas.

O ano mais latente nas páginas do jornal *A Notícia* sobre a vinda dos haitianos para Santa Catarina e a presença deles pelo estado com reflexos para Joinville é o de 2015. Há uma conjunção de fatores nesse ano que podem parcialmente explicar a visibilidade e a tensão que se colocam nas páginas do periódico. O Brasil em 2015 passou por um processo de início de crise política e econômica que havia muito não vivia²⁷. A estabilidade de oferta de emprego sofreu uma crise, e os indícios de falta de postos de trabalho atingiu o chamado “pleno emprego” que o país vivia já havia alguns anos. Essa instabilidade trouxe à tona um discurso conservador acerca do lugar do estrangeiro em tempos de crise econômica. Por outro lado, foi em 2015 que, pelos dados já mostrados anteriormente, se intensificou a chegada dos imigrantes haitianos na cidade²⁸.

Em reportagem assinada por Gabriel Rosa (jornalista da sucursal de Florianópolis do jornal *A Notícia*), em 25 de maio de 2015, há um apanhado da situação dos imigrantes

²⁷ A economia brasileira no ano de 2015 encolheu 3,8%. Ou seja, houve em 2015 crescimento acelerado dos juros, disparada da moeda americana (dólar) em relação ao real, aumento da inflação acima dos 10%, pela primeira vez desde 2002, e taxas de desemprego aumentando drasticamente, cumuladas com a diminuição da renda das famílias, pelo que se falava abertamente em recessão. Informações disponíveis em: <<http://especiais.g1.globo.com/economia/2016/ultimos-anos-de-recessao-no-brasil/>>, <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/12/1724604-a-tragedia-da-economia-brasileira-em-2015-em-7-graficos.shtml>> e <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/04/como-o-brasil-entrou-sozinho-na-pior-crise-da-historia.html>>. Acesso em: 27 nov. 2018. Na seara política, o ano de 2015 foi marcado pela posse do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, pelo início das grandes manifestações populares contra o governo e pelas prisões de executivos e políticos pela Operação Lava Jato, além da aceitação pelo então presidente da Câmara dos Deputados, hoje preso, Eduardo Cunha, do prosseguimento do pedido de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff. Informações disponíveis em: <<http://www.etc.com.br/noticias/politica/2015/12/relembre-quinze-fatos-politicos-que-marcaram-2015>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

²⁸ Uma hipótese para essa questão pode estar ligada às redes de apoio que se estabelecem no processo migratório, considerando que já havia um grupo de imigrantes haitianos estabelecidos em Joinville, em 2015. Essas redes tomam corpo e podem ter influenciado na decisão da vinda desses imigrantes para o país, especialmente para Joinville, mesmo que a economia brasileira já apresentasse sinais de crise. Para aprofundar a questão de redes de sociabilidades e o processo migratório, ver: COELHO, 2010.

senegaleses e haitianos no estado de Santa Catarina, e dedica-se parte da investigação para falar da situação da imigração haitiana em Joinville. O jornalista utiliza informações dadas pelo representante do Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua Jocélio Narciza, que diz: “Percebe-se que os estrangeiros chegam e *logo começam a trabalhar e estudar*” (apud ROSA, 2015, grifo nosso). Essa afirmação não é tratada pelo jornalista, uma vez que o profissional não faz nenhuma referência a dados de expedição de carteiras de trabalho para imigrantes, de vagas ocupadas no mercado de trabalho nem de matrículas em instituições de ensino na cidade. Na continuação do texto sobre Joinville, destaca: “Estima-se que entre mil e 2 mil pessoas estejam morando na cidade” (ROSA, 2015), mas justifica-se que não há um cadastro sobre os imigrantes que vivem no município e que essas informações foram obtidas em entidades da Igreja Católica que acolhem imigrantes haitianos. Segundo dados da presente pesquisa, no início de 2015 estavam documentados pela Polícia Federal de Joinville aproximadamente 300 imigrantes haitianos²⁹.

Ainda nessa mesma reportagem, o jornalista traz uma informação dada pelo chefe da Delegacia da Polícia Federal em Joinville Oscar Biffi: “A maioria dos adultos trabalha ou estuda e *praticamente não há qualquer incidente registrado*” (ROSA, 2015, grifo nosso) envolvendo os imigrantes. A fala da autoridade policial reforça um estigma histórico em relação ao imigrante: ele é o outro, o desconhecido que precisa ser controlado, vigiado e cerceado em suas possibilidades de futuro. Que ameaça de fato o imigrante representa à sociedade local? Que consequências essa suposta ameaça traz? Que feridas expõe tanto de seu local de origem quanto da sociedade que o recebe? Questões que permeiam a presença migrante e que reproduzem posicionamentos de autoridades globais em torno dos constantes fluxos migratórios³⁰. O estrangeiro, o outro,

²⁹ Conforme Gráfico 4, exibido no primeiro capítulo, com base no documento cedido por mensagem eletrônica pela Polícia Federal de Joinville (2017). Já nesse período em Joinville, havia organizações da sociedade civil de direitos humanos e ligadas ao movimento afrodescendente que juntamente com a Igreja Católica construíram uma rede de apoio aos imigrantes haitianos na cidade.

³⁰ Posições que se intensificaram em 2018/2019, como, por exemplo, o presidente americano Donald Trump, que em apenas sete dias após sua posse editou um decreto proibindo a entrada de imigrantes de origem muçulmana, além de imigrantes da Venezuela e da Coreia do Norte, nos Estados Unidos, validado pela suprema corte americana em 26 de junho de 2018. Informações disponíveis em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,justica-valida-decreto-de-trump-que-proibe-entrada-de-refugiados-muculmanos-no-pais,70002369685>>. Acesso em: 27 nov. 2018. No mesmo ano, em dezembro de 2017, os Estados Unidos, sob o comando de Trump, retiraram-se do Pacto Mundial das Nações Unidas sobre Migração e Refugiados. Informações disponíveis em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,eua-abandonam-pacto-da-onu-sobre-migracao-e-refugiados,70002106477>>. Acesso em: 27 nov. 2018. Além de outras polêmicas envolvendo a separação de famílias na fronteira, mais recentemente a “batalha” contra imigrantes, travada pelo presidente norte-americano contra as caravanas de hondurenhos e outras nacionalidades da América Central, que fugindo

acaba por evidenciar mazelas sociais e políticas que, muitas vezes, as próprias nações não conseguem resolver internamente.

Leandro S. Junges³¹, no jornal *A Notícia* de 30 e 31 de maio de 2015, constrói uma reportagem de duas páginas intitulada “Os haitianos que *adotaram Joinville*” (JUNGES, 2015b, grifo nosso), com destaque para a foto do Padre Saint Luc, pároco haitiano que vive em Joinville e que a reportagem identifica como aquele que “ajuda os imigrantes de diferentes formas e que também faz o papel de intérprete” (JUNGES, 2015). A característica é de uma reportagem investigativa que procura contribuir para a compreensão do leitor sobre, entre outras coisas, a localização geográfica do Haiti, o terremoto ocorrido em 2010 e o custo de deslocamento do Haiti para o Brasil.

Já no início da reportagem, a narrativa jornalística expressa aquilo que Sayad (1998) afirma acerca da migração quando diz que os imigrantes são sempre primeiramente emigrantes, no sentido de desterritorializados em seu país. No caso dos haitianos especialmente em 2010, isso se deu por causa de toda a destruição provocada pelo terremoto. O marco para migrar, segundo Junges (2015), deu-se no momento em que esse sujeito tomou a decisão de migrar (emigrante), juntou algum recurso e, imbuído de “*coragem para enfrentar uma viagem imigratória, clandestina e sem qualquer garantia da terra prometida*” (JUNGES, 2015, grifos nossos), se dirigiu ao Brasil. A imigração é vista dessa forma como um ato de coragem, uma ação humana em que se enfrentam até mesmo a “clandestinidade” e os perigos de uma longa viagem. Ao dizer “*e sem qualquer garantia da terra prometida*” (JUNGES, 2015, grifo nosso), o jornalista traz para o presente a narrativa da migração como foi imaginada: um lugar que se caracteriza como “terra prometida”, grávida de possibilidades de futuro.

da pobreza e da violência se dirigem aos Estados Unidos. Mais informações disponíveis em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/21/trump-diz-que-todos-os-esforcos-estao-sendo-feitos-para-deter-migrantes-hondurenhos.ghtml>>. Acesso em: 27 nov. 2018. Todavia, o endurecimento das políticas migratórias não se dá somente nos Estados Unidos. Por exemplo, a Itália restringiu a concessão de vistos por motivos humanitários (mais informações disponíveis em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/italia-endurece-politica-migratoria-e-reduz-protacao-humanitaria>>. Acesso em: 27 nov. 2018), assim como a Alemanha (mais informações disponíveis em: <<https://pt.euronews.com/2018/07/27/alemanha-endurece-politica-migratoria>>. Acesso em: 27 nov. 2018). No Brasil o presidente eleito Jair Messias Bolsonaro declarou que é contra a atual lei de migração aprovada pelo ex-presidente Michel Temer, que segundo ele “transformou o nosso país num país sem fronteiras. Não podemos admitir a entrada indiscriminada de qualquer um, simplesmente porque alguém quer vir para cá” (mais informações disponíveis em: <<https://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2018-11-19-Bolsonaro-diz-que-atual-lei-migratoria-fez-do-Brasil-uma-nacao-sem-fronteiras>>. Acesso em: 27 nov. 2018), bem como cogitou a criação de “campos de refugiados” para lidar com a crise da entrada de venezuelanos, que aflige a região de Roraima (mais informações disponíveis em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-11/bolsonaro-cogita-criacao-de-campo-de-refugiados-para-venezuelanos>>. Acesso em: 27 nov. 2018).

³¹ Assina três reportagens sobre a imigração haitiana: uma em 2015 e duas em 2016, no jornal *A Notícia*.

Nesse entendimento, o objetivo da reportagem é traçar um mapa social do imigrante haitiano em Joinville que ultrapassa sua localização geográfica e procura identificar como se configuraram as redes de solidariedade para a formação dos núcleos de haitianos em diferentes pontos da cidade.

De início, situa-se a vinda dos primeiros haitianos para Joinville em 2012 “anonimamente” e, em seguida, se mapeia sua localização em 2015. O que parece mais significativo nessa reportagem, no entanto, é a pesquisa que foi realizada para mapear territorialmente os imigrantes haitianos na cidade: “Eles formam pequenos núcleos espalhados por Joinville, com até 50 famílias cada” (JUNGES, 2015) – os bairros citados como os mais procurados pelos haitianos coincidem com os indicados no Cadastro de Assistência Social mostrado no capítulo 2.

O imaginário em torno dos imigrantes como um grupo que se constitui no local de destino em guetos permeia a narrativa: “*Os grupos são fechados. Focados no trabalho, nos problemas do dia a dia*” (JUNGES, 2015b, grifo nosso). A menção de que os imigrantes se fecham em grupos pode remeter-se novamente a um estereótipo construído em torno da ideia de que vivem e devem viver de forma isolada na cidade de destino, admitindo-os sem necessariamente incluí-los em uma perspectiva intercultural. Também aqui emerge novamente a ideia de imigrante como um ser “focado no trabalho”, o que lhe qualifica para ser aceito e mantido na cidade (já se problematizou Joinville como uma cidade voltada para o trabalho), mas, de novo, seu destino e propósito seriam o trabalho, reduzindo a experiência humana à prática laboral. A narrativa avança quando enfatiza a ideia de que os imigrantes formam grupos “buscando juntos soluções para problemas” (JUNGES, 2015), que vão de documentação para regularização de sua situação migrante até “a tentativa de convencer os possíveis empregadores, de que, mesmo não tendo qualificação específica para o setor, *estão dispostos a dar o máximo*” (JUNGES, 2015, grifo nosso). O imaginário aqui é do bom imigrante, aquele que procura trabalho e é esforçado (tipo ideal); mesmo sendo imigrante (uma ameaça, um estrangeiro, o outro), é capaz de “*dar o máximo*”.

A imigração como uma aposta de futuro é representada pela narrativa: “*É a esperança de reconstruir a vida com oportunidades de trabalho e estudo*” (JUNGES, 2015, grifo nosso). Palavras carregadas mais uma vez de sentidos, a imigração vista como uma situação redentora capaz de impulsionar a reconstrução, remetendo-se dessa forma à destruição causada pelo terremoto. A narrativa direciona-se à esperança de reconstruir,

e não a uma certeza de reconstrução. A esperança envolve um futuro como uma potência criadora e mobilizadora de esforços para a reconstrução.

Ainda nessa mesma reportagem, o imaginário historicamente propalado e que relaciona o imigrante e sua presença a uma ameaça, uma tensão presente no espaço urbano, uma situação de animosidade, aparece no subtítulo “*Convivência pacífica*” (JUNGES, 2015, grifo nosso). Essa parte do texto procura associar atos de solidariedade de uma profissional liberal joinvilense para com os haitianos da zona leste da cidade. A narrativa, quando diz: “Os haitianos e as famílias que os acolhem em Joinville estão alheios aos comentários em redes sociais ou a qualquer manifestação de preconceito” (JUNGES, 2015), mesmo sem citar quais são tais manifestações anuncia que há preconceito no tocante ao imigrante na cidade e que, no entanto, isso não é levado em conta, ou ainda não atingiria aqueles que diretamente estão envolvidos em estratégias de solidariedade, tanto imigrantes quanto cidadãos joinvilenses.

Essa narrativa especialmente chamou a atenção por optar tratar de muitos temas desconexos (ou não?!), quase confusos, porque, ao mesmo tempo que apresenta exemplos de cidadãos solidários, foca no mesmo *box* na fala do já citado em outra reportagem chefe da Delegacia da Polícia Federal, que novamente afirma: “Não há incidentes ou conflitos” (*apud* JUNGES, 2015) registrados em Joinville nem no norte de Santa Catarina envolvendo os haitianos. Misturam-se aqui imaginários variados acerca do quanto a população da cidade é solidária e boa, do imigrante que está alheio ao preconceito, do imigrante que não se envolve em confusão nem ameaça a ordem e que não é violento. Parece uma tentativa de firmar uma imagem em torno do imigrante do bem, afastando-o do estereótipo de ameaça/de inimigo, já que “nenhum incidente” foi registrado, combinado com a ideia de uma cidade solidária.

Ainda na reflexão da face violenta do processo migratório, identificou-se uma lacuna, ou a produção clara de um esquecimento intencional narrativo, nas páginas do jornal *A Notícia* referente às tensões que envolvem a presença do imigrante haitiano em Joinville. Um exemplo emblemático foi a pichação feita em um muro da cidade contendo a frase “O Haiti não é aqui” (tal ato comunicacional já foi objeto de análise do capítulo 3 deste trabalho), fato noticiado por outros veículos de comunicação da cidade, como o jornal *Notícias do Dia*, em abril de 2016³², e que repercutiu de forma significativa em canais alternativos da imprensa local³³.

³² Ver: SILVA, 2016.

³³ Ver: CARDOSO, 2016.

Todavia, tal acontecimento não mereceu menção alguma nas páginas do jornal em questão. Por que tal omissão jornalística teria ocorrido? Haveria imbricações entre esse esquecimento jornalístico e o papel do jornal em relação ao poder local? Que imaginário se tornou público por intermédio daquela pichação? Por ser um ato comunicacional direto, expressivo e significativo de um pensamento xenófobo e racista, não merecia a categoria de notícia nem apreciação do jornalista? O que traria à tona se fosse veiculado com o caráter de acontecimento importante para a cidade? Comprometeria o jornal, que até então procurou produzir narrativas amenas e harmoniosas da presença do imigrante haitiano, ou revelaria, de fato, uma face violenta das intolerâncias locais?

Questionamentos como os apresentados remetem às razões que cercam, nem sempre explicitamente, a definição das narrativas jornalísticas e apontam também para a necessidade de cotejar as fontes jornalísticas. Dessa forma, evidencia-se no período pesquisado que a cidade de Joinville foi o acontecimento jornalístico prioritário, e não o imigrante haitiano ou os imigrantes na cidade. Por outro lado, tais questões descortinam tensionamentos envolvendo a presença de imigrantes negros na cidade, a quem nem sempre se quer dar visibilidade nas narrativas públicas.

No próximo capítulo, o imigrante haitiano é o principal ator em cena. Ele escreveu sua história, montou seu cenário, escolheu com quem queria compartilhar os momentos mais significativos e permitiu que a pesquisa o acompanhasse em sua trajetória migrante. Pelas narrativas produzidas por intermédio das entrevistas orais, serão analisados o processo migratório, os motivos que o fizeram migrar, as escolhas do destino para a migração, as dificuldades dos deslocamentos e os desafios na chegada. Também se problematizarão questões como a resiliência para enfrentar as recusas e os preconceitos na cidade, as estratégias de sociabilidade/sobrevivência, a saudade do Haiti, bem como seus sonhos futuros e suas perspectivas como imigrante.

5 MULTIPLICIDADE DE VOZES: CONSTRUINDO O SI MESMO

Nos capítulos anteriores, as narrativas imigrantes contribuíram para a problematização do processo migratório dos haitianos ao Brasil, especialmente para Joinville, ora como esclarecedoras das motivações da migração, ora como fundamentais para compreender os trajetos e percursos definidos para a escolha de novos territórios. Por vezes, essas narrativas sustentaram as reflexões apresentadas aqui acerca dos desafios da condição do imigrante e dos enfrentamentos necessários em relação à xenofobia, ao preconceito e às adversidades que se estabeleceram em suas vidas cotidianas no local de destino.

No presente capítulo, o foco é a problematização dessas narrativas migrantes como atos comunicacionais construtores de si mesmos. O objetivo consiste em compreender os imigrantes em suas múltiplas dimensões, entender esses imigrantes em seu protagonismo quando da decisão de migrar, como atribuem sentidos à sua vida no local de destino, como ressignificam sua dor e como pela narrativa de si mesmos constroem o ser imigrante.

Assim como Portelli (1997a, p. 31), entende-se que “a construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com sua história”. Nessa dimensão, por meio da metodologia da história oral é possível pensar como Pollak (1989, p. 13): “A história de vida ordena acontecimentos que balizaram sua existência”. O caminho da investigação foi pensado a fim de proporcionar a cada entrevista um ambiente que permitisse uma narrativa sobre sua condição migrante, de ouvir atentamente as histórias de vida, de acompanhar o enredo que cada um escolheu para contar sua trajetória, dando atenção para as estratégias sutis da memória narrada e tendo presentes as inquietações de pesquisa para que mais tarde, no ato desta escrita, fosse possível problematizar as nuances da memória migrante. Coloca-se nesse processo como anuncia Ricoeur (2012, p. 347) quando reflete sobre o papel do historiador: “Enquanto sujeito do conhecimento histórico, um homem de seu tempo, a respeito do qual compartilha certas expectativas relativas ao futuro de seu país ou da humanidade”.

Considerando tais questões, o universo de pesquisa com os imigrantes haitianos foi definido mediante as relações inicialmente estabelecidas pelo desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão na Univille a partir do ano de 2015¹. Nos últimos três

¹ Registra-se que o primeiro contato entre a universidade e a problemática envolvendo a imigração haitiana para Joinville se deu pela participação da professora doutora Ilanil Coelho (coordenadora do LHO da

anos, teve-se a oportunidade de estabelecer “diálogos memoráveis” (BARBOSA, 2016) com um grupo de imigrantes haitianos e foram vivenciadas experiências enriquecedoras nos processos de extensão e pesquisa que envolveram uma escuta cuidadosa de suas histórias de vida².

A discussão que ora se apresenta é de inteira responsabilidade desta investigação, no entanto todas as reflexões aqui construídas são fruto dos momentos intensos vividos entre narradores e pesquisador, da partilha das memórias desses imigrantes que, motivados a narrar suas histórias, compartilharam momentos preciosos de suas trajetórias migrantes. Trata-se também de resultados de intensas e acaloradas discussões do grupo de pesquisa e dos privilegiados momentos em que foi possível dividir essas experiências nas comunicações científicas nesses últimos três anos.

5.1 HISTÓRIAS DE VIDA: AS MEMÓRIAS DOS IMIGRANTES HAITIANOS

O ato de migrar pode ser compreendido por meio de seus aspectos históricos, que envolvem questões políticas, econômicas, religiosas, ambientais, e de escolhas particulares. Para Sayad (1998), o processo de migração é complexo, um fato social completo e que abrange tanto questões macroestruturais quanto questões subjetivas. Levando em conta essa complexidade, faz-se necessário aprofundar o processo das migrações contemporâneas, especificamente nesta pesquisa, acerca da imigração haitiana nos últimos anos para o Brasil e, de maneira especial, para Joinville (2010-2016), para

Univille e do Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença) e da professora doutora Fernanda Lapa (coordenadora da Clínica de Direitos Humanos da Univille), numa audiência pública na Câmara de Vereadores de Joinville em 6 de agosto de 2015 para discutir a situação dos imigrantes haitianos na cidade. Ver: MOURA, 2015. A partir de 2016, passou-se a realizar um projeto de extensão com os imigrantes haitianos, o qual se estendeu para o ano de 2017. Em 2018, passou-se a desenvolver um projeto de extensão voluntário relacionado à inserção das crianças haitianas nas escolas da rede pública da cidade, em parceria com o grupo de magistério da Escola de Educação Básica Doutor Jorge Lacerda, sob a coordenação da professora Sandra Felício Roldão. Especialmente para a mobilização desses projetos de extensão (anos 2016 e 2017), bem como para o desenrolar desta pesquisa, contou-se com o apoio inestimável da militante Ana Lucia Martins, que há muito tempo se dedica à defesa das questões afro, de gênero e dos direitos humanos em Joinville.

² Nos três anos de pesquisa, houve inúmeros encontros com um grupo de haitianos que ao mesmo tempo participaram das atividades dos projetos de extensão da universidade e também concederam as entrevistas orais. Foram ao todo 10 entrevistas com imigrantes haitianos, e em duas delas participaram o marido e a mulher. Importante esclarecer que a maioria (7) das entrevistas é com imigrantes que faziam parte das atividades de extensão e que tinham algum tipo de relação com a Associação Imigrantes Haitianos de Joinville. As outras entrevistas (3) foram contatos posteriores. Também importante salientar que foram sete entrevistas com homens e três com mulheres. As entrevistas realizadas pela pesquisadora serão doadas para o LHO da Univille e comporão um banco de narrativas de histórias de imigrantes haitianos em Joinville. Para conhecer o LHO da Univille, acesse: <<http://lhouniville.wixsite.com/novo>>. Veja também artigo sobre o laboratório: COELHO; SOSSAI, 2016.

além de situações pontuais (o fato ou não de o terremoto de janeiro de 2010 ter motivado tal imigração), fazendo emergir os complexos motivos pelos quais se migra, sejam eles de ordem socioeconômica, sejam de ordem pessoal.

Para Little (1994, p. 9), “as pessoas mudam de um lugar para outro por múltiplas razões”. O autor apresenta sete categorias que identifica como “os principais complexos dos movimentos demográficos”. Localiza como primeira categoria a dos *nômades*, o que chama de “migrantes contínuos”: “Os grupos nômades têm um conjunto de orientações espaciais e temporais que incorpora noções de movimento regular e ciclos de concentração e dispersão demográfica”. Aponta como segundo grupo aquele “caracterizado pelo fenômeno da *diáspora*”, que conceitua como “a dispersão demográfica de um grupo de um lugar específico, num momento histórico particular”. Indica como terceiro grupo “*as vítimas de deslocamentos diretos e forçados*” e cita como exemplo o processo sofrido pelos negros africanos e os índios americanos. Como quarto grupo, o autor elenca a “*migração grupal reativa*”, em que “um grupo responde a pressões externas migrando coletivamente, e para livrar-se dessa pressão, reagrupa-se numa localidade nova”. A quinta categoria “refere-se às *migrações colonizadoras*”, tipo de migração nacional, que, de acordo com o autor, se trata de “casos da colonização das fronteiras internas de um país”. Na sexta categoria estão as “*migrações laborais temporais*”, que podem ser compreendidas conforme a “formação e qualificação dos migrantes”, tanto para ocupar postos de trabalho de baixa remuneração, quanto ainda de alta qualificação. A sétima categoria o autor chama de “*migração sobreviventista*”, localizando-a entre os refugiados e os exilados políticos e econômicos, que “representam os casos mais intensos e trágicos de desterritorialização no mundo atual” (LITTLE, 1994, p. 9-10, grifos do original).

Para Little (1994, p. 11), “cada povo deslocado procura, de uma ou outra forma, sua relocalização no espaço”. Segundo ele, isso se dá na criação de um “espaço novo”, que passa necessariamente pelo que chama de “manipulação múltipla e complexa da memória coletiva no processo de ajustamento ao novo local”, convergindo com Haesbaert (2005) quando se refere à construção de novos territórios físicos e simbólicos.

As razões pelas quais ocorrem os processos migratórios são mais bem compreendidas quando narradas pelos sujeitos que estão diretamente envolvidos no ato de migrar. Nesse sentido, para estudar os processos migratórios do tempo presente, muito se tem utilizado a metodologia da história oral. Tais estudos estão imbricados em conceitos relativos a espaço (território/desterritorialização), a tempo

(passado/presente/futuro) e a questões complexas da memória. De acordo com Ferreira (2000), os depoimentos orais estão entre as importantes fontes para analisar a imigração, porque permitem, por um lado, a produção de relatos de vida e, por outro, viabilizam as memórias compartilhadas entre as gerações³.

Conforme Rouchou (2008, p. 29), a história oral pode contribuir de forma significativa com a discussão dos processos migratórios, por ser uma metodologia que permite ao pesquisador o privilégio de “mergulhar nas narrativas, transcrevê-las, ouvi-las ou lê-las dezenas de vezes”, uma vez que “as fontes são os entrevistados e as elaborações que fazem de suas histórias”, tendo o pesquisador a oportunidade, pela realização da entrevista oral, vivenciar o espaço cotidiano da vida do entrevistado e ainda revisitar sua narrativa quantas vezes for necessário às suas problematizações.

Após quase meio século da utilização da metodologia de história oral⁴ por diferentes áreas do conhecimento, Thomson (2000) indica quatro questões que se configuram em preocupações para os historiadores orais hoje em dia⁵:

Em primeiro lugar, os acadêmicos reconhecem hoje que o processo de entrevista opera dentro de sistemas de comunicação culturalmente específicos, de modo que não há, necessariamente, uma única, ou universal “maneira certa”, de se fazer história oral. Em segundo, novas reflexões sobre memória e história apresentaram outras oportunidades e dilemas à interpretação dos testemunhos orais. Em terceiro lugar, uma crescente ênfase dada à importância do ato de recordar para o narrador ampliou a prática da história oral, permitindo-lhe ser mais que uma metodologia de pesquisa. Finalmente, à medida que novas tecnologias multiplicam os modos de registrar entrevistas e apresentar história oral, os acadêmicos trazem para o centro de suas preocupações as maneiras como as memórias das pessoas são usadas, ou abusadas, na apresentação pública (THOMSON, 2000, p. 47).

Diante dessas reflexões apresentadas como desafios para aqueles que no século XXI optam por utilizar a metodologia de história oral, serão indicadas aqui algumas questões que levaram a empregar tal metodologia como aporte para problematizar a questão da imigração haitiana em Joinville.

Inicialmente, destaca-se o caráter de empoderamento que a metodologia da história oral atribui aos sujeitos de pesquisa. Conforme Thomson (2000, p. 59), “refugiados, ou outras vítimas de opressão social e política que ‘dão testemunho’, podem

³ Sobre a história oral e os processos migratórios, ver: MAGALHÃES, V. B., 2017.

⁴ Acerca desse tema, ver: FERREIRA; AMADO, 1996; MORAES, 1994; ALBERTI, 1996; FERREIRA; FERNANDES; ALBERTI, 2000.

⁵ Essas reflexões fazem parte do livro de Ferreira, Fernandes e Alberti (2000), que é o resultado de textos apresentados no X Congresso Internacional de História Oral, que ocorreu em junho de 1998, no Rio de Janeiro (RJ).

se afirmar (*empower*) à medida que descobrem palavras e significados para suas experiências”. Dessa forma, “estimulam o reconhecimento público e a potencialização de experiências que haviam sido anteriormente ignoradas ou silenciadas”.

Ao longo das últimas décadas, a produção de fontes advindas da história oral teve também importante uso político, pois a “reafirmação de histórias anteriormente silenciadas pode permitir a afirmação de indivíduos, grupos sociais ou sociedades inteiras” (THOMSON, 2000, p. 60), o que é fundamental quando se problematizam a história do tempo presente e os processos migratórios.

Já para Pollak (1989, p. 4), “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas” e trouxe à tona outra abordagem metodológica para problematizar as memórias, visibilizando as disputas em torno das memórias de dado acontecimento, que para o autor pode ser relacionado a uma disputa em torno da memória nacional ou ainda de determinado acontecimento político mais específico.

Segundo Portelli (2010, p. 69), o desafio na utilização da metodologia da história oral “é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento”. Para o autor, a memória deve ser tomada “como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você ‘recorda’ a história, mas memória ‘como’ história”. Nesse entendimento, os historiadores não estariam apenas produzindo “arquivos” para compreender o passado, mas sobretudo entendendo “a memória como um processo [...] do qual todos participamos”.

Nessa relação que contempla a história, a memória e a narrativa produzida no ato de lembrar, Barbosa (2016, p. 156) inclui também o tempo: “A narrativa histórica introduz na trama textual a espacialidade dos tempos de outrora, isto é, a espessura de um tempo como espaço de possibilidades, mas que só existe na trama narrativa”. Nesse processo, “abrem-se janelas em direção a um espaço-tempo, reavivado pelas histórias que passam a ser contadas”.

Com o objetivo de pensar a relação entre memória, passado e presente, Ricoeur (2012, p. 331) pondera: “Não é o que acontece quando procuramos uma lembrança, que nos entreguemos ao trabalho de memória, ao culto da lembrança?”, referindo-se ao fato de a memória ser do passado, no entanto faz também outra referência: “O presente, é verdade, está implicado no paradoxo da presença da ausência, paradoxo comum à imaginação do irreal e à memória do anterior”, sugerindo que essa complexa relação entre

a memória como ligada ao passado está imbricada nas questões pertencentes ao presente daquele que rememora. Nesse sentido, o autor instiga-nos a tomar os testemunhos como um conjunto de rastros que podem contribuir para compreender determinado acontecimento narrado.

Diante das preocupações apresentadas por Pollak (1989, p. 8) quando discute as questões da memória e o fato de que há “zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’”, faz-se necessário levar em conta que as inquietações do presente interferem no passado e que, portanto, é preciso “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas”, para constatar que “é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto” (POLLAK, 1989, p. 8), necessitando, assim, de um olhar atento do pesquisador para os não ditos, para as lacunas e para as possibilidades dos silêncios. Ao longo das narrativas, a memória produz esquecimentos inquietantes. Para Ricoeur (2007, p. 424), “a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento”.

No campo da comunicação no Brasil, as reflexões desenvolvidas por Marialva Barbosa, Ana Paula Goulart Ribeiro e Joëlle Rouchou sobre a problemática da memória e a importância da utilização da metodologia de história oral para a compreensão das questões do tempo presente são referenciais para a presente pesquisa, mais especialmente as pesquisas desenvolvidas tanto acerca da história da comunicação no país quanto do protagonismo da imprensa e dos jornalistas na cena política brasileira. Entre esses estudos, destacam-se aqueles que tiveram como objeto de análise a história de instituições de comunicação, sejam elas comerciais, sejam científicas. Importante ressaltar também os estudos no que tange às narrativas orais como produtos e produtoras de atos comunicacionais, narrativas sobre e para a história, carregadas de significados para a compreensão do passado e também do presente, desenvolvidos pelas referidas autoras.

Salienta-se inicialmente o artigo produzido por Barbosa (2016) intitulado “Entre o jornalismo e a história: a entrevista como articulação narrativa do tempo”⁶, em que a autora manifesta seu entendimento de que a entrevista é um “diálogo memorável” e traça distinções entre a entrevista oral para o jornalismo e para a história. Diz:

⁶ O artigo consta do livro: MAUAD, 2016.

Para o jornalismo, a entrevista se apresenta como testemunho de alguém que estava na cena do acontecimento ocorrido, a maioria das vezes no presente – enquanto que, para a história, ela é a possibilidade de acesso ao passado, tornando-se ela mesma um documento desse passado. Em ambos os gestos estão envolvidas questões teóricas relativas à memória (BARBOSA, 2016, p. 11-12).

Ainda nesse mesmo artigo, Barbosa (2016) reforça uma discussão realizada no capítulo 4 da tese, de que “o jornalismo não procura ser lugar de memória, mas sim construir narrativas para a história” (BARBOSA, 2016, p. 13), com base naquilo que produz no tempo presente. Quanto ao diálogo memorável produzido durante a entrevista, a autora ressalta que o uso da memória serve ao jornalismo “como referência a um tempo ultra presente”. Já para a produção da narrativa da história “tem como referente obrigatório o passado” (BARBOSA, 2016, p. 13).

Ainda sobre as questões da memória, Barbosa (2016, p. 15) afiança: “A memória, uma ação sempre do presente, supõe, ao mesmo tempo, a fidelidade ao passado e a crença nessa mesma fidelidade”. Para a autora, o passado é “acessado pelos trabalhos da memória que procuram reconstruir e reconfigurar o que foi vivido”. Condutora da passagem do tempo, a memória “é dinâmica e flexível”, considerando sempre “a posição daquele que fala”. Salientamos também que Barbosa discute ao longo do artigo o papel do entrevistador nesse processo, enfatizando que, no caso da história oral, o entrevistador é o mediador e que há grande envolvimento entre quem fala e quem escuta. Logo, as “questões éticas, devem ser rigorosamente consideradas” (BARBOSA, 2016, p. 17).

Ainda para Barbosa (2013), outra preocupação vem à tona para aqueles que lidam com as narrativas da memória na escrita da história: “Como os processos memoráveis são, sobretudo, submetidos aos jogos da lembrança e do esquecimento, dialética fundadora dos trabalhos da memória, ao lado da acomodação e da assimilação, muitos aspectos serão sepultados por camadas de esquecimentos voluntários e involuntários” (BARBOSA, 2013, p. 339), cabendo ao pesquisador ficar mais uma vez atento a essas artimanhas da memória.

Mais uma importante contribuição para a discussão que envolve o campo da comunicação e a utilização da metodologia da história oral tem sido feita por Ana Paula Goulart Ribeiro em suas pesquisas recentes⁷. Em sua trajetória de pesquisa, a autora tem

⁷ Destaca-se a pesquisa coordenada por Ana Paula Goulart Ribeiro em parceria com Cláudio Ornellas para comemorar os 40 anos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 2017. A pesquisa resultou em dois volumes de entrevistas com depoimentos de 12 ex-presidentes da entidade. “São entrevistas longas, em que as histórias de vida, as trajetórias acadêmicas e a relação com a entidade – antes, durante e depois dos mandatos – constroem uma narrativa não linear, complexa, mas por

problematizado a história e a memória da comunicação no Brasil, sobretudo do jornalismo e de seus principais protagonistas. Ribeiro (2015, p. 75) afirma que “a história oral é uma metodologia que produz (ou fabrica) um conjunto de fontes [que] pode servir como referência para os mais diversos trabalhos sobre a história da mídia e do jornalismo”. Para a autora, o pesquisador que trabalha com as fontes orais participa ativamente no “ato criador” dessa mesma fonte. A história oral tem importância, uma vez que os depoimentos contribuem para elucidar “informações sobre fatos e processos que só podem ser conhecidos pela narrativa daqueles que os viveram diretamente ou daqueles que os presenciaram de alguma maneira” (RIBEIRO, 2015, p. 75).

A problemática que envolve a memória e suas nuances estratégicas em relação ao passado é destacada por Ribeiro (2015, p. 77): “É bom não perder de vista que o passado é sempre lembrado de forma maleável, flexível, e pode mudar conforme o indivíduo reinterpreta e reexplica o que aconteceu”. No processo de pesquisa, torna-se imprescindível ficar atento ao fato de que a memória é sempre astuta quando se trata de selecionar o que vai apresentar para o presente: “O rememorar é sempre seletivo” (RIBEIRO, 2015, p. 77). É preciso ficar atento aos entrevistados, porque “realçam certos aspectos do passado que julgam relevantes na ocasião da entrevista” (RIBEIRO, 2015, p. 77). Nessa perspectiva, o sujeito mais importante desse processo é o entrevistado, pois é ele quem aciona o passado e de lá compartilha o que julga pertinente para o presente.

Para Ribeiro (2015, p. 83), o pesquisador “é o mediador” no processo da entrevista e deve atentar-se para o que ocorre nesse momento a fim de que sua análise da narrativa, posteriormente desenvolvida, tenha em conta, por exemplo, “o percurso realizado pelo entrevistado”. Deve-se “perceber e tentar entender porque o entrevistado seguiu determinada ordem de pensamento e porque fez certas associações entre fatos ou pessoas”, bem como prestar atenção nas “pausas e hesitações ou o contrário, momentos de excitação e aceleração”. O pesquisador precisa estar preparado para “lidar com um conjunto de elementos imponderáveis durante a realização da entrevista. Muitas vezes, é necessário ter sensibilidade para saber como agir em situações delicadas, como momento de emoção, por exemplo” (RIBEIRO, 2015, p. 83).

Também as contribuições produzidas por Joëlle Rouchou quando da utilização da metodologia da história oral para analisar os processos migratórios são importantes para esta pesquisa. Primeiramente, em artigo intitulado “Ouvir o outro: entrevista na história

isso elucidativa de como o país, a Comunicação e a Intercom viveram dialética e intensamente as últimas quatro décadas” (RIBEIRO; ORNELLAS, 2017).

oral e no jornalismo”, tal metodologia colabora de forma significativa, segundo Rouchou (2003, p. 1), para que se possam “ouvir e conhecer as vivências, suas lutas e significados”, por meio das narrativas de vida. A autora classifica a experiência de realizar as entrevistas orais como “absolutamente fascinante”. Diz ainda que “é inegável também o envolvimento com esses indivíduos”⁸ (ROUCHOU, 2003, p. 1), o que exige, segundo ela, uma criticidade bastante cuidadosa em relação aos depoimentos obtidos por essa metodologia.

Outro elemento essencial destacado por Rouchou quando do uso dessa metodologia diz respeito às questões éticas que envolvem o comportamento do pesquisador diante do entrevistado. Para a autora, quando “falamos em sedução do entrevistado é disso que tratamos, estabelecer uma relação agradável, na qual o entrevistado sintá-se à vontade” (ROUCHOU, 2003, p. 2). Chama atenção também para o cuidado com o uso que será feito das informações provenientes de tais entrevistas e ressalva o potencial da história oral como democratizadora da história, permitindo que os sujeitos de pesquisa participem do início ao fim do processo de concepção, elaboração e construção de sua narrativa:

Além de pressupor a democracia – uma vez que é através dos relatos que as vozes até então sem espaço, podem ser ouvidas e lidas – deve ter um projeto bem definido, explicar com a maior precisão do que trata o projeto, esclarecer metodologicamente quais as tecnologias utilizadas, recursos empregados. O leitor vai fazer parte desse projeto. Em História Oral, ele vai participar da montagem da História, uma vez que lhe serão apresentadas várias facetas de uma mesma História. O que vai organizar todo o texto é o tom vital. Ele será um fio condutor que vai incorporar todos os textos dentro do texto final. Os oralistas trabalham com colaboradores e não com informantes em suas entrevistas. É mais um parceiro que vai lançar novas luzes sobre o tema proposto pelo autor do projeto (ROUCHOU, 2003, p. 2).

Do ponto de vista metodológico, Rouchou (2003, p. 5) vê nas narrativas advindas da metodologia da história oral a possibilidade de compreender como “os sujeitos experimentaram determinado acontecimento, como eles vivenciaram determinado movimento”, de forma que o pesquisador não esteja necessariamente preocupado com detalhes de dados e outras situações menores em relação aos fatos narrados, mas sobretudo que possa se dedicar a analisar e entender “como esses sujeitos apreenderam

⁸ Em sua tese de doutorado em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Rouchou dedicou-se a pesquisar o processo de imigração dos judeus do Egito para o Rio de Janeiro na década de 1950. Utilizou a metodologia da história oral para realizar suas entrevistas. O resultado pode ser conferido em: ROUCHOU, 2008.

subjetivamente e incorporaram esse acontecimento na sua memória e na sua reflexão”, em dado momento.

Sobre a problemática da memória acessada/produzida pelas entrevistas orais, Rouchou (2008, p. 50) faz alguns questionamentos importantes: “Como abrir a porta que dá acesso à memória desses entrevistados? Qual seria a melhor estratégia para negociar com as memórias fragmentadas de cada um?”. O momento da entrevista é fundamental, segundo a autora, uma vez que “é a entrevista que faz surgir a memória”, permitindo ao entrevistado que “a memória aflore e seja verbalizada”. Tal situação é provocada pelas indagações feitas pelo pesquisador, pois, para a autora, no momento em que se trabalha “com depoimentos orais, estamos fazendo seleções” de toda ordem, seja do entrevistado selecionado, seja do local em que será realizada a entrevista ou ainda da abordagem feita. Diante desses apontamentos, chama a atenção em relação à memória: “Não é algo que seja dado. A memória não é um dado. Ela é uma construção entre diferentes sujeitos que estão rememorando dimensões de sua vida” (ROUCHOU, 2008, p. 50), sendo, dessa forma, o trabalho da memória uma edificação conjunta do pesquisador e do narrador.

Diante dessa abordagem inicial sobre a metodologia da história oral e suas implicações na produção da memória por meio das narrativas, cabe evidenciar a perspectiva desta investigação para esse momento de análise. Optou-se por usar as entrevistas orais sob a forma de fragmentos narrativos porque se compreende que dessa maneira será possível expressar, em trechos fragmentados, as ideias também fragmentadas, dolorosas, quase fraturadas desses imigrantes. Por essa perspectiva, apresenta-se o imigrante, esse outro que pela narrativa constitui fragmentos de si⁹. Nesse cenário de múltiplos fragmentos, procurou-se entender que mesmo na narrativa de suas trajetórias e experiências individuais os haitianos sendo diferentes também se tornam unos, enquanto imigrantes.

O desejo desta pesquisa foi o de ouvir as narrativas particulares, que, por sua vez, narram memórias do passado, seus sentimentos do presente e suas expectativas de futuro. Optou-se por realizar entrevistas que se configurassem como narrativas de histórias de vida (conforme é possível observar no roteiro construído no Apêndice 1)¹⁰. Tais narrativas podem configurar-se em representações de narrativas coletivas dos imigrantes haitianos

⁹ Mais uma vez se esclarece a opção de transcrever ao longo da tese as falas com as inflexões discursivas dos haitianos. Os objetivos com esse procedimento são marcar as maneiras discursivas de cada um e, ao mesmo tempo, deixar evidentes as dificuldades linguísticas que possuem.

¹⁰ Para aprofundar as discussões sobre entrevistas orais pautadas em histórias de vida, ver: ALBERTI (2004) e COELHO (2010).

em Joinville, como cita Pollak (1989, p. 10): “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”, mas deixa-se claro aqui que não existe a pretensão de dar conta da análise da heterogeneidade do conjunto de imigrantes haitianos na cidade.

No próximo item serão problematizadas questões relacionadas à construção do ser imigrante em Joinville. Esses questionamentos foram introduzidos tanto no capítulo 2 quanto no capítulo 3 do presente estudo, no entanto destacam-se uma vez mais pela narrativa imigrante o processo de protagonismo e de compreensão de sua condição imigrante e as estratégias desenvolvidas perante os desafios encontrados no processo migratório.

5.2 CONSTRUINDO O SI MESMO: SER IMIGRANTE EM JOINVILLE

Nesse ponto, analisam-se as narrativas elaboradas pelos haitianos sobre ser imigrante em Joinville. São destacadas as narrativas que salientam o jogo dialético do viver imigrante que ora se adapta às exigências do local do destino, ora constrói alternativas para o desenvolvimento de seu protagonismo. Ao falarem de sua experiência migrante, elaboram um pouco de si mesmos. Butler (2015, p. 90, grifo do original), refletindo sobre a significação de relatar a si mesma, ressalta: “Eu o faço sempre *para* alguém que, acredito, recebe minhas palavras de determinada maneira, embora eu não saiba e não possa saber qual”. Para a autora, nesse processo “é irrelevante se existe ou não um outro que seja de fato receptor, pois o importante é que exista um lugar onde aconteça a relação com uma recepção possível”. Esse lugar, nesse sentido, pode ser o momento da entrevista em que, procurando falar de si o imigrante se constitui como sujeito desse processo; sua elaboração não se dirige necessariamente para os objetivos de pesquisa, mas para si mesmo.

Pollak (1989, p. 13), considerando as narrativas produzidas pela história oral, afirma: “Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”. Nesse aspecto, parece significativa a elaboração feita por Rose Sandy (2017), imigrante haitiana que vive no Brasil desde junho de 2015 e mora com o namorado, também haitiano, quando realiza um balanço sobre o processo de imigração do Haiti para o Brasil e sua própria condição nesse contexto: “*Ganha e perde. Perde, porque eu deixo meu país, e venho pra cá. Ganha, é minha família que ganha. Porque eu trabalho*” (SANDY, 2017). Seu raciocínio expressa a

relação dicotômica do processo de migração. Se, por um lado, o imigrante “perde” porque deixa seu país, mencionando a desterritorialização provocada pelo ato de migrar, perde a referência de nação, de pertencimento, de cidadania; por outro, ponderando sobre o fato de sua família viver em dificuldades no Haiti e de aqui estar trabalhando, consegue enviar remessas financeiras que contribuem com o sustento e, em alguns casos, com a sobrevivência da família que ficou lá¹¹. Rose define, assim, de forma clara sua condição migrante: “*ganha e perde*”. Não há ilusão nessa condição; há uma constatação e um processo de resiliência em curso.

Outro ponto importante em destaque na narrativa de Rose e que tem relação com as estratégias criadas no processo de construção do ser migrante se refere à aprendizagem da língua. De forma pragmática, reflete: “*Mas se você não fala, como que você vai fazer pra viver?*” (SANDY, 2017), citando questões cotidianas em que se faz necessário algum domínio do idioma local¹². Para Pereira e Costa (2015, p. 92), “os movimentos migratórios estão na origem das situações de contato linguístico. Nelas, o cidadão que emigra se vê diante da necessidade de pertencimento à nova sociedade, principalmente se ele precisa de trabalho e de formação profissional”. Rose demonstra ter clareza que para sua inserção social é preciso mesmo que minimamente falar o português: “*Como você vai fazer se você não fala a língua? É muito importante*” (SANDY, 2017). O conhecimento da língua local vai para além de garantir a comunicação cotidiana: “O conhecimento da língua do país que o acolhe constitui um ponto de partida bastante rico para a inserção social do indivíduo que emigra, por ser um forte meio de comunicação de símbolos culturais e identitários” (PEREIRA; COSTA, 2015, p. 92). De certa forma, insere o imigrante nos códigos simbólicos locais, no jeito de dizer e compreender a vida que se diferencia em muito de um local para o outro.

O significado da migração para cada sujeito do processo tende a ser muito diferente. Essa diferença pode estar relacionada com as expectativas quando da decisão de migrar ou com as frustrações decorridas dos acontecimentos. Salienta-se assim, como bem conceituou Sayad (1998), que o imigrante é antes de tudo um emigrante. Ou seja, toda e qualquer construção que faça de si e de sua condição no local de destino necessariamente estará ligada ao seu local de origem.

¹¹ Segundo dados do Banco Central do Brasil, no primeiro semestre de 2018 as remessas de valores do Brasil para o Haiti aumentaram em 10,8%, seguindo a tendência de crescimento das remessas de valores dos próprios brasileiros ao exterior (*apud* AGÊNCIA BRASIL, 2018).

¹² Também a imprensa local refletiu sobre a questão da dificuldade com o idioma português, ver: VENTURINI, 2014; MUNIZ; ROLDÃO, 2013.

Para Manouse François (2017), que migrou para o Brasil em setembro de 2015 e que já havia experimentado a vida migrante na República Dominicana desde seus 13 anos, a opinião sobre a imigração é expressada de maneira contundente: “*Acho que não, porque todos saem de lá*”, referindo-se ao fato de não ver vantagens no ato de migrar. No entendimento dela, uma vez que os haitianos saem de lá, não fazem muito pelo Haiti: “*Podiam trabalhar todos juntos e ajudar o país*” (FRANÇOIS, 2017) de lá mesmo. Argumenta que a saída de muitas pessoas do país contribui para manter a situação vivida hoje lá acerca da estagnação econômica do Haiti, porque, “*como tudo que nós fazemos fica aqui mesmo, e lá sempre vai ficar assim*” (FRANÇOIS, 2017). Manouse não reconhece na imigração um grande feito para seu país e elabora em tom de denúncia uma crítica política importante: “*Como tudo que nós fazemos fica aqui mesmo*” (FRANÇOIS, 2017), expondo a exploração que sofrem os imigrantes. É preciso lembrar que Manouse deixou seus dois filhos pequenos no Haiti e há anos trabalha para tentar trazê-los para o Brasil e não consegue. Sua denúncia é carregada de frustração e tristeza. Para ela, o sonho migrante não deu certo e não vê vantagem no processo, já que está afastada dos filhos, dividida entre o que optou, vir encontrar o marido, que já havia migrado antes, e o que imaginou que aconteceria, trazer os filhos e reunir toda a família.

Já para Jean Michelet (2017), haitiano que viveu no Chile antes de vir para o Brasil, a migração tem seu valor na medida em que pode “*encontrar coisas melhores, diferentes de lá [...]. A migração do Haiti para cá é muito importante, porque consegui construir uma vida melhor*”. Jean visibiliza, para além dos clássicos fatores socioeconômicos que motivam o ato de migrar, uma particularidade: “*Gosto de viajar*”, para “*conhecer outros países e culturas também*”, citando um ponto que lembra a autonomia na decisão de migrar. Por outro lado, assim como Manouse, pondera que o futuro do Haiti é preocupante: “*A situação está muito ruim, eu não vejo futuro. Quase não vejo futuro*” (MICHELET, 2017). Atribui essa falta de esperança no futuro de seu país ao fato de os jovens estarem deixando o Haiti: “*Se as pessoas estão deixando o país, não tem um futuro bom*” (MICHELET, 2017). Sua conclusão de novo se assemelha à de Manouse: “*Se todo mundo for sair de lá, o que vai bastar?*” (MICHELET, 2017), como se constatasse: quem vai construir o Haiti do futuro se sua juventude tem buscado alternativas fora de lá?

Também Whistler Ermofils (2017), imigrante pai de quatro filhos, presidente da Associação Imigrantes Haitianos de Joinville, reflete sobre o futuro de seu país: “*O Haiti é um país rico e pobre no mesmo tempo. Rico porque tem vários recursos [...]. Se a gente*

conseguir desenvolver as coisas que tem lá, o Haiti vai ficar como estava antes". Esse antes a que se refere o entrevistado é o passado do Haiti, quando as coisas segundo ele eram *"muito bonitas"*. Para Whistler, as mazelas de hoje do Haiti se devem à incompetência dos sucessivos governos. Apesar de sua criticidade, sua fala é de muita saudade: *"Porque [...] é minha terra"* (ERMOFILS, 2017), e esse sentimento de pertencer àquela terra suplanta as dificuldades: *"Eu gosto muito de lá, mesmo o Haiti tendo dificuldade, muito problema"* (ERMOFILS, 2017). Recordar-se de sua cidade com carinho: *"É um lugar bem tranquilo para a gente morar [...]. É uma ilha, tem praia e calor"* (ERMOFILS, 2017). Respira e, como se estivesse sentindo o vento bater novamente em seu rosto, diz: *"Sabe o vento que sai do mar, é muito bom"* (ERMOFILS, 2017). Whistler oferece como presente à pesquisa um testemunho da nostalgia migrante.

Por outro lado, a narrativa de Roland Lanfront (2016), jovem haitiano universitário que já morou na Venezuela, apontando a singularidade do imigrante, ajuda a compreender que as expectativas ao migrar são diferentes para cada um, e a forma como cada sujeito elabora sua experiência migrante também é diferenciada. Esclarece: *"Porque as coisas que eu gosto pro meu lazer não é a mesma coisa deles. Vai ser diferente, você vai ver"* (LAFRONT, 2016), referindo-se a outros imigrantes haitianos e à maneira de cada um viver e se constituir aqui. Roland reivindica para si um protagonismo; não quer ser visto como mais um (ou como qualquer haitiano) apenas. Deixa claro que não existe homogeneidade: *"Todos os brasileiros acham que todos os haitianos são amigos"* (LAFRONT, 2016). É convicto em dizer que cada um teve um motivo para vir para o Brasil e que o fato de serem haitianos não necessariamente os torna iguais em seus sonhos e expectativas, no entanto deixa claro que, se houver um haitiano precisando de ajuda, todos vão ajudar.

De outra perspectiva, a condição migrante no sentido mais clássico, de um sujeito para o trabalho (SAYAD, 1998), é percebida/sentida nitidamente por Luther Jean Luiz (2017), um jovem imigrante haitiano que também viveu na Venezuela antes de vir para o Brasil. Em seu caso, o trabalho no Brasil deixou-lhe uma marca para sempre. Ele sofreu um acidente enquanto trabalhava em uma máquina na Fundação Tupy, empresa de Joinville que emprega centenas de imigrantes haitianos¹³. Luther trabalha como esmerilhador e sofreu um acidente que o levou à perda da ponta do dedo. No momento do acidente estava utilizando os equipamentos de segurança exigidos pelas normas

¹³ O primeiro haitiano funcionário da Tupy foi Jean Michelet, em 2013, irmão de Luther e também entrevistado na presente pesquisa. Segundo eles, há mais de 300 haitianos trabalhando no local.

internas, mas não foi o suficiente: *“É uma máquina de limpeza, que é uma máquina de jato, sabe, aí eu tava colocando a peça, posicionando a peça [...], pra máquina jatear. Na hora de tirar a mão, a porta fechou em cima do meu dedo”* (LUIZ, 2017). Luther diz que recebeu de imediato o socorro e toda a assistência médica necessários. Ao ser perguntado como se sentia com o ocorrido, ele diz: *“Bom, às vezes me sente um pouco triste, porque não é isso que eu desejava”* (LUIZ, 2017). A mutilação incomoda Luther: *“Não queria sair de um jeito assim, machucar [...], perder parte de um membro daí, mas eu tenho que se acostumar, porque não vai voltar”* (LUIZ, 2017). Essa constatação exige de si uma atitude resiliente: *“É isso que eu tenho que adaptar”* (LUIZ, 2017). A migração já marcou Luther: parte de seu dedo “não vai voltar”.

Por outro lado, Luther demonstra completa consciência de sua condição migrante: *“Aquele imigrante que vem de lá de outro país que chega aqui, claro, óbvio que ele não tem muito [...]. O trabalho que você recusa de fazer o imigrante acaba fazendo”* (LUIZ, 2017). A consciência de sua condição faz com que também veja a situação de exploração da mão de obra migrante de forma pragmática, dizendo como o imigrante vai pensar: *“Eu já estou aqui, tenho que pagar aluguel, minha família tá fora, eles esperam de mim, eles vão precisar de ajuda. Se ficar doente, eles vão me procurar”* (LUIZ, 2017). Conclui: *“Qualquer uma oportunidade que aparece, ele vai pegar”* (LUIZ, 2017), referindo-se ao imigrante. Mais uma vez aparece na narrativa o compromisso com a família que ficou no Haiti.

Vale mencionar o antropólogo haitiano Joseph Handerson, que estudou a tradição de migração do povo haitiano, sobretudo desde meados do século XX. Tal tradição se construiu com base nas dificuldades relacionadas às questões políticas e econômicas vividas sistematicamente naquele país. Handerson (2015, p. 70, grifos do original) esclarece que *“diaspora é, ao mesmo tempo, uma construção ideológica e prática que modela a vida social das pessoas. Diaspora e peyi blan não correspondem apenas a lugares geográficos, mas a um mundo idealizado e vivido”*.

Trata-se do fato de esse processo migratório histórico ter gerado uma espécie de dependência financeira interna daqueles que estão fora do país e, ao mesmo tempo, ter criado entre os diásporas (imigrantes haitianos) uma hierarquia social e política. Jean Sefood (2017), que está fora do Haiti desde 2011, esclarece que sua saída do país tem a ver com o lugar social destinado aos diásporas: *“O meu sonho de fazer um estudo fora do Haiti, porque, desde que eu era criança, eu vi lá no Haiti as pessoas que encontram emprego, que ganha bem. Eles estudaram fora”*. Ele completa: *“Porque lá no Haiti,*

quando uma pessoa estuda fora e volta, você facilmente encontra um emprego e ganha bem. [...] Isso tem muito valor uma pessoa que estuda fora quando chegar lá trabalha muito bem” (SEFOOD, 2017). Essa relação acaba por definir também a condição migrante: não se trata apenas de empreender projetos pessoais de futuro fora do Haiti ou de manter com os recursos advindos do trabalho do imigrante uma rede familiar deficitária no país de origem, mas também de um dia poder voltar para o seu país com um *status* diferenciado por ser diáspora. O Haiti acabou assim configurando-se em termos econômicos como uma nação que depende necessariamente da diáspora de seu povo¹⁴.

Serão retomadas a seguir as estratégias criadas pelos imigrantes haitianos para construir em Joinville espaços de sociabilidade que possibilitam sua permanência e a criação de alternativas para o viver migrante. Tais sociabilidades se desenrolam tanto no espaço territorial local, nos aspectos sociais, culturais, político e religioso, quanto na conexão virtual com o Haiti, construindo territorialidades *on line* que inauguram outras formas comunicacionais pelas redes sociais, com o intuito de construir vínculos de presencialidade e afetividade com o local de origem.

5.3 REDES DE SOCIABILIDADE: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Para os imigrantes haitianos, ter chegado ao Brasil num momento em que o governo federal (a partir de 2010), mesmo que de forma frágil, acolhia os imigrantes e tratava sua situação como uma questão humanitária e que, por razões políticas, estabelecia solidariedade entre as nações do Haiti e do Brasil lhes trazia alguma tranquilidade, como expresso por Pierre Woody (2018)¹⁵ que concedeu a entrevista juntamente com sua esposa, a haitiana Jeana: “*É, eu saí. Na verdade, eu saí do Haiti porque quando a presidente do Brasil [...] Dilma Rousseff [esteve lá]. Quando ouvi ela, ela falou: ‘Tem oportunidade para os haitianos’*”, referindo-se aos haitianos virem para o Brasil encontrarem no país possibilidades de trabalho¹⁶. Para Pierre, a palavra *oportunidade* dita pela presidenta significava “*procurá uma vida melhor*” (WOODY, 2018), o que no entendimento dele poderia significar terminar a faculdade e trabalhar. Essa espécie de convite feito pela maior autoridade do país à época é muito diferente do momento atual

¹⁴ Para aprofundamento dessas questões, ver: HANDERSON, 2015; MAGALHÃES, 2017.

¹⁵ Pierre Woody fala português com bastante dificuldade. Apesar de ter sido optado por manter a escrita conforme a fala de cada entrevistado, no caso de Pierre algumas palavras como nomes próprios e de países foram adequados para o português.

¹⁶ Sobre o assunto, ver: CARTA CAPITAL, 2012; G1, 2012.

(2019) do Brasil, em que a autoridade instituída legalmente (e legitimamente pela maioria dos votos)¹⁷ se posiciona contrária à migração, seguindo outras lideranças mundiais de extrema direita que vêm hostilizando os imigrantes.

Hoje, 2019, quando se escreveu este texto, o cenário é outro. Muito enfaticamente o recém-empossado presidente da república expressou seu pensamento sobre os imigrantes ameaçando-os: “Não é qualquer um que entra em nossa casa, nem será qualquer um que entrará no Brasil” (*apud* 247, 2019), fazendo alusão ao fato de o Brasil ter deixado de ser signatário do Pacto Global para a Migração, pacto a que o país aderiu em dezembro de 2018 e do qual fazem parte “dois terços dos 193 países integrantes do sistema das Nações Unidas” (247, 2019)¹⁸. Diante de tal posicionamento, que explicita uma política de esquecimento do passado migratório internacional do país, carregado de sentidos e significados explícitos como a xenofobia, e de tais declarações, ser imigrante no Brasil torna-se ainda mais difícil.

Dadas as circunstâncias, as redes de sociabilidade precisam ser fortalecidas como estratégias para sobreviver e como suporte para a constituição de sujeitos em suas trajetórias migrantes. Podem-se compreender as sociabilidades como práticas de espaço, assim como Certeau (2014) explica, tal qual apropriação do lugar onde se vive, construção de laços de pertencimento com o espaço. Para Jean Michelet (2017, grifo nosso), seu pertencimento é dito efusivamente: “*Eu me sinto muito bem aqui. Eu não vou sair do Brasil assim, só quando Deus me falar*”. Já para o imigrante Roland Lafront (2016, grifo nosso), “*é legal de estar aqui para estudar, conquistar meu sonho. É bom, porque é uma cidade maravilhosa, tem povo que é muito legal, gente boa*”. Conforme Certeau (2014, p. 176), “é uma prática de espaço este bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão”. Muitas práticas dos imigrantes tornaram-se “práticas inventoras de espaços”, que suportarão sua condição migrante e os sustentarão no propósito que os levou a migrar. Ao perguntar para Roland: você sente como se pertencesse, ou como se poderia pertencer, a esse lugar? Ele respondeu “*Dá, dá muito...*

¹⁷ O atual presidente da República Federativa do Brasil, o ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro Jair Messias Bolsonaro (PSL), teve votação mais que expressiva no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, com votos totais de 49.276.990. Somente por apenas 3,98% não se elegeu presidente já no primeiro turno. No segundo turno, com acirramento político de ambos os lados, teve o montante total de 57.797.847 de votos válidos, vencendo o então candidato Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores – PT), com diferença de mais de 10%, ou seja, 55,13% contra 44,87% do petista. Mais informações em: FOLHA DE S.PAULO, 2018.

¹⁸ “Negociado desde 2017, o pacto estabeleceu diretrizes para o acolhimento de imigrantes. Entre os pontos definidos estão a noção de que países devem dar uma resposta coordenada aos fluxos migratórios, de que a garantia de direitos humanos não deve estar atrelada a nacionalidades e de que restrições à imigração devem ser adotadas como um último recurso” (247, 2019).

Só tem que modificar alguma coisa, mas dá muito” (LAFRONT, 2016), afirmando já ter se apropriado daquilo que lhe satisfaz na cidade e já saber também o que não lhe agrada.

Nesse sentido, as narrativas dos imigrantes haitianos que vivem em Joinville e que fazem parte do nosso universo de pesquisa visibilizam algumas estratégias de sociabilidade *aqui* em seu local de destino. Tais estratégias concentram-se, sobretudo, na religiosidade e nas atividades decorrentes de sua participação na comunidade religiosa, na ação política por meio da criação da Associação Imigrantes Haitianos de Joinville e, para alguns, na universidade¹⁹.

Outra forma de enfrentamento das adversidades do processo de migração é a construção, por meio da tecnologia, da presencialidade *lá* – no Haiti. Para os imigrantes, as redes familiares constituem o primeiro espaço de sociabilidade e de alternativa para enfrentar a saudade. “Laços de pertencimento costurados nas relações particulares de um mundo que sem fronteiras constrói outras fronteiras são frequentemente acionados, revelando outras temporalidades e espacialidades” (BARBOSA, 2013, p. 336).

Os imigrantes estabelecem com aqueles que ficaram no Haiti comunicação diária, uma nova presencialidade graças às possibilidades trazidas pelas inovações tecnológicas de comunicação. Desse modo, nutrem-se os laços afetivos, principalmente com aqueles que mais cedo ou mais tarde farão a reunião familiar no Brasil.

Essa é uma característica dos processos migratórios contemporâneos, mais propriamente um fenômeno pós-anos 2000, com o advento da internet à disposição da vida privada. Com o aparecimento das redes sociais *on line* e o avanço na oferta desses serviços na última década, possibilitou-se definitivamente o rompimento das barreiras da comunicação virtual. O impacto disso nos processos migratórios vem sendo estudado e problematizado como mais um fenômeno da globalização. Para ElHajji (2007, p. 169), faz-se necessário “compreender a aparente transição das formas de enunciação da identidade étnica, de produção de seu ethos e de gestão de sua memória coletiva, do espaço físico para um outro *continuum* cognitivo de natureza predominantemente info-temporal”. Está-se diante da mudança do conceito de espaço enquanto definidor dos laços entre determinado grupo. O espaço não é mais físico exatamente; trata-se de um novo pressuposto, um novo conceito do que poderia ser espaço como elemento constituinte de uma identidade ou de uma cultura.

¹⁹ Algumas dessas estratégias (a Associação Imigrantes Haitianos de Joinville e o ingresso na universidade) já foram discutidas nos capítulos anteriores. Destacam-se também outras reflexões feitas anteriormente sobre o tema e publicadas nos anais da Intercom de 2016 e 2017: SOUZA; BOING, 2017; SOUZA, 2018.

Mas a questão não se refere apenas a um novo conceito de espaço; também o clássico conceito de temporalidade está posto à prova. São tempos fluidos, temporalidades que mesclam passado, presente e futuro e que aceleram o presente (presente-passando) (BARBOSA, 2007a). De acordo com ElHajji (2007, p. 171), “o ato social virtual se inscreve num ‘sistema operacional’ técnico-tecnológico uniforme e indiferenciado [...] purificada de todo ruído mnemônico ou ressonância memorial”. Para o autor, a memória estaria ameaçada, uma vez que seu uso é apenas pragmático, “sem nexos semântico, social ou histórico obrigatório” (ELHAJJI, 2007, p. 171).

Algumas questões instigantes são levantadas por ElHajji (2007, p. 171), quando destaca: “Se a nova configuração cognitiva, de natureza a-espacial, constitui uma forma diferenciada de suporte à memória coletiva”, como pensar as memórias dos grupos étnicos, por exemplo, os imigrantes na contemporaneidade? Ou ainda, se esse novo processo comunicacional virtual aespacial está “estabelecendo algum tipo de sociabilidade que, na verdade, prescindia da memória coletiva no seu sentido tradicional” (ELHAJJI, 2007, p. 171) (?). Dito de outro modo, com o aperfeiçoamento das conexões sociais e afetivas por meio do mundo virtual, *o lá e o cá* ficariam mais próximos? Tão próximos a ponto de não serem consideradas tais barreiras espaciais ou temporais? A essas questões o autor diz ainda não poder responder. Trata-se de questões complexas: “Nossos questionamentos devem ser direcionados no sentido de analisar as correlações sociais, políticas e históricas entre a utilização de uma determinada tecnologia (na condição de simbiose) e as formas organizacionais e existenciais do grupo usuário receptor” (ELHAJJI, 2007, p. 175).

Diz o autor que é fundamental pensar no processo de construção do discurso e de sua força na significação de dada realidade, o que chama de “globalização das relações de sentido”, processo que nomeia de “desespacialização” e que tem levado à “instauração progressiva de um tempo universal e despótico, que impede a multiplicação e a diversificação da experiência histórica em tempos locais e variados” (ELHAJJI, 2007, p. 175).

Diante da crítica que elabora em relação às avassaladoras tecnologias da comunicação no cenário contemporâneo e suas interferências nos processos de desenraizamento comunitário, o teórico traz à tona também o crescente desenvolvimento de comunidades étnicas, culturais, nacionais, entre outras, no ambiente virtual. Para ele, surge um questionamento: são “modismos”, ou é preciso repensar as questões associadas à identidade e a grupo, tendo como pano de fundo as novas tecnologias (?).

Para ElHajji (2007, p. 178), ainda não é possível obter respostas contundentes para essas questões, no entanto o autor compreende que “esse fenômeno nos obriga a reexaminar e a tentar redefinir o próprio conceito de comunidade à luz de teorias mais atentas a essas novas temporalidades e espacialidades”, de maneira que sirva, na opinião dele, para o entendimento das questões identitárias atuais²⁰.

Essas questões concernentes às comunidades virtuais e suas implicações nas questões identitárias não foram diretamente objeto de análise desta pesquisa, porém tangenciam as inquietações acerca de novas modalidades de sociabilidade desenvolvidas pelos imigrantes. Escudero (2013, p. 2), referindo-se à proliferação de espaços virtuais ligados aos processos contemporâneos recentes, analisa: “Tal fenômeno resulta em verdadeiros locais transnacionais de informação e de interação do migrante no âmbito global, não só relacionadas ao seu deslocamento”. Enfatiza que esses espaços têm contribuído para a “manutenção de laços (simbólicos e/ou reais) com o país de origem, a sua mobilização e participação no país receptor e à construção de novas identidades” (ESCUDERO, 2013, p. 2). Atualmente, as redes sociais virtuais atravessam todo o processo migratório contribuindo “tanto para questões de ordens reais do deslocamento – para construção do projeto migratório [...] – a questões de ordem subjetiva”, que no entendimento da autora envolve problemáticas “como a construção de uma identidade diaspórica e o estabelecimento de vínculos sociais”, que pode se dar “seja na manutenção de relações com o país de origem, seja no compartilhamento de relações no país de acolhida” (ESCUDERO, 2013, p. 8-9).

A força e o uso das tecnologias de comunicação para fortalecer os imigrantes haitianos em suas relações familiares, bem como no contato cotidiano com sua cultura e com o local de origem, ficaram evidentes durante os diálogos estabelecidos com o grupo de imigrantes pesquisado. Em várias ocasiões, quando se estava chegando às residências para a realização das entrevistas orais, presenciavam-se conversas entre os haitianos (*daqui com os de lá*) via Skype, ou ainda pela ligação de vídeo do WhatsApp. Nesses momentos, a conversação entre eles se dava em sua língua materna – o crioulo –, aparecendo aí um elemento essencial da identidade no âmbito comunicacional. Quando encerravam o bate-papo e eram perguntados sobre o uso da tecnologia para se comunicar, eram unânimes em dizer que aquela conversa *on line* ajudava a diminuir a saudade. Por ali (pelo ambiente virtual), acessavam suas músicas, acompanhavam cultos religiosos,

²⁰ O fenômeno que se convencionou chamar de *webdiáspora* tem sido estudado também por: COGO (2012); ELHAJJI (2012); ESCUDERO (2013; 2017), entre outros.

mantinham-se informados do que ocorria no Haiti e localizavam outros compatriotas no Brasil, configurando-se um cenário de interação muito diverso de duas décadas atrás.

A constatação da diferença dos processos comunicacionais nas últimas décadas e suas implicações nos processos migratórios foi corroborado pela narrativa de Whistler Ermofils (2017), que passou sua infância longe do pai, que havia migrado para os Estados Unidos. Para Whistler, a ausência do pai configura-se em uma lembrança pouco agradável que tem de seu passado. A recordação que possui daquele momento é: *“Meu pai mandava cassete, não tinha telefone para falar. Só gravação. Depois de um mês a gente assistia”* (ERMOFILS, 2017). Com certa nostalgia, contou: *“Era no cassete que eu ouvi a voz do meu pai, até os 11 anos”*, já apontando um avanço na comunicação com fita-cassete gravada, no entanto a forma convencional ainda predominava: *“Depois que a pessoa pega a carta lá nos Estados Unidos, vai demorar quase um mês pra receber no Haiti”*. Isso ocorria há mais ou menos 25 anos, ficando muito clara a diferença entre o tempo mais demorado da imigração, em que a espera da notícia daquele que partiu gerava expectativa e se tornava um fato carregado de simbolismos, e hoje a instantaneidade, que diminui a distância física e aproxima em tempo real os que partiram e os que lá ficaram.

Para Jeana Raymond²¹ (2018), que precisou permanecer no Haiti quando seu marido veio para o Brasil, a conversa virtual diária foi o que a ajudou a suportar a saudade e a manteve motivada para aguardar os dias que faltavam para encontrá-lo aqui no Brasil: *“Todo dia a gente conversa no WhatsApp, a gente fica triste. [...] Depois um tempo eu falei: [...] ‘Eu não consegui ficar mais sozinha’”*, referindo-se ao momento em que conseguiu preparar os papéis para a viagem lá no Haiti e o marido comprou a passagem para que ela se juntasse a ele aqui.

Também para Rose Sandy (2017), a comunicação virtual é um meio de diminuir a saudade da mãe, mas, assim como Jeana, a presencialidade sentida virtualmente não a satisfaz: *“Ai, como dizer?”*, tenta nos explicar: *“É, só que eu não posso...”* e faz um gesto com as mãos simulando um abraço. *“É, não posso pegar, abraçar”*, manifestando seu desejo de ter a mãe mais perto, já que sempre que liga a mãe pergunta: *“Quando você vem, pra me trazer aqui?”* (SANDY, 2017), pedindo para a filha buscá-la para viver no Brasil. Aproximações virtuais que possibilitam encurtamento das distâncias físicas, mas que não substituem os abraços que promovem e sustentam os afetos cotidianos.

²¹ Essa imigrante ainda apresentava dificuldade com a oralidade da língua portuguesa no momento da entrevista. Mesmo assim, procuramos manter sua forma de se expressar no ato da transcrição de sua fala.

Durante a problematização das estratégias de sociabilidade, que podem ser compreendidas como modos de enfrentamento e acomodação diante das dificuldades advindas do processo de migração, ou ainda como fortalecimento de sua identidade haitiana, deparou-se também com a questão complexa da língua. Em vários momentos da pesquisa e das vivências com os imigrantes haitianos foram presenciados diálogos em crioulo em espaços públicos. O ato de se comunicar em crioulo também pode ser entendido como uma ação estratégica de sobrevivência e de fortalecimento de sua condição migrante. Por vezes, quando das atividades de extensão universitária os trabalhos foram interrompidos a pedido dos imigrantes para que eles apreendessem melhor o propósito de tal atividade. Nesse momento, os brasileiros da equipe de coordenação tornavam-se os estrangeiros. O diálogo entre eles dava-se em crioulo, discutiam até existir consenso e, logo em seguida, um líder escolhido por eles comunicava o entendimento, a concordância ou a discordância em prosseguir com a atividade. Dessa forma, demonstravam autonomia, porque optavam por manter os brasileiros fora da discussão que antecipava suas opiniões. Nesse momento era a língua de seu país de origem que lhes garantia diferenciação, a mesma língua que no processo de independência do Haiti, no fim do século XVIII, lhes diferenciou do colonizador²².

Nesse sentido, a criação de espaços e de momentos nos quais o crioulo é a língua principal demonstra a resistência dos imigrantes haitianos, um meio estratégico de manter suas questões identitárias e sobretudo suas opiniões (sejam críticas a determinadas situações, sejam concordâncias) de maneira reservada. Quando optam por dialogar entre eles em crioulo, parece que aquela condição é um lugar seguro, um refúgio para a tomada de decisão, um exercício de cidadania de sua condição de migrante; entre seus pares, optam por discutir questões de seu interesse sem necessariamente haver a intervenção de ninguém. A língua conecta-os e devolve-lhes a autonomia decisória, nem sempre presente em seu processo migratório. Nesse cenário complexo em que a prática e a manutenção da língua materna podem significar autonomia, também o domínio da língua local significa estrategicamente, como já visto na narrativa de Rose Sandy (2017), um modo de se inserir na sociedade de destino.

Esse jogo entre dois idiomas permeia a condição migrante. Para Whistler Ermofils (2017), que fala crioulo e francês – já até mesmo lecionou francês no Brasil –, foi difícil aprender o português: *“Toda língua estrangeira fica assim, fica um pouco difícil [de*

²² Para aprofundamento do processo de independência do Haiti, ver: ALLENDE, 2010.

aprender], *pois, olha, a gente já passou mais que 20, 25, 30 anos falando só a minha língua, mas chegou a 30 anos vai aprender outra. Fica difícil, é*” (ERMOFILS, 2017). Pelo fato de ter duas crianças pequenas, a menor já nascida no Brasil, compartilha sua experiência de pai e de como em seu lar esse processo bilíngue ocorre: *“Por isso é mais fácil para as crianças, porque meu filho mais novo é bem fácil pra ele aprender português. Porque ele não tem bastante coisa na cabeça”* (ERMOFILS, 2017). Como haitiano, Whistler demonstra preocupação: *“Agora ele já esqueceu bastante coisa em crioulo, mesmo a gente falando crioulo lá em casa. Na escola é só português”* (ERMOFILS, 2017). Aqui o narrador revela que no espaço doméstico há a preservação da língua materna. Na vida privada ele não é necessariamente um imigrante; ele e sua família são, nesse espaço autônomo de casa, haitianos. Manifesta também que o filho às vezes: *“‘Como fala isso em crioulo?’ Às vezes demora para lembrar”* (ERMOFILS, 2017). Já sobre sua filha, que nasceu no Brasil e tem 3 anos, disse: *“Ela vai falar francês e português, os dois juntos”*, porque, *“cada coisa que eu falo em português, eu falo em francês com ela. Ela consegue entender os dois”* (ERMOFILS, 2017), demonstrando que a estratégia de manter os dois mundos linguísticos é cotidiana e importante para o seu núcleo familiar.

Na busca por compreender as estratégias de sociabilidade dos imigrantes haitianos, outras questões importantes da condição migrante vêm à tona. Nas entrevistas realizadas, perguntou-se também sobre o que faziam em seu tempo livre. Uma questão apareceu de forma predominante: o cansaço no fim de semana por trabalharem muito durante a semana, cansaço advindo do tipo de trabalho desempenhado pelos entrevistados – chão de fábrica e limpeza pesada. As respostas fazem pensar que os corpos dos imigrantes não estavam acostumados a tal ritmo de 8–10 horas de expediente no trabalho pesado e muitas vezes insalubre que os leva ao esgotamento físico. No Haiti, trabalhavam em comércio, em organizações não governamentais, em bancos, eram professores, costureiros, donas de casa, estudantes. Entre os entrevistados, não há registro de trabalhadores de indústrias ou de empresas terceirizadas de limpeza no Haiti. Mas no Brasil hoje, para grande parte dos imigrantes negros, é reservado apenas esse tipo de trabalho. Nessa perspectiva, suas vidas profissionais eram muito diferentes das vividas aqui, exigindo de seus corpos habilidades, força e resistência para os quais não foram preparados ao longo da vida. O trabalho exaustivo impede-os de realizar qualquer atividade de lazer. Relatam que desejam dormir no fim de semana, não encontram

motivação para sair; todo seu esforço é reservado para alguma atividade de cunho religioso.

Foi bastante comum a resposta de que frequentavam a igreja no fim de semana como forma de professar sua fé, encontrar familiares e outros haitianos e fazer amigos brasileiros. Também a imprensa local em suas narrativas sobre o processo migratório recente, por várias vezes, tratou da religiosidade dos imigrantes haitianos, dando destaque para eventos e lideranças, tanto católicos quanto de outras denominações religiosas²³.

No que se refere à religiosidade como espaço de sociabilidade e de enfrentamento das dificuldades vividas pelos imigrantes haitianos em Joinville, dá-se destaque para a pesquisa que resultou na dissertação de mestrado do psicólogo e professor Maikon de Sousa Michels²⁴ (2018), que aprofunda as práticas migrantes problematizando questões culturais e da tradição no Haiti e sua resignificação pelos imigrantes em Joinville.

Inicialmente, Michels (2018, p. 11) apresenta as questões que nortearam sua pesquisa: “Como os elementos culturais do Haiti influenciaram a estruturação cognitiva dos imigrantes haitianos residentes na cidade de Joinville (SC)? E como tais elementos são atualizados na condição migrante?”. Esclarece que para compreender tais questões optou por um “diálogo interdisciplinar entre cognição e cultura” (MICHELS, 2018, p. 11). Em seu percurso de pesquisa, o autor identificou importantes elementos culturais haitianos, entre eles o vodu e o *lakou*. Esses elementos não foram focados nas entrevistas orais feitas para esta investigação, uma vez que esta não tinha como objetivo as questões culturais haitianas nem suas resignificações no Brasil, no entanto as identificações e as posteriores análises realizadas por Michels (2018) sobre esses elementos culturais e a sua utilização (ou não) nas estratégias de sociabilidade em Joinville são fundamentais para

²³ Ver: “Ex-professor de matemática e atual funcionário da Tupy, Fritzner traduziu o livro de Discipulado da Igreja Assembleia de Deus para a língua crioula, possibilitando, assim, que todos os haitianos radicados em Joinville tenham a oportunidade de aprender a língua portuguesa através do ensino bíblico” (VERÍSSIMO, 2016). Ver também: “O padre Saint-Luc Fénéus, mais conhecido como Padre Lucas, recebeu a medalha Antônia Alpaídes acompanhado de membros da Pastoral do Imigrante da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, do bairro Itaum. Durante a cerimônia de entrega, a pastoral apresentou um documento com reivindicações para o Poder Executivo” (REDAÇÃO ND, 2016). Ou ainda: “Haitianos em SC têm missa de Natal celebrada em francês e crioulo. Celebração foi no domingo, na Catedral de Joinville, no Norte do estado. Padre que presidiu a missa é haitiano e está em Joinville há três anos” (G1 SC, 2016). E: “Assim que chegou, Archange conseguiu emprego na Stribus Acessórios Automotivos como auxiliar de pintura. Nos planos do anjo haitiano, além de concluir a faculdade de engenharia elétrica, a religiosidade não fica de fora: – Trabalhar na obra de Deus, isso é primordial. Também quero construir uma família. E voltar para o Haiti” (MUNIZ; ROLDÃO, 2013).

²⁴ É formado em Psicologia e leciona também no curso de Psicologia da Univille. Fez parte do projeto de extensão da instituição com os imigrantes haitianos no ano de 2016 e, com base na observação desse grupo e em outros contatos realizados posteriormente, desenvolveu sua pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas. Todo o material produzido foi compartilhado com o Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença.

compor nossa compreensão do ser imigrante haitiano em seu local de destino, sobretudo naquilo que permite conexões com as questões de religiosidade.

Após a análise dos registros obtidos via entrevistas semiestruturadas, Michels (2018) identificou quatro categorias de estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelos imigrantes no processo migratório, especialmente na vivência em seu local de destino. São elas: “Religiosidade; distração/evitação de emoções desagradáveis; busca de proximidade com outros haitianos; e estratégias compassivas” (MICHELS, 2018, p. 26). Destaca-se aqui a discussão feita pelo autor sobre a religiosidade, principalmente o entendimento do elemento cultural relacionado às crenças e práticas envolvendo o vodu. O autor esclarece que o “vodu, ou *vodou* em crioulo haitiano, é uma religião de matriz africana que busca a harmonia entre os mundos visível e invisível” (MICHELS, 2018, p. 18)²⁵. Para discutir esse tema, tanto Michels quanto a presente pesquisa, que aborda a questão nas atividades de extensão universitária, sofreram muitas resistências para conseguir alguma narrativa ligada à prática do vodu no Haiti, ou ainda em Joinville. O vodu fez parte da resistência dos escravos haitianos perante os colonizadores nos séculos XVIII e XIX. Dessa forma, sua prática passou a ser perseguida. No entanto, ao longo das décadas, houve no Haiti um processo grande de sincretismo religioso, em que o vodu passou a ser praticado, muitas vezes, em consonância com outras denominações religiosas (MICHELS, 2018). Apesar disso, entre os imigrantes entrevistados aqui e por Michels (2018), essa temática ainda causa desconforto e, na maioria das vezes, para encerrar logo a conversa, o imigrante utiliza a justificativa rápida de que não se pratica o vodu entre eles.

Todavia, as análises feitas por Michels (2018) por intermédio dos elementos garimpados na observação e nas entrevistas apontam para a presença de elementos de crença ligados ao vodu nas narrativas haitianas, seja por terem vindo de famílias que praticavam o vodu, seja por ainda acreditarem em algumas crenças populares intimamente associadas à tradição do vodu no Haiti: crenças acerca da presença de animais de estimação e suas relações com doenças em crianças, efeitos vinculados a supostos feitiços que só o vodu conseguiria curar, ou ainda, a manutenção do costume de consumir sopa de abóbora no primeiro dia do ano, como uma celebração pela independência (MICHELS, 2018, p. 48). O pesquisador salienta o fato de que os haitianos que entrevistou admitem a força do vodu na e para a cultura haitiana, mesmo afirmando

²⁵ Michels (2018) utilizou para entender o vodu principalmente as seguintes referências: Pierre (2009), Hurbon (1988) e Handerson (2011).

não o praticarem, considerando-o algo maléfico e sobre o qual não querem falar (MICHELS, 2018, p. 69). Diante das identificações de que há elementos nas narrativas que indicam aproximações com a tradição do vodu, a pergunta a que o autor procurou responder foi: “Essas supostas afinidades manifestam-se nas estratégias de enfrentamento e, portanto, chegam a Joinville?” (MICHELS, 2018, p. 50). O desafio era saber se, com as recusas do vodu, das lembranças de algumas de suas crenças originárias, de práticas cotidianas de crenças similares, há afinidades culturais entre essa crença e a religiosidade praticada hoje pelos imigrantes na cidade.

As conclusões a que Michels (2018) chegou indicam a necessidade de aprofundamento por parte das novas pesquisas que problematizem a questão da religiosidade haitiana no Brasil. Para ele, o que é possível afirmar, “tendo em vista o histórico de sincretismo entre catolicismo e vodu e de paralelismo entre vodu e protestantismo, afinidades eletivas”, é que existem sim afinidades nas práticas religiosas. O que ele chama de “afinidades eletivas” é o que leva os imigrantes a uma mesma concepção religiosa da vida (vodu, católicos e protestantes), em que o “seu sistema de tempo é linear. A vida que eles querem melhorar é esta!” (MICHELS, 2018, p. 73), indiferentemente da crença e da denominação religiosa oficialmente proferida.

Segundo Michels (2018), baseado em suas pesquisas bibliográficas, para além do vodu, outro elemento importante da cultura e tradição haitiana aparece com força. Trata-se do *lakou*. São dois elementos culturais, o vodu e o *lakou*, que estariam entrelaçados, reforçando a percepção do autor de que ambos estão presentes na vida migrante haitiana em Joinville. Suas observações e as narrativas colhidas levaram-no à conclusão de que os imigrantes utilizam a concepção e a prática do *lakou* nas moradias coletivas de imigrantes na cidade, bem como na forma como organizam suas vivências coletivas. Esse elemento chamado *lakou*²⁶ advém do período pós-independência, momento em que os haitianos precisaram fortalecer seus laços familiares, mas sobretudo fortalecer “o espaço de produção e reprodução socioeconômica”:

Enquanto unidade reprodutiva, um *lakou* apresenta roçados de policultura, com várias espécies plantadas no mesmo terreno. As famílias que pertencem a um *lakou* criam galinhas, suínos, caprinos e bovinos. No *lakou*, as atividades de homens, mulheres e crianças são relativamente fixas. Além das áreas reservadas às casas e ao plantio, também se observa no *lakou* um espaço para o cemitério. Originalmente surgido no meio rural, nos dias de hoje o *lakou* é (re)produzido em áreas urbanas e está presente em todo o território do Haiti (MICHELS, 2018, p. 19).

²⁶ Para estudar o *lakou*, Michels (2018) optou por Bulamah (2013) e Thomaz (2011).

Como reproduzir esse modelo de convivência, ou pelo menos aproveitar-se dos valores contidos no *lakou* para enfrentar as dificuldades da vida migrante? Segundo Michels (2018, p. 113), “o *lakou* haitiano influencia o surgimento de um apego do tipo seguro, que, por sua vez, influi na estruturação de conteúdos cognitivos e no desenvolvimento de funções executivas bem adaptativas”. É por espaço de convivência que se manifesta a solidariedade quando da chegada de um novo haitiano na cidade, que se materializa nas ajudas mútuas quando há um imigrante desempregado, que uns cuidam dos filhos de outros, e é também nesse espaço que se realiza todo mês uma comemoração (quando do recebimento do salário), chamando os amigos haitianos para participar dela (MICHELS, 2018). Assim, ressignificando sua cultura, adaptando seus hábitos e costumes, os imigrantes encontram inúmeras estratégias para enfrentar as dificuldades do ser imigrante e, aos poucos, constroem um lugar para si no novo espaço urbano que escolheram para viver, ajustando sua cultura ao novo momento de suas histórias de vida.

Discutidas algumas das estratégias de sociabilidade, passa-se a problematizar as memórias que fazem emergir os tempos da vida migrante. Como em suas narrativas ressignificam o passado, dão sentido ao presente e projetam o futuro? Uma das memórias dos imigrantes haitianos mais carregadas de sofrimento diz respeito ao terremoto de 2010. Como elaboram as lembranças traumáticas do passado, sobretudo aqueles que sofreram com o referido acontecimento? Outros sentimentos afloram no momento das entrevistas orais, como a saudade daqueles que ficaram no Haiti. Como narram essa saudade e como a ressignificam? E em relação ao futuro? Que sentimentos cultivam no que tange ao futuro? Que medos os acompanham em seus projetos de porvir?

5.4 O TESTEMUNHO DA DOR: ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Nesse processo de relatar a si mesmo por meio das entrevistas orais, as memórias que emergem das narrativas dos imigrantes haitianos trazem lembranças que revelam que o que eles viveram no Haiti já não existe mais, virou passado, faz parte de sua memória de perda, de dor, de sofrimento e de saudade, mas também aquilo que almeja como futuro ainda não existe. O que lhes resta? Um presente desafiador que conecta esses dois mundos: o passado carregado de experiências (que já foi) e o futuro carregado de expectativas (que ainda será). Apropria-se aqui de Koselleck (2006, p. 308) para dar sentido a tais afirmações:

As condições da possibilidade da história real são, ao mesmo tempo, as condições do seu conhecimento. Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência – pois a expectativa abarca mais que a esperança, e a experiência é mais profunda que a recordação – são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã.

Dessa forma, utilizam-se duas categorias indicadas por Koselleck (2006): experiência e expectativa. Para o autor, “elas entrelaçam passado e futuro” (KOSELLECK, 2006, p. 308), assim como as narrativas produzidas pelos imigrantes haitianos em que o tempo se engendra nesse processo passado-futuro, porque de certo modo suas vidas ainda estão ligadas a um passado marcante propulsor de seu atual presente. No entanto também seu presente provisório, por sua condição migrante, impulsiona-os a buscar um futuro diferente, única maneira de se manterem articulados com o propósito que provocou a sua saída de seu país.

Na perspectiva de identificar esses elementos apontados, são problematizados alguns testemunhos dos imigrantes haitianos. A expressão *testemunho* é utilizada por Ricoeur (2012) para tratar das memórias narradas sobre o passado e sua relação com o acontecimento: “O testemunho contém em sua raiz um enigma comparável. Antes de se expressar, a testemunha viu, ouviu, experimentou (ou acreditou ver, ouvir, experimentar, pouco importa)” (RICOEUR, 2012, p. 337).

No caso dos imigrantes haitianos que fazem parte do grupo de entrevistados desta investigação, as memórias de dor ligadas ao terremoto ocorrido em janeiro de 2010 variam conforme o local do Haiti onde estavam naqueles dias²⁷. Para Jean Michelet (2017), que à época morava em uma cidade próxima da capital, Porto Príncipe, o terremoto pegou-o de surpresa: “*Estava caminhando quando passou*”. Depois do terremoto, “*eu passei três dias fora, na rua. [...] Porque todo mundo tem medo [...] de ficar dentro de casa. Era [...] mais seguro a gente ficar na rua*”. Jean compartilha o que viu naqueles dias após a tragédia: “*Muita gente morta... E passa sempre na cabeça muita coisa. As casas que caíram destruídas, o palácio do governo... Um dia inesquecível*” (MICHELET, 2017). Nas palavras de Ricoeur (2012, p. 337, grifo do original), “ele foi afetado, talvez marcado, abalado, ferido, em todo caso, *atingido*, pelo acontecimento”.

²⁷ Importante ressaltar que nem todos narraram questões referentes ao terremoto, ou porque no decorrer da entrevista a pesquisadora não conseguiu dar ênfase à questão, ou porque estavam geograficamente distantes do ocorrido.

Também Whistler Ermofils (2017) relatou sua angústia quando do terremoto. Ele e sua esposa estavam em Lagunav, ilha próxima da capital do Haiti, e sua mãe e seus três filhos, em Porto Príncipe. Como se estivesse (re)vivendo aquele momento, contou: “*Quando passou, eu peguei meu celular e liguei. Eu consegui falar com o dono da casa, mas eu não consegui falar com eles*” (ERMOFILS, 2017). O fato de estarem todos na rua, porque era mais seguro do que se manterem dentro de casa, dificultava a comunicação. Desesperado por notícias, perguntou: “*Oh, senhor, cadê a minha mãe?*” (ERMOFILS, 2017), e só se acalmou quando conseguiu ouvir: “*Ah! Tá aqui, tá aqui! Todo mundo tá aqui comigo*” (ERMOFILS, 2017). Disse que sua alegria foi imensa ao ouvir do senhor do outro lado da linha: “*Witts tá comigo, no meu braço*” (ERMOFILS, 2017), referindo-se ao seu filho de 3 anos. A apreensão voltou porque, nesse momento, relatou que caiu a ligação e não conseguiu mais contato para saber dos demais membros da família.

Os momentos de aflição que se seguiram até reencontrar sua família foram intensos. Whistler contou que, como moravam em uma ilha, se tornou mais difícil chegar a Porto Príncipe; os poucos barcos para alugar foram hipervalorizados, não possibilitando o deslocamento imediato. Já o transporte diário só sairia no dia seguinte para a capital. Depois de passar acordado “*noite inteira, eu fiquei na frente da minha casa*” (ERMOFILS, 2017). A aflição aumentava, porque não conseguia acessar nenhuma comunicação: “*Não tem nada passando, não tem rádio, não tem nada*” (ERMOFILS, 2017). Foi uma noite tensa: “*A cada 15 ou 10 minutos tem um tremor. Quando passou o terremoto, falaram não tem mais Porto Príncipe. Quebrou tudo*” (ERMOFILS, 2017). Logo cedo, partiu para lá: “*Cheguei na entrada do Porto Príncipe, chegamos lá enlutando, pessoas do lado da rua, cheio*” (ERMOFILS, 2017). Questionou-se o que a palavra *enlutando* significa, e ele explicou: “*É, enlutando, pessoas mortas. Passava lá na rua, pessoas enlutando. As pessoas só colocavam uma toalha branca... [em cima dos corpos]*” (ERMOFILS, 2017). A escola onde seus dois filhos mais velhos estudavam foi totalmente destruída – eles saíram às 14h e o terremoto ocorreu às 16h. As casas do bairro onde moravam ficaram destruídas, seu primo perdeu a esposa e mais três filhos – dados que Whistler lembrou com tristeza. Só encontrou seus filhos e sua mãe horas depois, em um abrigo montado pela Igreja Adventista: “*Eu fui, cheguei lá, eles estavam lá. Coloquei eles dentro do carro e voltei pra Lagunav. Mas eles não [ficaram] mais em Porto Príncipe. Deixei eles lá em Lagunav, até eu ganhar aqui, e conseguir trazer eles*” (ERMOFILS, 2017). Imigrar foi a solução encontrada por Whistler para afastar seus filhos dos perigos da fúria da natureza.

A narrativa de Jean Sefood (2017), que estava na mesma cidade de Jean Michelet e de Whistler, Lagunav, no momento do terremoto, lembrou que o barulho que escutou era muito forte e que saiu à rua para identificá-lo: “*Eu achei que era um caminhão. [...] Me botei ao lado da rua, para o caminhão passar. Depois eu vi a rua começou a cair, eu gritei: ‘Meu Deus! É um terremoto!!’*” (SEFOOD, 2017). O sentimento de desolação tomou conta de sua narrativa: “*Ah, meu Deus! É muito terrível*” (SEFOOD, 2017), aproximando-se do que Ricoeur (2012, p. 332) reflete: “O objeto do passado enquanto concluído é um objeto (de amor, de ódio) perdido”, uma expressão de lamento e ao mesmo tempo de constatação de que nada poderia ser feito. Completa: “*Muitas casas quebraram, caíram, muitas pessoas morreram*” (SEFOOD, 2017). “A ideia da perda é a este respeito um critério decisivo da passeidade. [...] O não poder agir sobre o passado é apenas um corolário da perda, pelo viés da capitulação, em direção à interiorização da perda” (RICOEUR, 2012, p. 332).

Outra narrativa que instiga a pensar acerca da perda e da sensação de fragilidade diante da destruição e da insegurança quando do terremoto é a de Shiller Pierre (2017), que migrou para o Brasil em 2013. Shiller estava em Porto Príncipe e teve sua casa atingida pelos estragos do terremoto. Antes de contar como foi o impacto do terremoto em sua casa, o entrevistado falou emocionado do que ocorreu na escola técnica em que ele estudava. Por ter aulas apenas três dias por semana, no dia do terremoto não estava lá. Nesse dia, a escola caiu e, infelizmente, todos os alunos e professores que estavam dentro dela naquele momento morreram. Shiller, ainda impressionado, lembra que, se o terremoto tivesse acontecido no dia de sua aula, “*na segunda-feira, daí eu tinha morrido*” (PIERRE, 2017).

De forma menos violenta, o terremoto atingiu sua casa e causou estragos. Contou o que viu: “*Daí na hora que vendo caindo as casas, [...] mas aquela casa que eu morava daí ficou do jeito inclinada assim. Daí não caiu no chão, vamos dizer, não caiu tudo. Mas faltava pouco pra cair a casa toda*” (PIERRE, 2017). Disse que para não ser atingido pelos destroços subiu no telhado da casa. Falou de seu desespero ao viver tal situação: “*Mas, na hora, eu estava achando que era o fim do mundo. Eu achava que era o fim do mundo*” (PIERRE, 2017). Shiller explica que tudo foi muito rápido: “*Mas quando passou é que destruiu tudo. Destruiu tudo*” (PIERRE, 2017). Seu relato causou aflição: “*Você está no meio de um monte de pó e não consegue enxergar ninguém na frente. E pensa na sede que vai dar. E as pessoas morrendo de sede, porque não conseguia água na hora*

pra tomar” (PIERRE, 2017). Seu relato foi ficando cada vez mais dramático: “*A poeira mata as pessoas*” (PIERRE, 2017).

Tal preocupação também é evidenciada em entrevista realizada com Cláudio Fernando Ribeiro (2018), ex-soldado do 62.º BI de Joinville que participou da missão humanitária no Haiti em abril de 2012. Ele apontou uma das coisas que mais o impressionaram ao chegar ao país: “*Durante todo o caminho, o que mais chamava a atenção era a situação da cidade, as ruínas, né?! Muita poeira, poeira forte*” (RIBEIRO, 2018, grifo nosso). Isso que, na época, já havia passado mais de dois anos do terremoto de janeiro de 2010. Dessa maneira, é possível imaginar as consequências de tanta poeira que Shiller Pierre relata.

Nesse ponto da narrativa de Shiller, sentiu-se como diz Ricoeur (2012, p. 337): “*Através da narrativa, o ouvinte torna-se testemunha de segundo grau, encontra-se, por sua vez, colocado sob o efeito do acontecimento cujo testemunho transmite a energia, ou até, a violência, mas, às vezes, também a jubilação*”. À medida que a narrativa do entrevistado apontava elementos doloridos de sua experiência, houve mobilização por sua angústia diante dessas lembranças e, por vezes, o foco como pesquisador ficou embaçado, como no momento em que lembrou: “*E o mais terrível que eu vi é que eu vi uma criança com o muro em cima da cabeça dele*” (PIERRE, 2017). Em muitos momentos, a tristeza revelada nas palavras de Shiller foi comovente e também proporcionou lágrimas. Suas memórias ainda carregam vivas cenas difíceis de transcrever: “*Tem casa que caiu em cima [...] de muita gente, tem gente que não morreu*” (PIERRE, 2017).

Shiller narrou no presente o resgate dessas pessoas, talvez porque ainda tivesse dificuldade em conjugar o verbo em português no passado, mas mais provavelmente porque suas memórias o remetiam ao momento do ocorrido: “*Escutava as pessoas conversando embaixo dos escombros. E a gente vai lá quebrar, vai lá quebrando, pra tirar as pessoas que não morreram*” (PIERRE, 2017, grifo nosso). Prosseguiu como se estivesse vendo todo o cenário desolador: “*Aqueles que talvez só quebrou uma perna, e corta na hora. [...] Vivo. Cortando a perna vivo. Entendeu?*” (PIERRE, 2017, grifo nosso), certificando-se de que era acompanhado e que se compreendia a gravidade daquilo que narrava.

O terremoto deixou mais de 220 mil mortos, números que variam consideravelmente conforme a fonte consultada e o período em que as autoridades

realizaram o balanço da tragédia²⁸. Pela lembrança de Shiller, pode-se ter noção de tamanha fatalidade: *“Porque é um mar, né?! É assim. Então, aquilo que eu vi na rua é que muita gente na rua, morto, e só botar um pano em cima dessas pessoas. Caminhando uns dois, três quilômetros assim”* (PIERRE, 2017).

Suas memórias de dor não cessavam ao longo do diálogo: *“Mas outras coisas que eu vi, era horrível também, que aconteceu. É que tanta gente que morreu. Só veio tipo uma máquina, entendeu? Uma máquina escavadeira, que fala? Só chegar e puxar e jogar numa caçamba”* (PIERRE, 2017). Por mais empatia que o momento dessa entrevista oral tivesse, jamais em tempo algum seria possível sentir o que Shiller sentiu ao viver aquela experiência. Impossível compreender o que significou para sua existência ver e, nesse momento da entrevista, reviver tal acontecimento. O narrador ainda conseguiu justificar tal cena desoladora: *“Porque não tem tempo pra identificar quem foi essa família, e tal”* (PIERRE, 2017), explicando que a família só descobriria a morte de um filho quando se passasse algum tempo e não houvesse notícias dele: *“E ficou uma semana, você não tem notícia, duas semanas você não tem notícia, daí já pensa que morreu”* (PIERRE, 2017).

Mais uma vez, as lembranças de Shiller também se conectam com a entrevista do ex-soldado Cláudio, sobretudo no que se refere à situação vivida no Haiti após a tragédia. As lembranças do tempo em que Cláudio ficou servindo na missão promovida pela ONU, a Minustah, são difíceis e tiveram profundo significado em sua vida. Ele disse que por muito tempo não revelou para ninguém essa parte de sua experiência, não sabia como as pessoas interpretariam seus sentimentos em relação a tudo o que viu e o que vivenciou naquele país. Os sentimentos do período em que ficou no Haiti vão se alternando. Tais sentimentos são próprios de pessoas que vivem experiências em situações-limite e, segundo ele, há amparo para suas afirmações em estudos feitos por psicólogos que acompanharam essa e outras experiências vividas por tropas militares (RIBEIRO, 2018).

Com muito cuidado e ainda parecendo constrangido com o que relatava, o ex-soldado disse: *“No primeiro momento é pena, no segundo momento é indiferença, terceiro momento é nojo e no último é ódio”* (RIBEIRO, 2018). Esses sentimentos, ditos rapidamente, parecem querer esconder parte deles. O entrevistado reflete sobre essa percepção, contando que também lhe causava estranhamento quando outros expunham

²⁸ Segundo o relatório da ONU apresentado seis meses após o terremoto, estimava-se que 222 mil pessoas haviam morrido e outras 300 mil ficaram feridas, contudo o número de mortes exatas ainda era desconhecido (ONU-BR, 2010). Em 12 de janeiro de 2011, ou seja, um ano após a tragédia, o então primeiro-ministro de Haiti em entrevista revisou os dados elevando o número de mortos, por conta da recuperação de mais corpos durante o ano, para 316 mil (TERRA, 2011).

tais sentimentos e que isso o marcou muito. Refletia consigo mesmo: “*Não é possível, né?! A gente vai fazer uma ação humanitária... Como pode ficar com nojo?*” (RIBEIRO, 2018), no entanto confessou em seguida: “*A gente foi para lá e realmente a primeira impressão é pena*” (RIBEIRO, 2018). Há relatos, segundo ele, de colegas que viram “*coisas terríveis*”, como “*crianças tomando água de esgoto, pessoas se banhando no esgoto, isso era muito comum. Então, assim, a gente tinha nesse primeiro momento pena*” (RIBEIRO, 2018), justificando seu sentimento.

Prossiguiu explicando o segundo sentimento: “*Depois de algum tempo, a indiferença vai surgindo realmente, se torna assim como se fosse um escudo a indiferença*” (RIBEIRO, 2018). Para ele, há um tempo em que as cenas do cotidiano se tornam indiferentes, referindo-se a sua experiência no Haiti: “*Não sei por quê, mas acontece. Você se torna bem indiferente à situação*” (RIBEIRO, 2018). Cláudio procurou justificar tal atitude e constatou que, para ele, esse sentimento de indiferença foi um pouco mais difícil: “*A gente ficava num lugar seguro, comia bem, vivia bem, dormia bem. Apesar do ambiente, a gente tinha uma alimentação saudável, comida boa*” (RIBEIRO, 2018), no entanto: “*Ia pra rua e acabava se decepcionando. É! Eu sentia assim que eu fui um pouco mais resistente, porque eu já tinha estudado, já estava no segundo ano [da faculdade de História], já sabia que as diferenças culturais existiam*” (RIBEIRO, 2018), trazendo para a discussão sua consciência social, que em seu entendimento o diferencia de seus colegas que

não entendiam que eles [os haitianos] viviam numa organização social totalmente diferente, que os costumes eram diferentes, os hábitos, e aquilo para eles era totalmente reprovado, e eles acabavam julgando muito. Eu tentava argumentar, mas era muito difícil (RIBEIRO, 2018).

O relato do terceiro sentimento foi feito de forma um pouco nebulosa por Cláudio. Tratava-se da “*situação do nojo no final da missão, as pessoas exaustas, cansadas e aí começa...*” (RIBEIRO, 2018). Perguntou-se se o nojo seria da situação ou das pessoas. Nosso entrevistado procurou justificar-se: “*Não, eu acredito que pela...*” (RIBEIRO, 2018). Buscou as palavras para responder. Nessa perspectiva, foi esse o sentimento que mais o afetou e o mais difícil de explicar: “*Começa a ver o haitiano como uma pessoa que não busca melhorar. Essa era a visão que a maioria dos soldados tinham. Então, se ele não quer, então não precisa, e aí começa a criar um sentimento de que também não merece. É uma coisa terrível*” (RIBEIRO, 2018).

O último sentimento que segundo Cláudio atinge quem participa da missão é o ódio. Para ele, esse sentimento nasce da vontade de “*querer vir embora, de estar cansado, exausto*” (RIBEIRO, 2018). Informou que eram muitas as atividades (operações) “*e aí o meu maior medo*” (RIBEIRO, 2018), referindo-se ao grupo pelo qual era responsável, “*era cometer algum tipo de maldade ou coisa do tipo, né?! Porque tinha, né?! A gente sabia que tinha*” (RIBEIRO, 2018). Esclareceu que ele desconhece casos de violência cometidos pelas tropas brasileiras, mas reafirmou que ao final da missão essa era sua maior angústia. As narrativas do ex-soldado permitem ter, mesmo que de forma rápida, uma ideia da complexidade que atingiu o Haiti após o terremoto de 2010, tanto para os haitianos quanto para os milhares de estrangeiros que lá estiveram com o objetivo da ajuda humanitária.

Entre os 10 imigrantes haitianos entrevistados para esta investigação, um deles, Rose Sandy (2017), perdeu seu irmão mais velho no terremoto. Ele estava estudando na capital, Porto Príncipe, quando ocorreu a tragédia. No momento em que essa questão veio à tona na entrevista, Rose não conseguiu falar, apenas disse: “*Ai... foi muito triste*” (SANDY, 2017). A pronúncia daquele “*ai...*” doeu profundamente, como se fosse possível sentir com ela aquela dor. O silêncio que se seguiu anunciava que sobre aquele assunto não teria mais conversa. Um pouco depois Rose disse que preferiria não falar mais sobre isso. Ela foi respeitada, e seguiram-se as outras indagações, com a sensação de que nada que fosse dito ali poderia acalmar aquela tristeza de seus olhos quando provocadas aquelas lembranças.

Já vivendo no Brasil, as dores continuam acontecendo para os imigrantes haitianos. São memórias advindas do processo migrante. O estresse e as dores sofridas pelos imigrantes haitianos em Joinville também foram tema de Michels (2018). O autor identificou em sua pesquisa dores emocionais, sobretudo ligadas à saudade, à culpa por ter deixado os filhos e ao estresse dos estranhamentos culturais vividos aqui. Ressalta-se que sentimentos como tais aparecem na entrevista de Manouse François (2017) e já foram discutidos em outros momentos deste texto. Ela justificou sua vinda como se procurasse convencer a si própria: “*Ele falou que estava bem difícil para trazer meus filhos*” (FRANÇOIS, 2017), referindo-se ao que o marido disse para convencê-la a vir para o Brasil: “*Ele queria que eu viesse primeiro para trabalhar, só depois procurar [trazer] eles, e meu Deus está difícil ainda mais*” (FRANÇOIS, 2017), confessou emocionada. “*Mas eu na verdade não queria deixar os meus filhos*”, mas disse também, mencionando

o marido: *“E também eu queria estar com ele”* (FRANÇOIS, 2017). Ou seja, uma mulher dividida entre seus papéis de esposa e de mãe, situação que lhe causa imenso sofrimento.

Os trâmites burocráticos dificultam a vinda das crianças, explicou Manouse, porque seus pais já têm certa idade e não conseguem encaminhar todos os documentos necessários: *“Como nós que somos pais deles não estamos lá, temos que mandar autorização para alguém que está para poder fazer o passaporte”*. Manouse sofre com a ausência dos filhos e, diante da constatação da dificuldade de trazê-los para o Brasil, avaliou a sua decisão de ter vindo: *“Mas, às vezes, na verdade, me arrependo um pouquinho”* (FRANÇOIS, 2017), dizendo dessa forma que vive em sofrimento e que este só será apaziguado quando conseguir reunir novamente toda a sua família.

As dores desses imigrantes passam também por situações discutidas no capítulo 3 referentes à xenofobia e ao racismo. Algumas narrativas apontam a consciência do ser imigrante quando identificam que o que ocorre consigo tem a ver com o fato de ser estrangeiro. As situações narradas remetem-se a memórias nem sempre simples de serem compartilhadas. Exigem do imigrante uma capacidade de reflexão que vai da compreensão do contexto cultural a uma crítica acerca de comportamentos dos cidadãos locais, nem sempre fácil de se fazer diante de uma pesquisadora da cidade. Tais situações aparecem quando relatadas circunstâncias extremas vividas pelos imigrantes, como o episódio vivenciado por Pierre Woody (2018). Um mês depois de chegar à cidade, teve seu local de moradia arrombado e seus pertences eletrônicos roubados. Ao relatar tal fato para o dono do local em que morava, Pierre narrou a reação: *“Ele caminha na frente da casa, ele falou: ‘Não, não vem ninguém até aqui’, e, em seguida, diz: ‘Ah! Você falou que tá roubando as coisa, porque não consegue ficar aqui, pode sair da casa’”* (WOODY, 2018). Pierre contextualizou que esse *“pode sair da casa”* significava deixar o local naquele momento, por volta da meia-noite. Ao ser perguntado por que ele achava que aquilo aconteceu, imediatamente respondeu: *“Porque eu sou estrangelo”* (WOODY, 2018). Tendo consciência de que aquilo que lhe ocorreu era um ato de preconceito, Pierre no outro dia tomou uma decisão: foi até a Polícia Federal denunciar a situação, mas lamentou que nada foi feito até hoje e concluiu: *“Plá mim eu acho complicado a vida como ser humano pra mim assim”*, desabafando: *“Pra mim isso não vai mais esquecer, é bem terrível plá mim”* (WOODY, 2018). Feridas migrantes difíceis de cicatrizar.

No caso da esposa de Pierre, Jeana, que participou conjuntamente da entrevista, o sentimento de ser imigrante vem acompanhado de outros preconceitos relacionados às mulheres. Jeana narrou dois momentos de tristeza passados no Brasil. O primeiro dizia

respeito ao fato de ter sofrido um aborto espontâneo aos cinco meses de gravidez. Ela contou como isso ocorreu e está convencida de que foi um erro na forma como a trataram na maternidade. Nesse relato não fez nenhuma menção diretamente ao preconceito, mas à dificuldade que a equipe do hospital teve para atendê-la em suas dores. Mencionou o fato de que não conseguiam entendê-la, pois nem ela falava o português claramente, nem eles encontravam uma maneira de se comunicar com ela. Jeana não se conforma com o que aconteceu, porque, segundo ela, “*cinco meses ele tá bem formadinho*” (RAYMOND, 2018). Ela tinha feito ultrassonografia um pouco antes do ocorrido e não entende o que houve. Insistia: “*Ele só [era] pequenininho*” (RAYMOND, 2018), como se pudesse ver o bebê na sua frente, momento difícil de reproduzir aqui, uma vez que se trata da dor de uma mãe imigrante que acredita que houve negligência e que por dificuldades de comunicação seu bebê não sobreviveu. O pai, Pierre, emocionado, disse: “*Pra mim essa história é muito triste!*” (WOODY, 2018), expressando um momento difícil de suas vidas migrantes.

O segundo fato narrado por Jeana tratou de seu desconforto na empresa em que trabalha por mais de um ano e meio, após ter engravidado. Contou que inicialmente sempre recebia cumprimentos simpáticos de seu coordenador (uma espécie de coordenador de sessão): “*Oi, Jeana, boa tarde!*” (RAYMOND, 2018), inclusive com abraços, e que isso se alterou substancialmente quando ele soube que ela estava grávida. Disse que, quando uma brasileira foi contratada, “*ele vem, ele passa e depois dá um abraço*” (RAYMOND, 2018) nessa funcionária e desconsidera Jeana: “*Ele nem dá boa tarde pala mim*” (RAYMOND, 2018). Jeana enumera várias outras situações em que há demonstração de preferência pela outra funcionária. Quando perguntada se ela achava que isso é preconceito, respondeu com firmeza: “*Ah! Pala mim eu acho que é isso*” (RAYMOND, 2018). Insistiu-se na questão para ouvi-la no sentido de compreender se na concepção dela essa atitude era porque ela era estrangeira ou porque era negra, e Jeana disse: “*Na verdade, ele que sabe por que ele que faz isso! Só eu deixo tudo na mão de Deus, todo mundo é igual [...]. Blanco eu negla, mais é sangue, é igual. Não tem sangue pleto e blanco, é igual. Pla mim eu acho é isso, eu não sei. Eu acho!*” (RAYMOND, 2018), demonstrando posicionamento firme contrário à atitude do referido coordenador. Provocada a dizer como reagiu diante dessas questões, afirmou: “*Eu fica quieto[a], eu fica na minha*” (RAYMOND, 2018).

À medida que o diálogo durante a entrevista ia fluindo, Jeana passou a se sentir mais à vontade para complementar sua narrativa e contou que não ficou quieta o tempo

todo. Relembrou que esse comportamento de desconsideração aconteceu muitas vezes até que um dia ela foi falar com um chefe superior sobre o ocorrido, mas nada adiantou, porque a pessoa continuava agindo com desprezo, até que a entrevistada utilizou uma técnica que, segundo ela, sua sogra, que é cristã, indicou: “*E quando vê ele, se ele não fala boa tarde pala você, tem que falá boa tarde pala ele*” (RAYMOND, 2018). Assim Jeana agiu e nada adiantou. Pelo contrário, o homem saiu rispidamente e bateu a porta. Jeana contou que nesse dia ficou muito estressada: “*Eu fui plo banhelo, chola, chola, chola muito, eu não consegui fala*” (RAYMOND, 2018), tampouco conseguiu contar para o marido: “*Eu não falei nada, e depois minha garganta ficá inchado*” (RAYMOND, 2018). Os efeitos do preconceito sentidos pelo corpo, dores difíceis de curar.

Os testemunhos de dor, de humilhação, de desvalorização narrados pelos imigrantes fazem questionar se é possível reconstruir caminhos, conceber novas trajetórias para suas vidas e se há perspectiva de futuro para eles. Provocados a falar sobre isso nas entrevistas, suas respostas são reflexivas, demonstrando uma capacidade impressionante de resiliência e uma crença absurda no futuro.

5.5 A NARRATIVA DA ESPERANÇA: AS PERSPECTIVAS DE FUTURO

No intuito de discutir a perspectiva de futuro para esses imigrantes haitianos, usa-se Barbosa (2013, p. 337), quando sentencia: “No nosso presente estendido são múltiplas as dimensões e as transformações que constroem um universo que se caracteriza por uma infinita transitoriedade. Tudo é transitório, tudo está em permanente construção e reconstrução”. Olhando por esse prisma, atenta-se para as reflexões presentes nas narrativas e suas implicações com o futuro. Para Koselleck (2006, p. 310), a expectativa “é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto”.

Diante de tantas dores do passado, tantos enfrentamentos no presente, como nomear o futuro? Como enfrentá-lo e conceituá-lo? Que narrativas esses imigrantes constroem para o seu porvir? Ao ser questionado sobre suas perspectivas futuras, Luther Jean Luiz (2017) disse: “*É interessante essa pergunta. Antigamente poderia responder de outro jeito, mas hoje em dia posso dizer o futuro não pertence a mim. [...] Eu posso tá planejando uma coisa, projetando uma coisa no futuro e não dar certo*”. A narrativa construída por Luther na busca de compreender sua vida faz pensar nas reflexões

propostas por Butler (2015, p. 91), quando afirma: “Os sujeitos que se narram em primeira pessoa encontram uma dificuldade comum. Há momentos em que claramente não posso contar a história em linha reta, então perco o fio da meada, começo de novo”.

Faz-se necessário esclarecer que Luther está se preparando para ser pastor. Seu nome foi uma homenagem a Martin Luther King e foi dado por sua mãe, pois no seu entendimento o filho teria uma missão. Luther falou de sua dedicação nos estudos para buscar respostas em relação ao destino e por que as coisas acontecem de determinada maneira: “*Ainda não consigo, mas tô buscando*” (LUIZ, 2017), referindo-se ao fato de estar fazendo o que ele chama de “*leituras científicas*”²⁹ (LUIZ, 2017), para compreender a vida e sua condição atual. Assim como para Koselleck (2006, p. 310), “esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem”.

Engendrando um diálogo, Luther provocou a reflexão em conjunto: “*Às vezes [...] a gente [tem de] escutar nosso destino, tipo, não sei se vocês creem no destino, mas tem coisas que às vezes eu me pergunto: Será que? [...] Dessa forma tinha que acontecer?*” (LUIZ, 2017). Nesse momento, reforça-se o quanto a construção da narrativa pela metodologia da história oral pode significar um instante privilegiado da construção do si mesmo. Para Butler (2015, p. 48), esse processo ocorre necessariamente na relação com o outro: “Não podemos existir sem interpelar o outro e sem sermos interpelados por ele”, de modo que é no diálogo com o outro e consigo mesmo que é possível realizar as amarrações, as sinapses, as compreensões que podem dar sentido a muitas inquietações humanas. Para a autora, “contar a história do si mesmo já é agir”, pois pode ser considerada “uma ação voltada para o outro, bem como uma ação que exige um outro” (BUTLER, 2015, p. 106). Nesse sentido, para Butler (2015, p. 107), fortalece-se a perspectiva de que a narrativa se dá em virtude do outro: “*eu, só sou na interpelação a ti*” (BUTLER, 2015, p. 107, grifo da autora).

Em tom filosófico, Luther voltou a refletir e dessa vez sobre os sentidos do tempo: “*Mas no futuro, futuro, futuro, eu não sei dizer mesmo como vai ser ou como eu quero ser*” (LUIZ, 2017). Nesse sentido, Butler (2015, p. 91) reflexiona acerca desse momento de construção de pensar sobre si: “Começo a pensar e pensar que deve haver um fio conceitual que me forneça uma narrativa, algum elo perdido, alguma possibilidade

²⁹ Luther cursava faculdade de Administração na Univille quando da realização da entrevista, mas meses depois desistiu porque optou por fazer Teologia e melhor se preparar para *sua missão*.

cronológica, e o ‘eu’ vai ficando cada vez mais conceitual, cada vez mais alerta, concentrado, determinado”.

Procurando responder a suas próprias perguntas, Luther disse: *“Mas vai ser melhor. Vai ser melhor”* (LUIZ, 2017), referindo-se ao futuro. Sua narrativa faz pensar a noção de tempo: *“Porque futuro não consigo ver, mas presente, você tá aqui comigo, a gente tá debatendo, tá discutindo o passado. Às vezes, o passado, posso dizer, não existe, a gente criou essas coisas, futuro e passado”* (LUIZ, 2017), reflexões complexas acerca das dimensões do tempo. No seu entendimento, somos nós mesmos que criamos essas noções de tempo. Pautado por sua crença, afirmou: *“Mas pra Deus é o presente, o presente, porque ele mesmo falou pra não se preocupar pelo amanhã”* (LUIZ, 2017). E, como se anunciasse seu desejo em palavras, diz: *“O amanhã é outra oportunidade, outra coisa e amanhã não pertence a nós”* (LUIZ, 2017). E, com outra crença que parece tranquilizá-lo em sua existência: *“Hoje mesmo, tudo que temos que fazer vamos fazer antes que o sol se ponha”*, finalizando seu pensamento de forma poética.

Koselleck (2006, p. 311) também se refere ao que se espera para o futuro: *“Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado”*. Nessa visão, *“as expectativas podem ser revistas”* (KOSELLECK, 2006, p. 311), e é dessa forma que Pierre Woody (2018) se colocou diante do futuro: *“Ah! Meu plogeto do futulo depende da vida, depende de Deus também”*, refletindo que seu futuro no Brasil depende da melhora da economia do país, *“porque agola o Brasil tá um pouco complicado”* (WOODY, 2018). Disse que prefere aguardar e ver se tem melhora também nas questões políticas. Seus planos são comprar um apartamento, pois já adquiriu seu próprio carro, e se tudo ficar bem e *“melhorar”*, voltar para o Haiti só para ver sua família e logo retornar ao Brasil. Dessa forma e nesse quesito material, parece ter em suas mãos os elementos necessários para as decisões que sua vida migrante exige.

Já para Shiller Pierre (2017), o futuro configura-se em muitos: *“Às vezes eu tô pensando, será que eu vou ficar o tempo todo no Brasil? [...] E também, eu tô imaginando se não, é... Se não vale a pena, se eu deixo o Brasil, e tentar ir pra outro país”*. Suas inquietações sobre o futuro estão relacionadas ao que será sua vida aqui no Brasil. Sua expectativa, conforme contou, é ter um negócio próprio: *“Olha, eu acho que... Eu não sei, eu não sei o que eu vou escolher. Vou escolher meu país ou o lugar que eu realizei o meu sonho”* (PIERRE, 2017). Narrava como se já estivesse no futuro: *“Acho que eu posso ir e voltar, né?! [...] Já que eu vou ter uma vida mais ou menos, eu vou conseguir viajar*

pro meu país” (PIERRE, 2017). Aquilo que diz hoje ser seu objetivo vislumbra como certo no futuro: “*Eu vou deixar meu negócio com, com as pessoas que tão trabalhando, então eu vou ficar um mês no meu país. Então eu vou ficar um mês aqui, onde eu realizei meu sonho. Entendeu?*” e esquematizou como será “*ir pro meu país, volto de novo, e volto...*” (PIERRE, 2017), apresentando de modo simples como poderia viver em multiterritórios.

Em seu desenho futuro, apontou questões fortes de pertencimento com o Haiti e expressou um desejo: “*É que, sabe, eu não vou, não vou esquecer o meu país. Eu não posso esquecer meu país também*” (PIERRE, 2017). Em seguida, trouxe à tona um sentimento muito caro ao estrangeiro, seja ele refugiado, seja imigrante por opção: a relação com a terra natal, que ultrapassa as questões jurídicas e se coloca na dimensão simbólica do pertencimento: “*Às vezes eu tô imaginando. Se hoje eu sei que aqui eu vou morrer amanhã, vou morrer amanhã, hoje eu vou no meu país. Pra morrer lá*” (PIERRE, 2017). E reafirmou: “*Não vou aceitar de morrer aqui*” (PIERRE, 2017), dizendo que seu país de coração é o Haiti. Olhava para o seu futuro e sentenciava mais uma vez: “*Eu vou querer voltar no Haiti pra morrer lá*” (PIERRE, 2017). Para Shiller, tudo já deu certo no futuro e ele narrou como imagina esse momento: “*Eu sei que eu fico velho e tal, daí é meu sonho. Já tô vendo minha família, meus filhos, tá tudo, tudo na mão já pra eles. Então, deixa! Eu vou pra lá, vou morrer no meu país. Entendeu? Já que não posso levá-los pra lá*” (PIERRE, 2017). Esse fim talvez já contenha o fato de Shiller ter uma filha com uma brasileira que mora no oeste de Santa Catarina (local a que chegou como imigrante) e que, portanto, é brasileira, mesmo podendo ter a cidadania haitiana.

Narrativas como as de Shiller são carregadas de sentimentos de provisoriedade, próprios da vida dos imigrantes, e que Sayad (1998) considerava como um dos aspectos dicotômicos desse processo. O imigrante é o ausente-presente lá (em sua terra de origem) e é o presente-ausente cá (em seu local de destino). Faz-se preciso lembrar, como dizia o autor, que antes de ser imigrante ele é sobretudo e primeiramente um emigrado. Por outro lado, para Rose, ao ser perguntada sobre o futuro, afirmou: “*Meus planos? É criar uma família, trabalhar muito, pra educar. Pra trazer minha família pra cá. Aqui é muito legal. Vou ficar, quero ficar aqui, eu gosto do Brasil, eu gosto muito*” (SANDY, 2017). Instigada a afirmar se o processo de imigração valeu a pena afinal, ela refletiu e disse: “*É, vale, vale!*” (SANDY, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento de finalizar uma etapa de pesquisa parece complexo. Tem-se a sensação de que poderia ter sido aprofundado determinado aspecto, fica a impressão de que as fontes não foram esgotadas, que deveria ter sido lida mais uma obra e feita uma última leitura para a correção do texto final, preocupações que causam certo desconforto, mas como disse o poeta “há um tempo para cada coisa” e agora é o tempo de finalizar, mesmo que provisoriamente.

O tema escolhido para pesquisar há quatro anos – os processos migratórios internacionais e seus impactos locais – hoje se apresenta de extrema importância. O mundo presenciou muito recentemente fatos chocantes de intolerância e xenofobia¹ que fazem refletir acerca dos muros físicos e simbólicos que a humanidade teima em construir no século XXI. As cenas violentas a que se assistem em relação aos imigrantes mundo afora demonstram que não estamos preparados para o momento em que chegam “estranhos à nossa porta” (BAUMAN, 2017) e incitam a pensar que as conversas entre as fronteiras serão cada vez mais necessárias e “inevitáveis”.

Tendo presente tal realidade e no impulso de compreender os impactos locais desses processos, decidiu-se problematizar a imigração haitiana para Joinville entre os anos de 2010–2016. Durante o percurso que envolveu a definição do tema para a construção do projeto de pesquisa, a escolha da metodologia a ser utilizada, o contato inicial com as fontes primárias até o momento do encontro com os protagonistas da pesquisa, teve-se a clareza do que se queria pesquisar – os imigrantes haitianos e suas histórias de vida. O desafio maior foi construir diálogos de pesquisa entre diferentes campos do conhecimento como a história e a comunicação, desafio que acreditamos ter sido possível superar quando nos cercamos de aportes teóricos clássicos e de fontes empíricas utilizadas tanto por historiadores quanto por pesquisadores da área da comunicação. A trajetória de investigação foi acompanhada de muitos saberes – acadêmicos, militantes e de vida – e, por isso, poucas vezes foi solitário. O texto final, articulado nos capítulos apresentados, foi construído por muitas mãos (literalmente), e inúmeras ideias foram discutidas, problematizadas e sintetizadas ao final de cada grupo de pesquisa, de extensão ou ainda de momentos de comunicação científica.

¹ Sobre violência envolvendo Venezuelanos na fronteira com o Brasil, ver: FRANCISCO; COSTA; BARBOSA, 2019. Sobre ataque a imigrantes na Nova Zelândia, ver: O GLOBO, 2019.

No capítulo 1, o fenômeno das migrações no século XXI foi problematizado considerando a complexidade geopolítica da globalização. Jogos de poder entre nações e tensões entre os povos marcam esses processos migratórios. Os motivos geradores do imenso fluxo de pessoas na atualidade estão imbricados com a maneira como se organizam o capital, as comunicações e a cultura contemporânea. As noções de tempo e espaço estão permeadas pela fluidez do mundo moderno tecnológico e virtual, que, ora faz acreditar, como diz Sodré (2014), que se está vivendo em um bios virtual, um mundo em que as relações, as experiências e a vida de forma geral acontecem mediadas pelas tecnologia, ora faz refletir, como Canclini (2015b), que nesse mesmo mundo de tecnologias, de discursos de fluidez de fronteiras convivem os diferentes, os desiguais e os desconectados resultantes do processo de exclusão gerados pelo capitalismo global.

Diante desse cenário controverso, a pesquisa sobre imigração no campo da comunicação tendo como protagonista as narrativas de imigrantes permitiu investigar os fluxos imigratórios para além das questões políticas e econômicas; ajudou a pensar a condição humana contemporânea. Nesse sentido, apostou-se no decorrer da pesquisa na ideia de que a compreensão das narrativas produzidas pela imprensa e pela historiografia sobre o imigrante poderia ganhar densidade teórica e crítica à medida que se articulavam tais narrativas com as narrativas dos próprios imigrantes, fortalecendo dessa forma as perspectivas que pensam a comunicação como atos de linguagem que dizem respeito às experiências humanas do (e com o) tempo e as narrativas (escritas e orais) como textos sempre abertos a uma “variedade de sentidos e apropriações” (HALL, 2003), que repercutem ou suscitam recusas, pertencimentos ou indiferenças sobre a experiência imigratória e a presença imigrante no Brasil.

Inicialmente se identificou, no capítulo 2, que os motivos que trouxeram os imigrantes haitianos para Joinville se aproximam dos clássicos argumentos para a escolha de um local de destino migratório. A Região Sul foi apresentada para os haitianos quando de sua chegada ao Norte do Brasil pelas narrativas jornalísticas que lá circulavam como o “Sul maravilha”. Nesse ponto, foi possível problematizar as narrativas produzidas pela imprensa como carregadas de intencionalidades e sentidos. Vendido como um local de muitas oportunidades, o Sul, e especialmente Santa Catarina, mobilizou-se, do ponto de vista empresarial, para atrair um grande contingente de imigrantes para indústrias da construção civil e frigoríficas do estado. Com os imigrantes estabelecidos em Joinville, por meio de uma rede de contatos que encontrou oportunidades de trabalho, sobretudo

em uma grande metalúrgica da cidade, passou-se a cartografar os percursos desses indivíduos no espaço urbano local.

Ressalta-se a dificuldade na localização dos dados, principalmente aqueles ligados aos atendimentos na área da saúde. Tal dificuldade remete-se a deficiências do serviço público em produzir indicadores que possam nortear a criação de políticas públicas de atendimento ao imigrante na cidade. Apesar da escassez de dados oficiais disponíveis, foi possível, mediante a análise dos dados encontrados sobre educação, saúde, assistência social e trabalho, identificar o perfil do imigrante haitiano que optou por Joinville. Também ainda que parcialmente se identificou a localização geográfica (a ocupação dos principais espaços físicos – bairros onde residem os imigrantes haitianos), e tentou-se compreender a formação dos grupos de imigrantes por local de moradia, na grande maioria grupos constituídos pelo trabalho e pelas redes de sociabilidade muito ligadas à religiosidade dos imigrantes haitianos.

Ainda no capítulo 2, por intermédio das narrativas migrantes, produzidas pela metodologia da história oral, puderam-se entender as “práticas de espaço” e os “afetos” desenvolvidos pelos imigrantes na cidade. Desterritorializado pelo processo migratório e sem um novo território por algum tempo, o imigrante permaneceu suspenso na fronteira (tanto física quanto simbólica) – o lá e o cá. Pelas memórias migrantes, foi possível conhecer os percursos ora sinuosos, ora mais fluidos realizados até sua chegada a Joinville. Já na cidade, as narrativas mostraram como o imigrante estrategicamente articulou ações para enfrentar as recusas e para criar vínculos de pertencimento com esse novo território. O processo de análise das narrativas evidenciou a heterogeneidade das histórias de vida; perceberam-se as nuances de gênero, a diferença entre aqueles que possuíam um núcleo familiar no Haiti e aqueles que solteiros vieram para o Brasil. Ficou claro que as motivações para a migração são muito variadas e diversas também são as estratégias para lidar com os desafios advindos do processo migratório.

Ao discutir a face violenta da imigração, no capítulo 3, puderam-se identificar os tensionamentos políticos e culturais que envolvem a presença dos imigrantes haitianos em Joinville. A diáspora em seu aspecto desigual e violento veio à tona, nos últimos anos, em vários espaços comunicacionais, seja por meio de uma nota de jornal em relação ao perfil do trabalhador desejável, “homem, branco”, seja pela pichação em um muro local com a mensagem agressiva “O Haiti não é aqui”, ou ainda pela depredação de um trabalho artístico que dava visibilidade aos haitianos. Tais atos comunicacionais expuseram, nessa perspectiva, feridas que permanecem abertas na cidade. A violência e o preconceito não

são só contra o imigrante haitiano que chega recentemente, mas também contra outros migrantes, negros ou não, expondo dessa forma feridas de uma cidade em que as narrativas continuam sendo construídas conforme a lógica do imaginário do poder homogeneizador, tornando a cidade estrangeira de sua própria história, na medida em que não reconhece a imigração/migração como processo constitutivo do fazer da cidade do passado e do presente.

Já no capítulo 4, dedicou-se a compreender as narrativas jornalísticas enquanto construtoras/reprodutoras de imaginários no que tange ao imigrante. Buscou-se constatar por meio das produções historiográficas recentes se os imaginários produzidos em Joinville no tocante ao imigrante do passado se aproximavam dos imaginários construídos acerca da recente imigração de haitianos. A percepção, após análise das narrativas produzidas pelo jornal *A Notícia* entre 2010 e 2016 sobre a imigração haitiana, foi que o processo migratório recente e seu impacto para a história da cidade são considerados pela narrativa jornalística como completamente deslocados do passado de Joinville. Como apresentado ao longo da escrita, para a historiografia local Joinville é uma cidade que se constitui como migrante, tanto pela força dos processos migratórios internacionais no século XIX quanto pela leva de migrantes nacionais no fim do século XX (1970/80) e pela presença de novos migrantes no início dos anos 2000. Entende-se que esse ponto de pesquisa ainda carece de aprofundamento, no sentido de averiguar se a perspectiva das narrativas jornalísticas de não vincular (na forma de esquecimentos manipulados) a imigração haitiana à história da cidade migrante também se reproduz em outros espaços de produção de memórias associadas à história da cidade, ou ainda se tal questão também é deixada de lado nos discursos das lideranças políticas locais.

Por fim, no capítulo 5, aproximou-se ainda mais de um grupo de imigrantes haitianos que vive em Joinville. Por suas histórias de vida e por aquilo que suas memórias selecionaram para contar, suas recordações da infância e juventude no Haiti, suas lembranças familiares do passado e do presente, suas dores pelas perdas decorridas do terremoto de 2010, suas decisões em torno do processo de migrar, suas articulações para vencer as recusas, o preconceito e a xenofobia na cidade e suas estratégias para criar laços de afeto e de pertencimento com o lugar que escolheram para viver sua experiência migrante foram acompanhadas. Com os imigrantes, homens e mulheres marcados pela coragem, carregados de dores e sonhos, vislumbraram-se as esperanças de futuro que transitam entre o desejo e a segurança material para prover uma vida melhor aqui para si

e para os seus e os sonhos de viver como um “diáspora” bem-sucedido, um cidadão de dois mundos – o Brasil e o Haiti.

Ao finalizar esse ciclo de pesquisa, vislumbram-se novas possibilidades para a continuação da compreensão dos processos migratórios internacionais, entre os quais poderiam ser problematizados aqueles que impactam diretamente nas novas configurações simbólicas do espaço urbano, bem como questões que englobam a permanência e a construção do “sucesso” no local em que se escolheu viver como imigrante.

Isto posto, a pesquisa mostrou que os imigrantes haitianos em Joinville se configuram em um grupo heterogêneo, singular em sua forma de expressão e de vivência da experiência migrante, produtores de sentidos e articuladores da interculturalidade. Por outro lado, ao tomar suas narrativas como atos de comunicação eivados de estratégias anunciadoras de seus projetos imediatos e de sonhos de futuro, vê-se diante daquilo que, na contemporaneidade, aproxima a todos, os torna semelhantes e menos desconectados.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS ORAIS

ARAÚJO, Amanda Alves Cerqueira. **Amanda Alves Cerqueira Araújo:** entrevista [28 nov. 2017]. Joinville, 28 nov. 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

ERMOFILS, Whistler. **Whistler Ermofils:** entrevista [15 fev. 2017]. Joinville, 15 fev. 2017. Entrevistadores: Sirlei de Souza e Ilanil Coelho.

FORTILUS, Serge. **Serge Fortilus:** entrevista [18 jun. 2016]. Entrevistadora: Sirlei de Souza. Joinville: Associação de Moradores do Comasa do Boa Vista, 2016.

FRANÇOAIS, Manouse. **Manouse François:** entrevista [26 maio 2017]. Joinville, 26 maio 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

LANFRONT, Roland. **Roland Lanfront:** entrevista [18 jun. 2016]. Entrevistadora: Sirlei de Souza. Joinville: *Campus Bom Retiro da Univille*, 2016.

LUIZ, Luther Jean. **Luther Jean Luiz:** entrevista [14 abr. 2017]. Joinville, 14 abr. 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

MARTINS, Ana Lúcia. **Ana Lúcia Martins:** entrevista [29 abr. 2016]. Joinville, 29 abr. 2016. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

MICHELET, Jean. **Jean Michelet:** entrevista [28 abr. 2017]. Joinville, 28 abr. 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

OLMY, Maxi. **Maxi Olmy:** entrevista [18 jun. 2016]. Entrevistadora: Sirlei de Souza. Joinville: Associação de Moradores do Comasa do Boa Vista, 2016.

PIERRE, Shiller. **Shiller Pierre:** entrevista [18 jun. 2016]. Entrevistadora: Sirlei de Souza. Joinville: Associação de Moradores do Comasa do Boa Vista, 2016.

_____. **Shiller Pierre:** entrevista [3 abr. 2017]. Joinville, 3 abr. 2017. Entrevistadores: Sirlei de Souza e Eduardo Philippi Soares.

RAYMOND, Jeana. **Jeana Raymond:** entrevista [28 jul. 2018]. Joinville, 28 jul. 2018. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

RIBEIRO, Cláudio Fernando. **Cláudio Fernando Ribeiro:** entrevista [8 out. 2018]. Joinville, 8 out. 2018. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

SANDY, Rose. **Rose Sandy:** entrevista [29 jul. 2017]. Joinville, 29 jul. 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

SEFOOD, Jean. **Jean Sefood:** entrevista [2 jun. 2017]. Joinville, 2 jun. 2017. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

WOODY, Pierre. **Pierre Woody:** entrevista [28 jul. 2018]. Joinville, 28 jul. 2018. Entrevistadora: Sirlei de Souza.

FONTES DA IMPRENSA

247. Bolsonaro começa o dia ameaçando imigrantes. **247**, 9 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/poder/379783/Bolsonaro-come%C3%A7a-o-dia-amea%C3%A7ando-migrantes.htm>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

A NOTÍCIA. Estimativa é de que mais de mil haitianos morem em Joinville. **A Notícia**, Joinville, 25 maio 2015. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2015/05/estimativa-e-de-que-mais-de-mil-haitianos-morem-em-joinville-4768275.html>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

_____. Haitianos chegam a Jaraguá. **A Notícia**, Joinville, p. 14, 21 fev. 2012.

_____. Militares de Joinville no Haiti. **A Notícia**, Joinville, p. 12, 5 fev. 2010a.

_____. O Brasil de luto. **A Notícia**, Joinville, 14 jan. 2010b.

_____. Só resta a esperança. **A Notícia**, Joinville, 21 jan. 2010c.

_____. Um país arrasado. **A Notícia**, Joinville, 14 jan. 2010d.

AGÊNCIA BRASIL. Remessas ao exterior crescem 13,6% e têm recorde de US\$ 1,06 bilhão. **IstoÉ Dinheiro**, 24 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/remessas-ao-externo-crescem-136-e-tem-recorde-de-us-106-bilhao/>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

AHRENS, Jan Martínez. Trump prepara a ordem para a expulsão maciça de imigrantes. **El País**, 2017. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/internacional/1487601745_277175.html>. Acesso em: 23 maio 2017.

ALBUQUERQUE, Liege. Haitianos buscam refúgio em Manaus. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

ARANTES, José Tadeu. O panorama da imigração no Brasil. **Exame**, 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/o-panorama-da-imigracao-no-brasil/>>. Acesso em: 24 set. 2017.

ARAÚJO, Chico. Senador pede ajuda para haitianos na Amazônia. **Agência Amazônia de Notícias**, 2011. Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

BALBINOTTI, Jean. A violência não dá trégua em Joinville – média de furtos por dia em Joinville foi de 21 ocorrências. **A Notícia**, 2017. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2017/01/a-violencia-nao-da-tregua-em-joinville-9206237.html>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

BAPTISTA, Rodrigo; VILAR, Isabela. Projeto da nova Lei de Migração segue para sanção presidencial. **Senado Notícias**, 2017. Disponível em:

<<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/04/18/projeto-da-nova-lei-de-migracao-segue-para-sancao-presidencial>>. Acesso em: 16 maio 2017.

BARBON, Júlia; MARTINS, Fabiana. Lei de Migração: o que muda nas regras para estrangeiros no Brasil. **Folha de S.Paulo**, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1883696-lei-de-migracao-o-que-muda-nas-regras-para-estrangeiros-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 23 maio 2017.

BASTANTE, Jesús. O Haiti é uma das grandes tragédias esquecidas. **Instituto Humanitas Unisinos**, 3 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticiasanteriores/33046-%60%60o-haiti-e-mais-uma-das-grandes-tragedias-esquecidas%60%60>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

BBC. Os desafios de Trump para cumprir promessa de expulsar imigrantes sem documentos. **BBC**, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37974687>>. Acesso em: 23 maio 2017.

BRAGA, Marco Aurélio. O cenário é de muito terror. **A Notícia**, Joinville, 15 jan. 2010.

BRANCO, Glória. Joinville, a nova cidade dos príncipes do Haiti. **Migra Mundo**, 12 jan. 2016. Disponível em: <<http://migramundo.com/joinville-a-nova-cidade-dos-principes-do-haiti/>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BRANDÃO, Inaê; COSTA, Emily. Venezuelanos amanhecem em fila para obter visto e cruzar fronteira com Brasil por Roraima. **G1**, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/venezuelanos-amanhecem-em-fila-para-obter-visto-e-cruzar-fronteira-com-brasil-por-roraima.ghtml>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

BRASIL. Senado Federal. **Nova Lei de Migração é sancionada com vetos**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/05/25/nova-lei-de-migracao-e-sancionada-com-vetos>>. Acesso em: 23 set. 2017.

CARAZZA, Felipe. Êxodo de venezuelanos já é tratado em Roraima como crise humanitária. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,exodo-de-venezuelanos-ja-e-tratado-em-roraima-como-crise-humanitaria,10000081629>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

CARDOSO, Felipe. O racismo e a xenofobia não incomodam a Prefeitura de Joinville. **Chuva ácida: debates às margens do Cachoeira**, 5 maio 2016. Disponível em: <<http://www.chuvaacida.info/2016/05/o-racismo-e-xenofobia-nao-incomodam.html>>. Acesso em: 14 maio 2016.

CARTA CAPITAL. Dilma reduz tropas brasileiras no Haiti e fala sobre imigrantes. **Carta Capital**, 2 fev. 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/dilma-reduz-tropas-brasileiras-no-haiti-e-fala-sobre-imigrantes/>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

CRAIDE, Sabrina. Brasil emitiu quase 8 mil carteiras de trabalho para estrangeiros neste ano. **EBC Agência Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-06/brasil-emituiu-quase-8-mil-carteiras-de-trabalho-para-estrangeiros>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

ESTADÃO CONTEÚDO. Bolsonaro sobre imigrantes: “Não é qualquer um que entra em nossa casa”. **Exame**, 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-sobre-imigrantes-nao-e-qualquer-um-que-entra-em-nossa-casa/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

EVARINE, Adrieli. Joinville encerra 2016 com 130 mortes violentas, um recorde pelo segundo ano consecutivo. **Notícias do Dia**, 2016. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/joinville/noticias/joinville-encerra-2016-com-130-mortes-violentas-um-recorde-pelo-segundo-ano-consecutivo>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FALCÃO, Diego. Após críticas a Luciano Huck em vídeo, haitianos participam do “Caldeirão”. **UOL**, 2016. Disponível em: <<http://m.natelinha.uol.com.br/noticias/2016/06/30/apos-criticar-huck-em-video-grupo-de-haitianos-participa-do-caldeirao-100217.php>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

FANTÁSTICO. Brasileiros ilegais nos EUA temem cerco de Donald Trump a imigrantes. **G1**, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/03/brasileiros-ilegais-nos-eua-temem-cerco-de-donald-trump-imigrantes.html>>. Acesso em: 23 maio 2017.

FOLHA DE S.PAULO. Resultados da apuração para presidente no 2.º turno. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2018/apuracao/2turno/brasil/>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

FRANCISCO, Marina; COSTA, Emily; BARBOSA, Pedro. O que se sabe sobre a violência que deixou mortos e feridos na fronteira da Venezuela com o Brasil. **G1**, 2019. <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/02/25/o-que-se-sabe-sobre-a-violencia-que-deixou-mortos-e-feridos-na-fronteira-da-venezuela-com-o-brasil.ghtml>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

G1. Dilma chega ao Haiti em sua primeira visita oficial ao país. **G1**, 1.º fev. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/02/dilma-chega-ao-haiti-em-sua-primeira-visita-oficial-ao-pais.html>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

_____. Jornal diz que Trump chama de “buracos de merda” Haiti e outros países da América Central e África; ele nega. **G1**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-chama-de-buracos-de-merda-haiti-e-outros-paises-da-america-central-e-africa.ghtml>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

G1 SC. Haitianos em SC têm missa de Natal celebrada em francês e crioulo. **G1**, 20 dez. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/haitianos-em-sc-tem-missa-de-natal-celebrada-em-frances-e-crioulo.html>>. Acesso em: 1.º jul. 2017.

GONÇALVES, Anderson. Medidas restritivas avançam e Europa se fecha para imigrantes. **Gazeta do Povo**, 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/medidas-restritivas-avancam-e-europa-se-fecha-para-imigrantes-8ohkxu0k6fzenqn8720y62nv2>>. Acesso em: 16 maio 2017.

HAITIANOS DETONAM LUCIANO HULK DEPOIS DO APRESENTADOR DEBOCHAR DO PAÍS. **Jornal Daqui**, 2016. Disponível em:

<<https://daqui.opopular.com.br/editorias/geral/haitianos-detonam-luciano-hulk-depois-do-apresentador-debochar-do-pa%C3%ADs-1.1108896>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

HAITIANOS ENCONTRAM TRABALHO EM SC E SONHAM FICAR NO BRASIL. **Terra**, 2012. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5594404-EI8139,00-Haitianos+encontram+trabalho+em+SC+e+sonham+ficar+no+Brasil.html>>. Acesso em: 7 mar. 2012.

HUCK, Luciano. “Depois do que eu vi, acho que a humanidade não deu certo”, diz Luciano Huck sobre Haiti. **O Globo**, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/depois-do-que-vi-acho-que-humanidade-nao-deu-certo-diz-luciano-huck-sobre-haiti-19444700>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

JUNGES, Leandro S. Aprenda a se comunicar com os haitianos em crioulo. **A Notícia**, 30 maio 2015a. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2015/05/aprendaasecomunicar-comoshaitianosemcrioulo4770945.html>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

_____. Os haitianos que adotaram Joinville. **A Notícia**, Joinville, 30 e 31 maio 2015b.

KREIDLOW, Rogério. Novos dados do IBGE mostram perfil dos joinvilenses. **A Notícia**, 30 maio 2015. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2011/06/novos-dados-do-ibge-mostram-perfildos-joinvilenses-3349011.html>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

LIMA, Luís. Com a RBS, dupla de bilionários abre nova frente de diversificação. **Veja**, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/com-a-rbs-dupla-de-bilionarios-abre-nova-frente-de-diversificacao/>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

LOETZ, Cláudio. Empresas de Joinville têm 7 mil vagas em aberto. **Blog do Loetz**, 17 out. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/loetz/2013/10/17/empresas-de-joinville-tem-7-mil-vagas-em-aberto/?topo=84,2,18,,84>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

LOPES, Rodrigo. Do 62 BI para o Haiti. **A Notícia**, Joinville, 18 jan. 2010.

MENDONÇA, Pollyana. Audiência pública discute a situação de imigrantes haitianos em Joinville. **Saber Migrar**, 5 ago. 2015. Disponível em: <<https://sabermigrar.wordpress.com/2015/08/05/audiencia-publica-discute-a-situacao-de-imigrantes-haitianos-em-joinville>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

MOURA, Isabella Mayer de. Audiência pública discute a situação de imigrantes haitianos em Joinville. **Notícias do Dia**, Joinville, 4 ago. 2015. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/joinville/noticias/audiencia-publica-discute-a-situacao-de-imigrantes-haitianos-em-joinville>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

MUNIZ, Maellen; ROLDÃO, Tuane. Pelo menos 130 haitianos buscam oportunidade de emprego em Joinville. **A Notícia**, 29 jul. 2013. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/economia/noticia/2013/07/pelo-menos-130-haitianos-buscam-oportunidade-de-emprego-em-joinville-4216015.html>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

NINIO, Marcelo. Trump suspende acesso a refugiados e veta cidadãos de sete países islâmicos. **Folha de S.Paulo**, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/01/1853769-trump-suspende-acesso-a-refugiados-e-veta-cidadaos-de-sete-paises-islamicos.shtml>>. Acesso em: 16 maio 2017.

NOGUEIRA, Kiko. Por que o muro de Trump não deve sair do papel. **Diário do Centro do Mundo**, 2017. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/por-que-o-muro-de-trump-nao-deve-sair-do-papel/>>. Acesso em: 24 maio 2017.

NUNES, Claudine. Saiba quais os bairros de Joinville são líderes em cada tipo de crime – dados mostram índices de homicídios, roubos, furtos, tráfico e porte ilegal de armas. **A Notícia**, 2017. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/seguranca/noticia/2017/01/saiba-quais-bairros-de-joinville-sao-lideres-em-cada-tipo-de-crime-9150952.html>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

O GLOBO. Autor de ataque terrorista a mesquistas deixou manifesto de extrema direita. **O Globo**, 2019. <<https://oglobo.globo.com/mundo/autor-de-ataque-terrorista-mesquistas-deixou-manifesto-de-extrema-direita-23524146>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

PEREIRA, Mariana. Missão: garantir a vida. **A Notícia**, Joinville, 3 abr. 2010.

PEROSA, Teresa. O muro que Donald Trump quer erguer na fronteira com o México. **Época**, 2017. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/01/o-muro-que-donald-trump-quer-erguer-no-mexico.html>>. Acesso em: 17 maio 2017.

PIVATTO, Julimar. Rumo ao Haiti – Joinvilenses em missão de paz. **A Notícia**, Joinville, 4 abr. 2012.

_____; MACIEL, Roelton. Até logo, Joinville; *bon jou*, Haiti. **A Notícia**, Joinville, 2012.

PODER 360. Bolsonaro diz que adotará “1 critério rigoroso” para entrada de imigrantes. **Poder 360**, 19 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-adotara-1-criterio-riguroso-para-entrada-de-imigrantes/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

REDAÇÃO. Haitianos de Curitiba criticam Luciano Huck e vídeo viraliza; assista. **Banda B**, 2016. Disponível em: <<http://www.bandab.com.br/geral/haitianos-de-curitiba-criticam-luciano-huck-e-video-viraliza-2/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

_____. Roraima pede reforço de tropas federais na fronteira com a Venezuela. **G1**, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/08/roraima-pede-reforco-de-tropas-federais-na-fronteira-com-venezuela.html>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

REDAÇÃO ND. Câmara de Vereadores de Joinville entrega medalha de mérito Antônia Alpaídes. **Notícias do Dia**, Joinville, 19 nov. 2016. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/joinville/noticias/camara-de-vereadores-de-joinville-entrega-medalha-de-merito-antonia-alpaides>>. Acesso em: 1.º jul. 2017.

RIBEIRO, Marcelle. Firma de Santa Catarina vai a Brasileia para contratar haitianos. **O Globo**, jan. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/firma-de-santa-atarina-vai-brasileia-para-contratar-haitianos-3582676>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

ROCHA, Leonel; ARANHA, Ana. O que fazer com os imigrantes do Haiti?. **Época**, 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI208935-15223,000+QUE+FAZER+COM+OS+IMIGRANTES+DO+HAITI.html>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

RODRIGUES, Ângela. Haitianos: clima esquentado entre parlamentares da base aliada na Aleac. **O Alto Acre**, 2011. Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

RODRIGUES, Thaisa. Emoção veio antes do Haiti. **A Notícia**, Joinville, 6 ago. 2010a.

_____. Os capacetes-azuis de Joinville. **A Notícia**, Joinville, 18 jul. 2010b.

ROLDÃO, Tuane; MUNIZ, Maerllen. Um pouco do Haiti aqui. **A Notícia**, Joinville, 29 jul. 2013.

ROSA, Gabriel. Força-tarefa para ajudar estrangeiros no Estado. **A Notícia**, Joinville, 25 maio 2015.

ROSSETO, Luciana. Haitianos vivem rotina de fome, falta de espaço e desilusão na Amazônia. **G1**, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/02/haitianos-vivem-rotina-de-fome-falta-de-espaço-e-desilusao-na-amazonia.html>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

ROSSI, Marina. “Na Venezuela não há comida, mas no Brasil sim”: a nova fuga da fome na fronteira do norte. **El País**, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/11/politica/1489193658_888279.html>. Acesso em: 9 ago. 2017.

SAAVEDRA, Jeferson. Joinville volta a ser a terceira maior economia do Sul do Brasil. **A Notícia**, 2016. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2016/12/joinville-volta-a-ser-a-terceira-maior-economia-do-sul-do-brasil-8749588.html>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

_____. Proporção de homicídios por habitante em Joinville é superior ao Rio de Janeiro. **Diário Catarinense**, 2017. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/01/proporcao-de-homicidios-por-habitantes-em-joinville-e-superior-a-do-rio-de-janeiro-9688139.html>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

SANT’ANNA, Lourival. Brasil estuda dar visto de 2 anos a haitianos. **O Estado de S. Paulo**, 2012. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-estuda-dar-visto-de-2-anos-a-haitianos,821563>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

SÃO PAULO. Embaixador da França ironiza fala de Bolsonaro sobre vida “insuportável” com imigrantes. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/embaixador-da-franca-ironiza-fala-de-bolsonaro-sobre-vida-insuportavel-com-imigrantes.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SILVA, Rossana; DEBONA, Darci. Haitianos buscam vida nova em SC. **A Notícia**, Joinville, p. 15, 11 jan. 2012.

SILVA, Suelen Soares da. Pichação em parede causa polêmica nas redes sociais em Joinville. **Notícias do Dia**, Joinville, 2016. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/302815-pichacao-em-parede-causa-polemica-nas-redes-sociais-em-joinville.html>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

SILVEIRA, Felipe. Fotógrafa combate a xenofobia contra haitianos em mostra espalhada pelo centro. **O Mirante Notícias de Joinville**, 21 jan. 2017. Disponível em: <<http://omirantejoinville.com.br/2017/06/21/fotografa-combate-a-xenofobia-contra-haitianos-em-mostra-espalhada-pelo-centro/>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

STUPP, Rodrigo. Uma nova missão. **A Notícia**, Joinville, 21 jan. 2010.

TERRA. **Haiti revisa para 316 mil total de mortos no terremoto de 2010**. 12 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/america-latina/haiti-revisa-para-316-mil-total-de-mortos-no-terremoto-de-2010,b8280970847ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

THOMÉ, Leonardo; DIOGO, Marciano. Paraíso para os haitianos, Santa Catarina vê crescer o número de imigrantes em busca de trabalho. **Notícias do Dia**, 9 abr. 2014. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/157741-paraiso-para-os-haitianos-santa-catarina-ve-crescer-o-numero-de-imigrantes-em-busca-de-trabalho.html>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

THOMÉ, Rafael. Santa Catarina elabora plano para redução das desigualdades regionais. **Notícias do Dia**, 2015. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/santa-catarina-elabora-plano-para-reducao-das-desigualdades-regionais>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

TOMAZELLI, Idiana. FGV: Mercado de trabalho vive situação de pleno emprego. **O Estado de S. Paulo**, 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,fgv-mercado-de-trabalho-vive-situacao-de-pleno-emprego,175625e>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

UOL. Trump nega ter dito que imigrantes viriam de “países de merda”; ONU diz que comentário é “racista”. **UOL**, 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/01/12/trump-nega-ter-dito-que-imigrantes-viriam-de-paises-de-merda-onu-diz-que-comentario-e-racista.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

VENTURINI, Suellen dos Santos. Vinda de haitianos triplicou em dois anos e integração passou a ser desafio em Joinville. **Notícias do Dia**, 15 set. 2014. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/joinville/noticias/o-desafio-da-integracao-dos-haitianos>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

VERÍSSIMO, Luís. Primeiro casamento de haitianos em Joinville. **Notícias do Dia**, Joinville, 25 jun. 2016. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/coluna/luiz-verissimo/primeiro-casamento-de-haitianos-em-joinville>>. Acesso em: 1.º jul. 2017.

WELLE, Deutsche. Revolta mundial após comentário de Trump sobre Haiti e países africanos. **Carta Capital**, 2018. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/internacional/revolta-mundial-apos-comentario-de-trump-sobre-haiti-e-paises-africanos>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

ZYLBERKAN, Mariana Pollara. Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos. **Veja**, 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/sem-mao-de-obra-santa-catarina-importa-haitianos>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

REPORTAGEM COMPLETA: Luciano Huck vai ao Haiti. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fbwB6epAqSk>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

RESPOSTA DOS HAITIANOS PARA O APRESENTADOR LUCIANO HUCK. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rKp5LDeKero>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Tiago César. A mídia e o exército brasileiro: análise da gestão da comunicação no caso terremoto no Haiti. *In*: INTERCOM, 2011. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0031-1.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

_____. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

ALCÂNTARA, Pedro Ivo de Moraes. **Novas fronteiras: um olhar sobre a imigração haitiana para o Brasil**. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ALLENDE, Isabel. **A ilha sob o mar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos *et al.* Haitianos no Brasil e sua articulação com a comunicação: consumo de mídia, mercado de trabalho e sociabilidades. *In*: INTERCOM, 2016. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2790-1.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

ALMEIDA, Paulo Sérgio de. Resolução Normativa CNIg n.º 97 de 12 de janeiro de 2012. **LegisWeb**, 2012. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Declaração de Cartagena**: conclusões e recomendações. 1984. Disponível em:

<http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena>. Acesso em: 7 ago. 2017.

ALVES, Patrícia Villen Meirelles. **Imigração na modernização dependente: “braços civilizatórios” e a atual configuração polarizada**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

_____. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 311-328.

ARAUJO, Dina Santos. **Mobilidade haitiana: análise do contexto brasileiro e seus desdobramentos**. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ASSUNÇÃO, Nelma dos Santos. **Imigração haitiana no Brasil: uma análise das políticas de inserção e perspectivas educacionais de haitianos adultos em Londrina PR**. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

AULER, Marcelo. Imigrantes: rejeitados na Europa, acolhidos no Brasil. **Marcelo Auler Repórter**, 2016. Disponível em: <<http://marceloauler.com.br/imigrantes-rejeitados-na-europa-acolhidos-no-brasil/>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

ÁVILA, Otávio Cezarini. **O Haiti em Curitiba: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

AZEVEDO, Francisco. **Arroz de Palma**. São Paulo: Record, 2015.

BAENINGER, Rosana *et al.* (orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BAPTISTE, Chandeline Jean. **Transição para a vida adulta e migração internacional: o caso dos jovens haitianos na cidade de São Paulo**. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

BARBERO, Jesus Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2013.

BARBOSA, Lorena Salete. **Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro**. 2015. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 11-27, jul. 2009.

_____. Entre o jornalismo e a história: a entrevista como articulação narrativa do tempo. *In*: MAUAD, Ana Maria (org.). **História oral e mídia: memórias em movimento**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. *In*: NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (orgs.). **História e imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos**. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

_____. Meios de comunicação e história: elos visíveis e invisíveis. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2007a.

_____. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre comunicação e história. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (orgs.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X/Globo Universidade, 2008.

_____. Narrativas audiovisuais e patrimonialização do tempo. *In*: ENCONTRO DO PATRIMÔNIO-IMAGEM-MÍDIA – IDENTIDADE, 6., 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017a.

_____. **O espaço como território da História**. Rio de Janeiro, 2017b. (no prelo).

_____. Senhores da memória. **Intercom Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XVIII, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 1995.

_____. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: inter-relações. *In*: MUSSE, Cristina Ferraz; VARGAS, Heron; NICOLAU, Marcos (orgs.). **Comunicação, mídia e temporalidades**. Salvador: Compós/EDUFBA, 2007b.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARICHELLO, Stefania Eugenia; ARAÚJO, Luiz Ernani Bonesso. Aspectos históricos da evolução e do reconhecimento internacional do *status* de refugiado. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 63-76, jul./dez. 2014.

BARRETO, Luiz Paulo Teles (org.). **Refúgio no Brasil: a proteção aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2017.

BARROS, Allyne Fernandes Oliveira. **Reconstrução em movimento: os impactos psicológicos do terremoto de 2010 em imigrantes haitianos**. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

BASTOS, Renata Parize. **Globalização, migração e direito: regulação dos movimentos migratórios no Brasil**. 2015. 404 f. Dissertação (Mestrado em Direito Político e Econômico) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Predelina da Silveira (orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Predelina da Silveira (orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- BITTENCOURT, Tainá; VENAGAS, Soraya. Terremoto no Haiti: cultura do medo e sensacionalismo na revista *Veja*. In: INTERCOM, 2011. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2011. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016>>. Acesso em: 30 jul. 2017.
- BOCCI, Diego Segobia. **Geografia e migrações: o caso dos haitianos no município de São Paulo**. 2015. 200 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BORBA, Fernanda Mara. **Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em São Francisco do Sul**. Joinville: Editora Univille, 2014.
- BORDIGNON, Sandra de Ávila Farias. **Inserção dos imigrantes haitianos nos contextos educativos escolares e não escolares no oeste catarinense**. 2016. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2016.
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto n.º 528, de 28 de junho de 1890**. Brasil, 1890. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 24 set. 2017.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- _____. **Estatuto do Estrangeiro: Lei n.º 6.815, de 19 de agosto de 1980**. Brasília, 1980. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm>. Acesso em: 16 nov. 2016.
- _____. **Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- _____. Ministérios da Justiça, Segurança Pública, Relações Exteriores e do Trabalho. **Portaria Interministerial n.º 10, de 6 de abril de 2018**. Brasil, 2018. Disponível em <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51057186/do1-2018-11-21-portaria-interministerial-n-17-de-19-de-novembro-de-2018-51057118>. Acesso em: 1.º abr. 2019.

_____. Presidência da República. **Lei n.º 13.445, de 24 de maio de 2017**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm>. Acesso em: 26 set. 2017.

_____. **Resolução Normativa CNIg n.º 97 de 12 de janeiro de 2012**. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei n.º 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. Brasília, 2012. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=116083>>. Acesso em: 1.º ago. 2017.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAMARGO, Renata Ferreira. **Imigrações contemporâneas no Brasil: haitianos no Amazonas**. 2013. 83 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.

CAMPOS, Gustavo Barreto de. **Dois séculos de imigração no Brasil: a construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015**. 545 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015a.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015b.

CANETTI, Elias. **A língua absolvida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

_____. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994.

CARDOSO, Anelise Zanoni. **Jornalismo para paz ou para a guerra: o refugiado na cobertura jornalística brasileira**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CARVALHO, Eduardo Zanatta de. **Trajetórias de migrantes haitianos e haitianas em Balneário Camboriú/SC: os desafios para a inserção laboral, o associativismo e a integração sociocultural**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócio-Ambiental) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginada da sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAZARRÉ, Marieta. Relatório da OCDE aponta dificuldades educacionais de estudantes imigrantes. **Agência Brasil**, 2018. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-03/relatorio-da-ocde-aponta-dificuldades-educacionais-de-estudantes-imigrantes>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

CERQUEIRA, Sara Lucia Moreira de. **O Haiti é aqui: análise da Lei n.º 13.445/2017 sob a perspectiva da migração recente de haitianos para o Brasil**. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CIVIDINI, Fatima Regina. **Migrantes haitianos no Brasil (2010-2017): tensões e fronteiras**. 2018. 249 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2018.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora Univille, 2011.

_____. **Pelas tramas de uma cidade migrante: Joinville, 1980-2010**. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

_____; SOSSAI, Fernando Cesar. Aproximações entre história pública e história oral: o caso do Laboratório de História Oral da Univille. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 96-129, set./dez. 2016.

COGO, Denise. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos. In: _____. **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. p. 43-66. Disponível em: <<https://oestrangeriodotorg.files.wordpress.com/2014/10/diasporas-migrac3a7c3b5es-tics.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

_____. Comunicação e migrações transnacionais: o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos. **Revista de Estudos Universitários**, v. 4, n. 2, 2014a. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=reu&page=article&op=view&path%5B%5D=2130>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

_____. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. **Revista Latinoamericana Comunicación Chasqui**, v. 1, p. 1-15, 2014b. Disponível em: <<http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/39/51>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____. Internet e redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração. **Novos Olhares**, v. 4, p. 91-104, 2015a. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/viewFile/102224/102681>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____. Mobilizando trânsitos e cidadanias: comunicação, transnacionalismo e ativismo migrante no Brasil. *In*: _____; ROCHA, Rose de Melo; HOFF, Tânia (orgs.). **O que é consumo: comunicação, dinâmicas produtivas e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2016. v. 1. p. 175-193.

_____. Redesenhando fronteiras e alteridades nas interações entre mídia e imigração haitiana. *In*: RADDATZ, Vera Lucia; MULLER, Karla (orgs.). **Comunicação, cultura e fronteiras**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2015b. v. 1. p. 63-88.

_____; BARTH, Daiani; MARTINES, Letícia R. Comunicação e diáspora haitiana no Brasil: consumo e usos de mídias em redes migratórias transnacionais. *In*: ALMEIDA, Cristóvão Domingos; RHODEN, Valmor; GRIJÓ, Wesley Pereira (orgs.). **Comunicação, sociedade e temas emergentes**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. v. 1. p. 125-149.

_____; ELHAJJI, Mohamed; HUERTAS, Amparo (orgs.). **Diásporas, migraciones, tecnologías de la comunicación e identidades transnacionales**. Barcelona: Institut de la Comunicació, 2012. v. 1. 528 p. Disponível em: <<http://incom.uab.cat/diasporas/por/index0.html>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____; PÁSSARO, Matheus. A “foto roubada”: mídias, visibilidade e cidadania da imigração haitiana no Brasil. **E-Compós**, Brasília, v. 20, p. 1-23, 2016. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/vers%C3%A3ocomautores_3271.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____; SILVA, Terezinha. Entre a “fuga” e a “invasão”: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista Famecos**, v. 23, p. 1-18, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/21885/13676>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____; _____. Mídia, alteridade e cidadania da imigração haitiana no Brasil. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2015, Brasília. **Anais...** 2015. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/compos20015-comautoria\(1\)_2754.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos20015-comautoria(1)_2754.pdf)>. Acesso em: 7 ago. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO (CNIG). **Ações do Conselho Nacional de Imigração: políticas públicas para migração**. Brasil: CNIg, 2014. Disponível em: <[http://haitiaqui.com/files/OBMigra.%202014.%20%20A%C3%A7%C3%B5es%20do%20Conselho%20Nacional%20de%20Imigra%C3%A7%C3%A3o%20\(CNIg\).%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas%20para%20migra%C3%A7%C3%A3o.%20Bras%C3%ADlia.pdf](http://haitiaqui.com/files/OBMigra.%202014.%20%20A%C3%A7%C3%B5es%20do%20Conselho%20Nacional%20de%20Imigra%C3%A7%C3%A3o%20(CNIg).%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas%20para%20migra%C3%A7%C3%A3o.%20Bras%C3%ADlia.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

CORBELLINI, Maria Dalalana. **Haiti: da crise à Minustah**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17674/000721343.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CORREA, Roseana Maria; FERNANDES, Rosa Terezinha (orgs.). **História dos bairros de Joinville**. Joinville: Fundação Cultural, 1992.

COSTA, Iara Andrade. **A cidade da ordem: tensões e controle (Joinville 1917/1943)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios – Porto Velho – RO**. 154 f. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014. Disponível em: <<http://www.ppghisec.unir.br/uploads/83939544/DISCENTES/Turma%202012/Geraldo%20Imigracao%20haitiana.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

COUTINHO, Eduardo Granja. **A comunicação do oprimido e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Mórula, 2014.

CUNHA, Dilney. **História do trabalho em Joinville: gênese**. Joinville: Toda letra, 2008.

CUTTI, Dirceu *et al.* (orgs.). **Migração, trabalho e cidadania: patrimônios culturais do Brasil**. São Paulo: Educ, 2015.

DALMONTE, Edson Fernando. Narrativa jornalística e narrativas sociais: questões acerca da representação da realidade e regimes de visibilidade. *In*: FERREIRA, Giovandro Marcus *et al.* (orgs.). **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. p. 215-232.

DEBUS, Mary. Manual de excelencia en la investigación mediante grupos focales. *In*: ESPERIDIÃO, E. (org.). **Reflexões sobre a utilização do grupo focal como técnica de pesquisa**. São Paulo: Fundação Editora de Unesp, 2004.

DELFIM, Rodrigo Borges; BRANCO, Glória. Joinville, a nova cidade dos príncipes do Haiti. **Migra Mundo**, 12 jan. 2015. Disponível em: <<https://migramundo.com/?s=Joinville%2C+a+nova+cidade+dos+pr%3%ADncipes+do+Haiti>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

DIEHL, Fernando. **Estrangeiro em uma terra estranha: racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul**. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3381/338130378002.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Lisboa: Presença, 1989.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação. *In*: LARROSSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 304 p.

ELHAJJI, Mohammed. Cidade, migrações e TICs: fluxos e rastros da contemporaneidade. *In*: PAIVA, Raquel; TUZZO, Simone (orgs.). **Comunidade, mídia e cidade**: possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiânia: FIC / UFG, 2013. v. 1. p. 71-89.

_____. Comunidades diaspóricas e cidadania global: o papel do intercultural. **Esferas**, v. 1, p. 145-151, 2014. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4632/3249>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____. Memórias das comunidades étnicas entre tempo e espaço. *In*: CAIFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed (orgs.). **Comunicação e sociabilidades**: cenários contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Migrantes, uma minoria transacional em busca da cidadania universal. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2016, Goiânia. **Anais...** Goiânia: COMPÓS, 2016. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/cidadaniauniversal\(comnome\)_3282.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/cidadaniauniversal(comnome)_3282.pdf)>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____. Migrantes, uma minoria transnacional em busca de cidadania universal. **Interin**, v. 22, p. 203-220, 2017. Disponível em: <<http://seer.utp.br/index.php/i/article/viewFile/568/529>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____. Rio de Janeiro – Montreal: Conexões transnacionais / Ruídos interculturais. *In*: _____. **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. p. 31-42. Disponível em: <<https://oestrangero.org.files.wordpress.com/2014/10/diasporas-migrac3a7c3b5es-tics.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

_____; ESCUDERO, Camila. *Webdiáspora*: migrações, TICs e memória coletiva. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2015, Brasília. **Anais...** Brasília: COMPÓS, 2015. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2015_autores_2759.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____; _____. *Webdiáspora*: migrações, TICs e memória coletiva. **Observatório**, Palmas, v. 2, n. 5, p. 334-363, set./dez. 2016.

_____; HUERTAS, Amparo; COGO, Denise (orgs.). **Diásporas, migraciones, tecnologías de la comunicación e identidades transnacionales**. Barcelona: Bellaterra; Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. v. 1. 528 p. Disponível em: <<http://incom.uab.cat/diasporas/por/index0.html>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____; SODRÉ, Muniz; TEMER, Ana Carolina (orgs.). **Diásporas urbanas**: migrantes, viajantes e transeuntes. Goiânia: Gráfica UFG, 2015. v. 1. 212 p.

ESCUADERO, Camila. **Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens**. 247 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

_____. *Webdiáspora – interculturalismo, transnacionalismo e multiterritorialismo para uma cidadania comunicacional: apontamentos analíticos*. In: INTERCOM, 36., 2013, Manaus. **Anais...** Manaus: INTERCOM, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1477-1.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FARIA, Andressa Virgínia de. **A diáspora haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório**. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Tratamento de Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FERNANDES, Duval Magalhães; FARIA, Andressa Virgínia de. **Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO, 5., 23 a 26 out. 2012, Montevideu/Uruguai. **Anais...** Montevideu: Associação Latino-Americana de População, 2012. Disponível em: <http://www.alapop.org/alap/index.php?option=com_content&view=article&id=1149&Itemid=561>. Acesso em: 11 set. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Fontes históricas para o estudo da imigração**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6718/936.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

_____; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.

_____; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getulio Vargas, 2000.

FICKER, Carlos. **História de Joinville: crônicas da Colônia Dona Francisca**. 3. ed. Joinville: Letradágua, 2008.

FICO, Carlos. **O regime militar no Brasil 1964-1985**. São Paulo: Saraiva, 2004.

FONTOURA, Arselle de Andrade da; SILVA, Janine Gomes da. “...Quer ser declarado livre”: histórias sobre a presença negra em Joinville no século XIX. **Joinville Ontem & Hoje**, Joinville, p. 22-25, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.arquivohistoricojoinville.com.br/nucleos/pesquisahist.htm/pnegraa.htm>>. Acesso em: 12 out. 2016.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. Haiti – História. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/historia-haiti.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GABAGLIA, Rodolfo Raja Artiaga. **O Brasil e a intervenção humanitária no Haiti, Minustah (2004 a 2011)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de

Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/dissertacoes/PEPI DISSERTAO RODOLFO RAJA GABAGLIA ARTIAGA.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

GAFFURI, Evandro Luiz. **Os imigrantes haitianos, seu cotidiano e os processos de territorialização em Cascavel – Paraná**. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Maringá, 2016.

GARCIA, Roberta Ribeiro. **Um olhar multidisciplinar sobre a realidade dos imigrantes haitianos em Santa Catarina**. 2018. 122 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2018.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34/Universidade Cândido Mendes – Centros de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONZÁLEZ, Carlos Murillo. A importância da lei brasileira de refúgio e suas contribuições regionais. In: BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (org.). **Refúgio no Brasil: a proteção aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2017.

GREENPEACE. **Guia prático de como fazer lambe-lambes em sua cidade**. 2013. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Documentos/Guia-pratico-de-como-fazer-lambe-lambes-em-sua-cidade/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

GRUNER, Clóvis. **Leituras matutinas: utopias e heterotopias da modernidade na imprensa joinvilense (1951-1980)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. A escravidão em uma colônia de “alemães”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2007. p. 1-9.

_____. (org.). **Histórias de (D)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. Joinville: Editora Univille, 2000.

_____; OLIVEIRA NETO, Wilson de; OLSKA, Marília Gervasi. **O exército e a cidade**. Joinville: Editora Univille, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. **Anais...** São Paulo: USP, 2005.

_____. **Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da des-territorialização contemporânea**. 2011. Disponível em: <http://www.posgeo.uff.br/sites/default/files/da_multiterritorialidade_aos_novos_muros.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, ano IX, n. 17, 2007.

HAITIANOS NO BRASIL. **Dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), 2011-2013, sobre haitianos no mercado de trabalho formal.** 2015. Disponível em: <<https://haitianosnobrasil.files.wordpress.com/2015/05/dados-da-relac3a7c3a3o-anual-de-informac3a7c3b5es-sociais-rai-2011-2013-sobre-haitianos-no-mercado-de-trabalho-formal.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio/Apicuri, 2016.

_____. **Da diáspora.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HANDERSON, Joseph. Diáspora: sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HAUPENTHAL, Fernanda Lermen. **Brasil, a terra prometida: um estudo sobre a adaptação do imigrante haitiano no estado do Rio Grande do Sul através da cultura do consumo.** 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014;

HOBBSAWM, Eric J. A construção das nações. In: _____. **A era do capital: 1848-1875.** 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; SOVIK, L. Entrevista com JB Stuart Hall. **Heloisa Buarque de Hollanda**, 15 set. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/entrevista-com-jb-stuart-hall/>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **A janela para olhar o país.** PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Síntese de indicadores 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 13 nov. 2015a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000024052411102015241013178959.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2016.

_____. **Cidades.** IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>>. Acesso em: 26 jan. 2018a.

_____. **Estimativa da população de Joinville.** IBGE, 2017. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2016/estimativa_tcu.shtm>. Acesso em: 4 jul. 2017.

_____. **Panorama: população.** IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/panorama>>. Acesso em: 26 jan. 2018b.

_____. **Perfil das cidades.** IBGE, 2015b. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420910&search=santa-catarina|joinville>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

_____. **Taxa de desocupação.** IBGE, 2013. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/primeiros_resultados/analise07.shtm>. Acesso em: 14 mar. 2018.

INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. **Haitianos no Brasil:** dados estatísticos, informações e uma recomendação. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2016. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/images/Haitianos_dados%20PF_CNIg%20-%20Recomendao%20de%20Registro%201.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2017.

_____. **Migração haitiana para o Brasil:** entrevista concedida por Ir. Rosita Milesi, em 16 de janeiro de 2012, ao Jornal IHU, da Unisinos (São Leopoldo/RS). 2012. Disponível em: <[http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=228:migracao-haitiana-para->](http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=228:migracao-haitiana-para-). Acesso em: 17 jan. 2018.

JARDIM, Denise F. **Imigrantes ou refugiados?** Tecnologias de controle e as fronteiras. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora da PUC-Rio, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Meu alfabeto:** ensaios de literatura, cultura e psicanálise. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

LARROSA, Jorge. ¿Para qué nos sirven los extranjeros? **Educación & Sociedad**, ano XXIII, n. 79, p. 69, ago. 2002.

LAURETTI, Patrícia. Tese revela superexploração de mão de obra de haitianos em SC. **Jornal da Unicamp**, 2017. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/05/16/tese-revela-superexploracao-de-mao-de-obra-de-haitianos-em-sc>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

LEAL, Marília Daniella Freitas Oliveira. **Cooperação internacional para a proteção dos direitos sociais dos haitianos no Brasil (2010-2014).** 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2015.

LESSA, Marco Aurélio Gaspar. **A participação dos contingentes do exército brasileiro na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (Minustah).** Dissertação (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas, 2007. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3453/ACF12A.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de; ÁVILA, Otávio Cezarini; SILVA, Andrea Rosendo. Aspectos da representação dos imigrantes haitianos no jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba/PR. **Intexto**, Porto Alegre, n. 35, p. 51-75, jan./abr. 2016. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/55701/37102>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração: por uma teoria da reterritorialização. **Textos de História**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 5-25, 1994.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MACHADO, Altino. Brasil viola tratados internacionais ao barrar e dificultar refúgio de haitianos, acusa MPF. **Blog da Amazônia – Terra Magazine**, 2011a. Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

_____. Com país arrasado, Acre se torna rota para entrada de haitianos no Brasil. **Blog da Amazônia – Terra Magazine**, 2011b. Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2017:

MACHADO, Diego Finder. **Redimidos pelo passado? Seduções nostálgicas em uma cidade contemporânea (Joinville, 1997-2008)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **Imigração haitiana no estado de Santa Catarina: fases do fluxo, contradições laborais e dependência de remessas no Haiti**. 353 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

_____. **Migração internacional e dependência na Divisão Internacional do Trabalho: um estudo da região sul de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

_____. O Haiti é aqui: análise das informações preliminares sobre os imigrantes haitianos em Santa Catarina – Brasil. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO, 6., Lima, 2014. **Pôster**. 2014a.

_____. O Haiti é aqui: primeiros apontamentos sobre os imigrantes haitianos em Balneário Camboriú – SC. **PerCursos**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 223-256, jan./jun. 2014b.

_____.; BAENINGER, Rosana. Imigração haitiana no estado de Santa Catarina: fases do fluxo e contradições da inserção laboral. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 11., 2016, Londrina. **Anais...** Londrina, 2016. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt4_44.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2017.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral e migrações: método, memória, experiências.** São Paulo: Letra e Voz, 2017.

MARINO, Aline Marques. **Refugiados ambientais: haitianos no Brasil após o terremoto de 2010.** 2015. 301 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARTINS, Isis do Mar Marques; MONDARDO, Marcos Leandro (orgs.). **Migrações no mundo da fluidez e dos muros: movimentos, práticas e resistências na América Latina.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2018.

MATHYAS, Alessandra da Mota. **Histórias impressas de Joinville: estudo da historiografia e da influência da imprensa na escrita da história da maior cidade do estado de Santa Catarina.** 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MAUAD, Ana Maria (org.). **História oral e mídia: memórias em movimento.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MEURER, Belini. **Entre flores e manguezais: a construção do real em Joinville.** 169 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

MICHELS, Maikon de Sousa. **Cognição e cultura: um diálogo interdisciplinar sobre o lakou haitiano e suas manifestações na condição migrante.** Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2018.

MICK, Jacques. A concentração da propriedade na mídia e os prejuízos para a esfera pública: a ação da RBS em *A Notícia* (Joinville/SC). *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA*, 1., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/Gts-ONLINE/GT3/EixoI/concentracao-de-propriedade-JacquesMick.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

MORAES, Marieta (org.). **História oral.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2419-1.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.

_____. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Editora da UnB, 2013.

_____. Prefácio. *In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin* (orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas.** Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. 313 p.

NIEHUES, Valdete Daufemback. **De agricultor a operário: lembranças de migrantes**. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção relativa ao Estatuto do Refugiado**. ONU, 1951. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_a_o_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (ONU-BR). **Seis meses após terremoto, ONU aponta situação do Haiti**. ONU-BR, 2010. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/relatorio-da-onu-aponta-situacao-do-haiti-apos-seis-meses-de-esforcos-de-reconstrucao/>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAULA, Elder Andrade de. Entre desastres e transgressões: a chegada dos imigrantes haitianos no “Reino deste mundo Amazônico”. **Novos Cadernos NAEA**, v. 16, n. 2, p. 187-206, dez. 2013.

PEDRO, Joana Maria *et al.* **Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

PEREIRA, Cicero Rufino. **Direitos humanos e discriminação dos imigrantes**. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva; COSTA, Debora Amaral da. Línguas em contato e a formação de redes sociais de imigrantes haitianos no Rio de Janeiro. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 92-115, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC-MINAS). **Projeto Estudo sobre a Migração Haitiana ao Brasil Diálogo Bilateral: Pesquisa Brasil**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego/OIM/PUC-Minas, 2014.

PORTAL BRASIL. Número de trabalhadores imigrantes no país cresceu 131%. **Governo do Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/12/numero-de-trabalhadores-imigrantes-no-pais-cresceu-131>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

_____. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997a.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr. 1997b.

PREFEITURA DE JOINVILLE. Fundação Ippuj. **Joinville: Cidade em Dados**. Joinville: Fundação Ippuj, 2016. 158 p. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/01/Joinville-Cidade-em-Dados-2016.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. **Contracampo**, Niterói, v. 32, n. 2, p. 73-90, abr./jul. 2015.

_____; ORNELLAS, Cláudio (orgs.). **Depoimentos: presidentes**. São Paulo: INTERCOM, 2017.

RIBEIRO, Carolina da Fonseca Barbosa. **Migração haitiana para o Brasil: processo de fixação e adaptação – uma questão de gênero (2013-2014)**. 188 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RICOEUR, Paul. A marca do passado. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 10, p. 329-349, dez. 2012.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa: o tempo narrado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. 3.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas; Editora da UFRGS, 2016.

ROUCHOU, Joëlle. **Noites de verão com cheiro de jasmim**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

_____. Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, set. 2003.

SAMORA, Daniele Teresa. **Um recorte do discurso midiático sobre o processo de imigração haitiana na Amazônia: uma análise das regularidades discursivas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

SANTOS, Ednaldo Tartaglia. **Imigrantes haitianos: da dinâmica de saída à dinâmica de entrada**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SAQUET, Marcos Aurelio; SILVA, Sueli Santos da. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ**, ano 10, v. 2, n. 18, p. 24-42, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHLINDWEIN, Ingrid Nascimento de Aguiar. **Imigração haitiana para o Brasil: fragilidades e desafios institucionais**. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, Claudilene; SANTIAGO, Eliete. História e cultura afro-brasileira: uma política curricular de afirmação da população negra no Brasil. **Educación**, v. 15, n. 48, p. 53-66, mar. 2016.

SILVA, Júlio César Casarin Barroso Silva. Liberdade de expressão e expressões de ódio. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 37-64, jan.-jun. 2015.

SILVA, Juremir Machado. Em torno de uma noção de imaginário. *In*: TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (orgs.). **Comunicação e imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

SILVA, Milton Francisco da. **Haitianos no Brasil: uma leitura crítica da notícia no jornalismo impresso**. 2016. 487 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, Paloma Karuza Maroni da. **Seguindo rotas: reflexões para uma etnografia da imigração haitiana no Brasil a partir do contexto de entrada pela tríplice fronteira norte**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, Sidney Antônio da; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais**. Manaus: EDUA, 2016.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2012a.

_____. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Comunicatio e epistème. *In:* _____. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2012b.

SOUZA, Aline Almeida Coutinho. **Os capacetes azuis e a responsabilidade – a ONU, as missões e os estados membros: entre a imunidade e a responsabilidade.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

SOUZA, Rosana. À espera do “Sul Maravilha”, haitianos enfrentam preconceito e má-fé em Manaus. **Rede Brasil Atual**, 28 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/01/a-espera-do-sul-maravilha-haitianos-enfrentam-preconceito-e-ma-fe-em-manaus-1242.html>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SOUZA, Sirlei de. **Ecos da resistência na desconstrução da ordem: uma análise da “Revolução de 64” em Joinville.** 145 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

_____. Imigração haitiana em Joinville (SC): uma análise das construções discursivas da imprensa. *In:* INTERCOM, 2016. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2005-1.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____. Imigração haitiana em Joinville (SC): os desafios da educação no processo de inclusão. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais...** Joinville: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1459-1.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

_____; BOING, Elisiane Meurer. A imigração haitiana em Joinville (SC) e as estratégias de inserção em busca da cidadania. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: INTERCOM, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0725-1.pdf>>. Acesso em: 30 abr.

SOUZA, Sonia Maria de. **A representação social do trabalho e a saúde dos migrantes haitianos em Cuiabá-MT.** 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

STEINMAN, Milton *et al.* Terremoto no Haiti: uma experiência multiprofissional. **Einstein**, v. 9, parte 1, p. 1-7, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v9n1/pt_1679-4508-eins-9-1-0001.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2017.

TERNES, Apolinário. **A Notícia: jornalismo e história. 1923-2003.** Joinville: Letradágua, 2003.

_____. **História de Joinville:** uma abordagem crítica. Joinville: Meyer, 1981.

_____. **História do jornal A Notícia:** 1923-1983. Joinville: A Notícia, 1983.

_____. **História econômica de Joinville.** Joinville: Meyer, 1986.

_____. **Joinville, a construção da cidade.** São Bernardo do Campo: Bartira, 1993.

THOMAZ, Diana Zacca. Sul Maravilha. **O Estrangeiro**, 2014. Disponível em: <<https://oestrangeiro.org/2014/04/28/sul-maravilha/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. *In:* FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getulio Vargas, 2000.

_____. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

TIRAPELLI, Amanda. **Uma (re)leitura do trabalho do imigrante: a perspectiva da imigração haitiana frente à legislação trabalhista brasileira.** 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Centro Universitário Curitiba, Curitiba, 2016.

TIRAPELLI, Amanda; LIMA, Sandra Mara Maciel. Política nacional de imigração e a realidade haitiana: concessão de visto humanitário pelo Brasil. *In:* LEITE, Flávia Piva Almeida; SANTIN, Janaína Rigo; DIAS, Jefferson Aparecido (orgs.). **Objetivos e metas desenvolvimento do milênio da ONU.** Florianópolis: Conpedi, 2015. Disponível em: <<https://www.conpedi.org.br/publicacoes/c178h0tg/091ud5at/g3PIfud892tIK70c.pdf>>. Acesso em: 1.º ago. 2017.

TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa. O trajeto antropológico do imaginário na comunicação. *In:* _____; _____ (orgs.). **Comunicação e imaginário.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013>. Acesso em: 10 mar. 2019.

VERENHITACH, Gabriela Daou. **A Minustah e a Política Externa Brasileira: motivações e consequência.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9701/GABRIELADAOUVERENHITACH.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

VIEIRA, Caina Domit. **Imigração, trabalho e precarização: as condições de trabalho do imigrante haitiano na região metropolitana de Curitiba a partir de 2013.** 2016. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

WILLIAN, Alan; PEIXER, Talissa. Nordestinos no litoral catarinense: do preconceito ao choque cultural. **Prefixo**, 2016. Disponível em: <<https://agenciaprefixo.com/2016/04/22/nordestinos-no-litoral-catarinense-do-preconceito-ao-choque-cultural/>>. Acesso em: 17 maio 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ROTEIRO GERAL: ENTREVISTAS ORAIS COM OS IMIGRANTES HAITIANOS

APÊNDICE 2 – FICHA DE ANÁLISE DAS FONTES DA IMPRENSA

APÊNDICE 1 – ROTEIRO GERAL: ENTREVISTAS ORAIS COM OS IMIGRANTES HAITIANOS¹

Data e local de realização da entrevista:

Entrevistador:

Dados Pessoais

Nome:

Data de nascimento:

Estado civil:

Nome do cônjuge:

Filhos:

Profissão:

Endereço:

Telefone:

E-mail:

1) Trajetória de vida (se for o caso) até o seu estabelecimento em Joinville

- Local de nascimento (rural ou urbano?)
- Data/período de suas migrações
- Estrutura familiar da infância
- Profissão do pai e da mãe
- Cotidiano na infância (moradia, vida no bairro, escola, lazer e religiosidade)
- Juventude (lembranças de fatos marcantes)
- Formação intelectual
- Trajetória profissional (escola e trabalho)
- Deslocamentos anteriores (motivações, lugares e períodos)
- Seus pais/familiares possuem experiências migratórias?

2) Migração para o Brasil e para Joinville

2.1) Por que o Brasil foi o local de destino? Quando?

¹ Apêndice construído no âmbito das discussões do Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença da Univille.

- Outras motivações (propaganda? meios de comunicação [jornais/TV/internet?])
- Conhecia o Brasil e/ou brasileiros
- Condições de migração (individual ou família)
- Percurso e meios de transporte
- Teve apoio de pessoas e/ou grupos e/ou instituições
- Lembranças/fatos marcantes na saída [apoios/despidas/cominações]
- Lembranças/fatos marcantes do trajeto até o Brasil

2.2) Por que Joinville foi o local de destino? Quando?

- Locais anteriores em que morou... Por quê?
- Outras motivações (propaganda? meios de comunicação [jornais/TV/internet?])
- Conhecia Joinville e/ou joinvilenses?
- Condições de migração (individual ou família)
- Percurso e meios de transporte
- Teve apoio de pessoas e/ou grupos e/ou instituições quando chegou a Joinville
- Bairros em que morou e condições de moradia (individual/coletiva)
- Conhecimento e interação com outros haitianos
- Estranhamentos e preconceitos (dificuldades cotidianas)
- Onde trabalha? Função?
- Onde trabalhou na cidade? Funções?
- Participação na vida cidadina: pertence a alguma associação (política, de moradores, de mães, de esporte/artes)
- Lazer no bairro em que mora
- Hábitos que cultivava
- Comunicação com família/amigos que deixou no Haiti
- Outros contatos e interações com o local de origem (ajuda financeira etc.)
- Deseja retornar ao Haiti ou migrar para outro local? Por quê?
- Cultiva algum tipo de “tradição” cultural do Haiti (festividades; comemorações; gastronomia; dança; música etc.)?
- Ficou mais acentuada essa tradição em Joinville? Por quê?
- Religiosidade? Manteve a do local de origem?

2.3) Lembra-se de ter visto ou conhecido algum monumento de Joinville? Qual(is)?

- O que lembra? O que lhe parece significar/comemorar em relação à cidade?
- Lembra-se de algum monumento da sua cidade e do Haiti? Há algum que você considera parecido com estes? Por quê?
- Conhece algum museu ou espaço cultural de Joinville? Como conheceu? O que acha deles?
- Qual é o patrimônio cultural mais importante do Haiti? (lembrar o patrimônio natural)

3) Sobre a migração e os migrantes em Joinville

- Conhece imigrantes de outras nacionalidades que vivem em Joinville?
- Mantém contato com eles? Em quais situações?
- Percebe algum tipo de conflito/disputa entre imigrantes na cidade? Quais?
- Percebe algum tipo de conflito/disputa entre imigrantes haitianos na cidade? Quais?
- Você considera Joinville como cidade de migrantes? Quais as razões?
- É possível distinguir tipos de migrantes? Com base em quais critérios?
- Houve contribuições e prejuízos na cidade com a migração?
- Há diferença entre ser migrante mulher/homem e escolarizado/não escolarizado em Joinville?
- Há diferença entre ser migrante negro em Joinville em comparação com outros locais/cidades brasileiros?
- Qual a sua opinião sobre manifestações públicas contrárias à presença dos haitianos na cidade? Por exemplo, a pichação “O Haiti não é aqui!”?
- O que você acha de Joinville?
- Quais os desafios da cidade para o século XXI?

[Para o entrevistado da Associação de Moradores: como surgiu a ideia? Quando? Como? Por quê? Para quê? Contra quê?]

4) A cidade hoje

- Migrar significou uma aventura?
- Você se considera joinvilense? Em quais situações? Por quê?
- O que diferencia Joinville das cidades em que você já morou?
- Como vê o futuro do Haiti e dos haitianos?
- Em que medida a imigração é importante para o Haiti e para outros países?
- Onde você deseja ser enterrado? Por quê? [Memórias traumáticas e pertencimentos]

APÊNDICE 2 – FICHA DE ANÁLISE DAS FONTES DA IMPRENSA²

IDENTIFICAÇÃO:
Tema geral: Mídia e mediações socioculturais: imigração e vivências de haitianos em Joinville/SC
Dados institucionais: Programa em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): Doutorado Interinstitucional (Dinter) UFRJ/Universidade da Região de Joinville (Univille)
Pesquisadora: Sirlei de Souza
Coleção: Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), fone: (47) 3422-2154
Objeto de pesquisa: publicações do jornal <i>A Notícia</i>
Periodicidade: veiculação diária
Período da pesquisa: 1.º de janeiro de 2010 a 31 de dezembro de 2016
Interesse: construções discursivas da imprensa sobre a imigração e a presença haitiana em Joinville

CONTEXTUALIZAÇÃO DA MATÉRIA/REPORTAGEM

Data: ____/____/____.

Caderno: _____.

Edição: _____.

Página: _____.

Autor(es): _____.

Título: _____.

² Apêndice construído no âmbito das discussões do Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença da Univille.

Subtítulo: _____.

Matéria/reportagem possui fotos: _____.

Foi publicado isoladamente: () sim / () não.

Contextualizar a matéria/reportagem:

Temática principal:

Anotações pertinentes para a tese

Número de ordem (PDF): _____.

Joinville, ____ / ____ / ____.

Foto da matéria

